



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O QUE PENSAM OS ALUNOS SOBRE A REPROVAÇÃO ESCOLAR: Vivências de Alunos do Ensino Médio do IFPI/Campus Floriano

IDALINA ROSA MENDES DA ROCHA SÁ

SÃO PAULO
2018



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ – IFPI
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL (MINTER) EM EDUCAÇÃO

IDALINA ROSA MENDES DA ROCHA SÁ

**O QUE PENSAM OS ALUNOS SOBRE A REPROVAÇÃO
ESCOLAR: Vivências de Alunos do Ensino Médio do
IFPI/*Campus Floriano***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Lorieri.

SÃO PAULO
2018

Sá, Idalina Rosa Mendes da Rocha.

O que pensam os alunos sobre a reprovação escolar: vivências de alunos do ensino médio do IFPI/CAMPUS FLORIANO. / Idalina Rosa Mendes da Rocha Sá. 2018.

193 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2018.

Orientador (a): Prof. Dr. Marcos Antônio Lorieri.

1. Avaliação. 2. Formação. 3. Reprovação. 4. Fracasso escolar. 5. Ensino médio.

I. Lorieri, Marcos Antônio. II. Título

IDALINA ROSA MENDES DA ROCHA SÁ

**O QUE PENSAM OS ALUNOS SOBRE A REPROVAÇÃO ESCOLAR: Vivências de
Alunos do Ensino Médio do IFPI/Campus Floriano**

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Nove de Julho, junto ao Programa de Mestrado em Educação, para obtenção do título de Mestre em Educação pela banca examinadora formada por,

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Lorieri (Universidade Nove de Julho - UNINOVE)

Examinador I: Profa. Dra. Elaine Teresinha Dal Mas Dias (Universidade Nove de Julho - UNINOVE)

Examinador II: Profa. Dra. Maria da Glória Soares Barbosa Lima (Universidade Federal do Piauí – UFPI)

Suplente: Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva (Universidade Nove de Julho - UNINOVE)

Suplente: Prof. Dr. Cássio Eduardo Soares Miranda (Universidade Federal do Piauí – UFPI)

Mestrando(a): _____

Aprovado(a) em _____/_____/._____.

Dedico este trabalho a todos os jovens que desejam ser escutados e considerados e que alimentam em mim a crença na Educação.

AGRADECIMENTOS

Sempre e primeiramente, agradeço a Deus por ser fonte de sentido, serenidade e acalento.

Aos meus filhos, Louise e o bebê que hoje habita o meu ventre, por serem minha inspiração, minha força. Os maiores e melhores motivos. Eu os amo sem condições.

Ao meu esposo Luís Flávio, por me incentivar, acreditar com amor nas minhas possibilidades, torcer sempre e viver as minhas angústias e vitórias. Nós formamos um lindo time.

Aos meus pais, Carlos e Íris, minha irmã Ludmila e afilhado Matias, sogros e cunhados, pelo incansável incentivo e apoio. Por me ajudarem com a Louise e desejarem tanto quanto eu comemorar mais essa conquista.

Ao IFPI e à UNINOVE pois, ao firmarem parceria, nos deram uma excelente oportunidade de crescimento profissional.

Aos professores do Minter, pelo zelo com que conduziram nosso curso, se doando e se disponibilizando a vir ao nosso Piauí em nome dos nossos encontros.

Aos amigos do Minter, pelos momentos de troca e apoio mútuo.

Ao Prof. Marcos Lorieri, meu admirado orientador. Pelo carinho, compreensão e dedicação direcionados a mim e ao meu trabalho em uma época tão especial da minha vida. Eu esperava ansiosa pelos seus e-mails pois cada orientação na construção da dissertação vinha acompanhada de uma lição e reflexão sobre a vida, o amor. Obrigada por me fazer entender que devemos sempre buscar a nossa felicidade e que trabalhamos com o possível.

“Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar”.

(BERTOLD BRECHT)

SÁ, Idalina Rosa Mendes da Rocha. **O que pensam os alunos sobre a reprovação escolar: vivências de alunos do Ensino Médio do IFPI/Campus Floriano.** São Paulo, 2018. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho.

RESUMO

A reprovação escolar, fenômeno multifacetado, historicamente construído e fortemente arraigado no sistema educacional brasileiro tem sido, ao longo dos anos, motivo de preocupação e estudos por muitos pesquisadores da área. Sendo resultado de avaliações puramente somativas e classificatórias, existem muitas evidências do quanto severas podem ser suas consequências ao processo de aprendizagem, desenvolvimento social e psicológico dos alunos que a vivenciam, mas essas constatações não têm sido suficientes para que a reprovação deixe de ser considerada enquanto recurso pedagógico que motiva os alunos a estudarem, a se disciplinarem e a aprenderem mais. Diante disso, objetiva-se verificar o que pensam os alunos do Ensino Médio do IFPI/Campus Floriano sobre a reprovação escolar por eles vivenciada e, ainda, analisar que implicações a reprovação escolar traz à vida e às vivências educacionais de um aluno do Ensino Médio do IFPI (*Campus Floriano*), na perspectiva dos próprios alunos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica complementada por uma pesquisa de campo que teve dois momentos de coleta de dados, sendo que o primeiro se deu junto à Coordenação de Controle Acadêmico – CCA do IFPI *Campus Floriano*, onde foram coletados dados numéricos referentes às reprovações de alunos entre os anos 2012 e 2016. O segundo momento teve por instrumento a entrevista reflexiva e como participantes 15 (quinze) alunos que vivenciaram a reprovação durante o Ensino Médio. A análise dos dados foi realizada seguindo a análise de conteúdo. Os resultados indicam o quanto os próprios alunos internalizam um sentimento de culpa de que a reprovação escolar aconteceu por responsabilidade unicamente sua, assim como apontam impactos da reprovação sendo refletidos no ambiente familiar, nos sonhos que precisaram ser postergados e nos sentimentos dos alunos. A família, juntamente com o aluno, vive a reprovação e sente-se, por vezes, frustrada, decepcionada, chegando, até mesmo, a sentir-se também reprovada. Os sonhos e/ou planos são impactados a partir da perspectiva de que os alunos se sentem atrasados por conta da reprovação. Sentimento de tristeza, de desânimo, de desespero, de constrangimento, de vergonha, de culpa, de medo, de deceção e de frustração e, ainda, de insegurança acerca da sua própria capacidade de aprender e o pensamento acerca da possibilidade de evasão foram despertados a partir da reprovação. Em contrapartida a todos esses sentimentos negativos e mesmo reconhecendo a existência deles, os alunos reforçam a ideia de que a reprovação pode ser um fator de desenvolvimento da resiliência no ambiente escolar quando acreditam que não é uma vivência de todo ruim, pois fez com que aprendessem mais, amadurecessem, buscassem a superação. Sobre a instituição escolar e os métodos avaliativos que são desenvolvidos, os resultados sinalizam para o fato de os alunos, mesmo assumindo inteiramente sua culpa pela reprovação, pensarem sobre o fenômeno baseando-se nos seus princípios de justiça e injustiça. Não concordam com as avaliações somativas e deixam claro o desejo de serem avaliados, também, nos aspectos qualitativos.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem. Formação. Reprovação escolar. Fracasso escolar. Ensino Médio.

SÁ, Idalina Rosa Mendes da Rocha Sá. **What students think about school failure:** experiences of high school students of IFPI/Campus Floriano. Teresina, 2018. Dissertation (master's degree). Postgraduate Program in Education, Nove de Julho University.

ABSTRACT

School failure, a multifaceted phenomenon, historically built and strongly rooted in the Brazilian educational system has been, over the years, a reason for concern and studies by many researchers in the area. As a result of purely summative and classificatory evaluations, there is much evidence of how severe their consequences can be to the learning process, social and psychological development of the students experiencing it, but these findings have not been enough to make the reproof no longer be considered as pedagogical resource that motivates students to study, to discipline themselves and to learn more. Considering that, the objective of this study was to verify what the high school students of IFPI / *Campus* Floriano think about the school failure experienced by them, and also to analyze the implications of school failure to the life and educational experiences of a high school student of IFPI (*Campus* Floriano), from the perspective of the students themselves. It is a bibliographical research complemented by a field research that had two moments of data gathering, the first of which happened next to the Coordination of Academic Control - CCA of IFPI Floriano *Campus* where data were collected on student school failures between years 2012 and 2016. The second moment was based on reflective interviewing and as participants 15 (fifteen) students who experienced school failure during high school. Data analysis was performed following the content analysis. The results showed how much the students themselves internalize a sense of guilt that the school failure occurred due to their own responsibility, as well as the impacts of the school failure being reflected in the family environment, in the dreams that needed to be put off and in the students' feelings. The family, along with the student, lives the failure and often feels frustrated, disappointed, even feeling like they failed too. Dreams and / or plans are impacted from the perspective that these students feel delayed because of their failure. Feelings of sadness, discouragement, despair, embarrassment, shame, guilt, fear, disappointment and frustration, even insecurity about his own learn ability also thoughts about the possibility of dropout were aroused from the school failure. As a counterpart to all these negative feelings and even acknowledging its existence, students reinforce the idea that failure can be a development factor of resilience in the school environment when they believe that it is not an experience that bad, since it lead them to learn more, become more mature and even seek their overcoming. About the school institution and the evaluative methods that are developed there, the results signal to the fact that the students, in spite of totally assuming their guilt for their failure, think about this based on their own principles of justice and injustice. They do not agree with the summative evaluations and make clear the desire to be evaluated, also, in the qualitative aspects.

Keywords: Learning assessment. Evaluation. Formation. Reprobation. School failure. High school.

SÁ, Idalina Rosa Mendes da Rocha. **Lo que piensan los alumnos sobre la reprobación escolar:** vivencias de alumnos de la Enseñanza Media del IFPI / *Campus Floriano*. (En el caso de las mujeres). Programa de Postgrado en Educación, Universidad Nueve de Julio.

RESUMEN

La reprobación escolar, fenómeno multifacético, históricamente construido y fuertemente arraigado en lo sistema educacional brasileño he sido, por muchos años, motivo de preocupación y estudios por muchos investigadores del área. Por ser resultado de evaluaciones solamente sumativas y clasificatorias, existen muchas evidencias de cómo son severas y cuáles son sus consecuencias en el proceso de aprendizaje, desarrollo social y psicológico de los alumnos que la vivencian, pero las constataciones non son suficientes para que la reprobación deje de ser considerada como recurso pedagógico que motiva los alumnos a estudiaren, a disciplinaren se y a aprendieren cada vez más. Con esta investigación se ha buscado verificar lo que piensan los alumnos de la secundaria de lo Instituto Federal de la provincia de Piauí y de la ciudad de Floriano a respecto de la reprobación escolar por ellos vivida y, por lo demás, analizar que implicaciones la reprobación escolar trae a su vida y a las vivencias educacionales de un alumno de la secundaria de este Instituto en la perspectiva de los propios alumnos. Tratase de una pesquisa bibliográfica que se complementa por una pesquisa de campo que tuve dos momentos de coleta de datos, siendo que lo primero se dio junto a la Coordinación de lo Controle Académico – CCA de lo IFPI *Campus Floriano* donde fueron recogidos datos numéricos referentes a las reprobaciones de alumnos entre los años 2012 e 2016. El segundo momento hube por instrumento la entrevista reflexiva y como participantes 15 (quince) alumnos que vivenciaran la reprobación durante la Secundaria. La analice de los datos fui realizada de acuerdo con las ideas de la analice de contenido. Los resultados indicaron lo cuanto los propios alumnos internalizan un sentimiento de culpa de que la reprobación escolar ocurre por responsabilidad únicamente suya, así como apuntan impactos de la reprobación que se reflecten en lo ambiente familiar, en los sueños que precisaran ser postergados y en los sentimientos de los alumnos. La familia, juntamente con lo alumno, vive la reprobación y se siente, por veces, frustrada, decepcionada, llegando a sentir se también reprobada. Los sueños y planes son impactados a partir de la perspectiva de que los alumnos se sienten atrasados por conta da reprobación. Sentimiento de tristeza, de desánimo, de desespero, de vergüenza, de culpa, de medo, de decepción y de frustración y de inseguridad a respecto de su capacidad de aprender e el pensamiento sobre la posibilidad de evasión fueron despertados a partir da reprobación. En contrapartida a todos estos sentimientos negativos y mismo reconociendo la existencia de ellos, los alumnos refuerzan la idea de que la reprobación puede ser un factor de desarrollo de la resiliencia en nel ambiente escolar cuando creen que no es una vivencia de todo mala, pues ha hecho con que aprendiesen más y pudieran buscar la superación. A respecto de la institución escolar y sus métodos evaluativos los resultados señalan para el hecho de que los alumnos, mismo asumiendo por completo su culpa por la reprobación, piensan así teniendo por base sus principios de justicia y injusticia. No están de acuerdo con las evaluaciones sumativas y dejan claro lo deseo de ser evaluados, también por los aspectos cualitativos.

Palabras-clave: Evaluación del aprendizaje. Formación. Reprobación. Fracaso Escolar. Educación Secundaria.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01 – Trabalhos selecionados a partir do objeto de pesquisa.....	17
Gráfico 01 – Indicadores de Fluxo Escolar da Educação Básica.....	42
Quadro 02 – Dados de reprovação no IFPI <i>Campus Floriano</i> nos anos de 2012 a 2016.....	62
Quadro 03 – Perfil dos entrevistados.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IFPI – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí

UNINOVE – Universidade Nove de Julho

LIPEFH – Linha de Pesquisa Educação, Filosofia e Formação Humana

SCIELO – Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica Online)

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CAPES – Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IFPR – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

CCA – Coordenação de Controle Acadêmico

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

EJA – Educação de Jovens e Adultos

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária

TADS – Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	“MARGENS QUE CERCEIAM” O FENÔMENO DA REPROVAÇÃO ESCOLAR.....	24
2.1	Avaliação da aprendizagem escolar e reprovação	24
2.2	Avaliação da aprendizagem no IFPI.....	33
2.3	A reprovação escolar.....	38
3	O CAMINHO TRILHADO: PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	49
3.1	Caracterização da pesquisa	49
3.2	O <i>lócus</i> da pesquisa.....	50
3.3	Geração de dados.....	51
4	A REPROVAÇÃO SEGUNDO O ALUNO REPETENTE: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	60
4.1	Categoria 1 - A Internalização da Culpa pela reprovação.....	66
4.2	Categoria 2 - Impactos causados pela reprovação.....	72
4.2.1	Subcategoria 2.1 - A família reprovada.....	72
4.2.2	Subcategoria 2.2 - Sonhos postergados.....	78
4.2.3	Subcategoria 2.3 - Sentimentos despertados.....	81
4.3	Categoria 3 - A reprovação como fator de desenvolvimento da resiliência no ambiente escolar.....	87
4.4	Categoria 4 - A instituição escolar e os métodos avaliativos em questão.....	94
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
	REFERÊNCIAS.....	105
	ANEXOS.....	111
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNOS MENORES DE IDADE.....	111
	ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNOS MAIORES DE IDADE.....	113
	ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	115
	ANEXO D – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	116

1 INTRODUÇÃO

Durante a defesa de uma tese de Doutorado da qual eu participava como ouvinte, uma professora da banca avaliadora relatou que, ao ler os escritos, sentiu que o trabalho ali apresentado era uma “declaração impaciente de esperança em uma educação libertadora”. Naquele momento, a frase me chamou bastante atenção e, posteriormente, ao estudar e refletir sobre a mesma, pude compreender o porquê.

Acredito que o trabalho aqui desenvolvido tem como cerne a mesma esperança, declarada impacientemente, em uma educação que liberte, emancipe, oportunize e dê espaço para o educando ser sujeito ativo de sua ação educativa. Esse desejo surge a partir das minhas experiências profissionais, pois, com formação superior em Psicologia, Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar e Formação na Abordagem Centrada na Pessoa, todas as minhas escolhas ao longo da constante e sempre inacabada formação profissional me levaram a trilhar os caminhos da escola, da Educação.

Minha iniciação no mercado de trabalho deu-se em uma escola da rede privada de ensino de Teresina, capital do Piauí, e posteriormente me tornei servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, lotada no *campus* da cidade de Floriano, na região Centro-Sul do Estado; cidade esta que é um dos principais polos educacionais dos municípios do interior do Estado, exercendo, também, forte influência nos municípios circunvizinhos.

Obviamente, nada aconteceu ao acaso, e sim, embebido por um rico contexto. Contexto este de alguém que teve vivências educacionais escolares muito positivas e atribui isso, em grande parte, ao fato de ter tido espaço, em família e na escola, para compartilhar seus medos, suas queixas, seus anseios, projetos e inseguranças ao longo do processo de aprender e se desenvolver. Em outras palavras, teve espaço para dizer “o que pensa”, e, porque não dizer, “o que sente”.

Eu não vivenciei a reprovação durante meu percurso escolar, mas nem por isso esse fenômeno passava desapercebido uma vez que deixei de desfrutar da convivência de colegas que ficaram “presos” em determinados locais do trajeto, ou que optavam por outras escolas após serem retidos. Sem contar que a reprovação sempre era citada em sala de aula com tom ameaçador e em momentos em que os educadores cobravam por um melhor comportamento ou

rendimento da turma e, ainda, ao final de cada ano quando os resultados do ano letivo eram compartilhados entre os colegas.

Passados os anos me vejo novamente no ambiente escolar, agora como profissional e lá está ela novamente: a reprovação. Agora vista com um olhar mais cauteloso, sempre foi, para mim, motivo de preocupação por seus índices elevados e visíveis consequências, pelos discursos sempre emitidos pelos profissionais de que era necessária, “uma lição”, ou utilizada como ferramenta educativa para um melhor aprendizado no ano seguinte presumindo-se que, se o aluno não atingiu as notas exigidas ao longo do ano letivo, o aprendizado não seria suficiente para que ele fosse promovido para o ano seguinte. Esse contexto sempre foi intrigante e instigante para mim.

No universo escolar, o aspecto da reprovação é por muitos, tratado com “naturalidade”, como algo “necessário”, “comum”, “que faz parte da rotina escolar”, como simples “consequência” de atos desinteressados ou, ainda, “como uma nova oportunidade”. A reprovação e seus diversos aspectos são demandas emergentes onde fica clara a necessidade de maior compreensão do fato, para que sejam feitas intervenções mais eficazes e direcionadas. Em todas as reuniões de professores, da equipe pedagógica ou até mesmo com os pais e nos conselhos de classe, o tema surge e suas implicações na vida do aluno que a vivencia são questionadas e questionáveis. Muitas perguntas ficam sem respostas e o tema, tão estudado quantitativamente, não se esgota.

Há alguns anos atrás, em 1990, Maria Helena Souza Patto incomodou-se com os altos índices de evasão e repetência nas escolas públicas de primeiro grau e isto deu origem ao clássico intitulado “A Produção do Fracasso Escolar – Histórias de submissão e rebeldia”, em que realizou uma pesquisa sobre as origens históricas do fracasso escolar que desvela a maneira como as explicações para o fracasso escolar estavam diretamente relacionadas ao modo capitalista de apreender a realidade, e como a situação de dominação sofrida pelas famílias mais pobres era preservada por esse discurso. A autora clarifica, ainda, acerca das questões políticas que rodeiam a abordagem dos problemas escolares, onde ficam evidentes o interesse e a manipulação das classes dominantes.

Privilegiando o público alvo com o qual trabalho, a mim incomodam os mesmos altos índices que inquietaram a autora supracitada, porém, mais especificamente os da reprovação no Ensino Médio e com o desejo de os esmiuçar sob uma nova perceptiva: a dos próprios alunos que são reprovados.

De acordo com as notas estatísticas do Censo Escolar da Educação Básica (2016), o Ensino Médio possui as menores taxas de aprovação se comparado aos anos iniciais e finais e,

na rede pública, preocupam as altas taxas de não aprovação nas séries introdutórias dos anos finais e do ensino médio.

Alguns questionamentos surgem a partir do momento em que se pensa sobre o fenômeno da reprovação escolar partindo-se do pressuposto da Educação como processo de formação humana. O que pensam os próprios alunos que vivenciaram a reprovação sobre o fato de terem sido reprovados? Que implicações a reprovação traria à vida e às vivências educacionais de um aluno do Ensino Médio em relação ao seu contexto social, familiar, escolar? Que sentimentos são despertados em relação a si mesmo? Como fica a sua percepção acerca da sua própria capacidade de aprender e se desenvolver?

A reprovação escolar faz parte do cenário educacional e gera muitas controvérsias entre educadores, demais profissionais da escola, pais e alunos, uma vez que aparece incorporada ao conceito de “fracasso escolar” e suas consequências podem levar a resultados como a “exclusão”, a evasão e até mesmo o abandono escolar. A expressão “fracasso escolar” abrange uma série de manifestações ocorridas no contexto escolar, como por exemplo as dificuldades de aprendizagem, a distorção série/idade, a evasão, o baixo rendimento dos alunos e, também, a reprovação.

A reprovação, decisão tomada pela escola a partir de critérios por ela definidos (como notas que o aluno deve alcançar ao longo do ano e/ou frequência, por exemplo), acontece quando o aluno é considerado inapto a ser promovido a uma série seguinte do curso. Distingue-se, ainda, de repetência, sendo esta uma decisão do aluno e/ou da família sobre o aluno repetir o ano letivo cursado, independente do porquê.

Sendo assim, a reprovação escolar é aqui destacada em sua especificidade, a partir da compreensão de que analisá-la apenas como mais uma manifestação de fracasso escolar, limita a percepção de seus impactos nas pessoas envolvidas e da importância que tem na expressividade dos números de evasão e abandono escolar.

Em todos os Conselhos de Classe e resultados o tema vem à tona, mas nunca se chega a conclusões muito claras e convergentes, o que faz com que, a cada ano, a demanda se repita e mais uma vez alunos e educadores entram em confronto de ideias – reprovar tem consequências negativas? Ou positivas? É “educativo”?

Muitos alunos relatam sentir a reprovação sendo usada como punição por alguns professores, enquanto outros a veem como consequência de atitudes descomprometidas ao longo do ano e como uma oportunidade de “tentar” novamente. Diante dessa complexidade, é possível perceber que se o fenômeno da reprovação escolar fosse estudado com mais afinco, levando em conta que sentido o aluno atribui a essa vivência, a forma de lidar com a reprovação

escolar poderia ser embasada e pautada em dados palpáveis, não apenas em opiniões baseadas nas próprias vivências dos educadores e do que “imaginam” ser a melhor solução. Sem contar que, a partir do momento que se entende a instituição escolar e a educação como partes fundamentais do processo de formação humana, analisar a reprovação escolar de maneira mais complexa sob a ótica de alunos que a vivenciaram pode ser fonte rica de sentido para a ação educativa, mudando posturas, atuações, direcionamentos da forma de conduzir e trabalhar com alunos que são reprovados; por isso a importância de aprofundar as pesquisas sobre o tema, ainda mais sob novas perspectivas, como abordar essa vivência no Ensino Médio e sob a ótica dos alunos.

Compreender a reprovação escolar buscando superar as visões existentes que muito evidenciam suas causas e consequências é de grande relevância social e científica. Nesse estudo foram colhidos e analisados dados sobre a realidade do Piauí acerca da reprovação, a partir da vivência dos alunos e espera-se que os resultados obtidos, somados a outros estudos realizados em outras regiões, possam trazer contribuições para uma maior compreensão do assunto. Existem muitos estudos sobre o tema, mas a maioria com abordagem quantitativa, mostrando estatísticas; as pesquisas qualitativas existentes abordam, geralmente, as causas do fracasso escolar.

O que diferencia o estudo aqui realizado dos demais, é que, muito mais que saber o porquê o aluno reprova, desejou-se compreender o que o aluno pensa da experiência proveniente da reprovação escolar. Assim, o estudo pode apontar caminhos para dar suporte a esses alunos após a vivência da reprovação escolar e evitar que isso se torne uma “sentença”, repetindo-se incontáveis vezes. O estudo amplia, ainda, as possibilidades de como oferecer apoio a esses alunos para que a experiência de reprovação não se “transforme” em experiência de evasão, que seria a experiência de insucesso escolar em sua mais forte expressão, ou seja, fomentando a promoção de fatores de proteção que possibilitem a permanência e continuidade dos estudos. Além disso, quem sabe, podem ser pensados novos caminhos para o aproveitamento escolar dos alunos que não incluem a reprovação ou, ao menos, nos quais a reprovação seja muito mais rara do que o que se observa no cenário atual.

Nessa perspectiva, a pesquisa tem forte vinculação ao Campo Estruturante de Pesquisa (CEP) do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNINOVE (Universidade Nove de Julho) – Teorias, Políticas e Culturas em Educação – uma vez que, segundo ementa do próprio programa, esse campo se volta para os fundamentos da Educação e sua articulação com as políticas educacionais, bem como para a interlocução de ambos com as culturas educacionais que se apresentam na realidade dos sistemas e das instituições educacionais.

Situa-se, ainda, na Linha de Pesquisa Educação, Filosofia e Formação Humana (LIPEFH), uma vez que esta entende a educação como processo de formação humana pela mediação de subsídios da reflexão teórica, nas dimensões pessoal e social. A linha se propõe, segundo sua ementa, a estudar e investigar a realidade educacional sob três perspectivas: a) explicitando a compreensão da produção teórica no campo da educação, com vistas a desvendar seu sentido como fenômeno humano; b) analisando a presença e o impacto do conhecimento sobre as práticas educativas, mediadoras da formação e c) produzindo novas abordagens teórico-metodológicas sobre a educação no contexto histórico-social. Nesse sentido, a pesquisa realizada tem forte aderência à LIPEFH uma vez que buscou responder ao seguinte problema: “o que pensam os alunos sobre o fato de terem sido reprovados”, problema este que se preocupa com a formação humana dos alunos e com o impacto que a reprovação causa nas vivências destes.

Com a intenção de aprofundar a compreensão e caracterização sobre o tema Reprovação Escolar, realizou-se uma busca nos principais bancos de dados de pesquisa, a saber: Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica Online – SCIELO)¹, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)², Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)³ e o portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁴.

Nos campos de busca dos portais dos bancos de dados de pesquisa ora citados, ao empregar-se o termo “reprovação escolar”, encontra-se o seguinte quantitativo: SCIELO – 39 trabalhos, BD TD – 229, ANPED – 01 e na CAPES – 170 publicações. Ao refinar a busca filtrando os trabalhos publicados nos últimos 10 anos, o quantitativo é: SCIELO – 28, BD TD – 191, ANPED – nenhuma publicação foi encontrada e CAPES – 159 trabalhos.

Para efeito de contextualização, foi também realizada a pesquisa colocando como descritor o termo “fracasso escolar” e os resultados foram bem mais volumosos, a saber: SCIELO – 150 trabalhos, BD TD – 1062 publicações, ANPED – 06 e CAPES – 1052 trabalhos. Esses resultados dão margem ao levantamento de algumas hipóteses assim como ratifica a percepção de que há uma certa confusão de conceitos quando se fala nesses temas, assim como fortalece a ideia de que a reprovação escolar merece ser estudada em sua especificidade e não apenas como um dos tipos de um contexto maior que é o fracasso escolar.

¹ SCIELO, disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 29.08.17.

² BD TD, disponível em: <http://bdtd.ibict.br/>. Acesso em: 29.08.17.

³ ANPED, disponível em: <http://www.anped.org.br/>. Acesso em: 29.08.17.

⁴ CAPES, disponível em: <http://www.capes.gov.br/>. Acesso em: 29.08.17.

Em síntese, dos trabalhos encontrados com o descritor “reprovação escolar”, alguns foram selecionados com base nos seguintes critérios: ter sido publicado entre os anos de 2007 e 2017 (fazendo um recorte temporal de 10 anos), apresentar a palavra “reprovação” em seu título e, ainda, ter como foco o Ensino Médio. A partir de então, foi elaborado o quadro descriptivo exposto, a seguir, contendo os trabalhos que condizem com os critérios escolhidos, organizados em ordem crescente de acordo com a data da publicação.

Quadro 01 – Trabalhos selecionados a partir do objeto de pesquisa

Título	Autor(es)	Tipo de Trabalho	Instituição/Local	Ano
Um Estudo Sobre o problema da matofobia como agente influenciador nos altos índices de reprovação na 1ª série do Ensino Médio	Vera Lucia Felicetti	Dissertação de Mestrado	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2007
Da reprovação à ascensão profissional: um processo em construção envolvendo vínculos entre avaliação em matemática e a realidade profissional	José Ambreu Diedrich	Dissertação de Mestrado	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2009
Fatores de risco e proteção na escola: reprovação e expectativas de futuro de jovens paraenses	Tatiene Germano Reis Nunes Fernando Augusto Ramos Pontes Lucia Isabel da Conceição Silva Débora Dalbosco Dell'Aglio	Artigo - Revista Psicologia Escolar e Educacional	Universidade Federal do Pará Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2014
Possíveis estratégias para a redução da reprovação em uma escola pública do Rio de Janeiro	Fabiana Arrais Gouveia Moraes	Dissertação de Mestrado	Universidade Federal de Juiz de Fora	2015
A rede federal de educação profissional e tecnológica no Brasil: uma proposta para diminuição da taxa de reprovação no Instituto	Tatiana Oliveira Couto Silva	Dissertação de Mestrado	Universidade Federal de Juiz de Fora	2015

Federal do Paraná (IFPR) – <i>Campus Ivaiporã</i>				
A cor da reprovação: fatores associados à reprovação dos alunos do ensino médio	Vanessa Lima Caldeira Franceschini Paula Miranda- Ribeiro Marília Miranda Forte Gomes	Artigo - Revista Educação e Pesquisa	Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade de Brasília	2016
O fracasso escolar na percepção de adolescentes, pais e professores	Fernanda Aparecida Szareski Pezzi Tagma Marina Schneider Donelli Angela Helena Marin	Artigo - Revista PsicoUSF	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	2016
Afinal, o uso doméstico do computador está associado à diminuição da reprovação escolar? Resultados de um estudo longitudinal	Magda Floriana Damiani Renata Moraes Bielemann Ana Baptista Menezes Helen Gonçalves	Artigo - Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação	Universidade Federal de Pelotas	2016
A reprovação, evasão e abandono no ensino médio noturno de uma escola estadual do Amazonas	Eliézio Moura de Sousa	Dissertação de Mestrado	Universidade Federal de Juiz de Fora	2016
A reprovação e seus fatores no primeiro ano dos cursos técnicos integrados do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – <i>campus</i> Juiz de Fora	Patrícia de Sá Dias de Souza	Dissertação de Mestrado	Universidade Federal de Juiz de Fora	2016
Reprovação e algumas reflexões sobre as faces da avaliação: um estudo de caso no IFSUL- <i>Campus Pelotas</i>	Maura Cristina Rickes dos Santos	Dissertação de Mestrado	Universidade Federal de Pelotas	2016
As relações entre as vivências espaciais de alunas e alunos das instituições públicas de ensino médio regular e a reprovação generificada	Susana Aparecida Fagundes de Oliveira	Dissertação de Mestrado	Universidade Estadual de Ponta Grossa	2017

na cidade de Ponta Grossa, Paraná				
-----------------------------------	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Felicetti (2007) e Diedrich (2009) analisam a reprovação sob a ótica da disciplina Matemática. O primeiro descreve a Matofobia (medo de Matemática), situando-a em seu contexto histórico e a aponta como um dos fatores para que os 1ºs Anos do Ensino Médio apresentem altos índices de reprovação. Após analisar as concepções de professores da área, são sugeridas diretrizes voltadas ao ensino de Matemática para a série estudada. Diedrich (2009) discute possíveis relações entre reprovação em Matemática no Ensino Médio e ascensão profissional a partir de relatos de participantes que reprovaram nessa matéria no Ensino Médio e que demonstram alguns sinais de sucesso na vida profissional. Apesar de tratar a reprovação como tendo sido importante no sentido do amadurecimento ao longo da vida dos participantes, apresentam algumas alternativas aos atores escolares para que a reprovação seja evitada e a ascensão profissional não precise ter por base uma experiência de insucesso.

Nunes e outros autores (2014) averiguaram as relações entre reprovação escolar, percepções quanto à escola e expectativas de futuro entre jovens e foram observadas convergências entre reprovação escolar e baixas expectativas de futuro acadêmico assim como entre boas percepções quanto à escola e melhores perspectivas acadêmicas.

Moraes (2015) realizou sua pesquisa estudando a gestão de uma escola pública do Rio de Janeiro que possui altos índices de reprovação bimestral. Utilizou pesquisa documental, bibliográfica e de campo e aplicou questionário aos professores, assim como entrevistas ao diretor e ao coordenador pedagógico. Ressalta o papel dos gestores de coordenar medidas para uma melhor organização e mobilização de toda a escola para reduzir a prática da reprovação. Como estratégias de ação, orienta que sejam montados planos de ação para que as avaliações sejam diversificadas, não sendo a nota das provas a única forma de avaliação do aluno. As intervenções devem incluir os professores, alunos e demais profissionais, tornando todos responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem e, assim, reduzindo o abandono e a reprovação.

Em suas pesquisas, Silva (2015) teve por objetivo propor ações para reduzir a reprovação escolar no ensino médio nas instituições públicas de educação profissional, em especial no contexto do Instituto Federal do Paraná-IFPR. Após consultar os documentos da instituição e entrevistar gestores, professores e estudantes, averiguou o caráter multifatorial da reprovação escolar na instituição: fatores como relação professor-aluno, metodologias de

ensino e de avaliação, inexistência de hábito de estudo por parte dos alunos, dificuldades e defasagem de aprendizagem e fatores familiares, de origem socioeconômica ou psicológica. Por fim, propõe a construção de um Plano de Intervenção Educacional que inclui acompanhamento periódico do estudante (pedagógico, psicológico, social e familiar), capacitação dos docentes, adequação Curricular e Inovação de metodologias de ensino-aprendizagem e planejamento, participação e gestão estratégica de ensino como estratégias para diminuir a reaprovação.

Nas pesquisas de Franceschini, Miranda-Ribeiro e Gomes (2016) o foco era verificar a relação entre raça/cor, segundo sexo, para os adolescentes matriculados no 2º ano do Ensino Médio, em escolas da rede estadual de ensino de nove municípios mineiros, integrantes da região metropolitana de Belo Horizonte. Foram identificadas diferenças importantes segundo raça/cor e sexo mas os resultados não coincidiram totalmente com o que mostra a literatura, uma vez que os riscos de reaprovação no 2º ano do ensino médio foram maiores para aqueles que se autodeclararam como sendo da raça/cor parda, sendo a situação ainda pior para o sexo feminino. Foi identificado, ainda, que os fatores relacionados à idade, gravidez ou ter filhos, bem como, não morar com pai e mãe no domicílio e ter mãe protestante pentecostal tem uma associação mais forte com a reaprovação.

Já as investigações realizadas por Pezzi, Donelli e Marin (2016) apresentaram algumas semelhanças com a aqui realizada, uma vez que buscaram compreender as causas e a vivência do fracasso escolar por meio da percepção de adolescentes com histórico de fracasso escolar, bem como de seus pais e professores. As autoras destacam que ainda prevalece o discurso de culpabilização pessoal e familiar entre os adolescentes e seus pais e dão ênfase ao sofrimento decorrente dessa vivência de insucesso assim como suas consequências clínicas e sociais.

Damiani e outros autores (2016) estudaram a associação entre reaprovação escolar e uso doméstico de computador e os resultados mostraram que o uso do computador resultou em menores taxas de reaprovação em todas as idades, o que vinha sendo visto em outras pesquisas brasileiras e estrangeiras. As autoras ressaltam, porém, que esse instrumento não pode ser considerado a solução para o enfrentamento do fracasso escolar, visto que se trata de um fenômeno multideterminado com vários graus de complexidade.

A fim de compreender a reaprovação, evasão e abandono no Ensino Médio noturno de uma escola estadual do Amazonas, Souza (2016) identificou muitas especificidades dessa modalidade de ensino que contribuem para a reaprovação escolar, dentre eles: a falta de adequação curricular para o ensino noturno, falta de estrutura da escola, irregularidade na oferta de merenda e transporte escolar, entre outros. O autor apresenta, ainda, uma proposta de

intervenção que abarca a resolução de problemas de cunho administrativo e pedagógico e que devem influenciar na diminuição dos altos índices de reprovação, evasão e abandono da escola estudada.

Souza (2016) também realizou sua pesquisa em um Instituto Federal e teve como foco o alto índice de reprovação nas turmas de 1º Ano do ensino técnico integrado ao médio. Aponta o quanto a reprovação aparece como instrumento de reprodução social da desigualdade e o quanto meninos e indivíduos negros têm mais chances de serem reprovados. Destaca os fatores que influenciam na ocorrência da reprovação (o incentivo da família aos estudos e realização de tarefas escolares dos alunos; a participação da família nas atividades escolares; o nível de formação dos pais; cor, sexo e renda familiar dos discentes; a proximidade da equipe pedagógica, psicológica e de assistência social da escola; as estratégias didático-metodológicas dos docentes; a carga horária; o interesse e dedicação do aluno; a base e indisciplina dos alunos, etc). Não identificou nenhum fator como hierarquicamente subordinado aos outros e nem parece haver uma ordem de prevalência.

A pesquisa de Santos (2016) foi semelhante à de Souza (2016), anteriormente mencionada, diferenciando-se por ter como foco a avaliação. Conclui que não existe um único motivo para a reprovação, mas sim um conjunto de fatores (associados ou não) que contribuem para que ela aconteça. Um desses fatores seria a avaliação utilizada com fins classificatórios e punitivos em detrimento do seu caráter formativo.

Oliveira (2017) analisou a reprovação e sua interrelação com aspectos bem diferentes das pesquisas citadas anteriormente pois investigou, em Ponta Grossa (Paraná), as relações entre as vivências espaciais de alunas e alunos das Instituições Públicas de Ensino Médio Regular e a reprovação generificada. Verificou que existe uma reprovação generificada (meninos reprovam mais) e, referente à vivência espacial, as meninas vivenciam mais as espacialidades da casa e do colégio, enquanto os meninos a da rua e do trabalho e que estes espaços são estabelecidos por relações de poder hegemônicas (relacionando-se a um comportamento generificado).

Após a revisão da literatura sobre a temática, merece destaque a quantidade de trabalhos desenvolvidos em Institutos Federais, assim como o fato da maior parte das publicações serem recentes (muitas de 2016), de ressaltarem o caráter multifacetado da reprovação escolar assim como a responsabilidade por sua ocorrência ser dividida com os demais atores escolares, o que não reforça a visão individualizante e culpabilizante do aluno sobre o fracasso.

Nesse contexto, a pesquisa aqui desenvolvida tem como objeto a reprovação escolar sob a perspectiva do aluno do Ensino Médio que a vivencia. Para que tal objeto fosse estudado, a

pesquisa teve como objetivo verificar o que pensam os alunos do Ensino Médio do IFPI/*Campus* Floriano sobre a reprovação escolar por eles vivenciada e, ainda, analisar que implicações a reprovação escolar traz à vida e as vivências educacionais de um aluno do ensino médio do IFPI (*Campus* Floriano), na perspectiva dos próprios alunos.

O IFPI é uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e *multicampi* que oferta educação profissional e tecnológica, nas diferentes modalidades de ensino. Um dos *campi* fica na cidade de Floriano, interior do Piauí, e este foi escolhido como local de realização da pesquisa. Participaram da pesquisa 15 alunos do Ensino Técnico Integrado ao Médio que vivenciam a reprovação escolar em algum dos anos dessa modalidade de ensino. Os instrumentos de coleta de dados foram a pesquisa bibliográfica e a entrevista reflexiva, proposta por Szymanski (2011).

Para melhor compreensão de como se deu esta investigação, a apresentação dessa pesquisa foi estruturada da seguinte forma: Inicia-se com a seção do aporte teórico escolhido para fundamentar a pesquisa, tratando da avaliação da aprendizagem e suas interrelações com a reprovação a partir da perspectiva de que, em um Ensino Médio seriado, a reprovação aparece como uma sentença ao aluno que não atingiu objetivos predeterminados e mensurados por algum tipo de avaliação. Para essa discussão sobre avaliação da aprendizagem foram consultadas as ideias de Luckesi (2003, 2011), Gatti (2002), Romão (2002) e Hoffmann (2014a; 2014b), dentre outros. Posteriormente fez-se uma explanação acerca da avaliação da Aprendizagem no IFPI, tomando por base alguns documentos internos à Instituição.

Em um segundo momento da seção, a reprovação escolar em si é vista a partir de aspectos conceituais, históricos, e são apresentados alguns índices que demonstram a gravidade desse fenômeno tão arraigado no sistema educacional brasileiro, que chega a ser visto, inclusive, como um recurso pedagógico essencial da educação escolar, sem o qual o ensino perderia sua qualidade. Faz-se então uma tentativa de compreensão de seu caráter multifatorial, evidenciando suas consequências e a necessidade de superar o dualismo causa/efeito a partir de autores como Klein e Ribeiro (1995), Crahay (2006), Patto (2015), Paro (2001), entre outros.

Na seção que se segue são apresentados os caminhos trilhados para a construção da pesquisa, ou seja, os percursos metodológicos adotados. De abordagem qualitativa, a pesquisa desenvolveu-se a partir de consulta na produção bibliográfica existente sobre o tema e de pesquisa de campo onde foram realizadas entrevistas com alunos do *campus* Floriano do IFPI com histórico de reprovação no Ensino Médio. As entrevistas seguiram as indicações de Szymanski (2011) sendo desenvolvidas na perspectiva reflexiva.

Em outra seção é feita a apresentação e análise dos dados encontrados. Os dados colhidos na Coordenação de Controle Acadêmico (CCA) do *Campus Floriano* dão corpo a um quadro que mostra um panorama geral da reprovação escolar no local de realização da pesquisa em um recorte temporal de 05 anos (2012 a 2016). Posteriormente, consta a categorização do material colhido nas entrevistas reflexivas e que foi minuciosamente analisado à luz do referencial teórico aqui utilizado. As categorias de análise estão dispostas da seguinte maneira: A internalização da culpa pela reprovação; Impactos causados pela reprovação, que possui as subcategorias - A Família reprovada, Sonhos postergados e Sentimentos despertados –; A reprovação como fator de desenvolvimento da resiliência no ambiente escolar; A instituição escolar e os métodos avaliativos em questão. No último item desta dissertação, apresentam-se as Considerações Finais, seguidas das Referências Bibliográficas e Anexos.

2 “MARGENS QUE CERCEIAM” O FENÔMENO DA REPROVAÇÃO ESCOLAR

*A árvore que não dá frutos é xingada de estéril.
Quem examina o solo?*

O galho que quebra é xingado de podre, mas não havia neve sobre ele?

Do rio que tudo arrasta se diz que é violento, ninguém diz violentas as margens que o cerceiam.

(BERTOLD BRECHT⁵)

Esta seção apresenta o aporte teórico utilizado na concepção e embasamento dessa pesquisa. Em alusão ao poema da epígrafe, este é o momento de olhar para as “margens que cerceiam” o fenômeno da reprovação escolar, almejando abandonar as visões reducionistas que apenas buscam culpados.

2.1 Avaliação da aprendizagem escolar e reprovação

Esta subseção trata da avaliação da aprendizagem escolar e da maneira como esta vem sendo desenvolvida, tradicionalmente, nas escolas brasileiras, assim como apresenta um panorama de como se dá o processo de avaliação no IFPI *Campus Floriano*. O tema é abordado tendo em vista situar, em seu âmbito, o objeto desta pesquisa, isto é, o fato da alta ocorrência de reprovação de alunos nos cursos do citado *campus*, para, a partir daí se poder ter alguns elementos que auxiliem na compreensão do processo de avaliação a que estes alunos foram submetidos. Esta compreensão se torna importante para ajudar a pensar sobre as reprovações que ali ocorrem e sobre o que pensam os alunos reprovados acerca dessa ocorrência.

Reitera-se a necessidade de olhar, nesse momento, para a avaliação pois, como bem frisa Paro (2001, p. 39), “em educação, é pela realização de um bom processo que se podem aumentar as probabilidades de realização de um bom produto; daí a importância da constante e adequada avaliação desse processo”.

⁵ Retirado do livro “A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebeldia” (PATTO, 2015).

De acordo com Luckesi (2003), “avaliar” tem origem no latim “*a-valere*” que quer dizer “dar valor a...”. Para o autor, no caso da avaliação escolar, é necessária uma tomada de posição favorável ou desfavorável em relação ao objeto avaliado, ou seja, vai além do simples fato de atribuir um valor, um número, uma nota. Nas escolas, a avaliação na forma de provas/exames é o instrumento mais utilizado para indicar os resultados do processo de ensino-aprendizagem e, em seguida, classificar os alunos em reprovados ou aprovados. Ou seja, os que devem ser promovidos para a série seguinte e os que devem permanecer na série em que estão e, assim, “repetir de ano”, como dizem os alunos, familiares e a sociedade em geral.

O processo de avaliação da aprendizagem escolar tem sido, atualmente, motivo de preocupação para muitos estudiosos do campo educacional (HOFFMANN, 2014a, 2014b; LUCKESI, 2003, 2011; dentre outros), mesmo sendo esta, uma questão antiga.

Segundo Gatti (2002, p. 18), a visão que se tem acerca da avaliação é, por vezes, empobrecida e superficial e a causa desse fenômeno está ligada a uma questão histórica do nosso país, uma vez que por bastante tempo não foram formadas pessoas que aprofundassem os estudos no campo da avaliação, o que fez com que a produção científica sobre o tema se tornasse “pequena e esparsa”. A esse respeito, faz a seguinte consideração:

Mais recentemente, em razão das políticas educacionais instituídas nacionalmente e, em alguns estados, pela ampliação do debate sobre os problemas que envolvem a reprovação escolar das pessoas social e culturalmente desfavorecidas, a área vem merecendo mais atenção, relativamente às suas diferentes abordagens, e alguns esforços de formação de especialistas começaram a se fazer presentes. Assim, apesar de se tratar de um processo vivido no cotidiano escolar, marcando nossas vidas e criando socialmente a imagem da Avaliação Educacional, essa área só mereceu atenção e análise crítica mais fundamentada, no Brasil, há pouco tempo, se comparada à atenção a ela dada em outros países. Tardiamente presente nas discussões do campo da educação, sua valorização e desenvolvimento como campo teórico também sofreu os efeitos dos ressentimentos, do desprezo e da crítica ideológica, o que levou à carência, hoje, de massa crítica intelectual especializada que possa contribuir para a formação de uma consciência avaliativa de professores e demais educadores (GATTI, 2002, p. 18-19).

Ao se pensar em um processo avaliativo, imediatamente se remete a escores, pontuações, classificação; e ao se pensar especificamente na avaliação escolar, as palavras livremente associadas serão notas, desempenho, rendimento, aprovação e reprovação. No contexto escolar, as avaliações estão diretamente ligadas ao êxito ou fracasso⁶, o que é reforçado

⁶ O termo “fracasso” foi aqui utilizado para fazer oposição ao termo êxito (êxito/fracasso), e pode ainda aparecer ao longo do texto como em citações, por exemplo. Ao buscarmos no Dicionário Michaelis On-line, o significado de fracasso é descrito

pela associação constante que se faz de que avaliar, na educação escolar, é necessariamente e unicamente medir o que foi aprendido ou retido em termos de conhecimento.

Segundo Romão (2002), a avaliação enquanto verificação de desempenho está nas raízes históricas da educação formal brasileira trazida pelos Jesuítas que, ao desembarcarem no Brasil, em 1548, praticavam uma avaliação de viés competitivo em seus colégios, nos cinco continentes.

Comis (2006), acrescenta que a função da avaliação no ensino jesuítico era disciplinar os alunos e que a educação, nessa época, era elitista, tradicional, universalista, memorística e repetitiva, e, por ser “centrada no universalismo do ensino, distanciava os alunos do mundo, resultando numa postura mais formal e ineficaz para a vida prática” (p.137).

No Período do Império, as poucas escolas públicas primárias realizavam avaliações assistemáticas e precárias, uma vez que não ocorriam de forma regular. No período republicano, o ensino passa a ser burocratizado, com atividades mais sistemáticas e contínuas, em que as avaliações eram na forma de provas orais, escritas e práticas; momento este em que os exames (que tinham como resultado a aprovação ou não do aluno) passam a ser utilizados como instrumentos quase únicos de avaliação para que as escolas fossem consideradas rígidas e mantivessem seu prestígio e qualidade (COMIS, 2006).

A avaliação passa, então, a ser normatizada, padronizada e ritualizada, gerando uma desigualdade social em decorrência da seleção e dos processos rígidos, o que resulta num elevado número de reprovações. Diante desse quadro, os exames, nas escolas graduadas, tornaram-se rituais de grande projeção pública. O saber do aluno manifestava a qualidade do ensino ministrado na escola (COMIS, 2006, p. 138).

A nota é, então, institucionalizada e a escola torna-se ainda mais elitista e seletiva, passando a avaliação a ser o fim, e não o meio, para o processo de ensino-aprendizagem. Aqui está a raiz dos processos de avaliação que se encontram nas escolas atualmente, uma avaliação que valoriza, sobremaneira, essa nota que a este tempo foi institucionalizada e utilizada como medida, não só do aprendizado do aluno, mas também da qualidade da escola.

Luckesi (2003, p. 18) considera que a avaliação da aprendizagem, embasada em provas com vistas à aprovação ou reprovação, assumiu tão “alto posto” na prática educativa escolar

como “falta de êxito ou vitória; derrota, malogro”. Considera-se, então, que este não seria o termo ideal para tratar uma experiência não exitosa no processo de educação sendo, então, aqui substituído, sempre que possível, por “insucesso”.
Fonte: Dicionário Michaelis On-Line: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em 07/02/2017.

que esta passou a ser regida pelo que ele chama de “pedagogia do exame”. Acrescenta ainda que:

Pais, sistema de ensino, profissionais da educação, professores e alunos, todos têm suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra. O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos; os pais estão desejosos de que seus filhos avancem nas séries de escolaridade; os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio da ameaça; os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser aprovados ou reprovados e, para isso, servem-se dos mais variados expedientes. O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem.

Lentamente, vem se modificando a utilização do termo “exame” para “avaliação”, mas o que se percebe é que a prática em si, não se modificou. No ambiente escolar ainda se realiza muito mais exames do que avaliação e os termos ainda são, muitas e equivocadas vezes, utilizados como sinônimos.

Examinar é diferente de avaliar em muitos aspectos, por exemplo: os exames enfocam o passado (o que importa é o que o estudante aprendeu até aquele momento) e, a avaliação, no presente e no futuro (diagnóstico do que está aprendido e do que ainda precisa ser aprendido); os exames estão atrelados aos problemas (apenas os revelam) e, a avaliação, à busca de soluções (busca além de revelar os problemas, ser base para o planejamento das soluções destes); os exames estão centrados na classificação final (aprovados/ reprovados, suficiente/ insuficiente) e a avaliação no processo e no produto (acompanhamento, intervenção); os exames são classificatórios, seletivos, a avaliação é diagnóstica e por isso, inclusiva (LUCKESI, 2011), integrativa, acolhedora e, assim sendo, é definida como um ato amoroso (LUCKESI, 2003).

Observando o que ocorre nas escolas brasileiras, facilmente percebe-se que as avaliações da aprendizagem que ocorrem são de cunho puramente classificatório (somativas), pois se baseiam apenas em notas provenientes, geralmente, de exames realizados em datas marcadas e que têm por objetivo classificar os alunos em aprovados e reprovados, sem se preocupar com o processo de aprendizagem que foi construído (ou deveria ter sido), com as dificuldades encontradas e com que intervenções deveriam ser feitas para garantir o aprendizado de todos os alunos.

Hoffmann (2014a) critica essa forma de avaliação ao considerá-la vaga, visto que não tem por objetivo identificar que falhas aconteceram no percurso. “Não aponta as reais dificuldades dos alunos e dos professores. Não sugere qualquer encaminhamento, porque

discrimina e seleciona antes de tudo. Apenas reforça a manutenção de uma escola para poucos” (p. 29), uma escola excludente, seletiva, como citado no parágrafo anterior.

Em Luckesi (2011) tem-se a defesa de uma visão de avaliação dinâmica, construtiva, diagnóstica⁷, que parte do princípio de que na prática escolar, o objetivo maior é que os educandos aprendam, e, consequentemente, por aprender, se desenvolvam. A avaliação é, então, instrumento desse projeto e busca investigar a qualidade da aprendizagem dos educandos, com o objetivo de diagnosticar falhas e, caso necessário propor as soluções que levem aos resultados satisfatórios desejados e previamente planejados. A avaliação, assim, dá suporte para a ação do educador que terá meios para escolher/planejar como agir de maneira mais adequada, tendo como fim maior a efetiva aprendizagem do educando.

Esse autor busca sempre deixar claro em seus escritos que não acredita em uma avaliação que aconteça de modo separado dos atos de ensinar e aprender, uma avaliação que não seja parte do ato pedagógico. Tanto é que trata a avaliação da aprendizagem como “um recurso subsidiário para a obtenção de resultados satisfatórios em ações pedagógicas planificadas no âmbito escolar” e não apenas como um “ato técnico isolado de investigar a qualidade dos resultados da aprendizagem” (LUCKESI, 2011, p. 13-14).

Dessa maneira, vê a avaliação como um processo operacional de investigação, de acompanhamento e, se necessário, de intervenção no processo com vistas a obter os resultados desejados (planejados) do ato pedagógico. Decorre desse fato a importância de os educadores escolares terem claros os objetivos do seu trabalho, os resultados desejados em termos de aprendizagem dos alunos para que possam não simplesmente aprovar ou reprovar, mas, constatar o que foi aprendido e o que não foi e, em relação ao que não foi, poderem proceder à busca das razões da não aprendizagem e poderem, em seguida, buscar novos caminhos e procedimentos de ensino que possam ajudar os alunos a alcançarem a aprendizagem desejada.

Paro (2001, p.39) coaduna com Luckesi (2011) na medida em que defende que “a avaliação só terá condições de favorecer o processo de correção de rumos e provimento de medidas necessárias para a garantia da boa qualidade do aprendizado se ela tiver um caráter nitidamente diagnóstico”, destacando que a avaliação da aprendizagem deve acontecer de maneira que respeite a natureza dinâmica do processo pedagógico e, para que tenha todo o seu potencial aproveitado, não pode ser realizada como algo à parte do processo de ensino, mas sim estar inserida na própria prática pedagógica.

⁷ Diagnóstica no sentido de análise, qualificação. Faço essa ressalva para que possamos fugir da conotação medicalizante, patológica.

Seguindo uma linha de pensamento voltada para o mesmo foco que Luckesi, Hoffmann (2014a) acredita que avaliação seja feita junto ao aluno, preocupando-se com o acompanhamento do percurso e, para tal, é necessária uma relação dialógica entre professor e aluno.

A autora pontua que o erro é, assim como na perspectiva construtivista, visto de maneira positiva, como uma oportunidade de aprendizado e não apenas como fonte de castigo, como é o que ocorre com o simplesmente reprovar. As atividades avaliativas devem acontecer ao longo do processo de aprendizagem (não só mensalmente ou bimestralmente, como geralmente ocorre nas escolas) e as anotações provenientes destas, permitirão o acompanhamento dos alunos, o que possibilita que intervenções sejam feitas para que cada aluno tenha a oportunidade de superar suas dificuldades. A essa maneira de avaliar o aluno durante o percurso de construção do conhecimento, de maneira gradativa e significativa, a autora chama de “avaliação mediadora”. E ratifica, acrescentando:

Assim, o significado primeiro e essencial da ação avaliativa mediadora é o “prestar muita atenção”, eu diria “pegar no pé” de cada um dos alunos, insistindo em conhecê-lo melhor, em entender sua fala, seus argumentos, teimando em conversar com ele em todos os momentos, ouvindo todas as suas perguntas, fazendo-lhe novas e desafiadoras questões, “implicantes”, até na busca de alternativas para uma ação educativa voltada para a sua autonomia moral e intelectual [...] (HOFFMANN, 2014a, p. 37).

Em conformidade com a autora, o professor deve despender atenção e buscar compreender o aluno, sempre lançando mão de atividades que sejam desafiadoras e que garantam o desenvolvimento da autonomia moral e intelectual dos educandos. Ao estudante deve ser dada a oportunidade de se colocar, de expor suas ideias, de construir em atividades em grupo e individuais (a observação do aprendizado individual é destacada como fundamental), de discutir com os demais. Todos esses momentos são fontes ricas para que o professor construa seu planejamento de maneira a desenvolver o aprendizado do aluno, sanando suas principais dificuldades.

Romão (2002, p. 48), considera a avaliação como “o verdadeiro nó górdio da educação brasileira” e traça um paralelo entre os conceitos habitualmente utilizados (avaliação que diagnostica e a que julga) e seus efeitos de inclusão e exclusão. O autor acredita que, na medida em que se avalia no intuito de diagnosticar dificuldades na tentativa de superá-las, permite-se a inclusão do avaliado no universo dos que obtiveram êxito no mesmo desempenho. Em contrapartida, a avaliação que é feita meramente com o intuito de classificar, julgar “aprovado

ou reprovado”, por exemplo, é segregadora e excludente na medida em que apenas identifica erros e acertos, premiando ou punindo os avaliados. “Em suma, a avaliação pode funcionar como diagnóstico ou como exame; como pesquisa ou como classificação; como instrumento de inclusão ou de exclusão; como canal de ascensão ou critério de discriminação” (p. 44).

Em qualquer versão que se apresente a avaliação, ela sempre terá um pouco de classificatória pois será utilizado algum critério/padrão desejável e previamente estabelecido para verificar se houve ou não avanço no que se está observando. Mesmo em uma avaliação de caráter diagnóstico, há um viés comparativo, classificatório (ROMÃO, 2002).

Mas, isso não deve determinar a finalização do processo de avaliação, no caso de uma proposta educacional que vise a ajudar os alunos a se apropriarem de aprendizagens que sejam consideradas importantes para a sua formação. Daí, nesta perspectiva de auxiliar na formação, a repulsa à ideia de classificação.

Alguns outros aspectos são acrescentados por Luckesi (2003) acerca da maneira como a avaliação vem sendo realizada nas escolas e que papéis ela desempenha. O autor destaca, além de discutir sua função (classificatória versus diagnóstica), que a avaliação caracterizada como classificatória, confirma a profecia auto realizadora de muitos professores reforçando as previsões que eles fazem sobre quem são os bons e os maus alunos após os primeiros contatos que eles têm com as turmas com as quais irão trabalhar.

Para ratificar o pensamento do autor, basta ouvir atentamente as conversas na sala dos professores nos primeiros dias de aula e nos últimos momentos do ano letivo onde frases como “Desde o início percebi que aluno tal era bom!” ou ainda “Bem que eu avisei para aquela turma que metade deles reprovariam!” e “Aluno tal é um forte candidato a não passar no vestibular!” São expressões corriqueiramente ditas e, deterministas, até mesmo se pensarmos como Hoffmann (2014a, p. 21) quando destaca que “se cada aluno desde logo for considerado como de um futuro impossível, não terá nem um tempo justo de provar o quanto poderemos contar com ele como indivíduo, como cidadão”.

A avaliação tem tido, também, papel disciplinador e autoritário uma vez que todo o “poder” fica nas mãos do professor que, utilizando critérios muitas vezes velados e arbitrários, além de instrumentos frágeis, define o destino escolar dos seus alunos (LUCKESI, 2003). As provas, forma insistente mais comum de avaliação nas escolas, são utilizadas como instrumento de ameaça, gerando medo nos alunos e, nos professores, a sensação de que estão disciplinando através deste sentimento, posto que “por medo da prova”, ou do professor, os alunos são “estimulados” a se aplicarem mais nos estudos. Quantas vezes, durante a vida

escolar, não se ouve “Atenção! Esse assunto vai estar na prova, hein.” ou ainda, “Quero ver na hora da prova como vão se sair com essa conversa toda!”.

É nessa perspectiva que Hoffmann (2014a, p. 29), ao se referir às avaliações realizadas no formato de provas e às notas, menciona que estas “funcionam como redes de segurança em termos do controle exercido pelos professores sobre seus alunos, das escolas e dos pais sobre os professores, do sistema sobre suas escolas”. Termina por destacar que esse controle “parece não garantir o ensino de qualidade que pretendemos, pois, as estatísticas são cruéis em relação à realidade das nossas escolas”.

Diante de todo o exposto até aqui, é importante destacar que ainda se perpetua a crença de que uma boa escola é aquela que possui muitos e difíceis exames, que é rígida, disciplinadora que muito reproofa e que utiliza métodos da Pedagogia Tradicional, incluindo, obviamente, os aspectos relativos à avaliação.

Hoffmann (2014a) considera que há um certo descrédito em relação às escolas que buscam inovar e que múltiplos fatores são entraves à superação do modelo tradicional, mas entre eles, se destaca a forte convicção dos professores [e porque não acrescentar, “da sociedade”] de que é necessário que se mantenha o sistema tradicional de avaliação (classificatório) para garantir que o ensino ofertado pela escola seja de boa qualidade.

Hoffmann (2014a, p. 16) questiona o fato de a avaliação classificatória ser um instrumento que garante a qualidade do ensino e considera esta uma “visão bastante saudosista da escola exigente, rígida, disciplinadora, detentora do saber” que não é ratificada se avaliarmos a realidade que encontramos em nossas escolas com seus elevados índices de reprovação e evasão. Podemos pensar, então, que se a nota que o aluno atinge nas provas deve ser considerada a medida de sua aprendizagem, então a escola rígida que muito reprova não pode ser considerada boa, dado que as notas, que os alunos que reprovam, atingem, não são elevadas. A autora acrescenta que “no sistema classificatório, a qualidade se confunde com a quantidade pelo sistema de médias e dados estatísticos que camuflam o verdadeiro teor de um ensino de qualidade” (p. 34).

Contrariamente, qualidade na concepção mediadora de avaliação é sinônimo de desenvolvimento máximo possível de cada um dos alunos, visando a um permanente “vir a ser”, sem limites preestabelecidos, embora com objetivos claramente delineados e desencadeadores da ação educativa. Não se trata aqui, como alguns confundem, da ausência de objetivos, mas, sim, da não delimitação e/ou padronização desses objetivos e dos resultados a serem alcançados por cada aluno (HOFFMANN, 2014a, p. 35).

É baseado nesse “vir a ser” e na visão do aluno enquanto ser dotado de possibilidades e sujeito de seu processo de ensino-aprendizagem que toda a visão de avaliação que está aqui sendo apresentada, em oposição à avaliação classificatória, traz consigo o pensamento de que a reprovação não deveria ser considerada uma prática possível (ou pelo menos não da maneira como acontece no sistema de ensino brasileiro), e muito menos considerada educativa, por oferecer “uma outra chance”⁸.

Não há razão para a formação humana e o aprendizado serem preteridos e os resultados de exames – as notas –, serem o eixo central e objetivo maior do processo de avaliação no ambiente escolar. É no Ensino Médio que fica ainda mais clara a forma classificatória em que se organizam as avaliações, desde as propagandas das próprias escolas que se utilizam de rankings para elevar seus números de matrículas a questões das provas que passam a ser prioritariamente de múltipla escolha para que os alunos fiquem condicionados a essa forma de resolução de questões que será a utilizada nos exames para ingresso nas universidades.

Sabe-se que ainda há uma forte resistência por parte da comunidade escolar, principalmente de alguns professores, acerca de práticas consideradas inovadoras de avaliação. Um exemplo recente disso é a proposta da organização do ensino em ciclos que tem no seu cerne a progressão continuada e que gera discussões homéricas nos quesitos viabilidade (uma vez que mudanças em toda a dinâmica escolar precisam ser realizadas) e manutenção da qualidade do ensino.

A partir do que foi exposto até o momento, fica clara a posição contrária à avaliação classificatória que é aqui defendida, especialmente na Educação Básica que deve visar, primeiramente, a formação geral dos educandos. Nesta perspectiva, como diz Luckesi (2011, p. 177),

A avaliação da aprendizagem só funcionará bem se houver clareza do que se deseja (projeto político-pedagógico), se houver investimento e dedicação na produção dos resultados por parte de quem realiza a ação (execução) e se a avaliação funcionar como meio de investigar e, se necessário, intervir na realidade pedagógica, em busca do melhor resultado. Sem esses requisitos, a prática pedagógica permanecerá incompleta e a avaliação da aprendizagem não poderá cumprir o seu verdadeiro papel”.

A partir dessa exposição e discussão inicial acerca da avaliação da aprendizagem escolar, o próximo item apresenta como ocorre a avaliação da aprendizagem no IFPI, mais especificamente no *Campus Floriano*. Esta apresentação tem como objetivo ensejar alguns

⁸ Essa discussão surgirá com maior aprofundamento nas subseções seguintes.

comentários e análises para, a partir daí situar os dados relativos às reprovações neste universo deste *campus*.

2.2 Avaliação da aprendizagem no IFPI

Inicialmente, é importante que se esclareça que o objetivo aqui proposto não é analisar minunciosamente as práticas avaliativas realizadas no IFPI, mas sim, como exposto na Introdução, que se tenha um panorama geral acerca do processo avaliativo ao qual o aluno que reprovou (e que é foco dessa investigação) foi submetido. Alguns outros esclarecimentos poderão também ser encontrados na seção 03 dessa dissertação onde constam a apresentação e análise dos dados encontrados.

O IFPI possui, como documento normativo para o funcionamento de seus cursos, o que é denominado de “Organização Didática” (Resolução nº 040/2010). Nele constam, além de aspectos relacionados à missão, função e finalidades da instituição, instruções acerca do currículo, calendário, regimento escolar, etc., que devem ser seguidos por todos os *campi* com o fim de proporcionar educação de qualidade, seguindo alguns parâmetros comuns.

O IFPI é uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e *multicampi* (atualmente conta com a Reitoria e mais 20 *campi*, entre eles dois na Capital do Piauí – Teresina – e os demais distribuídos pelo interior do estado do Piauí), que tem por especialidade a oferta de educação profissional e tecnológica, nas diferentes modalidades de ensino, conjugando conhecimentos técnicos e tecnológicos, com as suas práticas pedagógicas (IFPI, 2010).

Cada *campi* oferece as modalidades e níveis de ensino, de acordo, dentre outros critérios, com as demandas da região na qual se localiza, podendo estas serem Formação Inicial e Continuada, Educação Superior, Pós-Graduação, Educação à Distância e Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Aqui será caracterizada detalhadamente apenas esta última em função do objeto de estudo desta pesquisa ser desse universo.

Acerca da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, também conhecida por Ensino Técnico Integrado ao Médio, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) deixa claro que “O ensino médio, atendida a formação geral do educando, poderá prepará-lo para o exercício de profissões técnicas” (Lei n. 9.394/96, art.36, § 2º) e, ainda, no Art. 40 que “A educação profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular [...].”.

Embasada pela Lei n. 9394/96 (LDB), a Organização Didática do IFPI (2010) em seu Art. 16, § 1º, esclarece que a Educação Profissional Técnica de Nível Médio se articula com o ensino médio das seguintes formas:

I - ***integrada*** - oferecida somente a quem tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, com oferta de matrícula única para cada aluno;

II – ***concomitante*** - oferecida a quem ingresse no ensino médio ou o esteja cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, podendo ocorrer:
a) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

b) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projetos pedagógicos unificados;

III – ***subsequente*** - oferecida somente a quem tenha concluído o ensino médio.

Assim, na forma integrada, alunos que tenham concluído o ensino fundamental irão cursar o Ensino Médio de maneira *integrada* a algum outro curso de habilitação profissional técnica de nível médio.

Mas, afinal, nesse contexto, o que vem a ser uma formação integrada? De acordo com Ciavatta (2012, p. 85), “a ideia de formação integrada sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar”. Acrescenta que a tentativa é de transpor a visão de preparação para o trabalho como algo simples, superficial, puramente operacional e descontextualizado de sua origem “científico-tecnológica” e de sua “apropriação histórico-social”. Tendo caráter formativo, deve proporcionar ao aluno “o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política”.

Nessa perspectiva, o *campus* Floriano do IFPI oferta, nessa modalidade, os cursos: Técnico em Edificações Integrado ao Médio, Técnico em Eletromecânica Integrado ao Médio, Técnico em Informática Integrado ao Médio e Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Médio.

Nos cursos supracitados, que têm duração de 04 anos e são organizados na forma seriado anual, os alunos cursam matérias da base curricular comum (Língua Portuguesa, Matemática e Química) e as matérias relativas à parte de formação técnica, o que faz com que os alunos possuam, em média, 16 matérias por ano letivo, de acordo com a Matriz Curricular dos cursos supracitados. Os horários das aulas são intercalados para favorecer essa integração e a proposta é que os assuntos das diversas disciplinas também sejam assim: integrados (na perspectiva da interdisciplinaridade). Para que a carga horária dessa quantidade de matérias seja cumprida, os

alunos permanecem na escola não apenas por um turno, mas também no chamado “contra turno”, onde acontecem aulas regulares, atividades complementares e de reposição.

A avaliação da aprendizagem nessa modalidade de ensino é expressa em notas (escala de 0,0 a 10,0 – na qual 8,0 pontos são relativos à avaliação do conhecimento adquirido – sendo a avaliação escrita uma das formas possíveis, conforme Art. 54 da Organização Didática – e aos aspectos quantitativos e 2,0 pontos aos aspectos qualitativos como assiduidade e pontualidade, realização de atividades escolares, disciplina, participação nas aulas, além de outros critérios definidos pelo professor).

O ano letivo é dividido em 04 bimestres e ao final de cada um deles, o aluno que não obtiver a média 7,0 (sete), terá direito à recuperação contínua e paralela mediante uma nova avaliação com o “objetivo de corrigir as dificuldades de aprendizagem” (Art. 85 da Organização Didática). No documento fica claro ainda que a média do bimestre será substituída pelo resultado da prova da recuperação bimestral, caso este seja maior.

Essa recuperação acontece com a aplicação de uma nova avaliação escrita, muitas vezes sendo cobrado o mesmo assunto, sem que nenhuma outra intervenção tenha sido feita para que o aluno realmente compreenda e aprenda o conteúdo estudado. Paro (2001) utiliza o termo “correção da ação educativa” (p. 42) para se referir ao que realmente deveria ocorrer nesse momento de recuperação. O autor chama atenção para o fato de que algumas “recuperações” ocorrem apenas com o fim de diminuir as estatísticas de reprovados uma vez que ocorrem com objetivos puramente demagógicos, sem que tenham sido oferecidas as devidas condições e tempo para que o aluno aprendesse. Enfatiza, ainda, que o próprio termo “recuperação” é inapropriado, uma vez que só se “recupera” algo que ora se teve, ou seja, se o aprendizado não ocorreu, como há de se “recuperar”? Paro (2001) nomeia esse processo, então, de “correção em processo”.

Para ser aprovado por média no ano em curso, o aluno deve obter média anual igual ou superior a 7,0 (sete) em cada uma das disciplinas cursadas e frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) do total de carga horária prevista no período letivo. Será considerado reprovado por nota o aluno que obtiver média anual menor que 4,0 (quatro) em qualquer disciplina, e por frequência quando esta for menor que 75% do total de carga horária prevista no período letivo. Ao término do ano letivo, há uma Prova Final, destinada aos alunos que obtiveram média anual igual ou superior a 4,0 (quatro) e inferior a 7,0 (sete), em até 06 (seis) disciplinas. O aluno estará aprovado se, após a Prova Final, obtiver Média Final igual ou superior a 6,0 (seis), obtida pela média aritmética entre a Média Anual e a Nota da Prova Final.

O aluno estará reprovado se a Média Final for inferior a 6,0 (seis). Será submetido ao Conselho de Classe o aluno que não obtiver Média Final em 02 (duas) disciplinas (IFPI, 2010).

Cabe aqui acrescentar uma informação importante acerca desse processo de avaliação que pode levar a uma reprovação.

No Art. 43 da Organização Didática fica claro que “O aluno da educação profissional técnica de nível médio terá sua matrícula cancelada se for reprovado por duas vezes consecutivas em uma mesma série/módulo”. Em seu parágrafo único é acrescentado que esses casos serão avaliados pela Direção de Ensino do *Campus*, após análise da Coordenação Pedagógica, “que emitirá parecer sobre o cancelamento da matrícula, ou estabelecerá condições para a continuidade dos estudos, de acordo com a natureza de cada caso.” Sendo que, na prática, o que ocorre é o cancelamento “automático” da matrícula nos casos de reprovação consecutiva em um mesmo ano.

À Avaliação da Aprendizagem é dedicado um capítulo na Organização Didática do IFPI, onde é exposto que “avaliação do processo ensino-aprendizagem deve ter como parâmetros os princípios do projeto político-pedagógico, a função social, os objetivos gerais e específicos do IFPI e o perfil de conclusão de cada curso” (Art.52).

Na Organização Didática, a avaliação é caracterizada como, de acordo com o Art. 53, “integrante do fazer escolar” o que vem ao encontro do que Luckesi (2003) explana quando discute que, por vezes, a avaliação foi (e é) tratada como um elemento à parte do processo educativo, sendo que esta não deveria ser assim vista uma vez que “integra o processo didático de ensino-aprendizagem, como um de seus elementos constitutivos” (p.12).

Ainda no Art. 53 da Organização Didática do IFPI, é descrito que a avaliação deve ser um processo contínuo e formativo de diagnóstico onde, conforme é preconizado na LDB (Lei Nº 9.394/96), prevaleçam os aspectos qualitativos aos quantitativos. O segundo parágrafo desse artigo, afirma que “a sistemática de avaliação do IFPI compreende avaliação diagnóstica, formativa e somativa”.

Alguns aspectos merecem considerações, como por exemplo, o fato de que a Organização Didática cita que os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos e, ao mesmo tempo, deixa claro que, do somatório total de pontos atribuídos às provas escritas, (10,0) apenas (2,0) deles se referem aos aspectos qualitativos. E ainda, define apenas alguns dos aspectos que devem ser avaliados ao se atribuir essa nota qualitativa, deixando espaço para o professor definir outros critérios, aspecto que dá viés ao poder que o professor exerce sobre a avaliação e ao fato de a avaliação ser utilizada como instrumento de dominação.

Outro momento importante do processo avaliativo é o Conselho de Classe que, também situado no capítulo sobre avaliação da aprendizagem, é descrito na Organização Didática como sendo um órgão de natureza consultiva e deliberativa, responsável pelo acompanhamento do processo pedagógico e pela avaliação do desempenho escolar dos alunos matriculados nos cursos técnicos Integrados ao Médio. De acordo com seu regulamento (2012), é uma instância de reflexão, discussão, decisão, ação e revisão da prática educativa que tem por finalidades analisar dados referentes ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem, da relação professor-aluno, relacionamento entre os próprios alunos e outros assuntos específicos da turma; sugerir medidas pedagógicas a serem adotadas, visando superar as dificuldades detectadas; e, ainda, deliberar a respeito da promoção final dos alunos, que não alcançaram média aprovativa, em até 02 (duas) disciplinas.

As reuniões de Conselho de Classe devem ocorrer bimestralmente, e devem ser momentos de diagnóstico, análise e reflexão sobre intervenções pedagógicas com vistas à aprendizagem dos alunos que demonstram não estarem atingindo os objetivos previstos pelos professores no desenvolvimento de suas matérias.

Na realidade do *campus* Floriano, esses encontros bimestrais costumam ser momentos bem mais ricos do que o conselho de classe final pois este é, por vezes, comparado, em tons de brincadeira, mas brincadeiras carregadas de significado, como “o juízo final”, o “acerto de contas”. E, como sempre é explicado nestes, os alunos que chegam à reunião do Conselho de Classe ao final do ano letivo para serem avaliados, estão reprovados, e ali se pensará acerca do “que pode ser feito” por eles. Sendo assim, o momento é de discutir se ele será promovido ou não para o ano seguinte apesar de ter sido reprovado, e não mais que intervenção deveria ser feita para que o aprendizado acontecesse, pois a este tempo, o ano letivo está se encerrando.

Após essa explanação acerca do processo de avaliação da aprendizagem no IFPI, levando em conta as reflexões apresentadas no tópico anterior acerca da avaliação da aprendizagem e seus objetivos, assim como a vivência no *campus* Floriano, é possível inferir que há uma certa preocupação do corpo gestor em repensar o modelo tradicional de avaliação, tanto é que os documentos institucionais mais recentes (que foram citados ao longo do texto) propõem ações voltadas para uma avaliação diagnóstica, formativa, associada à somativa. Existem, porém, contradições ao longo do processo e que vão de encontro ao que propõem as práticas inovadoras de avaliação (como a reprovação, a forma como as recuperações acontecem, a prevalência das avaliações puramente somativas em detrimento às demais formas, etc).

Nos Conselhos de Classe também é possível confirmar a resistência dos docentes a formas inovadoras de realizar as avaliações e se observa o caráter reproduutivo que as práticas

avaliativas possuem, pois muitos professores se utilizam do discurso de que assim (avaliações classificatórias) aprenderam nas suas licenciaturas, ou assim seus professores faziam.

Diante deste cenário, cabe a reflexão proposta por Hoffmann (2014a, p. 86) ao mencionar que:

É preciso dizer que práticas seculares e rotineiras na escola não se transformam como num passe de mágica. Os estudos realizados mostram a necessidade de muita discussão entre os professores, o maior aprofundamento em suas áreas de estudo e o estabelecimento de vínculos afetivos com os alunos, refletindo sobre o significado do que vêm fazendo e, a partir daí, construindo práticas avaliativas que se adequem a cada realidade educacional.

Na verdade, a problemática vai além da avaliação em si, pois esta não pode ser nunca vista como separada do processo de ensino-aprendizagem⁹ e da prática pedagógica em si. É necessário, então:

[...] reconhecer que tanto a avaliação quanto o ensino precisam ser mudados e, como ambos estão inter-relacionados, qualquer mudança em um deles deve obrigatoriamente levar em conta essa mútua dependência. A ênfase na avaliação como estratégia de mudança educacional torna-se relevante na medida em que, sendo, em princípio, uma necessidade na justificação e manutenção do sistema tradicional e autoritário de ensino, a forma “credencialista” e reprovadora que essa avaliação assume em nossos sistemas escolares tem, no decorrer dos anos, determinado a própria existência desse mesmo sistema tradicional e autoritário. O tipo de avaliação que é valorizado e a expectativa de que o que define, em última instância, a qualidade do ensino é ser ou não aprovado numa avaliação exterior ao processo fazem com que a reprovação acabe por determinar o próprio tipo de ensino que se tem. Estudar a reprovação e a necessidade de superá-la representa, assim, a importância de se estudar um dos mais importantes estruturantes do ensino entre nós.” (PARO, 2001, p. 49).

É nesse contexto de práticas avaliativas que geram reprovações e de instituições escolares que, como bem frisou Patto (2015), produzem em seu seio os seus próprios fracassos a partir de mecanismos seletivos, que passamos, então, a analisar a reprovação escolar e suas especificidades.

2.3 A reprovação escolar

Embora as adversidades que acometem o sistema educacional brasileiro sejam alvo, há bastante tempo, de pesquisas e discussões, quer no âmbito acadêmico, quer político, quer social,

⁹ Ângelo e Dias (2009) acrescentam o elemento “subjetividade” a esse termo (ensino/aprendizagem/subjetividade) pois acreditam que essa tríade seja indissociável.

o insucesso escolar persiste de forma inquietante e a escola continua a não atingir os objetivos aos quais ela se propõe. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) diz, em seu art. 2º, que “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais da solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, LDB nº 9.394/1996).

“A escola que surge com o objetivo de promover melhoria nas condições de vida da sociedade moderna acaba por produzir na contemporaneidade a marginalização e o insucesso de milhares de jovens (BOSSA, 2002, p.18). A reprovação escolar – fenômeno complexo, multifacetado, contextualizado e historicamente constituído – e seus altos índices é, indiscutivelmente, uma das expressões de que a escola “não vai bem” em seus propósitos.

Ao se realizar um levantamento bibliográfico sobre a reprovação escolar, é notório que este fenômeno tão arraigado ao sistema educacional brasileiro é quase sempre discutido e analisado sob a ótica do amplo contexto do fracasso escolar.

Outros autores como Zago (2010) correlacionam o termo fracasso escolar a um grande número de fenômenos educacionais, como: baixo rendimento do aluno, reprovação, repetência, defasagem idade-série, evasão, dificuldades escolares, entre outros. Weiss (1992) resume o fracasso a uma resposta insuficiente do aluno a demandas escolares.

Em determinados momentos, facilmente encontrados na literatura, parece haver uma confusão de conceitos¹⁰ e/ou uma generalização, uma vez que os termos reprovação, repetência e evasão, são utilizados de maneira genérica, até mesmo como sinônimos. Atenta a este fato, Pimentel (2005, p. 21) oportuniza a clarificação desses conceitos quando inicia essa distinção fazendo o caminho contrário, ou seja, buscando o que há de comum entre reprovação, repetência e evasão. Segundo a autora, o que parece haver de comum é o fato de todos esses fenômenos escolares “apontarem para desvios de rotas”, sendo que todos têm um ponto de partida comum, que é o momento da matrícula do aluno escola. Quanto ao ponto de chegada, este parece incerto, pois há para o aluno duas alternativas, ser aprovado ou reprovado. Se for aprovado, irá se matricular na série¹¹ seguinte; se for reprovado, as alterativas serão repetir ou evadir.

Em busca dessa distinção e fazendo uma avaliação do ponto de vista semântico, segundo o Dicionário Michaelis On-Line¹², reprovação é “ato ou efeito de reprovar; reprova. Não

¹⁰ Por conta dessa confusão de conceitos, nessa dissertação também há momentos em que o termo “fracasso escolar” vai ser utilizado como sinônimo de “reprovação”, inclusive por conta de algumas citações.

¹¹ Destaque para a nomenclatura, uma vez que esta refere-se à seriação.

¹² Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 08.09.17.

aprovação em um exame. Censura severa; repreensão. Sentimento de desprezo”. Repetência é o “ato ou efeito de repetir(-se); repetição. Condição de repetente, do estudante que repetiu o ano letivo.”. E, por fim, evasão: “Ação ou processo de evadir, de deliberadamente fugir.”

Entre reprovação e repetência a diferença parece estar em suas naturezas, visto que a reprovação aparece no seio escolar como um ato administrativo, uma sentença inerente à situação escolar, no que diz respeito ao rendimento no ano letivo proveniente de avaliações [tradicionalmente classificatórias] e frequência, dado o modelo seriado de organização. A repetência, que possivelmente cairá sobre o aluno como um rótulo (aluno repetente), remete-se ao aluno que repetirá o ano letivo. E aqui se encontra o grande equívoco conceitual que, por anos, distorceu dados relativos aos indicadores educacionais brasileiros.

Este equívoco foi observado em meados da década de 80, quando um novo modelo de avaliação de fluxo escolar¹³ foi criado por Sérgio Costa Ribeiro e Philip Fletcher¹⁴. O desacerto se dava em função de o Censo Educacional apenas considerar como repetente o aluno que se matriculava na mesma série cursada anteriormente após ter sido reprovado em razão de frequência ou avaliação, enquanto na verdade, o aluno repetente é qualquer aluno que se matricula outra vez na mesma série, independentemente de ter sido reprovado, ter abandonado o ano letivo, ou até mesmo ter sido aprovado (KLEIN; RIBEIRO, 1995).

A grande contribuição foi, então, a redefinição da repetência [e porque não dizer também da reprovação] uma vez que os novos modelos de avaliação do fluxo escolar incluíram, a partir de então, nesta definição “os alunos afastados por abandono (estudantes que deixavam de frequentar a série e retornavam a ela no ano seguinte) e os aprovados repetentes (estudantes que mesmo aprovados na série tornavam a cursá-la no ano seguinte)” (SOUZA et all, 2012, p. 6).

Sendo assim, nem todo aluno que é repetente foi reprovado. Assim como nem todo aluno que foi reprovado, será repetente¹⁵ pois há, ainda, a possibilidade da evasão – a expressão maior do insucesso escolar. O aluno pode evadir sem sequer repetir a série ou ano (como acontece muitas vezes perante o resultado que o classifica como reprovado), ou, ainda, evadir após múltiplas reprovações e repetências. Desse modo, a reprovação pode submeter o aluno a

¹³ Os indicadores de fluxo escolar avaliam a transição do aluno entre dois anos consecutivos considerando os seguintes cenários possíveis: promoção, repetência, migração para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e evasão escolar. Esse levantamento é feito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e pelo Ministério da Educação, baseados nos dados do Censo.

¹⁴ O modelo desenvolvido ficou conhecido por PROFLUXO e utiliza dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹⁵ Em seção seguinte, ficará claro que os participantes dessa pesquisa são alunos que foram reprovados por não terem atingido os critérios estabelecidos por sua instituição escolar e por conta disso se tornaram também repetentes em determinado momento do curso do seu Ensino Médio. Em outras palavras, os participantes foram reprovados e também repetentes.

repetir o ano letivo, podendo inclusive levar à evasão, assim como a reprovação pode levar à evasão sem nem mesmo que haja repetência.

A consequência maior da alteração da compreensão acerca do conceito de repetência citado anteriormente foi, na verdade, que os novos dados de fluxo gerados a partir das inovadoras definições deslocaram o foco central da evasão escolar como o principal entrave do sistema educacional brasileiro para a excessiva taxa de repetência escolar. Assim, as taxas de evasão e repetência que eram de 26% e 30%, respectivamente, foram corrigidas para 2% e 52%. Dessa forma, a repetência passou a ser vista como o “principal obstáculo à universalização da educação básica em nosso país” (RIBEIRO, 1991, p.13).

Ribeiro (1991) dá destaque, também, para o grave dado relativo aos altos índices de repetência na 1º série¹⁶ e hipotetiza que haveria no Brasil uma “pedagogia da repetência”, onde a repetência parecia ser aceita por todos os agentes educacionais de forma natural, como constituinte do processo educacional e que:

As teses e pesquisas realizadas nesta área raramente mencionam a ordem de grandeza deste percentual nem o fato de ser alta, mesmo nas camadas mais privilegiadas da população, seja por falta do dado ou por não o considerarem relevante. O que se depreende daí é que se toma como um fato *natural* uma repetência desta ordem. As teorias que procuram explicar a reprovação nas escolas cobrem um largo espectro de análises marxistas de dominação e poder, de teorias de reprodução social, de prontidão e de privação cultural, entre outras. Estes modelos podem explicar, em princípio, a natureza do fenômeno, mas não sua ordem de grandeza. Divide-se a análise entre a escola da classe dominante e das classes populares. No entanto, a repetência não é privilégio da escola dos pobres e muito menos da escola pública. [...] (p.16).

Após quase 30 anos, a reflexão acima mostra-se deveras atual. Os altos índices se mantêm – para se ter ideia, segundo Soares (2007), apenas Angola se equipara ao Brasil em taxas de reprovação – assim como a aparente naturalização com que se trata sobre o tema e, parece ainda não se dispensar a preocupação necessária para se resolver a questão, dada a sua ordem de grandeza e as poucas tentativas palpáveis de superá-la.

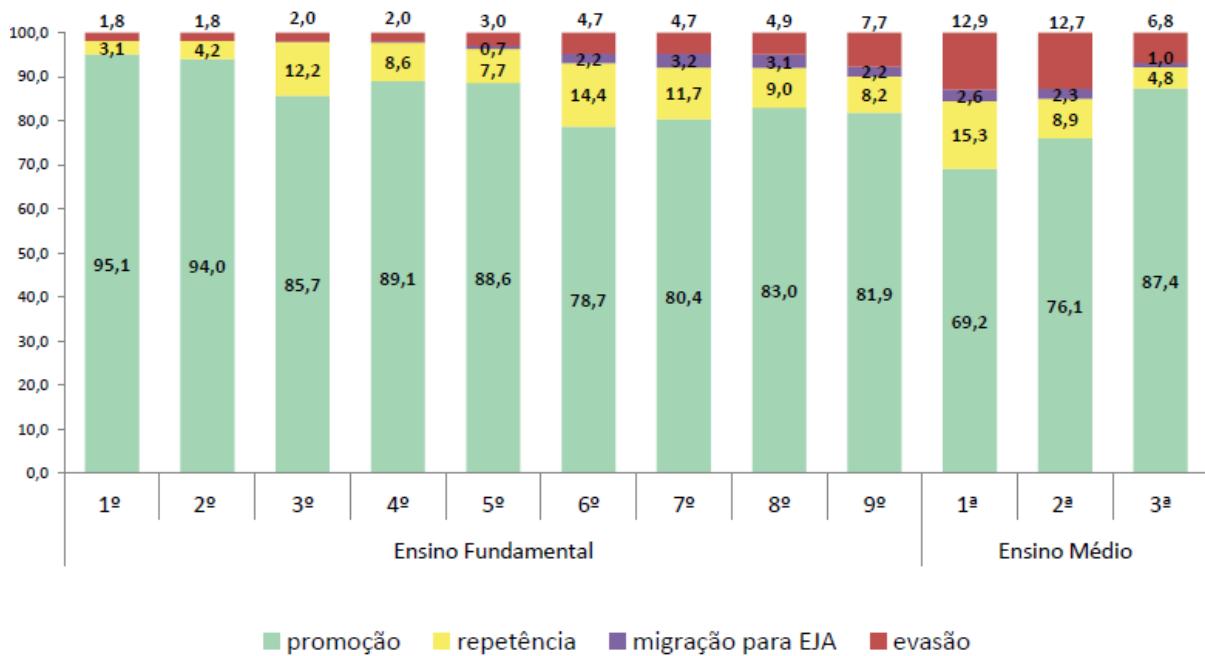
Os Indicadores de Fluxo Escolar da Educação Básica, publicados no mês de Junho de 2017 corroboram com essa visão, uma vez que ilustram os citados altos índices. No gráfico a seguir ficam claros esses índices, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio sendo

¹⁶ A nomenclatura “série” foi mantida conforme aparece na obra de Ribeiro (1991). Cabe acrescentar que a partir de 2006 (Lei nº 11.274, de 6 de Fevereiro de 2006) o Ensino Fundamental passou a ter a duração de 09 (nove) anos e com isso a nomenclatura também foi alterada (de “série” para “ano”).

o mais expressivo os 15,3% de repetência no 1º Ano do Ensino Médio. Se comparados a qualquer padrão internacional, esses índices são considerados inaceitáveis.

De acordo com Censo da Educação Básica 2016 (INEP, 2017) apesar de se observar um crescimento nas taxas de aprovação nos últimos anos, ainda se mantêm as diferenças históricas entre a taxa de aprovação dos anos iniciais (que possui as maiores taxas de aprovação), dos anos finais e do ensino médio (que possui as menores taxas de aprovação). No período de 2008 a 2015, o maior distanciamento entre a taxa de aprovação do Ensino Médio e aquela dos anos iniciais ocorreu em 2011, quando a diferença alcançou 13,8%; essa taxa foi reduzindo até atingir em 2015 o seu menor valor (11,5%). Tais indicadores estão representados no Gráfico 1 que se segue.

Gráfico 01 - Indicadores de Fluxo Escolar da Educação Básica
Taxas de promoção, repetência, migração para EJA e evasão por série - Brasil
- Censo Escolar 2014/2015



Fonte: INEP, 2017. Indicadores de Fluxo da Educação Básica. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/apresentacao/2017/apresentacao_indicadores_de_fluxo_escolar_da_educacao_basica.pdf

Merece destaque que na rede pública, a alta taxa de não aprovação (soma de reprovação e abandono) no 3º ano do Ensino Fundamental (etapa típica de um aluno de 8 anos e no final do ciclo de alfabetização) e também as altas taxas nas séries introdutórias dos anos finais e do ensino médio são motivos de preocupação. É importante se considerar, também, que mais alunos tem chegado a séries mais avançadas em função da evolução positiva das taxas de aprovação, o que diminui taxas de distorção idade-série e amplia o número de alunos que

concluem cada etapa na idade certa. Mesmo assim, em 2016, apesar da melhoria das taxas de aprovação do ensino médio, observa-se uma elevação da distorção idade-série dessa modalidade de ensino (passou de 27,4% para 28%) (INEP, 2017).

Diante desse quadro historicamente persistente, no Brasil ocorreram algumas tentativas¹⁷ de superar a reprovação como as classes de aceleração, políticas de ciclo e a progressão continuada sendo todas essas políticas voltadas para o Ensino Fundamental. Para o Ensino Médio algumas escolas utilizaram da liberdade assegurada pela LDB às instituições para a tomada de algumas decisões pedagógicas e adotaram a dependência, o que aconteceu muito timidamente e de maneira não muito obstinada.

Há controvérsias entre gestores, educadores, pesquisadores, pais e alunos sobre essas políticas com fins de reduzir a reprovação, a evasão e a distorção série idade¹⁸ e a maioria dos argumentos correspondem a afirmações como “de nada adianta formar um aluno analfabeto” ou “não se pode permitir que o aluno que nada aprendeu passe de ano”, ou ainda, a associação de que elas se traduzem na queda da qualidade do ensino¹⁹.

Em países como a Austrália, Coréia, Japão, Noruega ou Suécia, no ensino fundamental é proibido reprovar um aluno por se julgar que ele não tenha aprendido (apenas em casos de doença grave, problemas familiares, etc.). Outros países até autorizam repetência no ensino fundamental, porém com restrições quantitativas, como por exemplo o Chile, que permite repetência a partir da quinta série, Cingapura, a partir da sexta série, ou Hong Kong, que não restringe séries, desde que os índices não passem de 3%. Há também os países que não restringem a repetência, como o Brasil, o Líbano, a Arábia Saudita, Botsuana, as Filipinas, a Indonésia e a Itália (que tem um dos piores desempenhos da Europa Ocidental) (SOARES, 2007).

Todos esses exemplos da maneira como os países lidam com a reprovação escolar têm em comum a preocupação com os casos onde as escolas consideram que um de seus objetivos primordiais não foi atingido: “o aluno não aprendeu”.

Segundo Fornari (2010), com uma busca pelos referenciais teóricos da área é possível perceber que, historicamente, a evasão e a reprovação escolar sempre fazem parte de debates e reflexões no âmbito da educação pública brasileira. Ou seja, ainda é um tema que ocupa espaço relevante no que se refere às políticas públicas; ao mesmo tempo, um estudo realizado por

¹⁷ Não é objetivo aqui voltar-se para avaliação do quanto essas “tentativas” por parte dos gestores públicos e dos educadores lograram ou não algum êxito, mas os altos índices são persistentes e nos levam a pensar que, pelo menos da forma como foram ou estão sendo conduzidas estas políticas o sucesso ainda não foi alcançado.

¹⁸ Ver Jacomini (2010).

¹⁹ Soares (2007) mostra em sua pesquisa que, a nível internacional, não há qualquer evidência nesse sentido.

Angelucci e outros autores (2004) demonstra que a pesquisa educacional no Brasil ainda vem concebendo o insucesso escolar como fenômeno exclusivamente individual (visão reducionista e culpabilizante do aluno). Além dessa concepção, há ainda alta incidência de estudos que responsabilizam ora o aluno ora o professor e propõem soluções predominantemente técnicas para acabar com o fracasso.

Corroborando com Fornari (2010) citado anteriormente, Crahay (2006) refere não ter dúvidas de que a preocupação com os efeitos da repetência “maltrata” o mundo da educação há bastante tempo. Aponta que desde o início do século XX, os pesquisadores da educação se esforçam para apreender com rigor os efeitos da repetência uma vez que pesquisas sobre o tema podem ser encontradas datadas de 1911, ou seja, o interesse por estudar os efeitos da repetência existe há quase um século e o que é possível perceber é que o problema ainda não pode ser considerado definitivamente resolvido, mesmo sendo alvo de pesquisas há tanto tempo.

Patto (2015), em sua importante obra sobre o tema “A Produção do Fracasso Escolar – histórias de submissão e rebeldia” esclarece sobre a origem e as causas do fracasso escolar, interligando-as aos mecanismos sociais de seleção, hierarquização e exclusão. Aponta a necessidade da busca de novos referenciais teóricos e metodológicos que analisassem o fenômeno em sua complexidade e a necessidade de estudos sobre e no interior das escolas.

As demandas escolares configuram-se a partir de um contexto, inclusive social, onde se cria uma expectativa de que crianças e jovens, agrupados homogeneousmente por faixa etária e enfileirados, irão alcançar objetivos predeterminados para todos no mesmo ritmo e tempo. Quem não atende a essas expectativas é, então, considerado fracassado. Dessa maneira o fracasso só pode ser analisado a partir e no interior da escola; logo, advém de “inadequação ao processo de escolarização” (p.12). Uma outra face se mostra na medida em que o insucesso do aluno demonstra a incapacidade da instituição escolar em cumprir o que propõe, ou seja, o insucesso do aluno evidencia a “inadequação do processo de escolarização” (GUALTIERI; LUGLI, 2012) [sem grifo no original].

Seguindo a mesma perspectiva de análise, Jacomini (2010) discute em que momento a reprovação foi legitimada no sistema educacional brasileiro e diz que a escola brasileira, que inicialmente tinha por público a elite nacional, chegou ao final do século XX com o ensino fundamental quase universalizado. Não abandonou, no entanto, muitas características da escola tradicional seletiva (por exemplo a seriação e o tratamento uniforme dado aos alunos – tempo, avaliações). Essa uniformização terminou por desconsiderar a complexidade e a subjetividade presentes na aprendizagem humana uma vez que, por ser um processo coletivo, todos os elementos da educação escolar são organizados de maneira que atinja uma determinada média,

que segue padrões historicamente constituídos do que se deve aprender, em determinada idade e em determinada série escolar. Essa forma de pensar a aprendizagem humana gerou um entrave às próprias instituições escolares que precisaram conduzir alunos que não tem o desempenho escolar esperado e a forma escolhida para resolver o problema foi, então, a reprovação (JACOMINI, 2010).

As pesquisas, tanto nacionais quanto internacionais, salientam os efeitos negativos dessa prática que insiste em fazer parte de alguns sistemas educacionais. Parece haver uma convicção de que a reprovação é um *recuso pedagógico* eficaz e esse discurso é reproduzido em demasia, quer pelas famílias e alunos que se apoiam nesta visão em uma tentativa de aceitação do insucesso, quer pelas instituições escolares que insistem em reprisar que “vai ser melhor para o aluno, pois ele terá a oportunidade de aprender o que não aprendeu” ou ainda que “reprovar é ruim, mas passar sem ter aprendido é pior ainda”.

Rebelo (2009)²⁰, pesquisador da Universidade de Coimbra, reúne estudos que ao longo dos anos vêm verificando os efeitos (em termos de aprendizagem, personalidade e comportamento) da reprovação para os alunos. Em sua busca minuciosa, cita desde Jackson (1975)²¹ – que considerou ser o primeiro estudo amplo e sistemático sobre os efeitos da reprovação – até estudos realizados a partir dos anos 2000. Sintetizando os achados explorados pelo autor, é possível afirmar que expressa maioria dos estudos mencionados consideram a reprovação ineficiente, na perspectiva pedagógica, e maléfica ao desenvolvimento dos alunos. Algum efeito positivo gerado pela reprovação é destacado em um número pequeno de pesquisas, mas os estudos longitudinais apontam para o fato de que esses efeitos vão diminuindo e até mesmo desaparecendo ao longo dos anos.

Crahay (2006) em artigo intitulado “É possível tirar conclusões sobre os efeitos da repetência?” destaca que há mais de uma centena de estudos na área da reprovação e seus efeitos, mas que na prática há poucas mudanças, e classifica como irredutível a incredulidade do mundo da prática e de alguns gestores públicos.

Após afirmar que os efeitos da repetência preocupam os estudiosos da educação há bastante tempo e que “parece que o interesse pelos efeitos da repetência existe há quase um século sem que o problema seja considerado definitivamente resolvido” (p.227) o autor vai citando importantes pesquisas na área e analisando seus vieses e limites metodológicos uma

²⁰ O autor cita diversas pesquisas sobre o efeito da retenção escolar, explicitando inclusive alguns aspectos metodológicos que foram utilizados. Aqui será apresentada apenas uma síntese geral sobre o que é abordado em sua publicação, mas fica o destaque para a abrangência do levantamento que foi realizado.

²¹ JACKSON, G. The research evidence on the effects of grade retention. *Review of Educational Research*. v.45, p.613-635, 1975.

vez que os pesquisadores tentam contornar as dificuldades encontradas para conseguirem registros confiáveis acerca dos efeitos dessa prática.

Respondendo ao título do seu artigo, Crahay conclui que, qualquer que seja a metodologia utilizada e mesmo com os limites estatísticos existentes para “medir” efeitos (principalmente afetivos), parece claro que os dados das pesquisas apontam efeitos negativos da repetência e que a prática não deve ser mantida, assim como acrescenta que poucas pesquisas são feitas no Ensino Médio.

Tratando desses efeitos sócio afetivos, apontados pelo autor ora citado, Leon e Menezes-Filho (2003) afirmam que a reprovação escolar é um dos principais problemas do sistema educacional, podendo trazer consequências negativas para a permanência na escola e constataram, ainda, que o atraso escolar está associado a maior chance de abandonar os estudos imediatamente ou quando concluem os ciclos escolares. Assim, alunos com históricos de reprovação tendem a evadir-se após o término do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, sendo esta situação denominada pelos autores de “efeito diploma”.

Acrescentam Tacca e Branco (2008) que esta vivência pode gerar não apenas sentimentos negativos (como, por exemplo, baixa autoestima), mas também problemas nas habilidades sociais, na aceitação pelos pares e na família (exclusão), além de problemas comportamentais e emocionais.

Nessa perspectiva, Nunes e outros autores (2014) citam em sua pesquisa Luszczynska, Gutiérrez-Donã e Schwarzer (2005), quando estes discutem que as emoções negativas que podem ser desencadeadas pela reprovação escolar podem se associar à presença de um baixo senso de auto eficácia, visto que as crenças de auto eficácia compõem os mecanismos de motivação e de participação dos alunos.

Ainda sobre os efeitos da reprovação, Pagani e outros autores (2001) realizaram no Canadá um estudo longitudinal do qual tiraram uma série de conclusões a saber: a reprovação prejudicou o desenvolvimento psicossocial dos alunos participantes, impactou contínua e negativamente a ansiedade (a longo prazo – mais tarde, na adolescência, quando os alunos percebiam a distorção série-idade-idade dos colegas) e a atenção; os alunos sentem-se frustrados, humilhados e envergonhados após a experiência de fracasso; podem tanto ser ridicularizados pelos colegas, pais e professores, ou desenvolverem certa autoconfiança pelo fato da matéria ter sido vista anteriormente e, por consequência, não despertar seu interesse; tem sua autoestima diminuída; veem a reprovação como castigo e fracasso; os alunos podem se tornar hipersensíveis a pequenos sinais de rejeição; dentre outros.

Paro (2001) também se preocupa com os efeitos da reprovação na formação da personalidade dos estudantes e considera que a escola tradicional se isenta dessa responsabilidade e, ainda mais – além de não despertar o gosto pelo conhecimento, ainda faz com que o aluno se esquive dele. Segundo ele, “como fracasso reiterado frustra e induz ao ódio daquilo que o provoca, o aluno irá progressivamente distanciar-se do ensino, enxergando-o cada vez mais como algo penoso que ele trata de se afastar” (p. 46).

Dessa maneira observa-se cada vez mais o Brasil propiciando formação precária e construindo fracassos, impedindo os jovens de se apossarem da herança cultural, dos conhecimentos acumulados pela humanidade e, consequentemente, de compreenderem melhor o mundo que os rodeia. A escola, que deveria formar jovens capazes de analisar criticamente a realidade, a fim de perceber como agir no sentido de transformá-la e, ao mesmo tempo, preservar as conquistas sociais, contribui para perpetuar injustiças sociais que sempre fizeram parte da história do povo brasileiro. É curioso observar o modo como os educadores, sentindo-se oprimidos pelo sistema, acabam por reproduzir essa opressão na relação com os alunos (BOSSA, 2002).

Pesquisa recente, publicada em dezembro de 2016, realizada pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC²² e intitulada “Crenças de Professores sobre a reprovação escolar” mostra que quanto mais conhecimentos sobre os efeitos negativos da repetência o docente possui, menos ele concorda com essa prática.

O Brasil, assim como outros países – França, Bélgica, Suíça, Romênia, Bulgária e Turquia – participou desse projeto internacional que é liderado por Marcel Crahay, pesquisador belga. Participaram da pesquisa cerca de 5500 docentes que atuam no ensino fundamental e médio de escolas de todo o país, tendo como instrumento um questionário respondido on-line com base na escala Likert, que tinha por objetivo entender que concepções sobre o desenvolvimento do ensino e os princípios de justiça e avaliação se associam às crenças de professores sobre reprovação.

Com os resultados encontrados, foi possível observar que os professores que são mais favoráveis à prática da reprovação têm por perfil atuar, em sua maioria, no Ensino Fundamental 1 (modalidade de ensino que costuma ser alvo de intenso controle social por trabalhar com objetivos mensuráveis, por exemplo: aprender a ler e a escrever); ter menos tempo de atuação/experiência na docência (com a experiência, outras maneiras, que não a reprovação ou a ameaça desta, se mostram mais eficazes para resolver as dificuldades relacionadas ao ensino,

²² Para informações mais detalhadas sobre o CENPEC e os resultados da pesquisa consultar o site www.cenpec.org.br ou solicitar o relatório final da pesquisa através do e-mail cenpec@cenpec.org.br.

disciplina, etc.); trabalhar com a avaliação de cunho normativo (quanto mais acreditam que a avaliação deve compreender comparações entre alunos e turmas, mais acham a reprovação justa); acreditar na meritocracia (adquirir conhecimento trata-se, então, de talento e mérito, por merecimento advindo de “maior” esforço ou por “inteligência”); ter tido contato apenas com as políticas de progressão continuada na década de 1990 (que foram distorcidas em “aprovação automática” e que reforçaram, assim, a crença na eficácia da reprovação), não possuir pós-graduação e ter menos conhecimento sobre as pesquisas sobre os efeitos da reprovação (CENPEC, 2016).

Dessa forma, quanto mais se conhece sobre os efeitos da reprovação escolar, menos se concorda com ela, e é possível inferir que essa afirmação não se aplicaria apenas a professores, mas possivelmente também a pais, alunos. Nesse contexto, que mais uma vez recai sobre os efeitos da reprovação, Crahay (2006, p. 244) afirma que é urgente a necessidade de se superar essa polêmica referente aos efeitos da repetência e considera que:

[...] se a repetência não constitui um meio de ajuda para os alunos em dificuldade, parece necessário procurar outros meios para resolver esse importante problema. Ou seja, em vez de solicitar novas provas quanto aos efeitos da repetência, talvez seja mais profícuo pedir aos pesquisadores que se debrucem sobre outros objetos de investigação, uma vez que, em vista da qualidade dos esforços mobilizados para conjurar os vieses de amostragem e de medida nos estudos sobre a repetência, parece difícil melhorar ainda mais a validade das demonstrações e bastante improvável alterar a tendência das conclusões. Somente a questão dos efeitos sócio afetivos da repetência poderia ainda valer alguns esforços de pesquisa.

E é, assim, também na tentativa de superar (sem desconsiderar) as preocupações com os efeitos da reprovação escolar e ainda de encontrar os culpados, que são apresentados, a seguir, os percursos metodológicos escolhidos nessa pesquisa para que os alunos que foram reprovados pudessem ser ouvidos com a finalidade de compreender o que eles pensam sobre a reprovação.

3 O CAMINHO TRILHADO: PERCURSOS METODOLÓGICOS

Em pesquisa, há de se traçar determinados caminhos a seguir, tendo em vista o fim maior de atingir os objetivos propostos e de explorar o objeto de pesquisa escolhido.

3.1 Caracterização da Pesquisa

Diante da natureza subjetiva do objeto aqui estudado – a reprovação escolar sob a ótica do aluno do ensino médio que a vivencia – não havia outra perspectiva que abarcasse substancialmente o fenômeno estudado além do qualitativo.

Essa definição ganhou força durante as leituras acerca da temática quando se entrou em contato com a seguinte exposição de Crahay (2006, p. 244):

[...] em vez de solicitar novas provas quanto aos efeitos da repetência, talvez seja mais profícuo pedir aos pesquisadores que se debrucem sobre outros objetos de investigação, uma vez que, em vista da qualidade dos esforços mobilizados para conjurar os vieses de amostragem e de medida nos estudos sobre a repetência, parece difícil melhorar ainda mais a validade das demonstrações e bastante improvável alterar a tendência das conclusões [...].

Dessa forma, estudos qualitativos que implicam necessariamente, segundo Turato (2003) em entender/interpretar os sentidos e significados que o participante dá aos fenômenos estudados, por meio de técnicas de observação ampla e entrevistas em profundidade (instrumentos necessários e suficientes), em que o contato pessoal e os elementos do *setting* natural do sujeito são valorizados, parecem, nesse momento, contribuir mais para a pesquisa acerca da temática.

Lakatos e Marconi (2011) destacam a profundidade dos aspectos que a metodologia qualitativa²³ tende a analisar e interpretar, uma vez que esta descreve a complexidade do comportamento humano e analisa, mais detalhadamente atitudes, hábitos e tendências de comportamento. Mencionam, ainda, que com tal método o pesquisador tem a oportunidade de

²³ Em seu livro “Metodologia do Trabalho Científico” (2007), Antônio Joaquim Severino destaca ser preferível que a nomenclatura seja abordagem quantitativa ou abordagem qualitativa, uma vez que não se faz referência apenas a uma metodologia. Segundo o autor, assim nos referimos a conjuntos de metodologias com diversas referências epistemológicas e acrescenta que “são várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas” (p. 119).

se aproximar dos informantes através de contato direto com os indivíduos ou grupos humanos, com o ambiente e a situação que está sendo estudada.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica complementada por uma pesquisa de campo, que, segundo essas autoras, “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (LAKATOS; MACONI, 2011, p. 169); no caso, a busca de informações e conhecimentos se desdobrou acerca da compreensão sobre o que pensam os jovens do Ensino Médio sobre a reprovação por eles vivenciada.

3.2 O *Lócus* da investigação

Como o que mobilizou a realização dessa pesquisa no tocante à reprovação foi a própria vivência de trabalho da autora no ambiente escolar, o local de realização do estudo foi seu próprio *campus* de trabalho no IFPI.

O IFPI *campus* Floriano, em funcionamento há 23 anos, conta atualmente com, aproximadamente, 1140 (um mil cento e quarenta) alunos matriculados e oferta cursos em diversas modalidades a saber: Ensino Técnico Integrado ao Médio, Subsequente/Concomitante, Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (TADS), Licenciaturas em Ciências Biológicas e Matemática e, ainda, cursos de pós-graduação.

Na modalidade Técnico Integrado ao Médio, oferta os cursos de Edificações, Meio Ambiente, Eletromecânica e Informática, onde se concentram cerca de 500 alunos. O Ensino Médio foi escolhido como público para o desenvolvimento da pesquisa por dois fatores que merecem esclarecimentos: primeiramente, por um desejo de dar voz a esses alunos para que falassem acerca da reprovação, visto que a maioria expressiva dos estudos sobre essa temática são voltados apenas para as consequências dessa prática e ainda, com o olhar direcionado ao Ensino Fundamental e, um segundo fator, o fato do Ensino Médio no *Campus* Floriano ter índices de reprovação que correspondem com os altos índices nacionais que versam sobre a reprovação. Nesse contexto, foram escolhidos estes alunos como participantes da pesquisa, sendo o único critério de inclusão o fato de terem vivenciado a reprovação no Ensino Médio.

3.3 A Geração dos dados

Foi feita uma solicitação formal à direção do *campus* Floriano em busca de autorização para realizar a pesquisa neste local e com os alunos da mesma. Nessa solicitação estavam explícitos os objetivos da pesquisa, assim como os aspectos éticos envolvidos na execução da coleta de dados e tratamento destes. A direção do *campus* autorizou a realização da pesquisa e, a partir de então, se iniciaram os procedimentos de coleta de dados.

O primeiro momento se deu junto à Coordenação de Controle Acadêmico – CCA do *Campus* Floriano onde foram coletados dados numéricos referentes às reprovações de alunos entre os anos 2012 e 2016²⁴. Estes dados permitem caracterizar o contexto no qual os alunos participantes da pesquisa estão inseridos e tenta demonstrar, também, o espaço ocupado pela reprovação no local da pesquisa.

A partir de então, iniciou-se um segundo momento. Para garantir que os participantes contribuiriam para a realização da pesquisa de forma livre e espontânea, foi realizado convite para os alunos do Ensino Técnico Integrado ao Médio que haviam vivenciado a experiência da reprovação nessa modalidade de ensino através de visita nas salas de aula, onde os objetivos da pesquisa eram sucintamente expostos, assim como os procedimentos aos quais eles seriam submetidos. Após o convite, 15 (quinze) alunos procuraram a pesquisadora e manifestaram desejo em participar.

Os participantes se dispuseram a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (anexos A e B), que tem por fim maior esclarecer aos participantes da pesquisa, da forma mais completa possível, acerca da investigação que seria realizada, constando seus objetivos, procedimentos e possíveis riscos e benefícios, para que a sua manifestação no sentido de participar ou não fosse efetivamente livre e consciente. Os participantes com mais de 18 (dezoito) anos assinaram o TCLE e os que possuíam idade inferior ficaram de posse do documento para que fosse assinado por seu responsável, caso concordasse com a participação do estudante e somente após essa autorização foi realizada a entrevista.

Quanto à escolha do número de participantes, esta foi feita respeitando a manifestação livre dos alunos e embasada no preceito de que “a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade” (MINAYO, 2003, p. 43). A mesma autora, em 1992, ressaltou que a amostragem considerada boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões. Assim sendo, considera-se o número de

²⁴ Esses dados serão apresentados no capítulo seguinte.

participantes aqui mencionados suficiente para contemplar o problema e o objetivo proposto, o que foi possível sentir ao longo do procedimento de coleta de dados.

Os participantes eram de ambos os sexos, com idades variando entre 16 e 19 anos, tendo representantes de todos os anos e cursos do Ensino Técnico Integrado do Médio que são ofertados no *campus* Floriano²⁵.

A intenção inicial era que também participassem da pesquisa alunos que haviam vivenciado a reprovação e que, após esta, houvessem evadido do *campus*. A inclusão desses participantes foi inviabilizada após várias tentativas frustradas por parte da pesquisadora de marcar entrevistas com alguns desses pretensos participantes. Em função do fator tempo para a realização da pesquisa, essa ideia de incluí-los foi abortada e se tornaram participantes apenas os descritos nos parágrafos anteriores.

O instrumento escolhido para a geração de dados foi a entrevista. Para Severino (2007, p. 124), essa técnica consiste na interação entre pesquisador e pesquisado onde se busca coletar informações sobre um determinado assunto, sendo que o pesquisador “visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam”, o que vai inteiramente ao encontro da proposta da pesquisa aqui realizada. Lakatos e Marconi (2010, p. 281), na mesma perspectiva, acrescentam que a entrevista tem por objetivo “compreender as perspectivas e experiências dos entrevistados” e, ainda, que essa técnica é a mais utilizada nas investigações qualitativas.

Em um primeiro momento, foi realizada uma entrevista piloto com um aluno que foi convidado diretamente pela pesquisadora para tal. Para Lakatos e Marconi (2010), a entrevista piloto tem por objetivo “testar o instrumento de coleta de dados” (p. 210) e “verificar a adequação do tipo de amostragem escolhido” (p. 211). Após a entrevista piloto foi possível perceber que adaptações deveriam ser feitas na condução da entrevista para que se conseguisse analisar o fenômeno estudado com maior profundidade e para que a entrevistadora sentisse maior segurança para a condução das demais entrevistas.

No contexto dessas considerações, o presente estudo, na busca por compreender o que pensam os alunos sobre a reprovação escolar por eles vivenciada, tem por instrumento, para coletar as informações necessárias, a entrevista, sendo que os procedimentos adotados seguiram a proposta da entrevista reflexiva²⁶ de Szymanski (2011).

²⁵ Quadro com caracterização mais detalhada dos alunos entrevistados na apresentação dos resultados.

²⁶ Esse procedimento de entrevista vem sendo utilizado por Heloísa Szymanski há vários anos em seus projetos e pesquisas qualitativas e teve sua metodologia detalhada no livro organizado pela autora intitulado “A Entrevista na Pesquisa em Educação – a prática reflexiva”, que em 2011 estava em sua quarta edição.

Ao considerar a subjetividade envolvida na circunstância de uma entrevista (sendo esta, um encontro entre pessoas) e as questões psicológicas envolvidas nesse momento de interação, a autora mencionada deixa claro que:

Foi na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou esta proposta de entrevista, a qual chamamos de *reflexiva*, tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto pela busca de horizontalidade (SZYMANSKI, 2011, p.15).

Nessa busca por horizontalidade (entrevistador-entrevistado, visto que existem intencionalidades distintas que motivam ambos a se envolverem na situação de pesquisa) e de proporcionar a construção de significados ao longo da narrativa, a entrevista reflexiva segue determinados procedimentos (SZYMANSKI, 2011), os quais foram respeitados ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa e que são dignos de esclarecimentos. Esses procedimentos que versam sobre o seguimento da entrevista perpassam desde o contato inicial à condução da entrevista propriamente dita, sendo que “como procedimento de pesquisa, pode-se considerar uma entrevista semidirigida, realizada no mínimo em dois encontros, individuais ou coletivos” (SZYMANSKI, 2011, p.19).

Como refere a autora, uma relação cordial deve começar a ser estabelecida entre entrevistador e entrevistado desde o contato inicial, onde:

Nesse primeiro momento, o entrevistador se apresentará ao entrevistado, fornecendo-lhe dados sobre sua própria pessoa, sua instituição de origem e qual o tema de sua pesquisa. Deverá ser solicitada sua permissão para a gravação da entrevista e assegurado seu direito não só ao anonimato, acesso às gravações e análises, como ainda ser aberta a possibilidade de ele também fazer as perguntas que desejar (SZYMANSKI, 2011, p. 20).

Na pesquisa aqui descrita, o contato inicial propriamente dito ocorreu desde o momento em que a realização da pesquisa foi divulgada nas salas de aula (conforme citado anteriormente) e os alunos foram convidados a participar, ficando cientes, naquele momento, mesmo que minimamente, dos objetivos do estudo. Após os procedimentos de autorização para a realização das entrevistas, como a assinatura do TCLE, a geração de dados em si tinha seu início no primeiro encontro para a efetuação da entrevista. Conforme as orientações para a condução desse primeiro momento, o contato inicial foi desenvolvido como no exemplo a seguir:

“Bom, você já deve me conhecer, eu sou Idalina, sou psicóloga aqui do campus Floriano e estou cursando um Mestrado em Educação. Esse mestrado é uma parceria aqui do IFPI com a Universidade Nove de Julho, de São Paulo. Essa pesquisa que você foi convidado a participar faz parte da construção do meu trabalho para concluir o mestrado e eu tenho como tema central de estudo a reaprovação escolar. Me interessa entender o que que vocês jovens do Ensino Médio que vivenciaram a experiência da reaprovação pensam sobre ela. E que consequências vocês acreditam que ela tenha trazido à vida de vocês; na vida escolar e na vida no geral. Sua participação realmente é muito importante para mim porque eu acho que com a vivência que você teve, você deve ter algo para acrescentar no meu trabalho, algo para contribuir. Mas ao mesmo tempo eu quero assegurar que você só participa realmente se desejar, de livre e espontânea vontade, como tem no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que você assinou dizendo que autoriza o uso dessa entrevista e que participou de livre e espontânea vontade. Certo? Eu tenho autorização da direção da escola para nós estarmos aqui conversando, mas eles não vão ter acesso em momento algum à gravação da nossa entrevista. Só quem tem acesso sou eu e o meu professor orientador, que é o Prof. Marcos Lorieri; tem o e-mail dele aqui no termo de consentimento. Você fica com uma via e se você precisar de algum tipo de contato com ele você pode ficar à vontade; alguma sugestão, alguma crítica ou dúvida, você pode enviar para o e-mail dele. Como tudo que você me disser é de extrema importância para a construção do meu trabalho, eu te pedi autorização para gravar para que eu possa fazer a transcrição do que nós estamos conversando; você vai ser a primeira pessoa a ler essa transcrição, certo? Eu vou transcrever, vou te chamar novamente e aí você vai dizer se está do jeito que você falou ou não, se devemos retirar isso, acrescentar aquilo, enfim. Para isso vamos precisar combinar um segundo encontro. Podemos começar?”

Cabe ressaltar que, antes mesmo de iniciar a fala exemplificada anteriormente, foi solicitada a autorização para a gravação das entrevistas por meio de equipamento eletrônico para posterior transcrição e análise. Nenhum participante apresentou objeção quanto à gravação e somente após esta autorização, se iniciava a entrevista, respeitando os princípios éticos que estão envolvidos nos procedimentos de pesquisa.

Ao longo dessa fala inicial da entrevistadora, eram dadas pequenas pausas onde alguns entrevistados faziam perguntas ou acenavam em sinal de positivo, de compreensão para a entrevistadora. Como as entrevistas foram realizadas no ambiente de trabalho da entrevistadora, os participantes apresentavam certa familiaridade com a mesma e com o ambiente, o que parece ter facilitado a fluidez do contato inicial.

Após esse momento de estabelecimento dos primeiros contatos e seguindo os indicativos de manejo da entrevista reflexiva (que serão descritos adiante), iniciou-se a condução da entrevista.

- *Aquecimento: fase inicial*

A fase inicial da entrevista, depois da apresentação formal da pesquisa, poderá ter um pequeno período de aquecimento para uma apresentação mais pessoal e o estabelecimento de um clima mais informal. É nesse momento que se obtêm os dados que se consideram necessários a respeito dos participantes, os quais, eventualmente, poderão ser completados ao final (SZYMANSKI, 2011, p. 25).

Nesse momento de aquecimento foram feitos alguns questionamentos acerca dos próprios participantes para que fosse possível traçar um perfil²⁷ deles, que será apresentado em capítulo posterior. Os questionamentos no aquecimento foram: “Qual a sua idade?”, “Qual o seu ano e curso?”, “Há quanto tempo você é aluno do IFPI?”, “Há histórico de reprovações escolares anteriores ao seu ingresso no IFPI?”. Obviamente, em algumas entrevistas surgiram outros questionamentos a partir de informações que os participantes iam explicitando. Após esse momento, iniciou-se a fase da geração das informações que buscam responder aos objetivos da pesquisa através da questão desencadeadora.

- *A questão desencadeadora: ponto de partida para a fala do participante*

Na entrevista reflexiva, os objetivos da pesquisa serão a base para a elaboração da questão desencadeadora, que deverá ser cuidadosamente formulada. Ela deve ser o ponto de partida para o início da fala do participante, focalizando o ponto que se quer estudar e, ao mesmo tempo, ampliando o suficiente para que ele escolha por onde quer começar. Com isso, já teremos um direcionamento das reflexões do entrevistado, ao qual será oferecido, inicialmente, um tempo para a sua expressão livre a respeito do tema que se quer investigar. A questão tem por objetivo trazer à tona a primeira elaboração, ou um primeiro arranjo narrativo, que o participante pode oferecer sobre o tema que é introduzido (SZYMANSKI, 2011, p. 29).

A autora acrescenta, ainda, que a elaboração da questão desencadeadora é um momento crucial para uma boa condução da entrevista em que devem ser considerados alguns aspectos no momento de sua construção, a saber: os objetivos da pesquisa, a amplitude da questão, a preocupação em não induzir respostas e em utilizar termos que se aproximem do universo linguístico do participante, assim como em escolher corretamente o termo interrogativo (interpelar o “porquê” nos levará a receber respostas que indicam causas; utilizar o “como” induzirá ao participar narrar algo, e assim por diante).

²⁷ Ver Quadro 03 – “Perfil dos entrevistados” no Capítulo 4 – “A Reprovação segundo o aluno repetente: apresentação e análise dos dados”.

Como a própria denominação descreve, a questão desencadeadora deve provocar, estimular que os participantes falem sobre o tema, no caso, sobre a reprovação. A questão central aqui proposta aos participantes foi “O que você pensa sobre o fato de ter sido reprovado?”. Vale salientar que a partícula “o que” foi escolhida para a construção da questão desencadeadora pois essa induz a uma “descrição” e os participantes passavam, então, a discorrer livremente sobre o fato de terem sido reprovados e sobre a reprovação em si, destacando pontos que, segundo eles, requeriam determinada atenção.

Em uma das entrevistas foi necessário reformular a questão desencadeadora em função da não compreensão do entrevistado acerca do que estava sendo solicitado. Nesse momento a questão desencadeadora foi elaborada da seguinte maneira: “Relate para mim como foi para você ter sido reprovado”. Szymanski (2011) previu que era interessante ter a questão desencadeadora formulada de diferentes maneiras pois algum participante pode solicitar esclarecimentos ou, ainda, para impedir que construções diversas e que não respondem aos objetivos da pesquisa sejam formuladas.

Podemos considerar que, na condução das entrevistas foram utilizadas mais questões desencadeadoras, além da referenciada, uma vez que um dos objetivos também era verificar o que os participantes consideravam que a reprovação havia trazido de consequências, tanto na vida escolar quanto em suas vidas no aspecto geral. Para tal, também era feito o seguinte questionamento: “O que esta reprovação impactou ou provocou na sua vida escolar?” “E na sua vida em geral?”. Obviamente, essas questões não foram apresentadas *ipsis litteris* em todas as entrevistas, até mesmo em função da certa flexibilidade existente na pesquisa e entrevistas qualitativas, quando se utiliza um roteiro mais aberto ou semiestruturado. Mas a ideia central foi sempre respeitada e fidedigna aos objetivos propostos.

Ao longo das falas dos entrevistados que foram incitadas pelas questões desencadeadoras, surgia, então, a necessidade de realizar outros questionamentos ou ponderações com objetivos diversos, quer seja em busca de maior compreensão e esclarecimento da fala do entrevistado, ou apenas para aprofundá-la e sintetizá-la.

- *A expressão da compreensão: dar um feedback ao entrevistado*

Gradativamente, o entrevistador vai apresentando a sua compreensão do discurso do entrevistado, sem perder de vista os objetivos de seu estudo [...]. Procura-se expressar a compreensão da fala nas palavras do pesquisador (SZYMANSKI, 2011, p. 37).

Expressar compreensão supõe, pois, dar um feedback ao entrevistado, conforme é possível perceber em momentos das entrevistas aqui realizadas, como por exemplo, na entrevista de número 06 como reproduz-se a seguir:

“Entrevistadora: Reprovação. Você acha, então, que em alguns momentos a reprovação pode ser injusta.

Entrevistado: Pode ser injusta. Tipo a da minha colega que foi só por décimos.”

Sentir-se compreendido, considerado, costuma ser importante na construção de um clima favorável ao desenvolvimento do diálogo e, no momento de uma entrevista, isso não seria diferente.

- *Sínteses: adentrar o discurso do entrevistado*

A finalidade de se oferecer sínteses, de tempos em tempos, é a de se apresentar qual o quadro que está se delineando para o/a entrevistador/a, isto é, como se está acompanhando a fala do/a entrevistado/a. É uma forma de manter uma postura descritiva, além de buscar uma imersão no discurso do/a entrevistado/a (SZYMANSKI, 2011, p. 44).

É possível ilustrar a efetuação de uma síntese com um trecho retirado da entrevista de número 03, a seguir:

“Entrevistadora: Você achou, então, que o seu comportamento na sala de aula iria ser levado em consideração e que, por conta disso, possivelmente, você pudesse chegar a não reprovar.

Entrevistado: Isso.”

E, ainda, da entrevista número 01:

“Entrevistadora: Ok. A reprovação para você teve dois lados. Tanto um lado positivo que te fez focar mais, que te fez rever assuntos que você não tinha conseguido aprender em um primeiro momento. Teve também um lado negativo...o principal aspecto negativo que você consegue identificar é o atraso? Como se fosse um ano “perdido”? É isso?”

- *Questões de esclarecimento/focalizadoras/de aprofundamento: questionar o entrevistado tendo em vista o objetivo central da pesquisa*

São questões que podem ser utilizadas no momento da entrevista e que buscam, no caso das de esclarecimento, elucidação em determinados momentos em que o discurso parece confuso, ou não está muito bem estruturado; as focalizadoras, como a própria nomenclatura indica, visam focar, ou retornar ao tema central em momentos de digressão que possam ocorrer no decorrer da entrevista; e as de aprofundamento, são feitas quando o discurso do entrevistado parece abordar o objeto de estudo de modo superficial (SZYMANSKI, 2011).

Trechos retirados da entrevista de número 04 ilustram algumas questões de esclarecimento:

Entrevistadora: Então você está querendo me dizer que você fez uma avaliação no final do ano, sobre você mesmo, sobre o ano que você tinha passado e a conclusão que você chegou é que essa reprovação é uma consequência de você ter passado o ano brincando?

Entrevistado: Exatamente...

Entrevistadora: Apenas disso?

Entrevistado: Apenas disso, certeza. Só brincadeira...que eu não consegui me concentrar, entendeu? A gente brinca demais na aula, acaba perdendo."

E, na entrevista de número 10:

“Entrevistadora: Na sua fala você colocou que você não cumpriu com as obrigações da escola. Você atribui a sua reprovação ao fato de você não ter cumprido com as suas obrigações da escola?”

- *• Devolução: zelo pelo entrevistado e suas contribuições*

Trata-se da exposição posterior da compreensão do entrevistador sobre a experiência relatada pelo entrevistado, e tal procedimento pode ser considerado como um cuidado em equilibrar as relações de poder na situação de pesquisa (SZYMANSKI, 2011, p. 55).

A devolução é um segundo momento de encontro entre o entrevistador/pesquisador e o entrevistado. A autora destaca que podem ser apresentados ao entrevistado a transcrição e pré-análise da primeira entrevista para que este tenha acesso à interpretação do entrevistador, como uma maneira de dividir a construção do conhecimento com o entrevistado e de garantir fidedignidade no uso dos dados coletados.

Para a devolutiva a indicação é que seja marcado um segundo encontro que obedeça aos mesmos procedimentos da primeira entrevista, mas Szymanski (2011) salienta que nem sempre é possível viabilizar esse momento de entrevista por questões de ordem prática, porém, sempre que possível, deve ser realizado, até mesmo por razões éticas.

Nesse momento, podem ser esclarecidas dúvidas do pesquisador, assim como o entrevistado, ao ter contato com a síntese do que foi dito na entrevista anterior, tem a oportunidade de realizar nossas considerações, ou retificar algum aspecto (SZYMANSKI, 2011).

Todos os entrevistados tiveram a oportunidade de participar desse segundo momento de devolutiva, o que foi facilitado em função do local de realização da pesquisa ser ao mesmo tempo o ambiente escolar dos entrevistados, ou seja, um ambiente que eles frequentam rotineiramente e ser, também, o ambiente de trabalho da pesquisadora. Entretanto, aos entrevistados foi apresentada apenas a transcrição da entrevista, uma vez que não houve tempo hábil para que fosse apresentada uma pré-análise, como indica a autora.

Cabe frisar o quanto foi visível que a devolutiva contribuiu para a fidedignidade, pois parece ter agregado credibilidade ao tratamento dos dados, uma vez que alguns entrevistados referiram que a transcrição estava retratando exatamente o que haviam falado na entrevista e, ainda, destacaram o quanto era interessante ler a transcrição. Não houve, entretanto, mudanças ou grandes acréscimos no momento das devolutivas e não se descarta a hipótese de que, com a apresentação de uma pré-análise, o momento da devolutiva poderia ter sido ainda mais rico.

Após todas as entrevistas realizadas, transcritas e apresentadas aos entrevistados no momento da devolutiva, foi o momento de partir para os procedimentos de análise dos dados coletados.

As informações geradas nas entrevistas reflexivas foram analisadas através do método da análise de conteúdo que é definido como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 44).

A análise do conteúdo abrange todas as iniciativas que consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão desse conteúdo. Tem por finalidade realizar deduções lógicas e justificadas, de acordo com as mensagens levadas em consideração (BARDIN, 2011).

Nesse contexto e nesse momento da pesquisa, foram realizadas exaustivas leituras das transcrições das entrevistas para que fossem inferidos indicadores de análise, a partir da frequência de repetição dos temas mais recorrentes nas mesmas. Tais conteúdos mais evidentes foram agrupados em categorias para sistematizar a análise dos resultados encontrados.

Os dados relativos à reprovação escolar levantados a partir de consulta à Coordenação de Controle Acadêmico do *campus Floriano*, assim como as categorias de análise encontradas, serão apresentados e analisados no capítulo a seguir.

4 A REPROVAÇÃO SEGUNDO O ALUNO REPETENTE: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

“Apenas quando somos instruídos pela realidade é que podemos mudá-la.”

(BERTOLT BRECHT)

Na introdução desta dissertação foi feita referência ao desejo por uma educação que liberte, emancipe, oportunize e dê espaço para o educando ser sujeito ativo de sua ação educativa. Para isto, o aluno precisa assumir o papel de protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem e a tentativa de contribuir para que isso se efetive foi dar-lhe voz, ouvindo-o falar sobre a vivência da reprovação e propiciar que o aluno seja, “o autor privilegiado dos discursos sobre repetência” (PIMENTEL, 2005, p. 69).

Em determinado momento de uma das entrevistas realizadas, o entrevistado 12 diz: “Muitas vezes eles não escutam os alunos.” O “eles” ao qual o entrevistado se refere são os gestores, os professores, a equipe de apoio: a escola. Por que não se pergunta ao aluno o que ele pensa? Por que o aluno, principal foco do processo de ensino-aprendizagem, precisa manter-se historicamente passivo aguardando que se pensem em decisões e políticas públicas cujo alvo é ele mesmo, sem que possa contribuir para isso? Por que sua subjetividade precisa ser desconsiderada? E, na verdade, como expressa Paro (2001, p. 57),

A reprovação escolar manifesta-se como parte integrante e orgânica da realidade de nossas escolas elementares, como se, sem ela, o processo todo perdesse o seu sentido. É, pois, aproximando-se dessa realidade e procurando compreender os fatos e relações que aí se dão cotidianamente que poderemos intentar produzir algum conhecimento a respeito de suas dimensões e de seus condicionantes.

Buscando, pois, produzir determinado conhecimento sobre a reprovação a partir da aproximação com essa realidade, esta pesquisa foi produzida. Esta seção dedica-se, assim, à apresentação e análise dos dados coletados.

O momento inicial de geração de dados se deu junto à Coordenação de Controle Acadêmico – CCA do *campus* Floriano, onde foi feito um levantamento dos índices de reprovação referentes aos anos de 2012 a 2016. Os dados que a CCA possui permitem inferir sobre a reprovação dos mais diversos ângulos, como por exemplo: analisando-se por cursos, por disciplinas com maior índice de reprovação ao longo dos anos, por gênero e idade. Devido

à natureza dessa pesquisa, optou-se por analisar esses dados da maneira mais geral possível, analisando os índices sem discriminar os cursos ou qualquer outro aspecto.

Sendo assim, o quadro a seguir apresenta esses dados gerais sobre os índices de reprovação nos anos citados. Cabe ressaltar que na coluna “ANO”, quando se lê “1ºs Anos” se está referindo ao somatório das turmas de 1º Ano do Ensino Técnico Integrado ao Médio, e assim por diante. Da mesma maneira, na coluna “TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS”, apresenta-se a totalidade dos alunos matriculados em 2012 nas turmas de 1º Ano do Ensino Técnico Integrado ao Médio, do 2º ano, e assim, por conseguinte.

Quadro 02 – Dados de reprovação no IFPI *Campus Floriano* nos anos de 2012 a 2016.

DADOS DE REPROVAÇÃO – IFPI CAMPUS FLORIANO			
2012			
Ano	Total de alunos matriculados	Alunos reprovados	Porcentagem de alunos reprovados
1ºs Anos	140	25	17,8%
2ºs Anos	96	11	11,4%
3ºs Anos	93	7	7,5%
4ºs Anos	72	4	5,5%
TOTAL(soma de todas as turmas):	401	47	11,7%
2013			
Ano	Total de alunos matriculados	Alunos reprovados	Porcentagem de alunos reprovados
1ºs Anos	140	43	30,7%
2ºs Anos	122	31	25,4%
3ºs Anos	81	19	23,5%
4ºs Anos	74	13	17,6%
TOTAL(soma de todas as turmas):	417	106	25,4%
2014			
Ano	Total de alunos matriculados	Alunos reprovados	Porcentagem de alunos reprovados
1ºs Anos	185	47	25,4%
2ºs Anos	125	15	12%
3ºs Anos	108	11	10,2%
4ºs Anos	70	1	1,4%
TOTAL(soma de todas as turmas):	488	74	15,2%

2015			
Ano	Total de alunos matriculados	Alunos reprovados	Porcentagem de alunos reprovados
1ºs Anos	188	22	11,7%
2ºs Anos	130	12	9,2%
3ºs Anos	109	1	0,9%
4ºs Anos	89	2	2,2%
TOTAL(soma de todas as turmas):	516	37	7,2%
2016			
Ano	Total de alunos matriculados	Alunos reprovados	Porcentagem de alunos reprovados
1ºs Anos	166	41	24,7%
2ºs Anos	135	33	24,4%
3ºs Anos	106	13	12,7%
4ºs Anos	87	0	0,0%
TOTAL(soma de todas as turmas):	494	87	17,6%

Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico do *Campus Floriano*, 2017.

Analisar os dados expostos no Quadro 02 pode ser de grande valia na tentativa de caracterizar as circunstâncias nas quais os participantes, que fazem parte desses dados numéricos, estão inseridos. Cabe ressaltar que os índices de evasão e transferências não estão incluídos e que isso pode acabar por mascarar índices de reprovação ainda mais altos, uma vez que alunos que se veem reprovados em função do seu desempenho nas avaliações ao longo do ano letivo, ou em função de presença insuficiente nas aulas podem sair da escola antes mesmo que o ano letivo esteja concluído e, ao invés de reprovados, são nomeados como evadidos ou transferidos.

Merece destaque o fato de que os índices não parecem descrever uma curva nem ascendente, nem decrescente e sim variações indiscriminadas ao longo dos anos, sendo o índice mais elevado no ano de 2013 com 25,4% do total de alunos matriculados no Ensino Técnico Integrado ao Médio sendo reprovados ao final do ano letivo. No ano 2015 encontra-se a menor taxa dentre os anos averiguados, sendo esta de 7,2%.

Em 2016, o índice total de alunos que não apresentou os requisitos de aproveitamento e/ou frequência escolar ficou em torno de 17,6%, ou seja, acima do índice nacional que foi de 12%, segundo o Censo Escolar (INEP, 2017).

Outro indicador que requer atenção diz respeito aos anos iniciais do Ensino Médio, com maior destaque para o 1º Ano. Conforme citado em momento anterior neste trabalho, a literatura e os dados nacionais apontam as altas taxas de reprovação nesse nível de ensino e os dados

contidos no Quadro 02 demonstram que no universo pesquisado o panorama é semelhante. O maior índice encontra-se no ano de 2013, onde 30,7% dos alunos matriculados no 1º Ano do Ensino Médio não foram considerados aptos a serem promovidos para o ano letivo seguinte. Em 2016, o índice foi de 24,7% e, mais uma vez, superou o índice nacional, que foi de 17,3% (INEP, 2017).

É possível perceber um abismo entre a quantidade total de alunos matriculados nos anos iniciais (quatro primeiros anos), em todos os anos averiguados, o que leva a uma reflexão acerca dos ideais de êxito e permanência na escola, assim como os de eficiência e eficácia da instituição escolar e, ainda, da intensa seletividade²⁸ praticada nas escolas, que acontece de diversas formas, sendo a reprovação uma delas.

O que acontece com os alunos ao longo desse caminho para que se tenha índices tão altos? O que pensam os atores escolares sobre tais índices? O real papel da instituição escolar está sendo cumprido? O que pensam os próprios alunos sobre o fato de serem reprovados? Surgem, assim, uma série de questionamentos acerca do fenômeno da reprovação, o que dá margem, inclusive, para o surgimento de novas pesquisas na área.

Esta última pergunta, “o que pensam os alunos sobre o fato de serem reprovados”, norteia o objeto e os objetivos da pesquisa aqui relatados e, na tentativa de respondê-los, passou-se para o segundo momento da coleta de dados, quando foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, na perspectiva da entrevista reflexiva proposta por Heloísa Szymanski. Foram entrevistados 15 alunos que vivenciaram a reprovação durante o Ensino Médio, podendo estes terem alguma experiência de reprovação anterior ou não.

O Quadro 03 apresenta o perfil dos participantes entrevistados, que foi gerado a partir de questionamentos realizados no aquecimento das entrevistas, sendo importante destacar que, para assegurar a preservação de suas identidades, seus nomes foram substituídos por identificadores numéricos: 01, 02, 03 e assim por diante.

Quadro 03 – Perfil dos entrevistados

Nº	IDADE	SEXO	ANO/CURSO	REPROVAÇÕES ANTERIORES AO IFPI	REPROVAÇÕES NO IFPI	OBSERVAÇÕES

²⁸ Mandelert (2012) fala dessa mesma seletividade em busca da excelência escolar, mas em um ambiente bem diferente do que é aqui trabalhado. Ela pesquisa sobre a reprovação nas escolas que são consideradas e avaliadas como as melhores do país, ou como a autora intitula, as “escolas de prestígio”.

01	17 anos	Masculino	2º Ano do Curso Téc. de ²⁹ Eletromecânica Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 1º ano.	---
02	16 anos	Masculino	2º Ano do Curso Téc. de Meio Ambiente Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 2º ano	Está repetindo o 2º ano.
03	18 anos	Masculino	4º Ano do Curso Téc. de Edificações Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 2º ano.	---
04	18 anos	Masculino	3º Ano do Curso Téc. de Informática Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 2º ano.	---
05	17 anos	Feminino	3º Ano do Curso Téc. de Edificações Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 1º ano.	---
06	17 anos	Feminino	3º Ano do Curso Téc. de Edificações Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 1º ano.	---
07	17 anos	Feminino	1º Ano do Curso Téc. de Meio Ambiente Int. ao E. M.	Sim – reprovou a 7º série (8º ano)	Reprovou no 1º ano.	Está repetindo o 1º ano.
08	16 anos	Feminino	2º Ano do Curso Téc. de Meio Ambiente Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 2º ano.	Está repetindo o 2º ano
09	19 anos	Feminino	4º Ano do Curso Téc. de Eletromecânica Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 1º e o 2º ano.	---
10	19 anos	Feminino	4º Ano do Curso Téc. de Meio Ambiente Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 1º ano.	---
11	18 anos	Feminino	4º Ano do Curso Téc. de Eletromecânica Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 2º ano.	---
12	19 anos	Feminino	4º Ano do Curso Téc. de Eletromecânica Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 1º ano.	---
13	17 anos	Feminino	2º Ano do Curso Téc. de Edificações Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 1º e o 2º ano.	Está repetindo o 2º ano.
14	17 anos	Masculino	2º Ano do Curso Téc. de Edificações Int. ao E. M.	Não	Reprovou no 1º e o 2º ano.	Está repetindo o 2º ano.

²⁹ Algumas palavras foram abreviadas para melhor disposição do conteúdo no quadro. Cabe destacar que “Tec.” é a abreviatura de “Técnico” e “Int. ao E.M.” refere-se a “Integrado ao Ensino Médio”.

15	18 anos	Masculino	3º Ano do Curso Téc. de Informática Int.ao E. M.	Não	Reprovou no 3º ano	Está repetindo o 3º ano.
-----------	---------	-----------	--	-----	--------------------	--------------------------

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Conforme o exposto neste quadro, é possível perceber que participaram da pesquisa estudantes de ambos os sexos, com idades variando entre 16 e 19 anos, de todos os cursos do Ensino Técnico Integrado ao Médio ofertados no *Campus Floriano* do IFPI. A maioria desses alunos não conta com experiências de reprovações anteriores ao ingresso no IFPI e pouco mais da metade estava repetindo um ano letivo no momento da entrevista.

Ao se observar o item “Reprovações no IFPI”, descrito no Quadro 03, é possível salientar que a maioria das reprovações vivenciadas pelos participantes no Ensino Médio ocorreram nos anos iniciais³⁰ dessa modalidade de ensino, o que vai ao encontro do que as pesquisas sobre o tema têm mostrado.

Em busca de apreensão do conteúdo das falas dos participantes, foram realizadas sucessivas leituras das transcrições das entrevistas reflexivas com o objetivo de categorizá-las de acordo com o que se fizesse presente de forma mais evidenciada, identificando, assim, os principais aspectos a serem contemplados na análise dos dados e que expressam as tendências que permearam o conteúdo das entrevistas. Cabe ressaltar, ainda, que todo conteúdo, mesmo tendo aparecido na fala de um único entrevistado, mas que tenha sido considerado fundamental para a construção desse trabalho, foi utilizado em uma tentativa de que a análise faça valer a fala dos entrevistados.

Para efeito de organização e análise dos dados foram delineadas 4 (quatro) categorias que, nominalmente, se dispõem da seguinte maneira:

- **Categoria 1 - A internalização da culpa pela reprovação:** destaca o quanto ainda é presente, até mesmo por parte dos alunos, a ideia da unilateralidade da responsabilidade pela reprovação.
- **Categoria 2 - Impactos causados pela reprovação:** engloba os vários aspectos a partir dos quais os entrevistados sentiram que foram impactados por essa vivência.
 - **Subcategoria 2.1 - A Família reprovada:** referente à forma como a família também vivencia a reprovação.

³⁰ Lembrando que o Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio no IFPI *Campus Floriano* é oferecido em 4 (quatro) anos.

- **Subcategoria 2.2 - Sonhos postergados:** abrange o sentimento de “atraso” por conta da reprovação escolar, tanto em relação aos colegas, como em relação aos projetos de vida.
- **Subcategoria 2.3 - Sentimentos despertados:** elenca os sentimentos incitados em função da reprovação escolar.
- **Categoria 3 - A reprovação como fator de desenvolvimento da resiliência no ambiente escolar:** discute a visão de que a reprovação pode ter potencial para o desenvolvimento da resiliência.
- **Categoria 4 - A instituição escolar e os métodos avaliativos em questão:** referente à maneira como os entrevistados percebem a reprovação a partir do critério da avaliação.

As categorias foram organizadas de forma a contemplar o conteúdo das entrevistas e, dessa forma, as ideias acerca do que pensam os alunos sobre a reprovação escolar, assim como sobre que impactos essa vivência teve em suas vidas. Esses impactos estão distribuídos nas categorias, de maneira que elas se inter-relacionam e complementam. Essa inter-relação e complementariedade é perceptível a partir da constatação de que algumas ideias e conteúdos se repetem e são analisados em mais de uma categoria.

4.1 Categoria 1 - A internalização da culpa pela reprovação

Apenas com uma das falas do Entrevistado 1 pode-se perceber de quem se está falando quando esta categoria de análise foi assim denominada: “a internalização da culpa pela reprovação”. Além dos demais atores escolares (gestores, educadores, pais e família, e outros) reforçarem em seus discursos e posicionamentos³¹ a construção histórica de que a reprovação acontece por incapacidade (quer biológica, quer intelectual ou social) do aluno em aprender, ficou evidente, conforme indica a literatura, o quanto os próprios alunos internalizam que a “culpa” – termo muito utilizado ao longo das entrevistas – é sua, ou inteiramente sua, pelo fato de terem sido reprovados.

“No caso da reprovação, a minha foi mais por minha culpa, já que eu não estudei.”
(Entrevistado 01)

³¹ O que é facilmente constatado nas reuniões de professores, conselhos de classe, encontros em que se avaliam a eficiência e/ou eficácia da instituição escolar.

Paro (2001, p. 117) destacou que “a concepção de que o aluno é o culpado por seu não-aprendizado está muito mais disseminada na escola brasileira do que pode parecer à primeira vista” (p.117) e que sendo a responsabilidade por aprender unicamente do aluno, a responsabilidade por não aprender também assim o seria. A propósito, o entrevistado 02 ilustra muito bem essa ideia ao dizer que:

“[...] isso [a reprovação] aconteceu porque eu deixei, não era para acontecer”
(Entrevistado 02)

E se “não era para acontecer”, a reprovação aparece como um obstáculo, um contratempo que ele mesmo permitiu que atravessasse sua trajetória acadêmica e a tornasse acidentada e que, obviamente terá consequências com as quais apenas ele irá arcar. Na verdade, lidar com obstáculos na vida escolar também parece não ser uma novidade, pois o sistema educacional brasileiro, em especial o sistema público, foi edificado com base em obstáculos a serem superados para obter um esperado “sucesso”.

É o que Gualtieri e Lugli (2012) mencionam quando apontam que esses obstáculos, até determinada época, se traduziam em provas ao final de cada ano letivo, “exame de admissão” para a entrada no antigo ginásio e vestibular para a entrada no ensino superior. E acrescentam ainda que:

Com isso, os muitos que não aprendiam o exigido para ultrapassar todos esses obstáculos eram gradativa e sistematicamente eliminados do sistema e, em tal circunstância, a medida da qualidade da escola pública era obtida a partir dos bem-sucedidos e não daqueles a quem não conseguia ensinar. Nessa lógica, a incapacidade da escola em promover todos, ou boa parte das crianças e jovens, que nela ingressava, não ficava explícita graças às barreiras que os excluíam precocemente. Ou mais precisamente, essa incapacidade não era entendida como dela, mas sim dos estudantes. Nos anos 1930, momento de organização do sistema educacional brasileiro, as barreiras eram justificadas por referenciais liberais como respaldo de conhecimentos científicos da época, particularmente, da área médica, da biologia e da psicologia. Em outras palavras, o rigoroso processo seletivo no interior da organização escolar era admitido como natural porque havia a convicção de que o sucesso ou o insucesso dependia da capacidade do sujeito. Ao Estado, competia oferecer igualdade de oportunidades, proporcionando educação pública para todos, mas na medida da capacidade revelada de cada um (p. 17).

Nesse sentido, o atual cenário não sofreu grandes alterações sendo que os processos seletivos, quer velados ou não, ainda compõem o cerne da organização escolar brasileira e a “medida da capacidade revelada de cada um” continua claramente sendo levada em consideração. Dessa maneira, fica ainda mais comprehensível a forma como a ideia da culpa do aluno pelo insucesso escolar foi sendo construída, internalizada, não só pela geração que hoje

frequenta as escolas e que participou desse estudo, mas de gerações e gerações que carregam, e ainda carregarão, este fardo.

A gênese da reprovação assim como a internalização dessa responsabilidade³² por parte do aluno fica ainda mais evidente quando se observa os entrevistados buscando justificativas para o fato de terem sido reprovados que esbarram sempre em “falta de esforço” por parte deles, ou unicamente por terem “dificuldade” de aprendizagem em determinadas matérias, sendo que, em raros momentos, foi mencionada a possibilidade de haver alguma parcela de responsabilidade por parte da escola, ou do professor, das avaliações, ou da gestão, ou até mesmo do próprio sistema de ensino brasileiro.

“Que eu vacilei. Mas eu estudei, eu tentei mas não consegui.[...] Eu não sei. Porque nas matérias que eu tinha dificuldade eu devia ter focado mais, estudado mais. Acho que se eu tivesse feito eu teria passado. Eu me esforcei, mas não foi o suficiente.” (Entrevistado 08)

“[...]eu deveria ter me esforçado mais. [...] Porque até hoje eu sou triste porque eu não queria, acho que ninguém quer ser reprovado. Sei lá, é um peso na consciência, realmente eu deveria ter feito muita coisa, mais muita coisa mesmo para ter sido aprovada.” (Entrevistado 13)

“Eu não fico triste, eu fico alegre. Eu fico triste por mim, mas por eles [os colegas que passaram de ano] eu fico alegre. Acho que é isso. Acho que eles devem ter se esforçado mais e conseguiram o objetivo deles. Acho que é isso.” (Entrevistado 15)

A perspectiva do esforço como decisivo para a aprovação/sucesso ou não do estudante fica, assim, manifesta. Essa ideia, ranço do ideário liberal, exalta o esforço pessoal como fundamental para um bom desempenho, determinante para o sucesso na vida e, obviamente, também na escola. Assim, a herança genética expressa em aptidões e dotes intelectuais, que definiam a capacidade, combinadas ao esforço estabeleciam o mérito (GUALTIERI; LUGLI, 2012).

Essa visão, mais uma vez, põe o indivíduo como eixo central da não aprendizagem e consequentemente da reprovação escolar reforçando, assim, a visão culpabilizante do aluno. Ao se analisar bem, de acordo com a ideia do esforço como determinante do mérito, o aluno que não foi aprovado no ano letivo, necessariamente não estudou, ou pelo menos não o suficiente.

³² Em determinados momentos o termo “responsabilidade” é utilizado por se acreditar que apenas identificar culpados não traz ganhos no sentido da resolução do problema. Identificar as devidas responsabilidades de cada um dos envolvidos, quando se trata de um fenômeno multifacetado e construído parece aumentar as possibilidades de se pensar em soluções. Em outras palavras, “a culpabilização não altera as circunstâncias e os efeitos da produção do insucesso. A responsabilização, por outro lado, pode sinalizar os caminhos que levam às modificações e à ultrapassagem das dificuldades” (ANGELO; DIAS, 2009, p. 218).

Assim, tornando-se verdade que para aprender só é preciso estudar e que essa responsabilidade é só do aluno, entende-se, também, que quando não se aprende – e se reprova – o único culpado é quem não estudou. Fica evidente, dessa maneira, que reprovar é colocar a culpa no aluno pela reprovação e que esta não é apenas uma constatação de que o aluno não aprendeu, é também uma acusação de que o aluno não estudou (PARO, 2001).

O que preocupa, na verdade, é o olhar simplista para um fenômeno complexo. Se quem reprovou estudou ou não estudou, não cabe aqui avaliar e/ou julgar. O que está sendo posto em discussão é a visão de que, quem reprovou, obviamente não estudou, como se esse fosse o único fator – no caso, o esforço – a determinar o sucesso ou não, sendo que o ser humano precisa ser sempre considerado em suas diversas facetas (bio-psico-social-espiritual). Alguém que estuda bastante pode sentir-se extremamente cobrado por altos desempenhos e desequilibrar-se emocionalmente em momentos de avaliações a ponto de não conseguir resolvê-las, por exemplo. O que significa baixo desempenho em avaliações, mas não falta de esforço pessoal.

Esses pensamentos e ideias são internalizados de tal forma que são repetidos constante e naturalmente quando alguém se posiciona sobre determinadas questões, como faz o Entrevistado 02, ao mencionar que dificuldade de aprendizagem nenhuma é tão grande que “o empenho não resolva”.

“[...] eu sei que tem alunos que realmente tem dificuldades em algumas matérias, é..., então pode vir a acontecer [a reprovação], mas nada que o empenho dele não resolva isso [...]” (Entrevistado 02)

Cabe acrescentar, ainda, o quanto essa perspectiva é confortável para a instituição escolar uma vez que se as dificuldades que o aluno enfrenta no seu processo de aprendizagem dizem respeito apenas à sua capacidade de aprender ser alta ou não aliadas ao seu próprio esforço, estas são, pois, condições nas quais a escola pouco poderia intervir.

Sem contar que, ao se assumir a ideia de que o aluno é o único responsável pelo seu aprendizado através de sua capacidade e esforço, se está presumindo que todas as escolas desenvolvem suas ações pedagógicas com excelência inquestionável, sendo assim o problema jamais estaria na instituição de ensino. Sabe-se que a realidade educacional brasileira não é bem essa e, mais uma vez levando em consideração a internalização de que a responsabilidade por aprender é unicamente do aluno, surge, então, o questionamento: qual a função da escola?

O ápice de responsabilidade em alguma outra instância que não no próprio aluno que foi possível perceber na fala dos entrevistados resume-se à máxima de que os alunos chegam ao Ensino Médio “sem uma boa base” de conhecimentos que deveria ter sido adquirida no

Ensino Fundamental. Mas logo adiante, o próprio entrevistado que menciona esse fato deixa a entender que ele (mais uma vez somente ele) deveria ter se esforçado mais para superar as suas dificuldades de aprendizagem advindas de uma trajetória escolar que parece não ter sido satisfatória, pois apesar do empenho despendido ele “não conseguiu superar” as barreiras encontradas.

“Foi uma experiência que não foi boa de jeito nenhum [a reprovação], mas é aquela história que o povo fala...quando a gente não tem uma base boa de Ensino Fundamental, que eu não tive muito... aí quando você chega aqui e se depara com outra realidade que é totalmente diferente, aí foi aquele esforço, foi aquela coisa toda, mas não consegui superar.” (Entrevistado 10)

O intrigante é que se está falando de alunos do Ensino Médio, idade na qual se esperaria que os alunos possuíssem maior potencial crítico de análise da sua própria realidade em função de sua maturidade cognitiva e de suas vivências; o que, inclusive, deveria ter sido instigado pela própria formação escolar. Mas não; a culpa foi internalizada de tal forma que, como crianças, os alunos assumem inteiramente uma responsabilidade na pesada “forma de culpa”, que, claramente, não é sua. “Chega a ser espantosa a convicção com que as pessoas assumem sua culpa, sem imaginar sequer a eventualidade de ser a escola ou o professor os responsáveis por seu mau desempenho” (PARO, 2001, p.119).

O Entrevistado 08, por exemplo, ao explanar acerca do que pensa sobre a reprovação encontra duas justificativas:

“Tem uns que são desinteressados e outros não conseguem mesmo por falta de conhecimento.” (Entrevistado 08)

O Entrevistado 04 afirma ter convicção de que a reprovação aconteceu, tão somente como consequência de ter passado o ano “brincando”, como fica claro nesse trecho:

“Apenas disso, certeza. Só brincadeira...que eu não consegui me concentrar, entendeu? A gente brinca demais na aula, acaba perdendo.”(Entrevistado 04)

E segue afirmando que sentimentos foram despertados por conta da reprovação, a partir da ótica que ele mesmo era o único culpado por ter “brincado” durante o ano, o que culminou em sua reprovação.

“Raiva de mim mesmo. Porque eu sabia que eu tinha brincado. Quando veio o resultado, só raiva...raiva e tristeza.” (Entrevistado 04)

Esses sentimentos serão melhores explorados em uma subcategoria mais adiante, mas um pequeno recorte merece destaque nesse momento pois esses sentimentos negativos citados pelo Entrevistado 4 em relação a ele mesmo, que surgiram a partir da reprovação, também assim manifestam-se em função da internalização da culpa pela reprovação. Ora, se quem repara é porque não aprendeu; quem não aprendeu é porque não estudou e eu, além de tudo ainda penso que “brinquei³³” em excesso durante o ano letivo e após tudo isso tive como resultado uma reprovação, só posso entender, realmente, que a responsabilidade desse resultado negativo é absolutamente minha.

Outra perspectiva, não tão diferente das citadas, mas com uma nomenclatura e sentido um pouco distintos é a de que o insucesso acontece por desleixo.

“Eu acho que foi falha minha, eu descansei justamente em Química, que eu tinha algumas notas não tão baixas, eu tinha 6, só questão de décimos mesmo. E eu acabei reprovando. Foi descanso.” (Entrevistado 11)

Paro (2001) enuncia que o aluno se apropria do discurso de seus pais e mestres de que, se uns conseguem aprender e ele não, é por desleixo seu ou até mesmo por falta de inteligência, porque o aluno não conseguiu desenvolver um bom senso crítico até mesmo por deficiência da escola, e está habituado a estar sempre em posições inferiores na escala social (por sua origem humilde, por exemplo).

Nessa perspectiva, por mais que o aluno perceba a reprovação como um fato negativo, ele vai concebê-la como inevitável em casos onde a *obrigação escolar* não foi cumprida. Seria a reprovação, então, um castigo por não ter se esforçado? Por não ter estudado, ou aprendido, ou por ter sido desleixado? Se o aluno acredita ser culpado por não ter aprendido, acredita que merece, então, ser punido.

“[...] tem certas pessoas que não fazem por onde, é, progredir na vida acadêmica, mas que se a pessoa é dedicada, não falta com seus compromissos, não deveria acontecer, mas claro que pra aquelas que não cumprem com suas obrigações é um mal inevitável.” (Entrevistado 02)

A auto-responsabilização e o sentimento de culpa que a acompanha, por si só, são grandes impactos negativos na vida desses alunos. Em poucos casos pode-se até pensar em algum impacto positivo como por exemplo, uma tomada de consciência objetiva da falta de

³³ Termo muito utilizado no ambiente escolar como sinônimo de indisciplina.

empenho (sem culpabilização) e alguma tomada de decisão de se corrigir em relação a isso. Mas, na maior parte dos casos os impactos são negativos. Alguns deles foram apontados nas entrevistas e são apresentados a seguir.

4.2 Categoria 2 - Impactos causados pela reprovação

Os entrevistados foram questionados acerca dos impactos que eles acreditavam que a reprovação havia trazido tanto para sua vida escolar quanto para a sua vida no geral (aspectos familiares, sociais, etc.). Apesar de terem identificado vários aspectos nos quais acreditam que a reprovação impactou, alguns parecem tratar sobre o tema com certa naturalidade (aspecto legitimado pela literatura, conforme citado anteriormente nesse trabalho) uma vez que não conseguiram se aprofundar em suas falas no quesito “impactos”.

Para fins de organização e análise, essa categoria foi dividida em subcategorias denominadas: A Família reprovada, Sonhos postergados e Sentimentos despertados.

4.2.1 Subcategoria 2.1 - A família reprovada

“É... principalmente a questão da família. Tem tio que fica perguntando, vó... e, você dar essa notícia não é nada agradável. Tá certo que tem aqueles parentes que vem te apoiar e tudo, mas principalmente pai e mãe, eles não esperam isso de você. E quando vem é uma decepção muito grande para eles, eles esperam o seu melhor e principalmente pessoas que tem problema dentro de casa, que não podem deixar isso acontecer e quando acontece só vem piorar tudo. Você pensa que o mundo vai acabar e fica sem saber o que fazer. É complicado também dar esse tipo de notícia para quem você é apegado dentro da família, “oh tio, eu reprovei”, pessoas que não esperam isso de você. Então, além da vida acadêmica, te deixa lá embaixo com relação a seus parentes, até mesmo com os amigos que não são daqui da instituição, falar isso para eles.” (Entrevistado 02)

Um dos impactos da reprovação que foi mais evidenciado por parte dos entrevistados refere-se à família. O Entrevistado 02 considera, inclusive, que este foi o principal. Geralmente, a família costuma aparecer na literatura sob a ótica do quanto suas disfunções podem ser um fator de vulnerabilidade que contribui para a ocorrência do insucesso escolar e, ainda, sobre a importância da saudável parceria entre família e escola que contribui para o sucesso escolar (PARO, 2001; POLÔNIA E DESSEN, 2005). Neste trabalho, a família está sendo analisada sob o prisma de que a relação familiar também é impactada pela reprovação escolar de um de seus membros.

Nesse contexto, cabe destacar o papel da afetividade que permeia essa vivência, pois o Entrevistado 02 relata ser “*complicado também dar esse tipo de notícia para quem você é apegado dentro da família*” referindo-se ao sentimento de decepção que é despertado nos familiares e, ainda, que a reprovação “*te deixa lá embaixo com relação a seus parentes*”, referindo-se ao sentimento de menos valia gerado pela vivência da reprovação; é como se o aluno fosse reprovado também pela família por conta do insucesso na escola.

“Triste. Não recomendo a ninguém. Você perde, você sofre com os familiares, você se sente deslocado no meio dos irmãos, por eles não terem nenhuma reprovação ainda... aí seu pai implica com você, sua família em si. Eu me sinto deslocado em relação a eles, com essa perda, por que eu acho que fui o primeiro da família a perder o ano.” (Entrevistado 03)

É possível inferir que esse impacto e a maneira como os alunos e suas famílias vivenciam esse processo variam de acordo com determinados aspectos, como a cultura educacional da família – se a família ampliada costuma valorizar o estudo, por exemplo –, a posição que o aluno assumia dentro da organização familiar e as expectativas que isso gerava em seus membros – o “estudioso”, o “desleixado”, o “que não decepciona”, etc –, o histórico escolar do aluno, da escola e, obviamente, a própria história de vida (de vitórias e/ou fracassos) que essa família carrega consigo.

No trecho da fala do Entrevistado 02 exposto no início dessa subcategoria, fica visível, ainda, o quanto difícil pode ser lidar com a frustração gerada nos membros da família por conta de uma reprovação escolar e, é possível perceber que os impactos não se resumem à família nuclear, mas também à família ampliada (cita os tios, por exemplo).

Nessa mesma perspectiva da decepção gerada pela reprovação, coloca-se o Entrevistado 08, em uma fala carregada de sentimentos em virtude da reação da mãe ao fato da filha ter sido reprovada na escola:

“Esperava [se referindo ao fato da mãe esperar um outro resultado], porque mãe diz que estou aqui só para estudar e ainda perder o ano?! Então isso é muito ruim. Porque ela está lá em outra cidade tentando me manter aqui pra eu estudar e eu chegar lá e falar que perdi um ano? [...] Eu tentei abraçar ela e falar que eu perdi o ano e ela não deixou. Porque ela ficou muito triste, ficou muito magoada comigo porque ela esperou outra coisa de mim. Ela sempre me acompanhava, “G., tu está estudando?”, aí no final do ano eu ter que repetir...” (Entrevistado 08)

A reação da mãe indica que a reprovação é vivida não só pelo aluno, mas pela própria família, pois ela também sofre, também se culpa, também vivencia um certo processo de luto e também pode se sentir reprovada. Os pais têm papel importante no enfrentamento da situação

e precisam lidar com a frustração e a decepção de que o projeto não ocorreu como esperavam ao invés de alimentarem determinados rótulos (o de derrota, por exemplo) e enfatizarem o fracasso. Os pais devem sair da possível posição de também reprovados para, assim, conseguirem ajudar seus filhos a superarem a intempérie.

A frustração e a sensação de derrota ficam presentes para ambos – familiares e aluno -, mas, obviamente, cada familiar tende a reagir de maneira diferente, uns oferecendo apoio de imediato, outros sofrendo de início, mas logo em seguida tentando apoiar. Outros sentem maiores dificuldades de assim se posicionarem e assumem posturas um pouco mais rígidas que são também sentidas pelos alunos reprovados.

As relações familiares operam sobre a maneira como o aluno enfrenta a reprovação e como lida com seu insucesso. O papel da afetividade familiar, mais uma vez, fica evidente quando o entrevistado 10 percebe que a mãe não apenas a condenou por ter reprovado, mas também ofereceu perspectivas enquanto cobrava firmemente a responsabilidade da filha e esse momento foi, para ela, o mais tocante.

“Foi ruim...ave maria, eu quase não tive nem coragem de dizer para a mamãe que eu tinha sido reprovada. Aí ela ficou assim... aí disse: “Ow, J. Tu sabe o tanto que tua mãe sofre, trabalha para te dar as coisas. Mas é assim mesmo, vamos! No próximo ano vamos ver, vamos botar para estudar mesmo”. É o que ela cobra sempre lá em casa. Foi a parte que, assim, que me doeu mais. Foi pela minha parte de não ter cumprido com as coisas da escola, assim, não ter passado de ano. E da minha mãe falar para mim isso. Foi o que me tocou.” (Entrevistado 10)

Outros destacaram a importância do apoio da família para enfrentarem a vivência da reprovação tendo esse apoio sido, inclusive, determinante para a continuidade do aluno na instituição escolar e porque não dizer da prevenção de uma das consequências mais severas da reprovação: a evasão ou, quando não, o abandono dos estudos regulares.

“Aí graças a Deus eu tive minha mãe que me deu apoio e se não fosse ela eu não estaria aqui mais no Instituto, eu teria saído. E foi isso mesmo, muita tristeza. Na família a gente não é tratado da mesma forma, não é tratado como a gente deveria, entendeu?” (Entrevistado 04)

“Só que minha mãe, ela sempre frequentava as reuniões daqui da escola, frequentava a pedagogia, conversava com os professores e ela sempre me deu apoio. Aí ela veio e falou que por mais que nunca tivesse acontecido, não era bom, não era cem por cento bom, mas que eu poderia tentar de novo, que eu poderia vencer aquilo, que eu era melhor que aquilo[...]” (Entrevistado 05)

O entrevistado 07 relata uma experiência diferente, uma vez que esperou receber esse apoio no seio familiar no momento em que chegou em casa abalada emocionalmente pela notícia da reprovação e não foi o que encontrou.

“Não vou [a mãe] mais te apoiar. Agora é por conta sua”. E também pelo fato que vou ficar de maior e aí ela diz assim: “Nossa, você vai ficar de maior no 1º ano, não vou mais te apoiar. Você agora é responsável pela sua vida, suas responsabilidades”. Mas tudo que eu esperava era ouvir ela dizer: “vamos seguir em frente! Eu estou aqui.” Esperava que ela fosse me ajudar, entende? Que eu cheguei acabada em casa, não acreditava.” (Entrevistado 07)

Na sequência de trechos de fala a seguir, o Entrevistado 13 deixa claro o quanto a sua reprovação escolar despertou no pai sentimentos negativos em relação a ela e o quanto ela, assumindo sua “culpa” – como discutido na categoria anterior – acredita que o pai tem total razão de assim sentir.

“[...], eu já me culpo bastante por ter perdido o ano, porque é a segunda vez. Aí todo dia ele [o pai] chega para mim e fala que eu perdi ano, que eu fui “não sei o que”, que eu fui uma vergonha e tal, não tem? Aí eu também não aguento.” (Entrevistado 13)

“Mas assim, eu também não julgo eles porque eu tenho certeza que, pelo menos um dia, se eu for mãe, eu não vou gostar de jeito nenhum disso. Mas eu não julgo por eles fazerem isso, então... Só mesmo eu que me julgo porque realmente para mim é um erro. Se papai até hoje é zangado comigo eu dou totalmente a razão dele, muita razão mesmo.” (Entrevistado 13)

“Agora, para mim, está sendo mais difícil do que no primeiro ano. Porque, tipo assim, lá em casa, papai, com certeza, não gostou. Na primeira vez ele até que ficou “ah, a primeira vez...”, que eu nunca tinha repetido, foi a primeira vez mesmo que eu nunca tive notas ruins na minha antiga escola. Aí quando eu repeti ele só brigou comigo e tal, disse que era para mim prestar mais atenção. Só que nesse ano, até hoje, ele está muito zangado, muito mesmo, acho que isso pesou mais para mim, muito mesmo.” (Entrevistado 13)

Crahay (2006), cita uma pesquisa realizada no Canadá com crianças do ensino básico sobre os efeitos da retenção a longo e médio prazo. Um dos destaques enquanto impactos negativos da reprovação fica a cargo dos sentimentos de baixa autoestima provenientes da experiência. As crianças veem a reprovação como castigo e falhanço durante muito tempo e, foi identificada por parte dos pais certa tendência em ressaltar estes sentimentos.

Essa pesquisa foi realizada com crianças e não se pode aqui afirmar de maneira conclusiva que o mesmo acontece com os adolescentes e seus pais, mas as falas dos

participantes (destaque para os trechos apontados anteriormente do Entrevistado 13) sugerem esse mesmo tipo de atitude advinda de alguns pais.

A reprovação escolar de um filho tem o potencial de incitar nos pais sentimentos de fracasso e vergonha diante dos demais familiares, amigos e até mesmo da equipe de apoio da escola. Os pais têm que lidar com o julgamento social e precisam compreender que os fatores que levam a uma reprovação são múltiplos e se inter-relacionam para assim, conseguirem ser suporte emocional para os filhos.

As relações existentes no seio familiar são também estremecidas pela reprovação a partir da visão de que aquela impactou na confiança existente, “*na fé que as pessoas tinham em mim*” (Entrevistado 07).

“Acho que em casa, meio que teve um impacto de confiança dos meus pais porque as vezes ele perguntava “Ah, tu estudou?” e eu dizia “estudei” e “vai passar?”, “vou.”. E aí no final não deu certo. Aí eu acho que teve isso, de perder confiança. Acho que foi o maior impacto que teve.” (Entrevistado 15)

“Teve, porque, tipo assim, eu nunca quis reprovar. Eu sempre fui, da minha família toda, a pessoa que parava para estudar, a pessoa que procura estudar sou eu. Os meus primos não dão muita importância para estudo não... Então quando eu perdi, uma das pessoas que eu tinha assim, como exemplo, é o meu tio, que terminou aqui. Ele dizia: “Nossa, lá é muito difícil. Ela está querendo entrar lá, mas lá é muito difícil”. Então eu queria mostrar para ele. Quando reprovei, tipo assim, ele disse: “Eu avisei...eu acho bom ela sair!”, mas eu continuei. E a minha mãe também. A minha mãe, no começo, ela dizia para mim que o sonho dela era que um filho dela estudassem aqui. Então aí eu fiz o teste e passei...e eu me lembro que eu não aproveitei minhas férias para estar estudando...e eu estudei em casa. Fechei tudo que tinha para fechar e estudei. E quando houve a reprovação, tipo assim, ela parou de acreditar que eu podia passar. Então ficou aquela cobrança constante e então foi abalando a nossa amizade. Quando ela começa a brigar eu não sinto nem vontade de ficar lá em casa, então, sei lá, não sei, acho que abalou a fé que as pessoas tinham em mim.” (Entrevistado 07)

O impacto da reprovação na família traz à tona a importância da heteroestima e, consequentemente, da autoestima e da autoimagem e o quanto essa vivência do “ser reprovado” pode afetar estes aspectos.

Mendes e outros autores (2012) esclarecem que, a partir da compreensão da autoimagem e da autoestima como, respectivamente, a percepção e a valoração que o sujeito faz de si e, ambas estando diretamente relacionadas à maneira como as outras pessoas o veem e avaliam (heteroestima) influenciam, juntamente com todas as relações sociais, na construção do autoconceito.

Os mesmos autores (p. 7) citam Goñi e Fernández (2009) quando colocam “que a heteroestima (estima/apreciação dos demais para com a pessoa) serve como base para a autoestima, primeiramente vinda do ponto de vista dos pais e cuidadores mais próximos, depois dos outros familiares, dos seus professores e do seu círculo de amizades.”

Ou seja, a família, importante constructo na formação da autoimagem, autoconceito e autoestima tem papel fundamental no enfrentamento da reprovação escolar, sendo que a maneira como a família irá reagir e conduzir a situação influenciarão diretamente no enfrentamento do aluno.

A escola também tem papel fundamental, sendo esta local de relações sociais intensas, e pode auxiliar as famílias e os alunos a partir do momento que se assume como também responsável por todo esse processo. O entrevistado 07 menciona uma reunião que a escola realizou com os pais e que, segundo ela, foi decisiva para o enfrentamento da reprovação escolar pois provocou mudanças na maneira como a família estava conduzindo a situação. Essa reunião, realizada pelo Setor Pedagógico em parceria com o Serviço de Psicologia do *campus* Floriano acontece anualmente com os pais³⁴ dos alunos que foram reprovados e tem por objetivo fortalecer os vínculos por vezes estremecidos por conta da reprovação além de buscar propiciar que as cobranças em excesso, após o resultado negativo, sejam ao menos minoradas e permitam espaço para o apoio e a ajuda mútua.

“[...] Então o que eu penso é que não é bom, porque penso que é um ano da minha vida atrasado e também que a situação em casa não fica legal...tudo que gente faz a mãe cobra e tal...só veio melhorar a situação lá em casa depois da reunião que teve com os pais. Porque antes não estava fácil não, todo dia era reclamação.”
(Entrevistado 07)

Um destaque, então, para a responsabilidade da escola sobre a reprovação, inclusive no papel de mediadora dos impactos causados por ela nos alunos e, também, no suporte às famílias para que saibam lidar com essa “perda” que é sentida por todos os membros. As famílias, por vezes, generalizam a reprovação e o “aluno reprovado” se torna, também, “o filho reprovado”, ou ampliando ainda mais, a família também se sente por vezes, reprovada.

Isso impede ou dificulta um papel importante da família (e também da escola) que devem ser instituições que impulsionam processos evolutivos nos seus membros, principalmente nos mais jovens e não inibidores deles.

³⁴ Essa reunião que foi citada pela aluna, em específico, aconteceu também na presença dos alunos reprovados.

No dizer de Polonia e Dessen (2005, p. 304), “A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social.”

4.2.2 Subcategoria 2.2 - Sonhos postergados

Sonhos, ou planos, são criados, também, em função de expectativas socioculturais internalizadas e que têm grande peso afetivo, uma vez que correspondem a objetivos de vida. Essa outra subcategoria, sonhos postergados, surgiu em função da alta frequência de menções feitas pelos entrevistados de que se sentem em “atraso” por conta da reprovação escolar, tanto em relação a seus colegas, como em relação aos projetos de vida que haviam traçado anteriormente.

“Bom, eu acho que na minha vida escolar atrasou mais 1 ano, não é? Tipo assim, eu tinha planos. A gente tem aquela listinha...”Ah. Eu vou terminar com tal idade...”. Com tal idade faço a prova do ENEM, entro para a faculdade, então eu fiquei triste porque eu queria mesmo já tá terminando, entendeu? Eu queria já ter quitado aquela agonia para fazer a prova do ENEM. Então o que me impactou foi isso, foi eu não poder estar um passo à frente nos meus sonhos e isso tudo mexeu comigo. Porque o que quero fazer tem bastante tempo, porque é Direito. Tipo assim, eu fico vendo... está um pouquinho mais longe...e tenho que passar de novo pelo 1º para chegar até lá... Então acho que o que impacta mais é isso, é você sentir que você não deu um passo a frente; fica ali parado e o tempo está passando e se você não correr, pode ficar para trás. Acho que foi isso.” (Entrevistado 07)

O atraso é mais uma marca fortemente associada ao insucesso escolar e uma grande preocupação, inclusive dos pais, quando se pensa na possibilidade de uma reprovação atropelar o curso da vida escolar do aluno. Isso é facilmente constatável no dia – a – dia da escola, em reuniões de atendimento aos pais para conversar sobre o desempenho acadêmico do filho, no discurso dos professores e, como as entrevistas deixam claro, dos alunos também.

“O ruim disso é porque atrasa bastante não é? Estou com 19 anos e estou no quarto ano ainda...e eu quero terminar o curso [se referindo ao curso técnico], mesmo não querendo seguir na área. Mas já fiquei tanto tempo aqui...” (Entrevistado 12)

“Só o atraso mesmo. [...]A ter que fazer mais um ano, aí a idade vai passando, o tempo vai passando.” (Entrevistado 06)

Jacomini (2010), em pesquisa realizada sobre a organização escolar em ciclos e a progressão continuada na Rede Municipal de Ensino de São Paulo entrevistou tanto alunos quanto pais buscando conhecer a opinião destes sobre essa política educacional. Um dos itens

analisados foram as consequências da reprovação escolar nos depoimentos dos entrevistados e como aspectos negativos foram destacados a distorção série/idade, a evasão escolar, e a dificuldade de integração do aluno ao novo grupo.

A distorção série/idade³⁵ é consequência própria da organização de ensino seriada e, em outros termos, refere-se ao atraso mencionado pelos entrevistados. Esse atraso diz respeito a muitos aspectos citados nas entrevistas, como por exemplo sentir-se em desvantagem em relação aos colegas que passaram de ano, ou o atraso sofrido por conta da perda da convivência com colegas, com os quais o aluno havia estabelecido vínculos, ou, ainda, pela necessidade de agora postergar muitos planos, sonhos, o que não parece ser muito confortável ao se analisar o contexto de sociedade imediatista no qual o jovem atualmente está inserido.

“Porque se eu tivesse passado, já estaria no 3º ano, já podia ter feito o ENEM, ter entrado na Universidade. E agora não. Vou ter que repetir mais um ano para poder ir para o 3º.” (Entrevistado 08)

“Mas assim, em relação a que era para eu estar no quarto ano, pensar que era para estar fazendo ENEM esse ano, estudando para o ENEM, para já ir para a universidade. É chato.” (Entrevistado 14)

Essa relação do homem moderno com o tempo tem origem em vários acontecimentos e fenômenos sociais que marcaram a história, mas cabe ressaltar um importante movimento sociopolítico que tem grande influência nessa relação: a Revolução Industrial. Com ela e com a proliferação dos relógios mecânicos o tempo passa a ser um modo de medir a produção, tempo de produtividade, que passa a ser pautado pelo dinheiro (GURSKI; PEREIRA, 2016). A escola não ficaria ilesa a essas influências e o Entrevistado 02 exemplifica bem este fato quando esclarece suas preocupações ao sentir-se atrasado pela reprovação escolar vivenciada:

“É... primeiramente quando você vê de fato que perdeu o ano, vem o mundo desabar na sua cabeça. Vem o pensamento da família, você mesmo, porque você recebe muita, joga muita coisa na tua cabeça que um ano perdido não é só o tempo, 360 dias perdidos, é muita coisa lá na frente, é um ano de salário que você vai deixar de receber, é um atraso total na tua vida.” (Entrevistado 02)

Ademais, essa preocupação intensa com o atraso traz à tona a questão da temporalidade do aluno do ensino médio, no caso adolescentes, e também a temporalidade assumida pela instituição escolar seriada, que se exprime na organização do calendário escolar, nas festas

³⁵ No IFPI, a distorção série/idade costuma acontecer mais por alguns alunos entrarem na escola com a idade não esperada para determinado ano uma vez que a Organização Didática não permite as múltiplas reprovações. Conforme apresentado em item anterior desta pesquisa, no Art. 43 da Organização Didática fica claro que “O aluno da educação profissional técnica de nível médio terá sua matrícula cancelada se for reprovado por duas vezes consecutivas em uma mesma série/módulo”.

escolares, nas datas e idades para matrícula, as datas das férias e da conclusão do ano letivo, etc.

Almeida (2015) destaca que o adolescente experimenta uma lógica temporal baseada na atemporalidade por si, uma vez que passado, presente e futuro são atuais e ativos. Cita Arias (1998) ao mencionar que “a concepção da temporalidade” e o “limite temporal” do adolescente, da escola e dos pais estão situados em um contexto social determinado no tempo, pois “a adolescência como etapa, processo ou passagem define-se também em função de uma variável temporal que a perpassa, porque toda adolescência implica um encontro do estado mental do adolescente com a própria temporalidade” (p. 144).

“Porque se eu não tivesse[reprovado], eu já estaria na faculdade.” (Entrevistado 09)

Zago (2003) atesta que para muitos estudantes, a escolaridade não segue um curso esperado (entrada, permanência e finalização de um ciclo escolar), mas se define no tempo do “possível”. E claro, aqui não se está referindo às incertezas que fazem parte da existência humana e dos imprevistos que podem atravessar o percurso de qualquer um, mas sim das infindáveis variáveis que influenciam no andamento da vida escolar de um aluno (a forma como as aulas e as avaliações são realizadas, a organização escolar, questões sociais, vivências pessoais e familiares, por exemplo) e que não necessariamente deveriam ser assim determinantes.

Um outro aspecto que faz parte do imaginário social referente à reprovação refere-se ao fato da reprovação ter por “objetivo” que o aluno aprenda mais, ou seja, que a reprovação é uma medida usada pelas escolas para garantir uma melhor aprendizagem, sendo esta uma justificativa bastante utilizada pelos que defendem a reprovação como “recurso pedagógico”.

O Entrevistado 03 lança mão dessa ideia ao mencionar que “o conhecimento adquirido no ano que eu tecnicamente passei por ele, só foi reaproveitado, foi melhor esclarecido”, justificando que o ano em que foi reprovado não foi “perdido” em termos de conhecimento, mas sim por ter perdido o convívio com determinados colegas. Ou seja, mesmo se baseando na ideia de que pode ter aprendido mais por ter repetido o ano letivo, isto não foi suficiente para sufocar o sentimento de atraso em relação aos demais.

“Assim, tecnicamente eu acho que é um ano perdido. [...]Tipo, não na questão de conhecimento, porque o conhecimento adquirido no ano que eu tecnicamente passei por ele, só foi reaproveitado, foi melhor esclarecido. Mas em relação as demais pessoas que eu convivia antes de vir para cá, acho que foi uma perda. Eu me sinto como se estivesse atrasado.” (Entrevistado 03)

O Entrevistado 10 também faz menção ao atraso em relação aos colegas e isso parece fazer muito sentido principalmente quando se destaca que os entrevistados são alunos do Ensino Médio, ou seja, adolescentes vivendo o auge da sua necessidade de identificação com os pares e onde os grupos são fundamentais para que vivenciem o sentimento de pertença. Os sonhos e planos deles devem ter sido construídos incluindo os colegas de turma que serão, agora, distanciados por conta da reprovação. Pensando sob essa ótica, fica um pouco mais compreensível o sentimento de atraso em relação aos demais que seguem o curso esperado dos anos letivos.

“O ruim é porque você se atrasa, né? Assim, eu tinha muitos colegas, pessoas boas do meu lado...passaram mais na frente. Outras já foram embora e tudo.” (Entrevistado 10)

É tanto que, mesmo em situações em que a reprovação não é vista como uma experiência necessariamente ruim, a perspectiva do atraso faz-se presente.

“Teve [impactos] porque as vezes, por causa do meio, quando todo mundo fala que nunca perdeu, que nunca foi reprovado. Eu também nunca tinha reprovado antes. Minhas colegas dizem isso e eu fico com aquela ...” ah.... me atrasei em relação a eles”. Não foi ruim, mas estou atrasada.” (Entrevistado 05)

Nesse contexto de sentir-se em atraso, em desvantagem em relação aos seus pares há uma gama de sentimentos sendo vivenciados e que merecem profunda consideração.

4.2.3 Subcategoria 2.3 - Sentimentos despertados

Crahay (2006, p. 239) acredita que a questão dos impactos afetivos advindos da vivência da reprovação escolar “se trata de um componente psicológico mais dificilmente apreensível pelos testes do que as aquisições cognitivas” e esse é um dos motivos pelos quais a pesquisa qualitativa e as entrevistas podem ser fontes ricas para se observar esses aspectos.

“Tristeza. [...] decepção de mim mesmo. [...]Assim... é frustrante.” (Entrevistado 03)

Através do conteúdo das entrevistas, assim como no momento da realização destas, foi possível identificar que muitos sentimentos foram despertados nos entrevistados a partir da

vivência da reprovação, o que nos remete à reflexão do quanto esse fenômeno tem em si de subjetividade e do quanto o “ser reprovado” desperta emoções das mais diversas. Sentimentos de tristeza, de desânimo, de desespero, de constrangimento, de vergonha, de decepção, de frustração e de mágoa foram relatados pelos entrevistados.

“Eu chorei muito, uma semana. Muito triste. Foi chato, eu não gosto assim de lembrar muito não.” (Entrevistado 06)

“Foi horrível. Porque eu nunca tinha sido[reprovado] antes. Nunca, aí foi uma sensação horrível, horrível, horrível. Principalmente em casa.” (Entrevistado 09)

“Assim, no começo, logo que reprovei, eu fiquei meio triste porque nunca tinha acontecido comigo, cheguei a chorar.” (Entrevistado 05)

Um sentimento bastante evidenciado pelos participantes foi o de vergonha, constrangimento perante os demais colegas e até mesmo familiares. É um sentimento que merece bastante atenção uma vez que remete ao sentir-se “diminuído”, à auto e hétero estima e, ainda, porque “o sentimento de vergonha causado pela reprovação tende a levar os alunos, especialmente os mais velhos, a abandonar os estudos ou a mudar de escola.” (JACOMINI, 2010, p. 176)

Essas afirmações ficam claras nos trechos a seguir:

“Eu me sinto muito triste porque não é bom. Ter um amigo e ficar tirando sarro da cara da gente, “não, ela é repetente”. Não posso falar nada, que “tu é repetente”. Isso é muito ruim.” (Entrevistado 08)

“[...] nos primeiros dias bate até vergonha do que eles [os novos colegas] estão pensando sobre mim, um aluno reprovado tá aí..., e aí é complicado, mais pressão pra sua cabeça.” (Entrevistado 02)

“ser menosprezado. Tipo, toda vez que eu vejo meus colegas dos colégios passados, que eu vejo eles já a frente de mim.... questão também do IFPI por conta da greve, do atraso, tipo, eu tenho vergonha de falar com eles assim, porque eles pensam que eu estaria já... não que eu estaria já no curso superior, não tem, mas já estudando para o curso superior.” (Entrevistado 03)

Como comentado em momentos anteriores, uma das grandes preocupações em relação à reprovação e, em especial, às múltiplas reprovações diz respeito à evasão e/ou abandono dos estudos. Os sentimentos despertados pela vivência da reprovação são fatores decisivos nesse momento e influenciarão sobremaneira alguma decisão que o aluno venha a tomar.

“Foi muito triste. A primeira vez que eu perdi o ano. Não é legal não. Eu fiquei muito pra baixo. A minha mãe ficou, “ai a gente faz viagem!” “faz isso e aquilo”, mas não

é a mesma coisa. Eu nem quis mais estudar aqui, mas aqui é uma boa escola.” (Entrevistado 06)

“No começo, quando a gente perde o ano, a gente fica sem chão, porque nunca passou pela cabeça da gente que a gente ia perder o ano. Aí quando a gente perde o ano é uma coisa muito depressiva, a gente entra muito em depressão e muitas vezes a gente pensa até em não querer mais estudar.[...] Muuuuito triste! Tristeza total. Você perde o ano e não vai mais ter contato com seus amigos que você está acostumado, vai ter que conhecer novas pessoas.[...] E a tristeza toma conta da gente, né? Quando a gente perde o ano... não quer mais estudar, não quer mais ir para a escola...” (Entrevistado 04)

Por mais que essa não tenha sido a decisão tomada pelos entrevistados, a reaprovação fez alguns deles pensarem em evadir:

“Esse ano não tem sido um ano interessante não...[...] Porque dá um desânimo de ter perdido dois anos. Está entendendo? Eu até pensei em sair daqui do IFPI mas eu disse “não, deixa para lá”. Mas eu pensei em sair porque já tinha sido dois anos e ainda tem dificuldade de organizar o tempo, de me disciplinar com isso aí.” (Entrevistado 14)

“Quando deu as férias eu saí daqui da escola e fui estudar em outra escola. Passei as férias estudando em outra escola, mas cheguei lá e lá era mais leve o ensino, estava fácil demais para mim. Então eu não consegui, eu disse assim: se ficar eu vou me acomodar e lá, não, eu gosto daquela cobrança, gosto daquele desespero de ter que estudar para três provas num dia só.” (Entrevistado 07)

Nunes e outros autores (2014) em estudo sobre fatores de risco e proteção na escola associados a expectativas de futuro de jovens paraenses encontraram evidências de que a vivência da reaprovação escolar estaria associada a uma menor expectativa de futuro, podendo a reaprovação ser considerada, então, um fator de risco aos jovens. Esse, aliado aos sentimentos negativos que são vivenciados pelo aluno que reprova, é um dos fortes argumentos dos que se posicionam contra a reaprovação escolar, ou pelo menos contra a maneira como esta vem sendo praticada.

Em pesquisa apresentada em determinados instantes desse trabalho, Jacomini (2010) também teve por categoria de análise “sentimentos causados pela reaprovação” e os achados não foram divergentes dos aqui encontrados. A autora constatou que esses sentimentos são, quase sempre, de vergonha e menos-valia, que os pais se preocupam com a possibilidade do filho ser “humilhado” pelos colegas por ter sido reprovado e com a sensação de incapacidade que a vivência da reaprovação causou ao filho.

“Em relação a mim mesma eu fiquei muito magoada porque é muito ruim ver meus amigos passando, se formando e eu ainda ter que ficar. E ainda ter decepcionado meus pais e a mim mesma...” (Entrevistado 08)

Outro importante aspecto a ser analisado diz respeito aos sentimentos despertados em relação a eles mesmos, como insegurança e dúvidas acerca da sua própria capacidade de aprender, como fora também constatado por Jacomini (2010) quando afirma que a reprovação normalmente é vista como um atestado de incapacidade.

“[...]perdi a autoconfiança de mim mesmo em estudar. Aquela vontade de estudar que eu geralmente tinha, acabou. Não conseguia mais focar no assunto, pensava muito nessa reprovação, a gente acaba não tendo mais foco nos estudos.” (Entrevistado 04)

“[...] eu sempre fui colocado como rapaz inteligente, que consegue fazer as coisas que, é, sempre falaram que eu era educado, que apesar de minha mãe estar terminado o estudo agora, meu pai ter apenas o ensino médio, mas que eu estava sempre bem na escola; o meu irmão também, e ai você dar essa notícia, pra eles, você fica com a sensação de que decepcionou eles. Então te abate muito. Complicado você saber que decepcionou pessoas que confiavam em você. E que não duvidavam da sua capacidade, e agora você vem a duvidar da sua capacidade.” (Entrevistado 02)

“Aqui, só a única coisa é que antes eu tinha segurança, né, agora eu tenho um pouquinho de medo, porque eu realmente me assustei com o Instituto. Fiquei assim..., “meu Deus...é muito pesado”. [...]Acho que a reprovação me fez sentir assim. Eu não entrei com insegurança não. Eu estava tão confiante que eu queria aqui que eu nem fiz matrícula, sem nem saber o resultado do teste. [...]Então, com a reprovação ficou meio inseguro mas isso não fez com que eu desistisse. Eu tenho lutado todo dia pela minha segurança.” (Entrevistado 07)

“Primeiro, é, mexeu muito comigo, eu ficava, eu sempre achava que eu era um rapaz capaz de tudo de aprender, só que aí veio a pergunta assim na cabeça, “será se eu sou capaz realmente?”, olha o que aconteceu..., é aquele receio de não aprender um novo conteúdo, mesmo que você já tenha visto isso; eu vi mas será que eu lembro? será se eu vou aprender?, conseguir fazer de novo..., então é a questão da pressão, é mexe muito com tua cabeça, você fica com medo de voltar a acontecer isso novamente. O receio é muito grande.” (Entrevistado 02)

Todos esses sentimentos se desdobram em um outro que está diretamente relacionado à organização escolar e à maneira como as reprovações são vistas e conduzidas no ambiente da escola: a desmotivação. Os entrevistados citam com pesar o fato de terem que repetir as mesmas atividades escolares realizadas no ano anterior, assistir as mesmas aulas, responder as mesmas provas, apresentar os mesmos seminários. O ambiente de aprendizagem parece não ser mais tão desafiador e isso direciona ao questionamento de como andam os planejamentos dos professores, as adaptações curriculares, a elaboração das provas a cada ano letivo respeitando os estilos de aprendizagem de cada turma, os alunos que estão ali novamente e assim por diante.

“e aí eu digo “não, tudo bem. Perdeu, tudo bem.” Mas no fim a gente vai repetir e percebe que não é legal repetir. Inclusive, era o que eu estava falando com o pessoal, inclusive repetir as mesmas coisas que você foi aprovado. Ter que passar por tudo de novo, sendo que você foi aprovado naquelas matérias, aí não dá nem vontade de assistir aula e nem nada.” (Entrevistado 14)

“Mas fica aquela coisa ruim, vamos começar tudo do zero de novo. Vamos repetir toda aquela coisa...” (Entrevistado 14)

“Só que fica aquela coisa, “eu vou fazer isso de novo?”. Apresentar o mesmo seminário. Você lembra da mesma coisa que você falou o ano passado aí eu vou ter que falar isso de novo, a mesma coisa. A gente pensa desse jeito. [...] Fica uma coisa mesmo velha, e a gente não gosta disso. Eu mesmo gosto de algo novo, mas aí, repetir a mesma coisa é chato. A gente já pensa “no segundo bimestre vai ser isso”. Desse jeito, a prova vai ter isso. As questões, às vezes, é a mesma coisa, a mesma prova, é meio chato. Você também tem a ideia de que você não está aqui para aprender mais nada.” (Entrevistado 14)

E, conforme explorado com maior intensidade na categoria “Internalização da culpa pela reprovação”, o sentimento de culpa é, também, muito presente, sendo este associado aos sentimentos de arrependimento (ideia de não ter se esforçado o suficiente) e de inconformidade.

“Eu acho que as consequências...é sempre uma ou outra pessoa tocar no assunto. Tipo a minha mãe mesmo. “Cuida, não vai reprovar de novo.”. Sempre fica teclando nessa coisa e eu fico meio assim...e sempre bate um certo arrependimento. “Ah, eu poderia já estar na faculdade, eu poderia já estar mais à frente. Eu poderia me formar mais cedo”. E eu acabei relaxando e eu acho que fica aquela coisa na cabeça de vez em quando vem um pensamento sim de arrependimento. Até hoje. Eu me cobro muito.” (Entrevistado 11)

“[...]“rapaz, não era para eu ter reprovado”. Fiquei meio sem querer me conformar. Na hora eu disse “não, tudo bem”. Mas depois assim...era para estar no terceiro, era para, no mínimo, estar no terceiro.” (Entrevistado 14)

“Foi muito impactante. Eu nunca tinha perdido ano nenhum. Eu chorei muito. Eu de certa forma me arreendi depois porque eu poderia ter me dedicado mais. Não era tão difícil assim. Foi só falta de dedicação mesmo. Eu fiquei muito arrasada.” (Entrevistado 11)

A vivência da reprovação pode gerar, além de sentimentos negativos, problemas nas habilidades sociais, na aceitação pelos pares e na família (exclusão), além de problemas comportamentais e emocionais (TACCA; BRANCO, 2008). As falas dos entrevistados exemplificam essa afirmação pois citam sentimentos em relação aos pares e familiares (por exemplo, dificuldade de contar para a família sobre a reprovação).

“Só porque eu fico meio triste porque eu vejo que muita gente que estudou comigo passou, teve uma pessoa que eu ajudei muito esse ano, que eu estava estudando, que eu reprovei. Eu estudava com ela e tudo. Ela conseguiu, mas eu não consegui, agora porque eu também não sei. Mas até hoje eu ainda fico triste por ter sido reprovada, mas eu tento superar porque eu não posso ficar remoendo por ter perdido o ano senão eu posso até perder de novo, caso eu fique assim.” (Entrevistado 13)

“É estranho... Você não está acostumada. E aí você se separa de amigas que você já tinha há anos, e aí é complicado reiniciar tudo de novo. Eu acho que foi um pouco constrangedor porque eu estava me sentindo estranha no meio de um povo que já estava todo enturmando e tudo mais. Por mais que eu conhecesse algumas poucas pessoas... E o olhar de muitas pessoas que era meio torto assim para mim. Muitas pessoas não gostavam de mim.” (Entrevistado 11)

“Ai, foi horrível. É muito ruim dizer para a família, essa parte. Você pensar que você vai repetir de novo tudo aquilo...é chato. Depois você vai se acostumando. Eu não me arrependo tanto porque eu amo minha turma.” (Entrevistado 12)

Ainda sobre o relacionamento com os pares, enfatiza-se aqui um aspecto que foi salientado como bastante impactado a partir da reprovação, que está diretamente relacionado ao momento da vida (adolescência) em que os entrevistados estão e que diz respeito à questão social. O relacionamento com os pares aparece como sendo um grande impacto relacionado à vida escolar o que é compreensível levando em conta que nessa faixa etária a escola é um importante local de socialização e estabelecimento de vínculos, onde a vivência grupal é proporcionada.

“Até hoje assim, meus colegas de classe, eu não me sinto assim fazendo parte da turma. Porque minha turma em si ela já passou. Eu tenho o meu colega aqui, mas mesmo assim, só ele não basta, no sentido de fazer parte da turma.” (Entrevistado 03)

“É, eu já era muito apegado às pessoas que estudavam comigo na turma passada. Eu já estava há dois anos com eles, é complicado, foi difícil deixar da ter essa convivência, é... na nova turma você interage com poucas pessoas, até porque você fica, “ah, o que eles pensam de mim?”, eu estou aqui retido... eles podem achar que eu não sou boa companhia pra eles, e ai você fica com pé atrás de tudo, conversa com poucas pessoas na sala e ai você fica naquela pressão de tentar mostrar que você está retido ali, mas você tem capacidade de aprender, que que você está no nível deles e ai você fica querendo mostrar isso, mas com receio do que eles pensam sobre você.” (Entrevistado 02)

Outro sentimento despertado é o de medo, principalmente medo de “perder o ano” novamente. Esse sentimento parece estar diretamente associado à dúvida acerca da própria capacidade de aprender, afinal, se o aluno percebe que uma vez não conseguiu aprender o que fora esperado por parte dele para ser aprovado no ano letivo, a possibilidade de acontecer

novamente é iminente, ainda mais na realidade do IFPI onde não são permitidas múltiplas reprovações seguidas.

“Todo dia, todo dia quando eu levanto, que eu vejo a mãe falando que tem que estudar, toda vez que eu pego no livro pra estudar, que eu olho pro assunto, toda vez que eu tenho uma dificuldade, que eu lembro da prova, eu sinto um pouquinho de medo. Porque eu sei que é a última oportunidade que a gente vai ter. Então eu estou tentando controlar o medo. Mas medo eu tenho, de perder de novo. Não quero mais perder.” (Entrevistado 07)

Refazer o ano letivo invadido por esse misto de sentimentos requer do estudante muita sabedoria e até maturidade para conduzir tantas demandas advindas da reprovação. Como será possível observar adiante, os sentimentos e vivências de reprovação não são considerados inteiramente ruins por parte de alguns alunos que aparentam se “esforçar” para extrair algo de positivo do que enfrentaram, porém, isso não é capaz de superar as marcas que uma reprovação pode vir a deixar e, como afirma com convicção Paro (2001, p. 138-139), “não há dúvida nenhuma de que a experiência da reprovação em suas vidas interfere na imagem que os alunos formam de si. A reação dos alunos é quase sempre de tristeza e desapontamento com o fato”.

4.3 Categoria 3 - A reprovação como fator de desenvolvimento da resiliência no ambiente escolar

Por mais que seja uma constante nas entrevistas a identificação de sentimentos e vivências negativas advindas da reprovação, os impactos na vida escolar não foram classificados apenas como negativos, como é possível perceber em determinados momentos:

“Não é uma situação só ruim, tem a parte boa.[...] Os colegas, eu aprendi mais coisas, consegui me desenvolver melhor porque eu já tinha conhecimento do que eu ia estudar, ai já foi mais fácil. Essas coisas assim.” (Entrevistado 06)

“Na minha vida escolar, ela mais me ajudou do que atrapalhou. Eu não percebi na época, mas como eu pretendia ir para o exército, aí só entraria com 18 anos e aí eu ia sair e ia ficar um ano praticamente parada. Agora vou sair no tempo certo. Me ajudou a estudar mais e provar que eu posso mais, que sou mais que uma prova, sou mais que recuperação.” (Entrevistado 05)

“Eu acho que foi até bom eu ter repetido de ano...porque ficou aquela força de vontade, não quis mais aquela coisa de repetir ano de novo. Não teve mais aquela coisa de “não, vamos relaxar porque já perdeu o ano”. Não, tem que se esforçar para passar.” (Entrevistado 10)

Essas ideias demonstram que os alunos também internalizam a visão comumente dissipada no interior das escolas de que a existência ou possibilidade da reprovação serve de

“motivação” para os alunos estudarem, uma vez que ocorre a associação de que se não houvesse a reprovação os alunos perderiam o interesse nos estudos.

De acordo com Paro (2001, p.109), a reprovação é, na verdade, “uma ameaça de punição para quem não estuda, ou para quem não alcança determinado desempenho mínimo esperado”. A essência da motivação é bem distinta da essência da punição e, ainda de acordo com o mesmo autor (p.111):

É preciso, todavia, considerar que há um equívoco didático enorme em supor que a presença da prova ou da reprovação seja um motivo essencial defensável para induzir o aluno ao estudo. Se for verdade que é pela prova que se motiva o aluno a estudar e a ter responsabilidade, significa que o ensino está muito mal provido de recursos para motivar o aluno a estudar. Como bem afirma Lauro de Oliveira Lima, “usar as provas e exames como recurso de coação para promover o estudo não só demonstra a incapacidade do professor para liderar a classe, como cria tensões psicológicas, altamente prejudiciais à formação de uma personalidade tranquila e ajustada. O medo é fonte de desajustamento.” (Lima, 1962, p.330) A ameaça de reprovação é uma motivação negativa que, quando muito, leva o aluno a “livrar-se” da obrigação de estudar. É o problema da motivação extrínseca: a preocupação do aluno não é empenhar-se no estudo porque esteja ali, no estudo, intrinsecamente, o seu objetivo. A motivação, em sendo extrínseca, significa que o objetivo do aluno está fora do estudo, do aprendizado, sendo este apenas um meio, um subterfúgio do qual deve dar conta a qualquer custo, ou de qualquer forma para atingir o objetivo que tem em mente que é, no caso, o livrar-se da reprovação. O aluno deixa assim de exercerativamente, prioritariamente, essencialmente, sua condição de estudante, já que sua principal função não é de alguém que estuda, mas de alguém que se desvencilha da ameaça de ser reprovado[...]. (PARO, 2001).

Gaultieri e Lugli (2012, p. 50) fazem, então, o seguinte questionamento: “se a motivação se constrói com base no medo, na repressão ou com base em medidas compensatórias, de que formação se está falando?”. E segue afirmado que uma motivação que tem em si essas bases gera um envolvimento frágil do aluno com a aprendizagem pois esta passa a ser o meio para conseguir algo e não um fim, um objetivo maior.

Nessa mesma perspectiva, há o entendimento de que o conhecimento possa ser aprimorado durante o ano que se está repetindo, de que o aluno irá aprender mais e melhor. O “conforto” passa a ser de que “apesar do atraso, foi bom”, ou ainda que, “não foi um ano perdido” e o ano que será repetido surgirá, assim, como uma nova “oportunidade”.

“Acho que nenhuma[consequência]. Porque, tecnicamente, o conhecimento só vai ser aprimorado, ele não vai ser tirado de mim. Em termos escolares, nenhuma. É mais social.” (Entrevistado 03)

“[...]Aí quando eu perdi o ano eu melhorei [o hábito de estudo]. E agora ficou uma “certa pressão”, [entre aspas], para sempre exigir um pouco mais de mim, porque agora me toquei que estou no IFPI e que estou evoluindo, está passando.” (Entrevistado 05)

“O bom foi porque eu tive mais aprendizagem, aprendi mais coisas..” (Entrevistado 10)

“Tenho nova oportunidade, assim, porque o nosso *Campus* permite que o aluno continue, é, mesmo com um ano de reprovação, e aí meu irmão concluiu aqui 4 anos (tomando ele como exemplo), sem reprovar. E eu tenho a oportunidade ainda de concluir o ensino técnico integrado ao médio mesmo com um ano a mais, então é uma oportunidade de mostrar para eles [familiares] que eu posso, eu consigo. É a questão de manter uma boa imagem. Minha imagem é uma imagem que é considerada boa e aí você quer manter ela, quer mostrar que você é um bom rapaz de verdade, que aconteceu [a reprovação], mas que não venha mais a acontecer de forma alguma, você quer mostrar que é capaz de deixar isso para traz e fazer só coisas boas agora³⁶. ” (Entrevistado 02)

Mesmo quando o entrevistado faz menção aos aspectos negativos da vivência da reprovação, a crença na possibilidade de uma maior aprendizagem se mantém e, como bem frisa Jacomini (2010), mesmo com experiências mostrando o contrário, os alunos aceitam e muitas vezes chegam inclusive a dar apoio a todo um sistema educacional que quando não consegue ensinar, age reprovando os que não aprenderam; o que é, no mínimo, contraditório.

“Mas por um lado achei até legal, porque algumas matérias que eu não tinha conseguido assimilar, mas eu tinha conseguido passar, eu consegui estudar de novo e aprender realmente, não somente decorar. Por esse lado foi bom, mas por outro lado foi ruim já que eu me atrasei por um ano.” (Entrevistado 01)

Essa categoria parece conter a grande “surpresa” dos dados colhidos no decorrer desse trabalho de pesquisa. Como dito anteriormente, uma parcela considerável dos entrevistados considera a reprovação como uma experiência positiva em determinados aspectos ou, se esforça para encontrar nela algum sentido.

A surpresa não está no fato dos alunos, e os demais membros da comunidade escolar, considerarem a reprovação como uma motivação, um “estímulo” para estudar, pois isto a literatura (JACOMINI, 2010; PARO, 2001; GUALTIERI e LUGLI, 2012) e a própria vivência no ambiente escolar atestam, mas sim no quanto essa visão aparece de forma expressiva, intensa no decorrer das entrevistas.

³⁶ Ou seja, é como se a reprovação fosse um acontecimento ruim que foi proveniente de ações desagradáveis por parte do aluno que, a partir de agora fará apenas “coisas boas” para evitar uma nova reprovação.

Nas falas citadas a seguir fica evidente o que a literatura aponta no sentido da internalização da culpa por parte do aluno (discuta em categoria anterior, mas que está diretamente ligada às demais categorias) e da maneira como eles reproduzem o discurso de seus pais e professores de que a reprovação pode ser dotada de potencial produtivo.

“Achei que foi mais positivo que negativo, porque foi só um ano que não foi perdido. Todo mundo fala “ah, perdeu um ano!”. Eu não perdi um ano. Eu aprendi com aquele ano.” (Entrevistado 05)

“Eu coloco na minha cabeça que foi bom.” (Entrevistado 12)

“Eu penso assim, porque os professores são bons, minha mãe me acompanha, professor acompanha, está todo mundo ali, disponível, então se eu procurar eu vou ter ajuda, principalmente aqui no IFPI que depois que eu perdi o ano até me socializar eu consegui mais... que eu era muito fechada na minha turma. Não era muito de conversar com as pessoas. Aí eu reprovei. Aí falei “Não, vou mudar...mudar meu jeito de ser até para ver se melhora as coisas pra mim”. Aí comecei a conversar com as pessoas. Frequentei muita monitoria até por fora, sem estar no meu período de aula. Comecei a procurar as pessoas das séries na frente da minha e perguntar, pedir ajuda, provas passadas, pedindo apostilas, pedindo ajuda. Aprendi a me virar.” (Entrevistado 05)

“Difícil mesmo foi só na hora, “ah eu perdi o ano, vou ter que estudar de novo!”, depois que eu coloquei na minha cabeça que eu tinha que estudar novamente, que ia ser melhor, foi mais fácil.” (Entrevistado 06)

A partir de tantas considerações desse cunho, surge, então, a discussão: esse ideário de que a reprovação tem em si algo de positivo (como motivação, como possibilidade de aprimorar conhecimentos, de melhorar enquanto aluno, etc.) existe, realmente, pela internalização de toda a construção histórica do fracasso escolar ou seria, de alguma maneira, a reprovação um fator de desenvolvimento da resiliência no ambiente escolar? Há algum potencial nessa prática?

Para não fugir aos propósitos deste estudo e, ainda assim, apreciar os questionamentos aqui levantados, considera-se por resiliência o conceito resumido apresentado por Fajardo, Minayo e Moreira (2010) ao definirem como a habilidade de reverter uma circunstância adversa, reestabelecer-se e sair fortalecido desta.

Esses autores citam Tavares (2001) que externa o sentido etimológico da palavra resiliência – resilio de re + salio “ser elástico” (que retorna a posição original após uma deformação) – e que apresenta o conceito de resiliência que fora apropriado pela Psicologia como a capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, reagindo com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias

desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante, mantendo um equilíbrio dinâmico.

Fajardo, Minayo e Moreira (2010) elencam diversos autores dessa área de estudos que destacam a importância da resiliência na educação escolar e que veem a instituição escolar como um dos mais potentes espaços de promoção da resiliência uma vez que esse ambiente apresenta dois requisitos importantes: o fato de agrupar diferentes sistemas humanos e vincular o professor ao aluno por um ideal de desenvolvimento humano (protetivo). Depois da família, a escola seria o meio ideal para que o indivíduo obtenha habilidades fundamentais para ser bem sucedido na vida, por meio da superação das adversidades.

Feitos esses esclarecimentos, destaca-se a fala do entrevistado 05 quando declara que:

“[...] como eu tinha sido reprovada por pouco ponto, eu disse “vou tentar de novo”, e aí eu não achei ruim porque eu realmente precisei perder para focar. Quando eu entrei aqui eu já sabia que o IFPI era um pouco mais difícil que as outras escolas, que era uma escola que exigia mais da minha pessoa. Mas eu estudava só uma quantidade” x”, só que era mais ligada ao que era antes. A minha rotina de estudo ainda estava presa a do ensino fundamental.” (Entrevistado 05)

Ele cita, sem usar esses termos, o processo adaptativo que a maioria dos alunos, se não forem todos, vivenciam na mudança de modalidade de ensino, no caso, a passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Técnico Integrado ao Médio ao dizer que “*A minha rotina de estudo ainda estava presa a do ensino fundamental*”, sendo esse um dos possíveis fatores que o levou a uma reprovação.

À essa mudança de modalidade de ensino vem atrelado o contato inicial com matérias que demandam metodologias de estudo diferenciadas (matérias técnicas nunca antes estudadas por esses alunos), maior número de matérias (própria do Ensino Técnico Médio Integrado), novos professores e colegas, nova rotina e horários de aula, etc. Unindo-se a tudo isso, geralmente ocorrem muitas mudanças na vida pessoal destes alunos uma vez que parte expressiva deles é de cidades circunvizinhas e se desloca até o *campus* mais próximo para estudar, ou seja, sai do aconchego familiar para assumir as responsabilidades de uma moradia em outra cidade.

Todas essas considerações foram feitas na tentativa de contextualizar e compreender o trecho da fala do Entrevistado 05 em que ele menciona “eu não achei ruim porque eu realmente precisei perder para focar.” Ou seja, apesar de não se ter conhecimento de como foi vivido esse processo adaptativo, este pode ter sido um, ou mais um, momento de desenvolvimento da resiliência no ambiente escolar.

Fajardo, Minayo e Moreira (2013), em seu estudo, onde produziram uma revisão crítica sobre a resiliência e a prática escolar, concluíram que o contexto da educação em si produz processos de resiliência. Muitos entrevistados viram a reprovação como possibilidade de amadurecimento, de desenvolvimento psicológico, de melhoria enquanto aluno e pessoa. Essas colocações dos alunos reforçariam, então, essa possibilidade de a reprovação ter realmente algum potencial de desenvolvimento da resiliência no ambiente escolar.

“Só que, também, eu acredito que esses dois anos que eu perdi me fizeram crescer assim mentalmente; a forma de pensar. Porque quando eu era mais nova eu não tinha esse pensamento, que eu tinha hoje.[...] Que estudo era tão importante assim, talvez eu tivesse terminado dois anos atrás, mas poderia não está fazendo nada, como tem muita gente que sai daqui, não entra numa faculdade, não tem um trabalho, talvez eu poderia está assim também.” (Entrevistado 09)

“Tipo, para mim acordar, me alertar, para mim ter mais interesse. Porque nada para os meus pais, para os meus amigos, era para mim mesmo. E aí eu estava jogando tudo fora e não estava ligando.” (Entrevistado 09)

“Acho que de certa forma foi algo bom porque fez com que eu tivesse uma visão em relação a me dedicar mais. [...] Então eu tirei um proveito disso me dedicando mais depois dessa minha reprovação. Aí no meu terceiro ano eu até passei mais tranquila, fiquei de recuperação só em uma matéria. Até porque é normal para a gente aqui recuperação todo bimestre, não é? E aí eu achei que eu melhorei um bocado em relação aos meus estudos, me dedicando. Reprovação para mim, sei lá, pode ser uma forma de aprendizado.” (Entrevistado 11)

“Que [a reprovação] deveria ter mesmo acontecido para eu melhorar como aluna e como pessoa.” (Entrevistado 05)

Para os entrevistados 15 e 07, a vivência da reprovação parece ter despertado o sentimento ou a possibilidade de superação, o que vai ao encontro da ideia que está sendo aqui analisada.

“De princípio foi ruim porque, como eu tinha passado três anos com as mesmas pessoas na sala, já tinha uma convivência melhor, era meio que estranho porque tipo, é um ano. Mas aí depois eu percebi que as vezes não foi uma coisa tão ruim porque dava de aproveitar o que eu não tinha aprendido, o que eu tinha deixado passar, de estudar, até nas outras matérias, não só nas que eu reprovei. Até porque eu reprovei só em uma e, por exemplo, eu não considerei uma derrota porque desde o meio do ano eu já estava meio “ah, vou desistir” aí tinha meus amigos e eles disseram “não, vamos dar um jeito”. Aí eu fiquei em 5 de prova final, aí eu e mais 4 amigos: um já estava passado, os outros 3 estavam na mesma situação que eu, aí nós “não, vamos estudar!”. Aí começamos a estudar e eu consegui passar em 4 e os outros 3 meninos passaram e todas. Aí eu fiquei em uma para o conselho e não consegui passar. Só que aí eu tive como uma vitória porque tipo, eu estava em 5 e consegui tirar 4, e a que eu não conseguir tirar era a que eu mais tinha dificuldade.” (Entrevistado 15)

“[...] A única questão é só de busca. Se eu me esforcei ano passado então eu posso me esforçar mais ainda agora. Se eu não tinha tempo, eu posso abrir um tempo para

mim, para eu estudar enquanto eu estiver aqui. Então se mudou a minha imagem foi para isso, para uma pessoa que luta independente de ter apoio ou não. Dependendo, se acreditarem ou não eu vou continuar lutando, dependendo se deixarem ou não, vou continuar lutando.” (Entrevistado 07)

Vale ressaltar que a intenção ao discutir, mesmo que não profundamente, essa categoria de análise que se delineou ao longo das entrevistas não era de esgotar o conceito de resiliência e muito menos exaurir essa perspectiva de olhar a reprovação como um potencial fator de desenvolvimento da resiliência no ambiente educacional, mas sim considerar essa possibilidade partindo do fato de essa visão ter permeado todo o conteúdo das entrevistas.

A discussão sobre esse aspecto não se torna conclusiva, sendo necessária maior dedicação ao estudo da resiliência no ambiente escolar para obter-se segurança ao afirmar se há ou não determinado potencial de crescimento a partir dessa prática.

A hipótese que fica é a de que, mesmo havendo essa possibilidade de determinado potencial na reprovação, os impactos negativos no desenvolvimento psicológico, social e educacional do aluno parecem superar algum “ganho” que a reprovação possa vir a ter no desenvolvimento da resiliência. Obviamente, não se desconsidera a escola como ambiente de desenvolvimento da resiliência, mas para isso o aluno não necessariamente precisa passar pela reprovação, porque o dia-a-dia da escola é fonte rica de vivências que proporcionam oportunidades para que se atinjam esses objetivos de desenvolvimento enquanto pessoa: quando uma atividade desafiadora é solicitada aos alunos, quando se estabelece um clima dialógico no ambiente escolar, quando se vencem os entraves da convivência social, quando se pode observar o seu próprio crescimento em determinada matéria, quando os estudantes são valorizados em seu protagonismo, quando o seu desempenho em alguma atividade não é compatível com o esforço e o aluno aprende a lidar com isso com flexibilidade, na relação direta com os professores, nas relações de afeto e respeito entre alunos, e assim por diante.

Em resumo:

A promoção da resiliência no âmbito escolar é importante para estabelecer vínculos de sociabilidade, atitudes e comportamentos positivos, reafirmando valores e evitando, dessa forma, o isolamento social que leva a outros problemas graves como violência e a discriminação (FAJARDO, MINAYO E MOREIRA, 2010, p.768).

Ou seja, a reprovação vai na contramão desse objetivo.

4.4. Categoria 4 - A instituição escolar e os métodos avaliativos em questão

Nessa categoria são analisadas as reflexões dos entrevistados sobre a instituição escolar e os métodos avaliativos aos quais eles foram submetidos. Apesar de não haver clara expressão por parte dos entrevistados acerca da múltipla responsabilidade sobre a reprovação (conforme citado, a maioria se declara como “único *culpado*”), há em suas colocações algumas ponderações que merecem reflexão, inclusive sobre o que pensam realmente sobre a reprovação e a maneira como ela é realizada no ambiente escolar.

“Assim, eu acho que alguns que passaram não deveriam ter sido aprovados, mas eu também não posso julgar ninguém. Só que, pelo menos assim, teve uma pessoa que ela foi para o conselho e ela foi aprovada na mesma matéria que eu fiquei, e eu não fui. Aí eu não entendi porque, eu fiquei assim...aí me disseram que as vezes eles julgam por cara as pessoas, porque essa que passou, as notas dela eram muito piores que as minhas e ela estudava junto comigo, fui eu que ajudei ela muito. Até teve uma matéria que ela ia ser reprovada direto, aí eu fui atrás do professor de Matemática aí ele disse que ia tentar ajudar ela. Aí conseguiu ajudar ela, só que, não sei. Teve gente que foi aprovado que eu acho que não mereceu muito.” (Entrevistado 13)

O entrevistado 06, em vários momentos de sua entrevista, analisa a maneira como as instituições escolares conduzem seus processos avaliativos a partir de seus princípios de justiça:

“Eu achei um pouco justo e injusto. Tipo uma situação meio que neutra. Eu acho justo porque eu não consegui, é, desenvolver naquela matéria, então eu tenho que repetir para poder estudar ela novamente. Acho injusto porque são 14 disciplinas e os alunos tem que estudar todas sendo que foi aprovado nelas e ter que estudar uma, por conta de uma reprova tudo, estudar tudo novamente.” (Entrevistado 06)

“Tipo assim, a minha amiga estudava comigo agora no segundo ano e ela perdeu só numa disciplina por pouco ponto mesmo, acho que em décimo e é injusto porque ela sempre foi esforçada e ter que repetir tudo aquilo por conta de uma matéria, eu vejo como uma coisa injusta. Ai, eu não sei como seria esse método, mas eu acho que seria bem mais fácil assim.” (Entrevistado 06)

“Eu acho que deveria ter tipo um método que, um método não, uma forma de estudar só aquela disciplina. [...]É porque eu acho que fica como um atraso ter que estudar tudo aquilo novamente. Sendo que a pessoa foi aprovada é meio que injusto. Eu acho assim, em relação a ter perdido o ano.”(Entrevistado 06)

O entrevistado 12 segue a mesma linha de pensamento:

“E também o fato de, um ponto negativo de perder o ano que eu acho que também, muitas vezes, é por conta de você não entender muito. No meu ponto de vista, eu acho que as escolas hoje estão mais voltadas para notas e tem muitos alunos que passam por questões “erradas”, vamos dizer assim. Muitas vezes eles não escutam os alunos. No meu caso mesmo, muitos alunos perdem injustamente. Tem alguns

alunos que merecem passar. Pelo que eu vejo uns que passam...não merecem passar.” (Entrevistado 12)

O entrevistado 06, citado anteriormente, se refere a princípios de justiça/injustiça e faz uma crítica à prática da reprovação como acontece tradicionalmente nas escolas quando menciona que deveria haver um método que a substituisse. Ao descrever como imagina que poderia acontecer, parece descrever o que se conhece por dependência. As escolas, em especial as públicas, não adotam o regime de dependência por conta dos custos e do trabalho administrativo que isso implica, apesar de a legislação prever esta possibilidade. São entraves na avaliação e este entrevistado percebe muito bem isso.

Este aluno critica, ainda, as instituições escolares a respeito do lugar que o aluno ocupa em sua constituição e do quanto o aluno não é ouvido (como também menciona o entrevistado 12 citado anteriormente), uma vez que pensa da seguinte maneira:

“Pois é [...], eu acho as pessoas muito injustas, a gente nem sempre é ouvido, não pode colocar a opinião, e mesmo que tu fale, tem gente que não escuta, só está ai, “ah, tá bom!” “tudo bem”, ai passam os problemas, vai só acumulando, eu acho que isso é o maior problema hoje em dia das pessoas.” (Entrevistado 06)

Outros entrevistados fazem críticas parecidas sobre a reprovação e enfatizam o fato de pensarem não ser adequada a maneira como ela é conduzida atualmente, principalmente em casos onde o aluno não atinge o objetivo esperado em poucas matérias.

“[...] ter que rever todas as matérias, mesmo as que eu tinha aprovação, ter que rever tudo aquilo, ai eu fiquei “não, é muita coisa, vai ser difícil de novo!”; mas deu certo.” (Entrevistado 06)

“Eu entendo que eu posso repetir e aprender, por exemplo, essas que eu estou repetindo, essas que eu aprovei e estou repetindo, eu posso ver algo novo nelas, mas nem sempre tenho esse pensamento. Aí eu penso que só repetindo aquelas que eu reprovei seria mais interessante. Não é? Avançando, por exemplo, para o terceiro ano e repetindo, pagando essas que eu perdi. Acho que seria mais interessante e aí não atrasaria o ano, no caso.” (Entrevistado 14)

“Porque eu acho que atrasa muito por causa de uma matéria. Muitas vezes por causa de um ponto. Eu acho muito injusto. Um ponto ou décimos. Tem professores que deixam o aluno perder por causa de décimos. Muito voltado para pontos, tem que fechar aquela nota.” (Entrevistado 12)

A percepção do Entrevistado 12 remete à discussão levantada no referencial teórico acerca da maneira com que os processos avaliativos são conduzidos no interior das escolas, uma vez que as avaliações são voltadas para a classificação dos alunos, empobrecidas e

superficiais, puramente somativas. Esse aluno parece se dar conta do que Luckesi (2003) chama de “pedagogia do exame” e o Entrevistado 03 esperava ter sido avaliado em outros aspectos que não só o quantitativo³⁷.

“Eu sou mais ou menos em questão de participação, mas eu não dou trabalho, eu nunca dei trabalho em relação a isso, aí eu pensava que por causa disso não aconteceria [a reprovação].” (Entrevistado 03)

O entrevistado 13 levanta outros aspectos sobre a avaliação e aprovação/reprovação citando o Conselho de Classe e a constante preocupação que ronda a aprovação/reprovação, que é a de o aluno passar de ano sem ter aprendido.

“Assim, quando eu perdi o ano, nesse agora, no meu primeiro ano não, porque eu perdi em duas matérias, só que nesse ano eles tinham, eu não sei, alguém me falou assim, que teria chance de eu passar porque eu tinha ido no conselho em apenas uma matéria. Eu acho um pouquinho injusto, eu reprovar apenas em uma matéria. Só que, também passar e não saber ela também para frente não vai ser muito bom.” (Entrevistado 13)

O Conselho de Classe é citado como uma chance que o aluno acreditava ter de ser aprovado, pois segundo ele, ficou em apenas uma matéria para ser analisada no conselho³⁸. O conselho é visto, então, como mais uma oportunidade de avaliação e assim o é, uma vez que faz parte da constituição do processo avaliativo ao longo do ano letivo.

Convém relembrar o que já fora apresentado anteriormente neste trabalho sobre o Conselho de Classe de acordo com a Organização Didática do IFPI e com o regulamento do Conselho de Classe, que o caracterizam como sendo uma instância de reflexão, discussão, decisão, ação e revisão da prática educativa; e, ainda, consultivo e deliberativo, responsável pelo acompanhamento do processo pedagógico e pela avaliação do desempenho escolar dos alunos.

O problema acontece quando, ao invés do foco maior do Conselho de Classe ser a melhoria da prática educativa a partir de adequações pedagógicas e acompanhamento do aluno, cumprindo seu real papel na avaliação processual, o foco passa a ser um certo “acerto de contas” da relação professor-aluno, onde o grupo de profissionais da escola vai avaliar quem “merece”

³⁷ Neste estudo não foi realizada uma análise minuciosa da maneira como a avaliação é conduzida no IFPI *Campus Floriano*, ou seja, não se está aqui afirmando que o aluno foi avaliado de maneira puramente quantitativa. O que se está levando em conta neste momento, é a fala do entrevistado.

³⁸ Conforme foi esclarecido em outro momento, segundo o Regulamento do Conselho de Classe do IFPI (2012), esta instância tem por objetivo também deliberar a respeito da promoção final dos alunos, que não alcançaram média aprovativa, em até 02 (duas) disciplinas.

ou não ser promovido, sem a utilização de critérios claros o que dá margem a decisões casuísticas.

“Eu acho um pouquinho injusto, eu reprovar apenas em uma matéria. Só que, também passar e não saber ela também para frente não vai ser muito bom.” Esse é um discurso muito vinculado às defesas a favor da reprovação e sobre essa preocupação, Paro (2001, p.112-113) acredita ser “a força do credencialismo exercendo sua influência na escola. Como se passar para a série seguinte sem saber seja pior do que não saber e continuar na mesma série, com a agravante de ser estigmatizado pela reprovação e ferido em sua autoestima.”

Quando se menciona o perigo do aluno passar de ano sem aprender, o problema maior é que ele passe de ano, não que não aprenda. Comumente se expõe a preocupação de o aluno chegar em determinado ano “sem saber de nada” e não se considera que o grave de o aluno chegar em determinado ano “sem saber de nada” é o fato de ele não ter aprendido e não o fato de chegar a determinado ano, e, ainda, que se está falando de uma questão pedagógica, não simplesmente de passar ou não de ano (PARO, 2001).

Fazendo uma conexão dessa reflexão com os apontamentos ora feitos sobre o Conselho de Classe, há um aspecto interessante que pode ser relacionado a uma possível tarefa do Conselho de Classe tendo como eixo a preocupação com a aprendizagem e não somente com a promoção ou não: este conselho poderia deliberar, com bases pedagógicas, sobre a necessidade de o aluno cursar alguma disciplina como “dependência” e não simplesmente indicar sua retenção. Nesse caso o professor da disciplina deveria ser ouvido e deveria dizer com consistência o que faltou ao aluno aprender e porque este aprendizado será necessário tanto para a continuidade proveitosa do curso, quanto para a sua formação.

É evidente que esta é apenas uma possibilidade, pois há de se levar em conta as dificuldades de pôr em prática o regime de dependências que exige alto investimento da escola a nível de organização e execução da proposta, mas também não há de se abortar a ideia apenas pela quantidade de trabalho que ela implicaria, uma vez que os resultados positivos, principalmente para os alunos em sua aprendizagem, zelo pela auto estima e saúde emocional poderiam ser muitos efetivos, sendo esta uma alternativa à retenção, ou pelo menos, à retenção da maneira que vem ocorrendo nas escolas.

Dando continuidade, outro aspecto que merece atenção na fala dos entrevistados diz respeito à postura dos professores e da escola perante o aluno que reprova:

“os professores chegam assim, olham e dizem “não acredito que tu está aqui”; aí é chato.” (Entrevistado 14)

“Eles [os professores] fazem a pergunta e falam para mim: “você não responde, você já viu”. Deixa só os outros participarem da aula.” (Entrevistado 08)

“E muitas vezes eu tirava nota boa e o povo “Ah, é porque tu já reprovou!”. Isso era chato você escutar. Não tinha nada a ver porque no meu segundo ano eu não estudava então eu não estava nem aí para o assunto e quando eu peguei mesmo o assunto, estudei e tirei nota boa, por mérito meu, o povo ainda achava que era porque eu tinha reprovado.” (Entrevistado 11)

Essas colocações soam até incoerentes com o discurso fortemente propagado nas escolas, inclusive pelos professores nas salas de aula que usam deste para tentar “motivar” os alunos a estudarem, de que o aluno que reprova não estudou, não se esforçou ou não aprendeu e que ele deveria repetir o ano para que viesse a aprender. Os mesmos que assim pensam, presumem que o aluno que está repetindo não deve responder a um questionamento na sala de aula pois ele está em vantagem em relação aos colegas por ter visto o assunto no ano anterior?

É, no mínimo, incoerente. E os colegas também passam a agir segundo esse ideal, como colocou o entrevistado 11, que se sentiu desvalorizado em seu esforço pois os colegas consideraram que ele só havia conseguido tirar uma nota “boa”³⁹ por ter familiaridade com o assunto estudado. Se o assunto lhe era familiar, porque a nota “boa” não veio no ano anterior levando-o à aprovação?

Em seguimento, entrevistados também fazem considerações sobre a instituição escolar e seu papel perante o aluno na perspectiva de que a reprovação deveria ser melhor trabalhada, e porque não dizer evitada.

“[...] eu estudo numa instituição que tem apoio para o aluno, tem que ter esse apoio pra eles pra que isso [a reprovação] não venha a acontecer, porque como eu disse, não é só um ano, o tempo de um ano perdido, é muita coisa lá na frente, até na sua vida profissional, é um ano que você vai deixar de ter. [...] então tem que ter esse apoio, principalmente da instituição onde você está estudando pra não deixar isso acontecer [...]” (Entrevistado 02)

“Eu acho que [a escola deveria] conversar, perguntar qual é o problema, porque você não tira nota boa, esse tipo...no que que eu posso te ajudar.” (Entrevistado 12)

O entrevistado 01 reporta-se, inclusive, a questões políticas relativas à greve⁴⁰ que a instituição escolar vivenciou e que, segundo ele, pode ter sido um fator que contribuiu para que

³⁹ “Boa” entre aspas chamando atenção para o relativismo do que pode vir a ser, ou não, uma nota boa. Dentro do que se está acostumado no ensino brasileiro, boa é só a quantitativa nota azul, acima da média da escola e que leva à aprovação.

⁴⁰ O IFPI entrou em greve nos anos de 2015 e 2016. Ao se observar as informações contidas no Quadro 03 – Perfil dos entrevistados, na página 64, percebe-se que o Entrevistado 01 entrou na escola no ano de 2015, ou seja, vivenciou as duas greves. A greve de 2015 ocorreu, então, no seu primeiro ano na escola, ano este em que o aluno foi reprovado.

ele chegasse a reprovar. Essa visão pode ser uma tentativa de analisar a questão de maneira mais aprofundada e complexa, mesmo que ele inicie a fala reiterando sua “culpa”.

“Foi culpa minha sim, mas também teve uma parte da greve, já que me deu a possibilidade de perder o foco.” (Entrevistado 01)

Em suma, ao avaliarem a instituição escolar e os métodos avaliativos aos quais foram submetidos e que resultaram em suas reprovações, os entrevistados limitam-se a julgá-los como injustos sem, no entanto, conseguirem expressar claramente que alternativas poderiam ser utilizadas de maneira mais eficaz. Se dão conta da necessidade de uma avaliação processual que dê espaço para os aspectos quantitativos e qualitativos, percebem que são múltiplos os fatores que levam a uma reprovação (citam a greve como um fator externo, por exemplo) porém, terminam por reiterar sempre a sua culpa acerca da reprovação, demonstrando uma certa superficialidade na análise da questão.

As considerações feitas a partir dos depoimentos dos alunos e do referencial teórico utilizado têm, a seguir, nas considerações finais, uma tentativa de síntese propositiva e de finalização, ainda que provisória, pois o tema da reprovação não se esgota aqui. Há muito, ainda a se pesquisar e a resolver.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reaprovação escolar, fenômeno multifacetado, historicamente construído e fortemente arraigado no sistema educacional brasileiro tem sido, ao longo dos anos, motivo de preocupação e estudos por muitos pesquisadores da área. Entretanto, todo o esforço desprendido em esmiuçar o tema não tem abarcado toda a sua complexidade e muito menos tem conseguido mudar efetivamente o lugar que a reaprovação ocupa nas escolas, de “reguladora da qualidade do ensino”. Mesmo com tantas evidências do quanto severas podem ser suas consequências para o processo de aprendizagem, para o desenvolvimento social e psicológico dos alunos que a vivenciam ela se mantém firme no imaginário da comunidade escolar, considerada *recurso pedagógico* que motiva os alunos a estudarem, a se disciplinarem e a aprenderem mais.

Ocorrendo, geralmente, como resultado de avaliações tradicionalmente quantitativas, somativas e classificatórias, a reaprovação foi vista neste trabalho sob uma ótica diferente do convencional, uma vez que deu voz aos alunos que a vivenciaram no Ensino Médio para que expressassem o que pensavam sobre a reaprovação escolar por eles vivenciada, numa tentativa de ir além da preocupação que, constante e insistente, é sempre presente nas pesquisas educacionais acerca das causas e consequências dessa prática. Buscou-se, ainda, analisar que implicações a reaprovação escolar traz à vida e às vivências educacionais de um aluno do ensino médio do IFPI (*Campus Floriano*), na perspectiva dos próprios alunos.

Alguns questionamentos, a saber, nortearam a pesquisa: O que pensam os próprios alunos que vivenciaram a reaprovação sobre o fato de terem sido reprovados? Que implicações a reaprovação traria à vida e às vivências educacionais de um aluno do ensino médio em relação ao seu contexto social, familiar, escolar? Que sentimentos são despertados em relação a si mesmo? Como fica a sua percepção acerca da sua própria capacidade de aprender e se desenvolver?

Para respondê-las, assim como atingir os objetivos propostos, foram realizadas entrevistas reflexivas com 15 (quinze) alunos do Ensino Técnico Integrado ao Médio do IFPI *Campus Floriano* que haviam sido reprovados em alguma série dessa modalidade de ensino e se dispuseram a participar.

A escolha pela perspectiva reflexiva de realização das entrevistas favoreceu o estabelecimento de um diálogo compreensivo, leve, entre entrevistadora e entrevistados, o que foi fundamental para o conteúdo das entrevistas ser dotado de visível potencial de análise dentro do que a presente pesquisa se propôs auxiliando, sobremaneira, para que os objetivos fossem

atingidos contribuindo no esclarecimento do tema tanto para a pesquisadora, quanto para os estudos educacionais.

Os resultados obtidos indicam o quanto os próprios alunos internalizam um sentimento de culpa de que a reprovação escolar aconteceu por responsabilidade unicamente sua, sendo esta, produto de comportamentos inadequados ao ambiente escolar (indisciplina, por exemplo) ou, ainda, consequência de desleixo, pouco esforço ou de dificuldades de aprendizagem. Essas concepções sobre a reprovação reforçam a culpabilização do aluno que se arrasta historicamente ao longo dos anos e retratam a fala de pais e professores que, de tanto serem reditas, são reproduzidas pelos alunos que a legitimam e estes terminam por internalizar uma culpa que não é, ou que pode não ser apenas sua; o que os impede, inclusive, de pensar criticamente sobre o tema e analisar a complexidade desse fenômeno educacional multifatorial e, cuja responsabilidade por sua ocorrência, precisa ser dividida com, ou melhor dizendo, precisa ser assumida por quem realmente a tem: a escola e todo o sistema educacional.

Muitos foram os impactos da reprovação destacados nas entrevistas, apesar de que se esperava que estes fossem mais bem explorados, ou analisados com maior abrangência pelos entrevistados. Entende-se que, da mesma maneira que os alunos pensam ser natural assumir a culpa pela reprovação, eles também seguem a lógica de que, se são responsáveis pela sua reprovação, também assim o são pelas consequências dessa e as assumem com certa naturalidade. Como se os impactos já fossem esperados, uma vez que são entendidos como consequências naturais de seus atos e só lhes resta aceitá-los, sem nem mesmo, questioná-los. Ainda que, em alguns depoimentos haja tentativas de questionamentos ou de fazer aparecer vozes que procuram manifestar posturas de não conformidade com a reprovação e com as situações vivenciadas dela decorrentes.

Foi possível observar que os impactos da reprovação respingam com maior intensidade, de acordo com a realidade analisada, sobre a família, sobre os sonhos que precisam ser postergados e sobre determinados sentimentos dos alunos que são despertados a partir da vivência do insucesso escolar.

A família, juntamente com o aluno, vive a reprovação e sente-se, por vezes, frustrada, decepcionada, chegando, até mesmo, a sentir-se também reprovada. Para o aluno que é reprovado, esse parece ser um dos impactos mais difíceis de lidar, pois eles sentem que despertam na família sentimentos como os citados. Esperam encontrar na família apoio e incentivo, mas em determinados momentos não é bem o que ocorre, uma vez que os membros da família também estão vivenciando o insucesso ou, por verem a reprovação como sendo responsabilidade apenas do aluno, enfatizam essa culpa e os punem.

Os sonhos e/ou planos são também impactados a partir da perspectiva de que os alunos se sentem atrasados por conta da reprovação. Esse atraso diz respeito tanto à idade cronológica quando comparados aos seus pares, aos aspectos sociais, uma vez que vínculos que haviam sido construídos a partir da convivência em sala de aula se quebram ou enfraquecem, e também, a projetos de vida que haviam sido construídos, como por exemplo, a entrada na faculdade com determinada idade, a conclusão do Ensino Médio, a inserção no mercado de trabalho, etc.

O atraso não é sentido pelos alunos em termos de conhecimento, pois os mesmos demonstram ter internalizado também a ideia de que a aprendizagem será aprimorada com a reprovação, e de que “passar sem saber” é mais grave do que não passar; concepções estas que são amplamente disseminadas pelos que defendem a prática da reprovação escolar como recurso pedagógico.

Um outro ponto fortemente impactado a partir da reprovação refere-se aos sentimentos dos alunos, ou seja, aos aspectos emocionais. Sentimentos de tristeza, de desânimo, de desespero, de constrangimento, de vergonha, de culpa, de medo, de decepção e de frustração foram despertados a partir da vivência da reprovação. Sem contar a insegurança acerca da sua própria capacidade de aprender e o pensamento acerca da possibilidade de evasão.

Em contrapartida a todos esses sentimentos negativos e mesmo reconhecendo a existência deles, os alunos reforçam a ideia de que a reprovação pode ser um fator de desenvolvimento da resiliência no ambiente escolar quando acreditam que não é uma vivência de todo ruim, pois fez com que aprendessem mais, amadurecessem, buscassem a superação. Aqui não se nega que um ou outro aluno possa extrair algum crescimento de uma vivência como essa, porém entende-se que a instituição escolar em si é um espaço propício ao desenvolvimento da resiliência (na relação professor/aluno, aluno/aluno, na internalização das regras, na busca pela melhoria no desempenho em alguma matéria, no desenvolvimento de lideranças, etc.) não sendo necessário que a reprovação escolar aconteça para que a resiliência seja desenvolvida. Em outras palavras, enquanto um ou outro aluno pode chegar a “aprender” algo com a reprovação, a maioria deles sofre suas severas consequências negativas e, seguindo essa lógica, esse “aprendizado” de alto preço emocional não “compensa”; pelo menos não para a maioria.

Sobre a instituição escolar e os métodos avaliativos que são desenvolvidos nestas (e aos quais os próprios alunos foram submetidos) os resultados sinalizam para o fato de os alunos, mesmo assumindo inteiramente sua culpa pela reprovação, pensarem sobre isso baseando-se nos seus princípios de justiça e injustiça. Para eles, é injusto ser reprovado por mau desempenho em poucas matérias e alguns chegam a sugerir que deveria haver um outro método para esses casos, onde eles descrevem o que se conhece por dependência. Não concordam com as

avaliações somativas e deixam claro o desejo de serem avaliados, também, nos aspectos qualitativos.

Essa visão sobre a escola e sobre a avaliação não diminui, porém, a culpa internalizada. Os alunos, mesmo ao deixarem entender que a avaliação deveria ocorrer de maneira distinta, não chegam a perceber com clareza que a responsabilidade pela reprovação pode estar aí, por exemplo. Esta afirmação é possível a partir do momento em que o aluno começa a frase em que questiona a avaliação dizendo “foi culpa minha, mas também a avaliação...”.

Em síntese, os achados apresentados reforçam o quanto a reprovação escolar tem em si de aspectos negativos, apesar de os próprios alunos não assim a descreverem. Os alunos pensam a reprovação como algo intrínseco ao processo educativo e como prática corriqueira no sistema educacional brasileiro que, apesar de gerar sentimentos negativos, atraso, impactos familiares, sociais e de não ser eficaz no sentido de melhorar a aprendizagem, acontece com naturalidade.

Foi possível perceber, ainda, que a raiz de todo esse pensamento do aluno sobre a reprovação escolar e seus impactos, a partir de sua própria vivência, está na internalização da culpa pela reprovação. Tudo que o aluno se propõe a analisar sobre a reprovação é visto sob a luz da culpa, da responsabilidade única do aluno. Culpa esta que o impede de questionar o sistema educacional, que o aliena, que o impossibilita de pensar criticamente, de propor soluções e, até mesmo, de pensar que mais “alguém” pode ter responsabilidade nesse processo.

Essa visão da culpabilização do aluno sobre a reprovação é muito presente na literatura, porém este estudo vem reiterar a sua existência a partir do momento em que o próprio aluno a verbaliza e, ainda, demonstra a profundidade das consequências da internalização dessa culpa sobre a própria visão do aluno sobre a reprovação, e porque não dizer, sobre os fenômenos escolares, pois o aluno está sempre em posição de desvantagem.

Com base nos resultados encontrados, fica evidente a necessidade de aprofundamento dos estudos em determinados aspectos acerca da reprovação, evidenciando a ideia de que o tema não está esgotado. A vivência das famílias acerca da reprovação poderia ser melhor explorada, assim como a ideia da reprovação como fator de desenvolvimento da resiliência ou, porque não, fazer uma tentativa de extrair dos alunos possíveis alternativas à reprovação escolar, sendo fundamental que se leve em conta o que eles pensam e do quem têm necessidade no ambiente escolar para a construção de novas políticas educacionais.

A nível de IFPI, mas podendo também se estender para as demais instituições escolares, as proposições a partir dessa pesquisa seriam de formação continuada para os professores sobre avaliação; organização de seminários ou mesmo congressos com apresentação de resultados de pesquisas feitas pelos docentes a respeito da reprovação escolar; organização de colóquios sobre

os Conselhos de Classe e seu papel na avaliação processual; ou sobre a importância de “ouvir os alunos”; debates sobre a importância da autoestima e da heteroestima, bem como dos impactos da reprovações na autoestima dos alunos; momentos de discussão sobre o local ocupado pelo aluno no ambiente escolar, para que a vitimização fosse sendo desconstruída; projetos de cuidado com a saúde mental do aluno reprovado, assim como de suas famílias, e assim por diante.

Assim, parafraseando Moacir Gadotti “Houve um tempo em que eu pensava que as pequenas mudanças impediam a realização de uma grande mudança. Por isso, no meu entender, as pequenas mudanças deveriam ser evitadas e todo investimento deveria ser feito numa mudança radical e ampla. Hoje, minha certeza é outra: penso que, no dia a dia, mudando passo a passo, com pequenas mudanças numa certa direção, podemos operar a grande mudança, a qual poderá acontecer como resultado de um esforço contínuo, solidário e paciente. E o mais importante, isso pode ser feito já. Não é preciso esperar para mudar”.

Assim, enquanto a reprovação escolar ainda se perpetua como prática nas escolas brasileiras, é preciso caminhar na direção de pequenas mudanças na maneira como esta é conduzida, na atenção ao aluno que a vivencia, assim como mudanças nas avaliações para que tenham em sua essência o objetivo da formação, do aprendizado, e não do exame, da classificação. Todas essas mudanças tendo em vista a saúde e o desenvolvimento educacional do protagonista de todo esse processo: o aluno.

Portanto, enquanto a grande mudança – eliminar a reprovação do ambiente escolar – não acontece, as pequenas mudanças precisam ir consolidando os degraus. E mais, a responsabilidade é de todos os que compõem o sistema educacional e mais uma vez reitera-se as palavras do autor, “isso pode ser feito já. Não é preciso esperar para mudar”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosemarie Elizabeth Schimidt. A temporalidade de um espaço temporal transicional e sua vivência para o adolescente em grupos de orientação profissional. **Winnicott e-prints**. São Paulo, v. 10, n.1, p. 01-12, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2015000100002&lng=pt&nrm=iso&tlang=pt>. Acesso em: 29 jan 2018.

ÂNGELO, Rejane. DIAS; Elaine Dal Mas. Fracasso escolar e a simplificação do conhecimento. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel. **Estudos de complexidade 3**. São Paulo: Xamã, 2009. p. 211-222.

ANGELUCCI, Carla Biancha et all. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 51-72, jan./abr. 2004.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOSSA, Nadia A. **Fracasso escolar**: um olhar psicopedagógico. São Paulo: Artmed, 2002.

BRASIL. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece Diretrizes e Bases para a educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA (CENPEC). **Crenças de professores sobre a reprovação escolar**: relatório final. São Paulo: Cenpec, 2016.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Org.) **Ensino Médio Integrado**: concepções e contradições. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 83-106.

COMIS, Daniela. A função social da escola e da avaliação da aprendizagem. **Dialogia**, São Paulo, v. 5, p. 135-144, 2006. Disponível em:<<http://www4.uninove.br/ojs/index.php/dialogia>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

CRAHAY, Marcel. É possível tirar conclusões sobre os efeitos da repetência? **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 223-246, jan./abr. 2006.

DAMIANI, Magda Floriana et al. Afinal, o uso doméstico do computador está associado à diminuição da reprovação escolar? Resultados de um estudo longitudinal. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.24, n. 90, p. 59-81, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v24n90/1809-4465-ensaio-24-90-0059.pdf>>. Acesso em 29 jul. 2017.

DIEDRICH, José Ambreu. **Da reprovação à ascensão profissional**: um processo em construção envolvendo vínculos entre avaliação em matemática e a realidade profissional.

2009. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Faculdade de Física, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FAJARDO, Indinalva Nepomuceno; MINAYO, Maria Cecilia de Souza; MOREIRA, Carlos Otávio Fiúza. Resiliência e prática escolar: uma revisão crítica. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.34, n. 122, p. 213-224, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000100012&lng=en&nrm=iso&tlang=pt>. Acesso em: 29 jan 2018.

_____. Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, p. 761-774, out./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n69/v18n69a06.pdf>. Acesso em: 29 jan 2018.

FELICETTI, Vera Lúcia. **Um estudo sobre o problema da matofobia como agente influenciador nos altos índices de reprovação na 1ª série do Ensino Médio**. 2007. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Faculdade de Física, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FORNARI, Liamara Teresinha. Reflexões acerca da reprovação e evasão escolar e os determinantes do capital. **Revista Espaço Pedagógico**. Passo Fundo, v.17, n.1, p.112-124, jan/jun, 2010.

FRANCESCHINI, Vanessa Lima Caldeira; MIRANDA-RIBEIRO, Paula; GOMES, Marília Miranda Forte. A cor da reprovação: fatores associados à reprovação dos alunos do ensino médio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 773-786, jul./set. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022016000300773&script=sci_abstract&tlang=pt>. Acesso em 29.Jul 2017.

GATTI, Bernadete A. Avaliação Educacional no Brasil: pontuando uma história de ações. **EccoS Revista Científica**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 17-41, jun. 2002. Disponível em: <www.redalyc.org/pdf/715/71540102.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2016.

GUALTIERI, Regina C. Ellero; LUGLI, Rosário Genta. **A escola e o fracasso escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção educação & saúde; v.6).

GURSKI, Rose; PEREIRA, Marcelo Ricardo. A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 429-440, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v27n3/1678-5177-pusp-27-03-00429.pdf>>. Acesso em: 20 jan 2018.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 33. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014a.

_____. **O jogo do contrário em avaliação**. 9 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014b.

IFPI. **Organização didática**. 2010. Disponível em: <www.ifpi.edu.br>. Acesso em: 06 jan. 2017.

IFPI. Regulamento Conselho de Classe. 2012. Disponível em: < www.ifpi.edu.br >. Acesso em: 06 jan. 2017.

INEP. Censo Escolar da Educação Básica 2016. Brasília, Fevereiro de 2017. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_e_statisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2017.

JACOMINI, Márcia Aparecida. **Educar sem reprovar.** São Paulo: Cortez, 2010.

KLEIN, Ruben; RIBEIRO, Sérgio Costa. A Pedagogia da Repetência ao longo das décadas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação.** Rio de Janeiro, v.3, n.6, p.55-62, jan/mar 1995.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Metodologia científica.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LEON, Fernanda Leite Lopez de; MENEZES-FILHO, Naércio Aquino. Reprovação, avanço e evasão escolar no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, PPE, 32, 417-451, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Avaliação da aprendizagem:** componente do ato pedagógico. São Paulo: Cortez, 2011.

MANDELERT, Diana. Reprovação em escolas de prestígio. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v.23, n.53, p.222-249, set./dez., 2012.

MENDES, Aline Rocha Mendes et all. Autoimagem, autoestima e autoconceito: contribuições pessoais e profissionais na docência. In: IX ANPED SUL: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsl/9anpedsl/paper/viewFile/724/374>>. Acesso em: 31 jan 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1992.

_____. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORAES, Fabiana Arrais Gouveia. **Possíveis estratégias para a redução da reprovação em uma escola pública do Rio de Janeiro.** 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública – Caed/UFJF) - Faculdade de Educação/CAEd, Programa de Pós Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

NUNES, Tatiene Germano Reis et al. Fatores de risco e proteção na escola: reaprovação e expectativas de futuro de jovens paraenses. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.18, n.2,p.203-210, mai/ago. 2014.

OLIVEIRA, Susana Aparecida Fagundes de. **As relações entre as vivências espaciais de alunas e alunos das instituições públicas de ensino médio regular e a reaprovação generificada na cidade de Ponta Grossa, Paraná.** 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território: Sociedade e Natureza) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

PAGANI, Linda et al. Effects of grade retention on academic performance and behavioral development. **Development and Psychopathology**, v.13, p. 297-315, 2001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/11945090_Effects_of_grade_retention_on_academic_performance_and_behavioral_development>. Acesso em: 06 set. 2017.

PARO, Vitor Henrique. **Reaprovação escolar:** renúncia à educação. São Paulo: Xamã, 2001.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia. 4. ed. São Paulo: Intermeios, 2015.

PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; DONELLI, Tagma Marina Schneider; MARIN, Angela Helena. O fracasso escolar na percepção de adolescentes, pais e professores. **Psico-USF** [online], vol.21, n.2, p.319-330, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712016000200319&script=sci_abstract&tlang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2017.

PIMENTEL, Maria de Lourdes Correia. **A repetência segundo o aluno repetente:** um discurso feito na primeira pessoa do singular. 2005. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 303-312, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

REBELO, José A.S. Efeito da retenção escolar, segundo os estudos científicos, e orientações para uma intervenção eficaz: uma revisão. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. v. 43, n.1, p.27-52, 2009.

RIBEIRO, Sérgio Costa. A pedagogia da repetência. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.12, n.5, p.07-21, 1991.

ROMÃO, José Eustáquio. Avaliação: exclusão ou inclusão? **EccoS Revista Científica**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 43-59, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71540103>>. Acesso em: 09 nov. 2016.

SANTOS, Maura Cristina Rickes dos. **Reaprovação e algumas reflexões sobre as faces da avaliação: um estudo de caso no IFSUL-Campus Pelotas.** 2016. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tatiana Oliveira Couto. **A rede federal de educação profissional e tecnológica no Brasil: uma proposta para diminuição da taxa de reprovação no Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Campus Ivaiporã.** 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública – Caed/UFJF) - Faculdade de Educação/CAEd, Programa de Pós Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

SOARES, Sergei Suarez Dillon. **A Repetência no Contexto Internacional:** O que Dizem os Dados de Avaliações das Quais o Brasil não Participa? Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4862>. Acesso em 15. ago 2017.

SOUZA, Eliézio Moura de. **A reprovação, evasão e abandono no ensino médio noturno de uma escola estadual do Amazonas.** 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública – Caed/UFJF) - Faculdade de Educação/CAEd, Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

SOUZA, André Portela et al. Fatores associados ao fluxo escolar no ingresso e ao longo do ensino médio no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro: IPEA. v. 42, n. 1, abr. 2012.

SOUZA, Patrícia de Sá Dias de. **A reprovação e seus fatores no primeiro ano dos cursos técnicos integrados do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – Campus Juiz de Fora.** 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública – Caed/UFJF) - Faculdade de Educação/CAEd, Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação:** a prática reflexiva. 4 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2011.

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; BRANCO, Angela Uchoa. Processos de significação na relação professor-aluno: uma perspectiva sociocultural construtivista. **Revista Estudos de Psicologia**, Brasília: DF, vol. 13. n. 1, p. 39-48. 2008.

TURATO, Egberto. Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa:** construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica:** uma visão diagnóstica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marilia Pinto de; VILELA, Rita Amélia

Teixeira (org.). **Itinerários de Pesquisa**: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, p. 286-309, 2003.

_____. O Fracasso no contexto da relação família-escola. In: DALBEN, Ângela.; DINIZ, Júlio.; LEAL, Leiva.; SANTOS, Lucíola. (Org.). **Convergências e Tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente**. 1^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.663 – 681.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participantes menores de idade

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Idalina Rosa Mendes da Rocha Sá, responsável pela pesquisa “O que pensam os alunos sobre a reprovação escolar: vivências de alunos do Ensino Médio do IFPI/Campus Floriano”, desenvolvida junto ao Mestrado em Educação da Universidade Nove de Julho em convênio com o Instituto Federal do Piauí, com orientação do Prof. Dr. Marcos Antônio Lorieri, solicito sua autorização, como responsável pelo menor, _____ para que o mesmo possa participar, como voluntário/voluntária, de uma pesquisa sobre o que pensam os alunos a respeito da reprovação pela qual passaram e, também, o impacto dessa reprovação em suas vidas. Já há alguns estudos feitos a este respeito, mas, nesta pesquisa, queremos saber, dos próprios alunos, o que pensam a respeito e o que a reprovação resultou em suas vidas.

Trata-se de uma pesquisa que pode produzir indicações e contribuições importantes para a melhoria dos processos de avaliação e de acompanhamento dos alunos reprovados nas escolas em geral e, de modo particular nos cursos do Instituto Federal, a começar pelos cursos do Campus Floriano. Daí o meu convite e do meu orientador, aos alunos e o nosso pedido de sua autorização para que seu filho, ou filha, possa participar deste momento da referida pesquisa.

Durante todo o período da pesquisa podem ser apresentadas dúvidas ou pedidos de esclarecimentos a mim, diretamente ou pelo email: idalinarosa_7@ifpi.edu.br, ou mesmo ao meu orientador através do email: lorieri@sti.com.br.

O menor, ou vossa senhoria, têm garantido o direito de não aceitar participar da pesquisa, ou de se retirar da mesma, a qualquer momento.

Os dados coletados através de entrevistas individuais guardarão sigilo absoluto relativo à identificação dos participantes entrevistados.

Ao assinar esse termo você estará concordando com a gravação da entrevista que será transcrita e armazenada para posterior análise dos dados, em arquivos digitais, sem identificação dos participantes.

Não há despesas pessoais e nem compensação financeira. A pesquisa não oferece risco aos participantes embora haja possibilidade de mobilização de emoções durante a entrevista.

Eu e meu orientador agradecemos sua atenção e, especialmente, se concordar com a participação do seu filho/filha.

No caso de aceitar, leia, por favor e, se estiver de acordo, assine o Termo de Consentimento, abaixo, em duas vias. Uma delas ficará em sua posse.

Idalina Rosa Mendes da Rocha Sá.
 Responsável pela obtenção do Termo de Consentimento.

Floriano, ____ de _____ de _____.

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Eu, _____, após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em autorizar a participação de _____ neste estudo.

Assinatura do responsável.

Data: ____ / ____ / ____.

Nome do aluno: _____

Assinatura de uma testemunha.

Data: ____ / ____ / ____.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste responsável, para a participação de menor nesta pesquisa.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Dados da pesquisadora:

Nome: Idalina Rosa Mendes da Rocha Sá

Endereço: Rua Áurea Freire, 1445. Jockey.

Telefone: (86) 99993-8912

E-mail: idalinarosa_7@ifpi.edu.br

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participantes maiores de idade

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Eu, Idalina Rosa Mendes da Rocha Sá, responsável pela pesquisa “O que pensam os alunos sobre a reprovação escolar: vivências de alunos do Ensino Médio do IFPI/*Campus Floriano*”, desenvolvida junto ao Mestrado em Educação da Universidade Nove de Julho em convênio com o Instituto Federal do Piauí, com orientação do Prof. Dr. Marcos Antônio Lorieri, convido você para participar, como voluntário/voluntária, de uma pesquisa sobre o que pensam os alunos a respeito da reprovação pela qual passaram e, também, sobre o impacto dessa reprovação em suas vidas. Já há alguns estudos feitos a este respeito, mas, nesta pesquisa, queremos saber, dos próprios alunos, o que pensam e o que a reprovação resultou em suas vidas.

Trata-se de uma pesquisa que pode produzir indicações e contribuições importantes para a melhoria dos processos de avaliação e de acompanhamento dos alunos reprovados nas escolas em geral e, de modo particular nos cursos do Instituto Federal, a começar pelos cursos do *Campus Floriano*. Daí este meu convite e do meu orientador, a você, para participar deste momento da referida pesquisa.

Durante todo o período da pesquisa podem ser apresentadas dúvidas ou pedidos de esclarecimentos a mim, diretamente, ou pelo email: idalinarosa_7@ifpi.edu.br, ou mesmo ao meu orientador através do email: lorieri@sti.com.br.

Você tem garantido o direito de não aceitar participar da pesquisa, ou de se retirar da mesma, a qualquer momento.

Os dados coletados através de entrevistas individuais guardará sigilo absoluto relativo à identificação dos participantes entrevistados.

Ao assinar esse termo você estará concordando com a gravação da entrevista que será transcrita e armazenada para posterior análise dos dados, em arquivos digitais, sem identificação dos participantes.

Não há despesas pessoais e nem compensação financeira. A pesquisa não oferece risco aos participantes embora haja possibilidade de mobilização de emoções durante a entrevista.

Eu e meu orientador agradecemos sua atenção e, especialmente, se concordar em participar. No caso de aceitar, leia, por favor e, se estiver de acordo, assine o Termo de Consentimento, em anexo, em duas vias. Uma delas ficará em sua posse.

Idalina Rosa Mendes da Rocha Sá.
Responsável pela obtenção do Termo de Consentimento.

Floriano, ____ de _____ de _____.

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, RG _____, CPF _____, após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do participante.

Data: ____ / ____ / ____.

Assinatura de uma testemunha.

Data: ____ / ____ / ____.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste responsável, para a participação de menor nesta pesquisa.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Dados da pesquisadora:

Nome: Idalina Rosa Mendes da Rocha Sá

Endereço: Rua Áurea Freire, 1445. Jockey.

Telefone: (86) 99993-8912

E-mail: idalinarosa_7@ifpi.edu.br

ANEXO C – Roteiro de entrevista

CONTATO INICIAL

Bom, você já deve me conhecer. Sou Idalina, Psicóloga aqui do *Campus Floriano* e estou cursando o Mestrado em Educação na Universidade Nove de Julho, em São Paulo. É uma parceria do IFPI com a UNINOVE. Esta pesquisa faz parte da construção do meu trabalho de conclusão do mestrado e eu tenho por tema central de estudo a reprovação. Me interessa verificar o que pensam os alunos do Ensino Médio do IFPI sobre a retenção escolar e analisar que implicações a retenção escolar traz à vida e as vivências educacionais. Sua participação é muito importante para mim, pois com a experiência da retenção você deve ter construído algum pensamento sobre ela. Tenho autorização da direção da escola para estarmos aqui conversando sobre isso e gostaria que sua participação fosse voluntária, não há problema se você não quiser participar. Como tudo que você me disser é de extrema importância para a construção do trabalho, gostaria de gravar a nossa conversa, mas já garanto que só eu e meu orientador teremos acesso às gravações e você não será identificado em momento algum do trabalho. Eu irei transcrever a nossa conversa e você será o primeiro a ler a transcrição, podendo alterar e acrescentar o que desejar. Para isso combinaremos um segundo encontro. Tudo bem? Gostaria, então que você lesse e assinasse, caso concorde, esse Termo de Consentimento Livre e esclarecido, que é o documento em que você declara aceitar de livre e espontânea vontade participar da pesquisa e concordar com suas condições.

AQUECIMENTO

- Qual a sua idade?
- Qual o seu ano e curso?
- Há quanto tempo é aluno do IFPI?
- Há histórico de reprovações escolares anteriores ao seu ingresso no IFPI?

QUESTÕES DESENCADEADORAS DA ENTREVISTA

- O que você pensa sobre o fato de ter sido reprovado
- O que esta retenção impactou ou provocou na sua vida escolar? E na sua vida em geral?

ANEXO D – Transcrições das Entrevistas

ENTREVISTADO 01

Entrevistadora: Você já me conhece, eu sou Idalina, sou psicóloga aqui da escola, do *campus*, e estou fazendo um Mestrado em Educação. Esse mestrado é na Universidade Nove de Julho, UNINOVE, é, na verdade, uma parceria entre o IFPI e a UNINOVE. Essa pesquisa que estou fazendo faz parte da construção do meu trabalho de conclusão do mestrado. Eu tenho por tema central de estudo a reprovação, me interessa saber, justamente, o que os alunos, especificamente os alunos do Ensino Médio do IFPI do *campus* Floriano sobre a reprovação escolar. E analisar que implicações essa reprovação teve na vida desses alunos. A sua participação é muito importante para mim, primeiro para a construção da minha pesquisa e segundo porque, com a experiência que você teve de reprovação, você deve ter construído algum pensamento sobre ela, então acredito que você deve ter algo para me contar sobre a experiência que você viveu. Eu tenho autorização da direção da escola para nós estarmos aqui conversando sobre essa questão da reprovação, e eu gostaria que a sua participação fosse voluntária, não há problema nenhum se você não quiser participar. Como tudo que você me disser é de extrema importância para a construção do meu trabalho, eu te peço autorização para gravar o que a gente vai conversar. Tudo bem?

Entrevistado: Certo. Tudo bem.

Entrevistadora: E eu já te adianto que só quem vai ter acesso a essa gravação sou eu e o meu orientador e você não vai ser identificado em momento algum do meu trabalho. Eu vou transcrever essa conversa e você vai ser o primeiro a ler essa transcrição. Ou seja, vamos nos encontrar novamente e eu vou te dar uma devolutiva disso, e você vai me dizer e está “ok”, se quer que acrescente ou retire alguma coisa. Tudo bem até agora?

Entrevistado: Sim sim.

Entrevistadora: Enfim, sua mãe assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde ela me autorizou que você participasse da pesquisa, por você ser menor de idade. Certo? Bom, como já te falei, a pesquisa é sobre reprovação e eu quero saber o que vocês, jovens do Ensino Médio pensam sobre a reprovação que vocês viveram. Antes de começarmos, você me disse que tem 17 anos, não é isso?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Você está em que ano e em que curso?

Entrevistado: 2º de Eletromecânica.

Entrevistadora: Há quanto tempo você é aluno do IFPI?

Entrevistado: Pouco mais de 02 anos... Eu entrei parece que foi em 2015.

Entrevistadora: Certo..entrou em 2015. Antes de você entrar aqui no Instituto você já tinha alguma outra reprovação?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Então você nunca tinha reprovado antes de entrar aqui no instituto? Não há histórico de reprovações anteriores.

Entrevistado: Não..

Entrevistadora: Bom, vou te fazer uma pergunta geral e você pode responder à vontade. O que que você pensa sobre o fato de você ter sido reprovado?

Entrevistado: No caso da reprovação, a minha foi mais por minha culpa, já que eu não estudei. Mas por um lado achei até legal, porque algumas matérias que eu não tinha conseguido assimilar, mas eu tinha conseguido passar, eu consegui estudar de novo e aprender realmente, não somente decorar. Por esse lado foi bom, mas por outro lado foi ruim já que eu me atrasei por um ano.

Entrevistadora: Então você está me dizendo que a reprovação teve dois lados?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Um lado positivo...

Entrevistado: E um lado negativo.

Entrevistadora: O lado positivo porque você pode recuperar alguns aprendizados e o lado negativo porque você se atrasou. É isso?

Entrevistado: É.

Entrevistadora: Como é que foi para você ter sido reprovado? Você pode me relatar?

Entrevistado: No momento..quando eu recebi a notícia não, porque eu já sabia como estavam minhas notas e no quarto bimestre eu já sabia que iria ser reprovado, mas mesmo assim eu ainda quis botar na minha cabeça que eu não seria reprovado. Mas depois que a ficha realmente caiu eu passei um, dois dias triste mas eu sabia que eu ia ter que estudar mesmo para poder passar. E continuei... já quando voltou o ano letivo continua normal. Como se tivesse sido meu primeiro ano lá.

Entrevistadora: Só que no caso você estava com colegas novos, na turma nova.

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: No caso, em que que você acha que essa reprovação impactou na sua vida no geral?

Entrevistado: Ela me mostrou que mesmo que eu não aprenda, se eu me esforçar para assimilar o assunto, tendo ele já na minha cabeça, mesmo eu não sabendo explicar ele na hora, quando

eu ver sobre aquele assunto eu posso criar uma fala, alguma coisa sobre ele para poder explicar. Mesmo não tendo conhecimento geral, total sobre ele.

Entrevistadora: Você acha que a reprovação teve alguma consequência para você?

Entrevistado: Consequência... eu acho que somente o fato de eu ter me atrasado por um ano. Somente esse...

Entrevistadora: E familiar? Na sua casa...

Entrevistado: Não, eu acho que não teve já que minha mãe entendeu porque eu estava com um ritmo já de estudar e depois da greve eu acabei perdendo o ritmo e comecei a brincar um pouco. Foi culpa minha sim, mas também teve uma parte que da greve, já que me deu a possibilidade de perder o foco.

Entrevistadora: Entendo. E na sua vida social? Com teus colegas, por exemplo...

Entrevistado: Com alguns não mudou nada, já com outros que, no caso, eu não tinha muita intimidade, mudou um pouco já que eu não falo muito com eles. Não tenho mais aquele assunto para conversar...mas com alguns não mudou.

Entrevistadora: Ok. A reprovação para você teve dois lados. Tanto um lado positivo que te fez focar mais, que te fez rever assuntos que você não tinha conseguido aprender em um primeiro momento. Teve também um lado negativo...o principal aspecto negativo que você consegue identificar é o atraso? Como se fosse um ano “perdido”? É isso?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Você quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Não? Pronto. Pois como lhe fale eu vou transcrever essa entrevista e aí eu vou trazer para você ver se está tudo “ok”, se deseja retirar ou acrescentar alguma informação. Tá bom?

Entrevistado: Ta bom.

Entrevistadora: Pois muito bem. Obrigada.

ENTREVISTA 02

Entrevistadora: Bom, você já me conhece. Eu sou Idalina, eu sou psicóloga aqui do *Campus Floriano*, estou fazendo um Mestrado em Educação, na Universidade 9 de Julho de São Paulo; é uma parceria entre o Instituto e a Universidade 9 de Julho, certo?

Entrevistado: Certo.

Entrevistadora: Essa pesquisa que eu estou fazendo e você está participando faz parte da construção do meu trabalho de conclusão desse curso, e eu tenho como tema central desse estudo a reprovação. Me interessa justamente verificar o que pensam os alunos do ensino médio do IFPI sobre a reprovação que eles viveram e analisar que implicações essa reprovação escolar traz à vida no geral e à vida escolar de vocês alunos. É, sua participação é realmente muito importante para mim. Porque com a experiência da reprovação que você teve, você deve ter descoberto alguma coisa, deve ter aprendido alguma coisa ou observado algum aspecto.

Entrevistado: Com certeza.

Entrevistadora: Eu tenho autorização da direção da escola para estarmos aqui conversando e eu gostaria que sua participação fosse voluntária, que você realmente estivesse aqui por desejar.

Entrevistado: Por livre e espontânea vontade.

Entrevistadora: Você foi convidado por mim, mas você pode a qualquer momento se retirar ou não querer mais participar ou não querer que eu inclua sua entrevista na pesquisa, certo? Não tem problema nenhum se você não quiser participar. Como tudo que você me disser é de extrema importância para a construção do meu trabalho, eu te pedi autorização pra gravar; só quem vai ter acesso a essa gravação sou eu e meu orientador e essa gravação vai ser transcrita e nós vamos nos encontrar novamente pra você ler essa transcrição da nossa conversa e me dizer se está “ok”, se não está, se você quer retirar ou acrescentar alguma coisa, certo?

Entrevistado: Certo.

Entrevistadora: Você não vai ser identificado em momento nenhum do trabalho e você vai ler a transcrição como eu já te falei, pra isso vamos combinar um segundo encontro, tudo bem?

Entrevistado: Tudo bem.

Entrevistadora: Pronto. Para nós estarmos aqui você, no caso, sua mãe, ne, assinou a autorização do termo de consentimento livre e esclarecido afirmando que você estava sabendo do que estava participando e que você estava participando voluntariamente.

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Ok? Vou te fazer algumas perguntas iniciais. Qual que é a sua idade?

Entrevistado: 16 anos.

Entrevistadora: 16 anos. Hoje, você está em que ano e em que curso?

Entrevistado: É, estou no segundo ano do Ensino Médio, e estou cursando o curso de Meio Ambiente Integrado ao Médio.

Entrevistadora: Pronto. Segundo ano de Meio Ambiente, certo. Há quanto tempo você é aluno do IFPI?

Entrevistado: É...um pouco mais de 2 anos. É quase 3 já. Se eu não me engano. Entrei no inicio de 2015 e já estamos em 2017, mais de 2 anos.

Entrevistadora: Pronto. Você foi reprovado nesse último ano letivo, não é isso?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Ou seja, atualmente você está repetindo o ano.

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: O ano letivo no caso, o segundo ano... certo. Você tem histórico de reprovações escolares anteriores ao IFPI?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Então antes de entrar aqui no instituto você nunca tinha reprovado?

Entrevistado: Não tinha. É a minha primeira reprovação.

Entrevistadora: Pronto. Foi tua primeira reprovação, certo. Como eu te falei, me interessa saber o que que é que vocês pensam, o que é que você pensa, no caso, sobre isso, sobre a retenção. E a pergunta que eu te faço é justamente essa, o que você pensa sobre o fato de ter sido reprovado?

Entrevistado: É...primeiramente quando você vê de fato que perdeu o ano, vem o mundo desabar na sua cabeça. Vem o pensamento da família, você mesmo, porque você recebe muita, joga muita coisa na tua cabeça que um ano perdido não é só o tempo, 360 dias perdidos, é muita coisa lá na frente, é um ano de salário que você vai deixar de receber, é um atraso total na tua vida. Então, você fica naquela, com aquele peso na consciência, muita pressão, é, você tem seu pai e sua mãe que estão trabalhando por você, esperando o melhor e você de certa forma decepciona eles, então é complicado, é, a pressão psicológica é muito grande, por mais que você tente manter a cabeça erguida, e ir para frente, mas você está cabisbaixo por dentro, e até em alguns casos de alunos que como eu, que sabem que podem passar, pode não ter acontecido e deixa acontecer.

Entrevistadora: Como assim “deixou acontecer”?

Entrevistado: Não que desse prioridade a outras coisas, mas não botou o que, os estudos, né, a prioridade principal em primeiro lugar.

Entrevistadora: Então você está me dizendo que você acha que no ano passado você não colocou os seus estudos como prioridade?

Entrevistado: E estava tentando empurrar muito as coisas com a barriga, deixando para o último dia pensando que ia dar certo.

Entrevistadora: Entendo.

Entrevistado: E não, eu vou fazer isso agora e amanhã eu faço o trabalho da escola. Não, mas não é para amanhã, é para a próxima semana; próxima semana eu faço. E ia assim, até que chegou um ponto que não dava mais pra voltar atrás.

Entrevistadora: O que que você pensa sobre a reprovação no geral? Não sobre a sua reprovação, mas sobre a reprovação no geral?

Entrevistado: Primeiro, tem a questão de eu sei que tem alunos que realmente tem dificuldades em algumas matérias, é..., então pode vir a acontecer, mas nada que o empenho dele não resolva isso, então é, eu estudo numa instituição que tem apoio para o aluno, tem que ter esse apoio pra eles pra que isso não venha a acontecer, porque como eu disse, não é só um ano, o tempo de um ano perdido, é muita coisa lá na frente, até na sua vida profissional, é um ano que você vai deixar de ter. Então, a reprovação (risos do entrevistado), ela além do que está acontecendo hoje, vai te prejudicar muito lá frente, então tem que ter esse apoio, principalmente da instituição onde você está estudando pra não deixar isso acontecer, fazer com que os alunos se conscientizem que não é só o agora que vai prejudicar, é lá na frente. Então tem que ter o apoio, é, não deixe de ter, os pais têm um papel fundamental nisso, tem que está acompanhando, acompanhando de verdade, é, está na escola sabendo como o aluno está e tudo, e vontade do aluno. Se você não tiver força de vontade, não tiver ciente do que pode acontecer caso você vier a reprovar, é complicado a situação, você pode reprovar. Então é mais uma questão de conscientização, é mesmo que eu já tenha, eu estou no Ensino Médio, outras pessoas também, mas a cabeça é muito jovem, é, eu tenho consciência disso, minha cabeça é muito jovem, então tem que vir as pessoas mais velhas, mais experientes dar esse apoio e conscientizar sobre esse mal que é a reprovão que não pode vir a acontecer na vida de ninguém.

Entrevistadora: Então você considera a reprovão um mal que não deveria acontecer na vida de ninguém?

Entrevistado: Não que não deveria, tem certas pessoas que não fazem por onde, é, progredir na vida acadêmica, mas que se a pessoa é dedicada, não falta com seus compromissos, não deveria acontecer, mas claro que pra aquelas que não cumprem com suas obrigações é um mal inevitável.

Entrevistadora: Um mal inevitável. No que que você considera que a reprovação impactou, provocou na tua vida escolar?

Entrevistado: Primeiro, é, mexeu muito comigo, eu ficava, eu sempre achava que eu era um rapaz capaz de tudo de aprender, só que aí veio a pergunta assim na cabeça, “será se eu sou capaz realmente?”, olha o que aconteceu, é aquele receio de não aprender um novo conteúdo, mesmo que você já tenha visto isso; eu vi mas será que eu lembro? será se eu vou aprender?, conseguir fazer de novo, então é a questão da pressão, é mexe muito com tua cabeça, você fica com medo de voltar a acontecer isso novamente. O receio é muito grande.

Entrevistadora: Você chegou a se questionar inclusive sobre a sua própria capacidade de aprender?

Entrevistado: Isso, é, teve momentos que eu pensei “será que eu estou certo sobre mim?”, se eu vou conseguir aprender isso. É, compreender o assunto, e aí você fica com receio sobre sua própria capacidade.

Entrevistadora: E a questão dos colegas da tua turma?

Entrevistado: É, eu já era muito apegado às pessoas que estudavam comigo na turma passada. Eu já estava há dois anos com eles, é complicado, foi difícil deixar da ter essa convivência, é... na nova turma você interage com poucas pessoas, até porque você fica, “ah, o que eles pensam de mim?”, eu estou aqui retido... eles podem achar que eu não sou boa companhia pra eles, e ai você fica com pé atrás de tudo, conversa com poucas pessoas na sala e ai você fica naquela pressão de tentar mostrar que você está retido ali, mas você tem capacidade de aprender, que que você está no nível deles e ai você fica querendo mostrar isso, mas com receio do que eles pensam sobre você.

Entrevistadora: Então existe esse receio da sua parte?

Entrevistado: Sim, fico na sala e, fico..nos primeiros dias bate até vergonha do que eles estão pensando sobre mim, um aluno reprovado tá aí, e aí é complicado, mais pressão pra sua cabeça.

Entrevistadora: Você me falou sobre que implicações você acha que a reprovação traz pra tua vida escolar. E na tua vida no geral? Você acha que houveram consequências também?

Entrevistado: Muitas. É... principalmente a questão da família. Tem tio que fica perguntando, vó... e, você dar essa notícia não é nada agradável. Tá certo que tem aqueles parentes que vem te apoiar e tudo, mas principalmente pai e mãe, eles não esperam isso de você. E quando vem (risos do entrevistado) é uma decepção muito grande para eles, eles esperam o seu melhor e principalmente pessoas que tem problema dentro de casa, que não podem deixar isso acontecer e quando acontece só vem piorar tudo. Você pensa que o mundo vai acabar e fica sem saber o que fazer. É complicado também dar esse tipo de notícia para quem você é apegado dentro da

família, “oh tio, eu reprovei”, pessoas que não esperam isso de você. Então, além da vida acadêmica, te deixa lá embaixo com relação a seus parentes, até mesmo com os amigos que não são daqui da instituição, falar isso para eles.

Entrevistadora: Explica para mim o que você está considerando “te deixar lá embaixo”. O que é, como assim “te deixa lá embaixo” em relação a seus parentes, às pessoas com quem você tem alguma relação afetiva?

Entrevistado: Porque eu sempre fui colocado como rapaz inteligente, que consegue fazer as coisas que, é, sempre falaram que eu era educado, que apesar de minha mãe estar terminado o estudo agora, meu pai ter apenas o ensino médio, mas que eu estava sempre bem na escola; o meu irmão também, e ai você dar essa notícia, pra eles, você fica com a sensação de que decepcionou eles. Então te abate muito. Complicado você saber que decepcionou pessoas que confiavam em você. E que não duvidavam da sua capacidade, e agora você vem a duvidar da sua capacidade.

Entrevistadora: Então você considera que você decepcionou essas pessoas?

Entrevistado: Sim, porque isso aconteceu porque eu deixei, não era pra acontecer, eles confiava em mim.

Entrevistadora: E eles não confiam mais?

Entrevistado: Não. Você espera uma reação negativa de todos, de que o mundo vai se acabar, mas assim, eles tentam te apoiar, alguns, outros tentam te castigar cortando as regalias que você tem, mas como eu disse, a visão sobre mim já era de ser um rapaz inteligente, que era dedicado, então assim, eles tentaram mais me apoiar, eles continuam confiando em mim, é, agora com a pressão, cobrando mais, dando uma certa pressão maior, perguntando como é que está e tudo, até algumas tias que já deixaram de tentar entrar assim na minha vida acadêmica há algum tempo, agora já estão mais atrás, perguntando como é que está, se está tudo bem esse ano. E aí vem aquela questão também de alguns que não são tão próximos de dizer “oh não vai deixar acontecer de novo”, “oh o que tu fez pro teu pai e tua mãe, não vai deixar acontecer!”. Assim você fica imaginando mil e uma coisas que eles pensam sobre você. Mas sobre a questão de confiar eu acho que eles ainda confiam em mim sim. Só eu que posso mostrar que eu sou capaz de ir pra frente, de progredir nos estudos, e, por mais que você pense que decepciona eles, que realmente decepcionou... é uma decepção. Mas você tem que mostrar que é capaz de estar lá na frente. Então por mais que eu ande de cabeça baixa, eu tento levantar ela e dar o meu melhor. Tentar tirar esse receio deles, porque assim, eles tinham uma visão boa sobre mim e por mais que ela continue, diminui de certa forma, e ai você tem que mostrar que eles podem confiar em você, que você é capaz de estar lá na frente.

Entrevistadora: Então você considera que você tem uma nova oportunidade?

Entrevistado: Sim. Tenho nova oportunidade, assim, porque o nosso *Campus* permite que o aluno continue, é, mesmo com um ano de reprovação, e ai meu irmão concluiu aqui 4 anos (tomando ele como exemplo), sem reprovar. E eu tenho a oportunidade ainda de concluir o ensino técnico integrado ao médio mesmo com um ano a mais, então é uma oportunidade de mostrar para eles que eu posso, eu consigo. É a questão de manter uma boa imagem. Minha imagem é uma imagem que é considerada boa e aí você quer manter ela, quer mostrar que você é um bom rapaz de verdade, que aconteceu, mas que não venha mais a acontecer de forma alguma, você quer mostrar que é capaz de deixar isso pra traz e fazer só coisas boas agora.

Entrevistadora: Muito bem, L. Você quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: (risos do entrevistado) De acrescentar eu só queria, é, não cobrar mais de vocês assim, mas só procurar saber o que se passa no extra escola de algumas pessoas, porque pode influenciar muito.

Entrevistadora: Você diz assim, que a escola deveria buscar saber mais.

Entrevistado: É essa questão da assistência social, não esperar o aluno ir procurar o problema, procurar como está a vida dele, ver se está tudo bem, não que aqui deixe de procurar...

Entrevistadora: Mas você acha que a escola deveria fazer mais? Procurar mais vocês.

Entrevistado: É, isso ai é necessário. Tem a questão do bullying, que pode afetar algumas pessoas, brincadeira de mal gosto. Tendo uma atenção maior com os alunos, isso pode vir a não acontecer.

Entrevistadora: Quando você me fala que acredita que a escola deveria buscar mais esse acompanhamento, é porque você acredita que isso foi um fator? Que dificultou a sua aprovação? As tuas questões familiares...

Entrevistado: Para mim não, não. Porque apesar de ter problemas em casa, eu sempre fui um rapaz que tenta deixar isso lá.

Entrevistadora: Entendo.

Entrevistado: Então pra mim, eu não quero usar isso como desculpa, não foi problema, mas para algumas pessoas pode ser problema. Até pessoas que são consideradas de mente fraca, que se tem um problema em um lugar, leva esse problema pra todo lugar... anda triste, cabisbaixo, então, tem que ter uma atenção maior com essas pessoas. Para mim, eu não vi como um problema, poderia ter conseguido a aprovação mesmo com os problemas dentro de casa, mas tem pessoas que não conseguem pensar em outra coisa, fica só no problema, no problema, e tem que ter uma atenção maior pra essas pessoas.

Entrevistadora: Ok.. pois muito obrigada pela sua participação. Nós vamos marcar um novo encontro para você ler a transcrição da nossa conversa. Se você quiser acrescentar alguma coisa, retirar. Ou: “Idalina, isso aqui não está como eu disse”. Certo? Em breve eu entro em contato novamente com você para marcarmos essa devolutiva.

Entrevistado: Tudo bem.

Entrevistadora: Muito obrigada pela sua contribuição.

ENTREVISTA 03

Entrevistadora: Vou te explicar melhor, apesar de já ter te adiantado algumas coisas. Bom, você já me conhece, sou Idalina, sou psicóloga aqui do *campus* Floriano, estou fazendo o Mestrado em Educação na Universidade 09 de Julho, na Uninove em São Paulo. O meu mestrado é uma parceria do Instituto com a UNINOVE, se chama MINTER, certo? E essa pesquisa que você aceitou contribuir, ela faz parte da construção do meu trabalho para finalizar o Mestrado. Eu tenho por tema central de estudo a reprovação, e assim, me interessa saber justamente o que vocês pensam. O que você pensa sobre a reprovação, sobre o fato de ter sido reprovado. E analisar, também, as implicações, que impactos vocês consideram que isso teve na vida de vocês.

Entrevistado: Certo.

Entrevistadora: - É.. sua participação é realmente muito importante para mim, porque eu acredito que com experiência que você viveu, alguma coisa você tem para me dizer. E a minha intenção também é que eu possa conhecer um pouco melhor essa questão da vivência da reprovação para que eu também possa atuar um pouco melhor com os alunos que passam por isso e até assim, pode gerar outros trabalhos, pode gerar algum tipo de formação com os professores, enfim. Certo? Eu tenho autorização da direção da escola para estarmos aqui conversando e eu gostaria que sua participação fosse realmente voluntária. Não há problema nenhum se você não quiser participar e a qualquer momento que você quiser se retirar, sair da pesquisa, você tem autorização para isso, certo?

Entrevistado: Certo.

Entrevistadora: É... como tudo que você me disser é de extrema importância para a construção do meu trabalho, eu gostaria de gravar nossa conversa, como eu já falei com você anteriormente e você autorizou que eu gravasse a conversa. Mas de já eu te garanto que só eu e meu orientador teremos acesso a essa gravação e você não vai ser identificado em momento nenhum do trabalho. Eu vou transcrever a nossa conversa e você vai ser o primeiro a ler essa transcrição, ou seja, nos encontraremos de novo e eu vou transcrever tudo direitinho e você vai ler e vai me dizer, “Está ok, está do jeito que eu disse!”. Ou então, não. “Isso aqui não está do jeito que eu disse”. “Não foi assim que eu falei”. “Tira isso, acrescenta aquilo”. O que você quiser, certo? Por isso nós vamos combinar um segundo encontro, tudo bem?

Entrevistado: Tudo.

Entrevistadora: Eu gostaria que você lesse e assinasse esse termo, caso você concorde, claro, esse termo de consentimento livre e esclarecido, que é um documento que você declara que

aceita participar da pesquisa de livre e espontânea vontade e se você concordar com as condições. Ai ele está em duas vias, que fica uma para você e a outra fica comigo.

[ENTREVISTADO LÊ O TCLE)

Entrevistado: Certo. Essa primeira folha é o que você já disse, não é?

Entrevistadora: Isso. Na verdade eu já disse quase tudo; o que tem a mais é o e-mail do meu professor orientador, caso você queira tirar alguma dúvida ou quiser tratar alguma coisa com ele. Certo? Então vamos lá.

Entrevistadora: Quantos anos você tem?

Entrevistado: 18 (Dezoito)

Entrevistadora: Você tem dezoito anos. Hoje você está fazendo que ano e que curso aqui no Instituto?

Entrevistado: Estou fazendo o quarto ano no curso técnico de edificações.

Entrevistadora: Quarto ano do curso técnico de edificações. Há quanto tempo você é aluno aqui do IFPI?

Entrevistado: Desde 2013.

Entrevistadora: Desde 2013. Aqui no Instituto você só reprovou uma vez?

Entrevistado: Só. No segundo ano, em 2014.

Entrevistadora: E antes de vir para o Instituto você já tinha reprovado?

Entrevistado: Não

Entrevistadora: Então você não tem histórico de reprovações anteriores ao IFPI?

Entrevistado: Não

Entrevistadora: A primeira que vez que você reprovou foi aqui no instituto, no segundo ano?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Certo. Eu vou te fazer uma pergunta geral e você fica à vontade para me responder da maneira que você quiser. É uma pergunta ampla e você pode contar, falar, da maneira que quiser. O que você pensa sobre o fato de ter sido reprovado?

Entrevistado: Assim, tecnicamente eu acho que é um ano perdido. É.. em questão de... em relação aos demais. Tipo, não na questão de conhecimento, porque o conhecimento adquirido no ano que eu tecnicamente passei por ele, só foi reaproveitado, foi melhor esclarecido. Mas em relação as demais pessoas que eu convivia antes de vir para cá, acho que foi uma perda. Eu me sinto como se estivesse atrasado.

Entrevistadora: Você sente, então, que a reprovação trouxe para você um atraso.

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Principalmente se você for se comparar com seus colegas mais ou menos da mesma época, da mesma faixa etária?

Entrevistado: É.

Entrevistadora: Foi um atraso. Você lembra? Conta pra mim como foi a experiência da reprovação?

Entrevistado: Assim... é frustrante, não tem? Porque você passa um ano letivo se dedicando.. entre aspas.

Entrevistadora: Se dedicando entre aspas?

Entrevistado: É porque tipo... tecnicamente você vinha pra cá todo dia estudar só que você não estava alcançando uma média, o objetivo que era adquirir o conhecimento, passar, você acaba adquirindo esse conhecimento fragmentado e com essa fragmentação você acaba não conseguindo o objetivo que é passar.

Entrevistadora: Como foi na época?

Entrevistado: Triste. Não recomendo a ninguém. Você perde, você sofre com os familiares, você se sente deslocado no meio dos irmãos, por eles não terem nenhuma reprovação ainda.. aí seu pai implica com você, sua família em si. Eu me sinto deslocado em relação a eles, com essa perda, por que eu acho que fui o primeiro da família a perder o ano.

Entrevistadora: E quando você recebeu a notícia que estava reprovado, como foi?

Entrevistado: Eu acho que foi uma surpresa maior para o meu pai por que como eu já estava por dentro de tudo, eu já sabia das minhas ações passadas, talvez isso poderia acontecer, mas como aqui tem a questão do conselho [conselho de classe] eu ainda pensei que eu poderia passar pelo conselho. Então acho que foi uma surpresa maior para o meu pai, porque para mim foi uma surpresa eu pensar que por conta das minhas ações... tipo isso não aconteceria.

Entrevistadora: Você chegou a pensar... A surpresa para ti foi porque você achou que isso não aconteceria por conta das suas ações em sala de aula, do seu comportamento, é isso?

Entrevistado: É, porque eu não sou daqueles alunos bagunceiros, conversador, assim, eu sou daqueles quietos que nem tanto.... como é que se diz.. é...tipo, quando o professor faz uma pergunta e você responde

Entrevistadora: Participativo.

Entrevistado: É... participativo. Eu sou mais ou menos em questão de participação, mas eu não dou trabalho, eu nunca dei trabalho em relação a isso, aí eu pensava que por causa disso não aconteceria.

Entrevistadora: Você achou, então, que o seu comportamento na sala de aula iria ser levado em consideração e que, por conta disso, possivelmente, você pudesse chegar a não reprovar.

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Então a sua surpresa quando você recebeu a notícia da reprovação se deu por conta disso?

Entrevistado: Foi.

Entrevistadora: Pronto. Para o seu pai você já acha que foi uma surpresa maior porque ele não tinha tanta ciência do que estava acontecendo.

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Você falou assim: “foi frustrante”.

Entrevistado: É. Isso.

Entrevistadora: Você me explicou como que foi quando você recebeu a notícia. E quando você entrou na nova sala de aula?

Entrevistado: Não... Até hoje assim, meus colegas de classe, eu não me sinto assim fazendo parte da turma. Porque minha turma em si ela já passou. Eu tenho o meu colega aqui, mas mesmo assim, só ele não basta, no sentido de fazer parte da turma.

Entrevistadora: Já tem dois anos que você convive com essa turma, não é isso?

Entrevistado: É.

Entrevistadora: Vai fazer dois anos, na verdade.

Entrevistado: É.

Entrevistadora: E até hoje você não se sente parte da sua turma. A sensação que você tem é que a sua turma já passou.

Entrevistado: É.

Entrevistadora: E que consequências, que implicações você acha que a reprovação gerou na tua vida escolar? Além da questão do atraso.

Entrevistado: Acho que nenhuma. Porque, tecnicamente, o conhecimento só vai ser aprimorado, ele não vai ser tirado de mim. Em termos escolares, nenhuma. É mais social.

Entrevistadora: Você acha então que as consequências são mais sociais.

Entrevistado: É.

Entrevistadora: Social em relação a quem?

Entrevistado: Tipo em relação a ... vamos dizer... é... exclusão. Não é nem tipo exclusão... é tipo questão de piadinha, essas coisas assim, é.. ser menosprezado. Tipo, toda vez que eu vejo meus colegas dos colégios passados, que eu vejo eles já a frente de mim....questão também do IFPI por conta da greve, do atraso, tipo, eu tenho vergonha de falar com eles assim, porque eles pensam que eu estaria já... não que eu estaria já no curso superior, não tem, mas já estudando para o curso superior.

Entrevistadora: Já teria terminado o ensino médio..

Entrevistado: É, o ensino médio. É, por causa dessa reprovação assim isso não aconteceu ainda... quer dizer, aconteceu agora, mas, tipo, para eles eu deveria já ter terminado, não tem?

Entrevistadora: Você falou em “vergonha”. Já que você falou em vergonha, quais outros sentimentos você acha que a reprovação despertou em você?

Entrevistado: Acho que de tristeza. Não sei, eu não sou bem expressivo em questão de sentimento, acho que mais decepção de mim mesmo.

Entrevistadora: Decepção de você mesmo?

Entrevistado: É. Comigo. Porque, tipo, você monta o seu psicológico ai você constrói ele a base dos seus conhecimentos ai talvez você faça com que você consiga superar algumas dificuldades. Mas ai com uma situação dessa acaba diminuindo sua....sua..

Entrevistadora: Sua autoconfiança?

Entrevistado: É. Autoconfiança.

Entrevistadora: Você acha que a reprovação então mexeu com a visão que você tinha sobre a sua própria capacidade de aprender? É isso?

Entrevistado: É.

Entrevistadora: Você já me falou muitas coisas, mas você acrescentaria alguma outra consequência em relação a tua vida no geral? Porque você falou de algumas questões relacionadas a escola, aos colegas com os quais você convivia antes. Você me falou em relação a você mesmo e à visão que você tinha da sua própria capacidade de aprender. Falou também um pouco da sua família, do seu pai principalmente, dos seus irmãos. Você acha que tem alguma outra consequência na tua vida, no geral?

Entrevistado: Eu nunca pensei nisso em si, não tem?

Entrevistadora: Entendo.

Entrevistado: Porque eu nunca fui atrás, pra saber se isso tem relevância tipo na busca de emprego, de estagiar em alguma ... nunca fui atrás.

Entrevistadora: Se a reprovação teria alguma consequência direta em relação a essa questão de você buscar um emprego, alguma coisa assim no futuro?

Entrevistado: É... foi.

Entrevistadora: Ok. Você quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não..

Entrevistadora: Pois ótimo. Podemos encerrar? Muito obrigada.

Entrevistado: Por nada.

ENTREVISTA 04

Entrevistadora: Bom, você já me conhece, eu sou Idalina. Sou psicóloga aqui do *campus* Floriano e estou fazendo um Mestrado em Educação. Esse mestrado é na Universidade Nove de Julho, em São Paulo; uma parceria entre o Instituto e a UNINOVE. Essa pesquisa que eu te convidei para participar faz parte da construção do meu trabalho de conclusão do mestrado e eu tenho por tema central a reprovação. Me interessa verificar o que os alunos do Ensino Médio do IFPI pensam sobre a reprovação. Certo?

Entrevistado: Certo.

Entrevistadora: E analisar, também, as consequências, as implicações dessa reprovação trouxe na vida escolar e na vida no geral do aluno. Sua participação, realmente, é muito importante para mim, pois com a experiência que você viveu você deve ter algo para me dizer, alguma coisa para me contar. E meu objetivo, também, é que a partir disso eu possa compreender melhor a vivência de quem repara e nós possamos, também, melhorar as nossas práticas, no nosso dia a dia de trabalho. Eu tenho autorização da direção para nós estarmos aqui conversando e eu gostaria que a sua participação fosse realmente voluntária e você pode a qualquer momento, caso deseje, deixar de participar. Não tem nenhum problema se você não quiser. Como tudo que você me disser é realmente importante para a construção do meu trabalho eu te pedi autorização para gravar e eu já te garanto que só quem vai ter acesso a esse áudio sou eu e o meu professor orientador e em momento nenhum do trabalho você vai ser identificado, certo? Eu vou transcrever nossa conversa, vou digitar tudinho que nós conversarmos, aí eu vou imprimir e vou trazer para você ler, para isso vamos combinar um segundo encontro. Então eu vou trazer para você e você vai dizer, “Idalina, está do jeito que eu falei”, ou então, “Não, Idalina, tira isso aqui. Acrescenta isso aqui...” Certo? Você vai ler e vai ver o que você quer modificar. Aí eu gostaria, então, que tu lesse e assinasse esse termo, que é um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que é onde você me diz que aceita participar da pesquisa voluntariamente. Ele está em duas vias iguais, uma fica com você e a outra comigo.

Entrevistado: Certo.

Entrevistadora: Então vamos lá. Qual é a sua idade?

Entrevistado: 18 (dezoito).

Entrevistadora: Você tem dezoito anos... Qual é o ano e o curso em que você está?

Entrevistado: No terceiro ano de Informática.

Entrevistadora: Há quanto tempo você é aluno aqui do IFPI?

Entrevistado: 4 anos.

Entrevistadora: 4 anos...antes de vir para o IFPI você já tinha alguma experiência de reprovação?

Entrevistado: Não..

Entrevistadora: Nunca tinha reprovado antes de vir para o Instituto. Sua reprovação foi em que ano?

Entrevistado: No segundo ano.

Entrevistadora: Ou seja, no ano passado você estava repetindo o segundo ano?

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistadora: Como eu te falei, são duas perguntas iniciais mas ao longo da nossa conversa eu posso ir te fazendo outras perguntas de acordo com o que formos conversando. Mas eu queria que de início você me dissesse o que que você pensa sobre o fato de você ter sido reprovado.

Entrevistado: No começo, quando a gente perde o ano, a gente fica sem chão, porque nunca passou pela cabeça da gente que a gente ia perder o ano. Aí quando a gente perde o ano é uma coisa muito depressiva, a gente entra muito em depressão e muitas vezes a gente pensa até em não querer mais estudar. Aí graças a Deus eu tive minha mãe que me deu apoio e se não fosse ela eu não estaria aqui mais no Instituto, eu teria saído. E foi isso mesmo, muita tristeza. Na família a gente não é tratado da mesma forma, não é tratado como a gente deveria, entendeu?

Entrevistadora: Como assim não é tratado da mesma forma? O que você acha que mudou na maneira como você era tratado?

Entrevistado: Porque, um exemplo: eu tinha uns primos meus que as vezes eu ensinava eles, a mãe deles me pedia para eu ensinar eles. Quando eu perdi o ano ela achava que eu estava brincando, que brinquei demais, aí ela “Não, eu vou botar eles no reforço. Porque você perdeu o ano então você não vai ensinar da melhor forma pro meu filho, entendeu?”.

Entrevistadora: Como se, porque você perdeu o ano você não pudesse mais ensinar os filhos dela.

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistadora: Como foi a experiência de você reprovar?

Entrevistado: Muuuuito triste! Tristeza total. Você perde o ano e não vai mais ter contato com seus amigos que você está acostumado, vai ter que conhecer novas pessoas. Isso é bom, né? Conhecer novas pessoas... mas a principal causa é você sair de perto dos seus amigos que você passa a maior parte do tempo com eles, isso é muito triste. E a tristeza toma conta da gente, né? Quando a gente perde o ano... não quer mais estudar, não quer mais ir para a escola...

Entrevistadora: Que sentimentos você acha que a reprovação despertou em você além da tristeza que você já falou?

Entrevistado: Raiva de mim mesmo. Porque eu sabia que eu tinha brincado. Quando veio o resultado, só raiva...raiva e tristeza.

Entrevistadora: Raiva e tristeza...e que consequências você acha que a reprovação trouxe para a tua vida? O que que provocou, impactou na tua vida escolar?

Entrevistado: Cara...

Entrevistadora: Escolar, primeiramente.

Entrevistado: Escolar.. é...perdi a autoconfiança de mim mesmo em estudar. Aquela vontade de estudar que eu geralmente tinha, acabou. Não conseguia mais focar no assunto, pensava muito nessa reprovação, a gente acaba não tendo mais foco nos estudos.

Entrevistadora: Você acha que ficou mais desestimulado?

Entrevistado: Muito mais desestimulado. Sem auto confiança.

Entrevistadora: Ou seja, a reprovação fez com que você questionasse a sua própria capacidade de aprender?

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistadora: Você acha que esse foi o principal impacto na sua vida escolar?

Entrevistado: Foi, o principal impacto.

Entrevistadora: E a questão dos amigos que você citou?

Entrevistado: Porque quando você está acostumado a estar numa sala com seus amigos, aí você perde o ano..eles estão na sua frente, você não pode mais estar na mesma sala que eles, trocar ideia com eles, é muito desestimulante.

Entrevistadora: E na sua vida no geral, você acha que teve também algum tipo de impacto?

Entrevistado: Não...na minha vida assim particular não. Só a minha família toda jogando na minha cara que eu perdi o ano, mandando eu estudar. Mas não a maioria, só uma parte. Entendeu? Falaram só..jogando na minha cara que eu tinha perdido o ano, que eu ia sair, mas a outra parte me ajudava, entendeu? Dizendo que, se eu estudar, manter o foco, eu posso sair daqui..

Entrevistadora: Em determinando momento você falou assim: “Eu sei que eu brinquei...”

Entrevistado: É, porque quando você perde o ano, passa toda a retrospectiva do ano na sua cabeça... aí a gente sabe que a gente brincou, causa muita raiva...

Entrevistadora: Então você está querendo me dizer que você fez uma avaliação no final do ano, sobre você mesmo, sobre o ano que você tinha passado e a conclusão que você chegou é que essa reprovação é uma consequência de você ter passado o ano brincando?

Entrevistado: Exatamente...

Entrevistadora: Apenas disso?

Entrevistado: Apenas disso..certeza. Só brincadeira...que eu não consegui me concentrar, entendeu? A gente brinca demais na aula..acaba perdendo.

Entrevistadora: Você quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não, não...

Entrevistadora: Hoje...o ano passado foi o ano que você repetiu, não é? Hoje você está no terceiro ano sendo que reprovou o segundo ano. Hoje, que você já mudou o ano, já está no terceiro ano, você olhando para trás, o que que você consegue ver que a reprovação teve como maior consequência?

Entrevistado: É...a maior consequência é que ela me desanimou...fez eu perder a autoconfiança em mim mesmo. Fez eu perder o foco e foi muito ruim pra mim, continuar estudando no mesmo..repetir o ano, entendeu?

Entrevistadora: Ok, quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não, não...

Entrevistadora: Pois muito bem. Muito obrigada pela sua participação.

Entrevistado: Por nada.

ENTREVISTA 05

Entrevistadora: Vou te explicar um pouco melhor sobre o convite que fiz para participar da pesquisa. Eu sou Idalina, sou psicóloga aqui do *Campus Floriano*. Como falei quando fui convidar vocês para participar, eu estou fazendo Mestrado em Educação na Universidade Nove de Julho; na verdade é uma parceria do IFPI com a Universidade Nove de Julho, que é a UNINOVE, em São Paulo. Essa pesquisa que estou fazendo faz parte da construção do meu trabalho de conclusão do mestrado. Eu tenho por tema central de estudo, a reprovação. Me interessa, na verdade, verificar o que pensam os alunos do ensino médio do IFPI sobre o fato deles terem sido reprovados. E que consequências você acha que a reprovação trouxe para você e na sua vida. Enfim, sua participação é muito importante para mim pois acredito que com sua experiência de reprovação, você deve ter alguma coisa para me contar. Eu tenho autorização da direção da escola para estarmos aqui conversando e sua participação, eu gostaria, de verdade, que fosse voluntária. A qualquer momento você pode dizer que não deseja mais participar, não tem problema nenhum. Como tudo que você me disser é importante para o meu trabalho, eu gostaria de gravar nossa conversa. Mas desde já garanto para você que só quem vai ter acesso a esse áudio sou eu e meu orientador, o professor Marcos Lorieri. No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tem o e-mail dele e se você sentir necessidade você pode entrar em contato com ele; ele também é responsável pela pesquisa. Você não vai ser identificada em momento algum de minha pesquisa. O que vou usar de suas falas são trechos, mas seu nome não vai ser identificado em momento algum, certo? Depois vou transcrever a nossa conversa, digitar, aí vamos nos encontrar novamente para você ler essa transcrição e dizer se tem alguma coisa a acrescentar ou a retirar. Você vai ser a primeira pessoa a ler o que a gente conversou. Nesse caso, eu gostaria que você assinasse o TCLE que já falei, em duas vias para ficar uma com você e a outra comigo. É um documento dizendo que você aceitou participar da pesquisa de livre e espontânea vontade. Quer perguntar alguma coisa? Tem alguma dúvida?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Então vamos lá. Que idade você tem?

Entrevistado: 17 anos

Entrevistadora: Que ano e que curso você faz hoje?

Entrevistado: Terceiro ano de Edificações.

Entrevistadora: Há quanto tempo você é aluna aqui do IFPI?

Entrevistado: Já vai fazer 04 anos. Já fez, na verdade.

Entrevistadora: Você tem histórico de reprovações escolares anteriores ao IFPI?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Antes de entrar no IFPI você já tinha reprovado?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Em que ano você reprovou?

Entrevistado: Entrei em 2014 e aí já reprovei

Entrevistadora: Reprovou logo no primeiro ano que você entrou? Pronto, diante desse quadro que você está me colocando agora de ter reprovado no primeiro ano: o que você pensa sobre o fato de você ter sido reprovada?

Entrevistado: Assim, no começo, logo que reprovei, eu fiquei meio triste porque nunca tinha acontecido comigo, cheguei a chorar. Só que minha mãe, ela sempre frequentava as reuniões daqui da escola, frequentava a pedagogia, conversava com os professores e ela sempre me deu apoio. Aí ela veio e falou que por mais que nunca tivesse acontecido, não era bom, não era cem por cento bom, mas que eu poderia tentar de novo, que eu poderia vencer aquilo, que eu era melhor que aquilo, aí como eu tinha sido reprovada por pouco ponto, eu disse “vou tentar de novo”, e aí eu não achei ruim porque eu realmente precisei perder para focar. Quando eu entrei aqui eu já sabia que o IFPI era um pouco mais difícil que as outras escolas, que era uma escola que exigia mais da minha pessoa. Mas eu estudava só uma quantidade x , só que era mais ligada ao que era antes. A minha rotina de estudo ainda estava presa a do ensino fundamental.

Entrevistadora: Ao hábito que você tinha no ensino Fundamental.

Entrevistado: Que não era tanto porque não era tão difícil. Aí quando eu perdi o ano eu melhorei. E agora ficou uma “certa pressão”, [entre aspas], pra sempre exigir um pouco mais de mim, porque agora me toquei que estou no IFPI e que estou evoluindo, está passando.

Entrevistadora: Você falou assim: “ficou uma certa pressão em mim”? Essa pressão vem de onde, de alguém de fora, de alguém de sua família ou de você mesma?

Entrevistado: Não. Quem mais me acompanha é a minha mãe. Meu pai também as vezes me liga, mas só pergunta, vez ou outra, só que minha mãe sempre pergunta “como é que está na escola?”, como estou nas provas, como está o ENEM, se estou estudando. Aí eu peguei aquele costume de ligar para ela. Não mãe, eu te aviso minhas provas, te aviso minhas notas. Aí sempre tive aquele costume de avisar nota para ela e tal. Eu mesmo fico decepcionada comigo mesma quando tiro uma nota ruim e estudei. Só que eu não boto a culpa em nada. Boto culpa em mim mesma . Eu poderia ter estudado mais... Se eu tivesse estudado mais....eu teria tirado uma nota maior. Aí essa pressão, é mais isso, essa exigência. Não é nem pressão, é exigência. Eu sempre quero exigir mais de mim para melhorar, para não repetir mais.

Entrevistadora: Você acha que isso se intensificou depois de ter sido reprovada?

Entrevistado: Depois de ter sido reprovada, porque isso mostrou, de certa maneira, que se eu tivesse estudado um pouquinho a mais eu poderia ter passado.

Entrevistadora: Entendi. Você falou anteriormente sobre culpa. Você falou assim “não fico colocando a culpa em ninguém, a culpa é minha”. Você também pensa assim sobre a reprovação?

Entrevistado: Eu penso assim, porque os professores são bons, minha mãe me acompanha, professor acompanha, está todo mundo ali, disponível, então se eu procurar eu vou ter ajuda, principalmente aqui no IFPI que depois que eu perdi o ano até me socializar eu consegui mais... que eu era muito fechada na minha turma. Não era muito de conversar com as pessoas . Aí eu reprovei. Aí falei “Não, vou mudar...mudar meu jeito de ser até para ver se melhora as coisas pra mim”. Aí comecei a conversar com as pessoas. Frequentei muita monitoria até por fora, sem estar no meu período de aula. Comecei a procurar as pessoas das séries na frente da minha e perguntar, pedir ajuda, provas passadas, pedindo apostilas, pedindo ajuda. Aprendi a me virar.

Entrevistadora: Fazendo um gancho com tudo isso que você está falando agora, no que você acha que a reprovação impactou em sua vida escolar?

Entrevistado: Na minha vida escolar, ela mais me ajudou do que atrapalhou. Eu não percebi na época, mas como eu pretendo ir para o exército, aí só entraria com 18 anos e aí eu ia sair e ia ficar um ano praticamente parada. Agora vou sair no tempo certo. Me ajudou a estudar mais e provar que eu posso mais, que sou mais que uma prova, sou mais que recuperação.

Entrevistadora: Então, em relação a sua vida escolar, você considera que os impactos da reprovação escolar que você viveu lá no primeiro ano foram mais positivos que negativos?

Entrevistado: Achei que foi mais positivo que negativo, porque foi só um ano que não foi perdido. Todo mundo fala “ah, perdeu um ano!”. Eu não perdi um ano. Eu aprendi com aquele ano.

Entrevistadora: E na sua vida, no geral, você acha que teve algum impacto? Na sua vida fora da escola...

Entrevistado: Teve porque as vezes, por causa do meio, quando todo mundo fala que nunca perdeu, que nunca foi reprovado. Eu também nunca tinha reprovado antes. Minhas colegas dizem isso e eu fico com aquela ...” ah.... me atrasei em relação a eles”. Não foi ruim, mas estou atrasada.

Entrevistadora: Não foi ruim, mas teve um atraso. Você considera esse atraso um impacto negativo?

Entrevistado: Foi, foi negativo.

Entrevistadora: Um atraso em relação a sua idade ou em relação aos seus colegas da mesma geração?

Entrevistado: Só em relação aos meus colegas.

Entrevistadora: Isso te faz sentir como?

Entrevistado: Não reclamo, não acho ruim. Tipo, achei ruim no começo mas depois vi que aquilo só me ajudou.

Entrevistadora: Então, se você for fazer um balanço geral sobre a sua vivência sobre a reprovação, como foi para você ter reprovado, o que me diria?

Entrevistado: Que deveria ter mesmo acontecido para eu melhorar como aluna e como pessoa.

Entrevistadora: Como aluna...porque você estudou mais....

Entrevistado: Porque aprendi a me exigir mais.

Entrevistadora: Como pessoa

Entrevistado: Aprendi que posso me socializar mais com as pessoas, que eu tenho ajuda, que posso procurar mais, que isso facilita muito minha vida.

Entrevistadora: Ok. Quer acrescentar mais alguma coisa?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Então muito obrigada.

Entrevistado: Por nada.

ENTREVISTA 06

Entrevistadora: Bom, você já me conhece, não é? Eu sou Idalina, eu sou psicóloga aqui do *Campus Floriano*. Eu estou cursando um Mestrado em Educação na Universidade Nove de Julho em São Paulo. É uma parceria do Instituto Federal com a Universidade Nove de Julho. Essa pesquisa faz parte da construção do meu trabalho de conclusão do mestrado. Eu tenho como tema central o estudo da reprovação, compreender alguns aspectos relacionados à reprovação. Me interessa verificar o que pensam os alunos do Ensino Médio do IFPI em relação a reprovação e ao fato de terem sido reprovados. E também entender que implicações, que consequências você acredita que a reprovação trouxe à sua vida escolar e a sua vida no geral. A sua participação é muito importante para mim, pois com a experiência que você viveu eu acredito que você tenha alguma coisa para me contar. Alguma coisa deve ter para repassar e contribuir com a pesquisa. Eu tenho autorização da direção da escola para estarmos aqui conversando, mas eu gostaria que sua participação fosse realmente voluntária, não há problema nenhum se você não quiser participar, ou em qualquer outro momento você quiser se retirar da pesquisa, certo? Como tudo que você me disser é realmente muito importante para a construção do meu trabalho, eu pedi autorização para você para eu gravar nossa conversa. Mas eu te adianto que só eu e meu professor orientador vamos ter acesso a essa gravação, certo? A essa conversa. Eu vou transcrever tudo que conversarmos e nós vamos marcar um novo encontro, no qual você vai ler a transcrição, vai ler o que eu digitei, vai me dizer se “está ok”, se deseja retirar ou acrescentar alguma coisa.

Entrevistado: Certo.

Entrevistadora: Por isso vamos combinar um novo encontro.

Entrevistado: Ok.

Entrevistadora: Podemos começar?

Entrevistado: Podemos.

Entrevistadora: Qual é sua idade?

Entrevistado: 17

Entrevistadora: 17 anos. Em que ano você está? E em que curso?

Entrevistado: No terceiro de Edificações.

Entrevistadora: Terceiro ano de Edificações. Há quanto tempo você é aluna do IFPI?

Entrevistado: 4 anos

Entrevistadora: 4 anos. É, em que ano você reprovou?

Entrevistado: No primeiro ano.

Entrevistadora: No primeiro ano que você entrou. Você tem histórico de reprovações anteriores ao IFPI?

Entrevistado: Não

Entrevistadora: Não?

Entrevistado: Não

Entrevistadora: Primeiro contato que você teve com a reprovação foi aqui no instituto? Ou seja, já no ensino médio?

Entrevistado: Foi.

Entrevistadora: Ok. Diante desse quadro que você me colocou de que você foi reprovada no primeiro ano que você entrou no IFPI, sendo essa a sua única experiência de reprovação, o que você pensa sobre o fato de ter sido reprovada?

Entrevistado: Eu achei um pouco justo e injusto. Tipo uma situação meio que neutra. Eu acho justo porque eu não consegui, é, desenvolver naquela matéria, então eu tenho que repetir para poder estudar ela novamente. Acho injusto porque são 14 disciplinas e os alunos tem que estudar todas sendo que foi aprovado nelas e ter que estudar uma, por conta de uma reprovação, estudar tudo novamente.

Entrevistadora: Passar por tudo isso novamente.

Entrevistado: Eu acho tudo isso injusto.

Entrevistadora: Entendo.

Entrevistado: Eu acho que deveria ter tipo um método que, um método não, uma forma de estudar só aquela disciplina.

Entrevistadora: Uma alternativa diferente da reprovação?

Entrevistado: Sim. É porque eu acho que fica como um atraso ter que estudar tudo aquilo novamente. Sendo que a pessoa foi aprovada é meio que injusto. Eu acho assim, em relação a ter perdido o ano.

Entrevistadora: Entendi. Como foi para você ter reprovado?

Entrevistado: Foi muito triste. A primeira vez que eu perdi o ano. Não é legal não. Eu fiquei muito pra baixo. A minha mãe ficou, “ai a gente faz viagem!” “faz isso e aquilo”, mas não é a mesma coisa. Eu nem quis mais estudar aqui, mas aqui é uma boa escola.

Entrevistadora: Hum. Então num primeiro momento você não queria continuar na escola, não queria repetir?

Entrevistado: Não. Por conta disso, ter que rever todas as matérias, mesmo as que eu tinha aprovado, ter que rever tudo aquilo, ai eu fiquei “não, é muita coisa, vai ser difícil de novo!”; mas deu certo.

Entrevistadora: A tua família que te incentivou a continuar?

Entrevistado: Foi

Entrevistadora: E você concordou?

Entrevistado: Concordei, porque aí eu vi que era a melhor coisa a fazer. Porque as escolas... eu não ia poder sair para uma escola particular, aí eu ia ficar na pública e a publica não é o mesmo ensino que aqui, ai eu “não, vou ficar aqui que o ensino é melhor”.

Entrevistadora: Você lembra como se sentiu?

Entrevistado: Eu chorei muito, uma semana. Muito triste. Foi chato, eu não gosto assim de lembrar muito não.

Entrevistadora: Entendo. E assim, que conseqüências você acha que essa reprovação trouxe para a sua vida? Que impacto ela trouxe para tua vida, primeiramente, no aspecto escolar?

Entrevistado: Só o atraso mesmo. Mais ter que fazer mais um ano.

Entrevistadora: O atraso em relação a que?

Entrevistado: A ter que fazer mais um ano, aí a idade vai passando, o tempo vai passando.

Entrevistadora: E em relação aos seus colegas?

Entrevistado: Não, a turma que eu estudava não tinha assim muito contato com eles, eu gosto mais da turma de agora, fiz vários amigos, conheço mais pessoas, aprendi coisa nova. Faz amizades.

Entrevistadora: Hum rum.

Entrevistado: Não é uma situação só ruim, tem a parte boa.

Entrevistadora: Qual foi a parte boa?

Entrevistado: Os colegas, eu aprendi mais coisa, consegui desenvolver melhor, porque eu já tinha conhecimento do que eu ia estudar, aí já foi mais fácil. Essas coisas assim.

Entrevistadora: E foi fácil ou foi difícil? Como que foi pra você se reintegrar, ou seja, pra você entrar na turma nova?

Entrevistado: Foi fácil entrar na turma nova. Difícil mesmo foi só na hora, “ah eu perdi o ano, vou ter que estudar de novo!”, depois que eu coloquei na minha cabeça que eu tinha que estudar novamente, que ia ser melhor, foi mais fácil.

Entrevistadora: Então o mais difícil foi o impacto da notícia? De receber a notícia que você tinha sido reprovada?

Entrevistado: Isso..Na hora.

Entrevistadora: Depois disso, que você foi para a turma nova, que o tempo foi passando, você acha que conseguiu conduzir melhor essa situação?

Entrevistado: É. Só na hora mesmo que fica aquela coisa, “ah eu vou ter que estudar tudo de novo”.... só na hora, depois...

Entrevistadora: Eu achei interessante o que você falou assim, de que você acha que deveria ter um método... para ser feito novamente, me explica melhor isso, como que você imagina que poderia ser feito?

Entrevistado: Tipo assim, a minha amiga estudava comigo agora no segundo ano e ela perdeu só numa disciplina por pouco ponto mesmo, acho que em décimo e é injusto porque ela sempre foi esforçada e ter que repetir tudo aquilo por conta de uma matéria, eu vejo como uma coisa injusta. Ai, eu não sei como seria esse método, mas eu acho que seria bem mais fácil assim.

Entrevistadora: Por exemplo, ela iria para o próximo ano, mas ficava pagando aquela matéria?

Entrevistado: Pagaria aquela matéria. Aí tem aquela coisa, como ela vai estudar Química II se ela não conseguiu Química I. Tem isso, mas, por exemplo, no terceiro ano agora a gente não tava vendo Química III, ela não tem ligação com a Química II, daria para estudar as duas. Aí eu penso assim, seria bem mais fácil, não ia ter tanta reprovação, só ia pagar a matéria, seria mais fácil.

Entrevistadora: Como uma dependência?

Entrevistado: Isso. Acho que seria mais fácil. Diminuiria a reprovação porque seria mais difícil tu reprovar novamente só numa matéria.

Entrevistadora: Entendo.

Entrevistado: Já tinha a aprovação, acho que seria mais fácil assim.

Entrevistadora: Entendo.

Entrevistado: Eu penso assim.

Entrevistadora: No caso, por exemplo, de que quem perdesse em várias outras matérias? Repetiria o ano? Mas nesses casos em que a pessoa perde em apenas uma matéria...

Entrevistado: Só uma acho que não teria problema, eu penso assim.

Entrevistadora: Legal, interessante essa sua sugestão. Você quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não acho que era só isso mesmo. Desde quando eu perdi o ano eu fiquei com isso na cabeça, “gente teria que ter uma forma de pagar só uma matéria!”, porque eu acho injusto.

Entrevistadora: Você falou muito essa palavra...

Entrevistado: Injustiça?

Entrevistadora: Injustiça.

Entrevistado: Pois é, porque eu tenho um problema, eu acho as pessoas muito injustas, a gente nem sempre é ouvido, não pode colocar a opinião, e mesmo que tu fale, tem gente que não

escuta, só está ai, “ah, tá bom!” “tudo bem”, ai passam os problemas, vai só acumulando, eu acho que isso é o maior problema hoje em dia das pessoas.

Entrevistadora: E você acha que esse é um problema também das escolas?

Entrevistado: Sim

Entrevistadora: Os alunos precisavam ser mais ouvidos?

Entrevistado: Olha, uma questão, a professora S., pode citar nome, não é?

Entrevistadora: Pode, pode sim

Entrevistado: Ela estava falando disso, que os professores sempre tem encontros buscando a melhor forma de ter comunicação com os alunos, ai ela tava falando, por exemplo assim, que eles estavam tentando pensar uma forma de fazer os alunos lerem mais, eu acho que isso não seria um dever do professor, seria mais do aluno... aí depende muito essa questão de injustiça, eu falo assim em questões, por exemplo de reprovar.

Entrevistadora: Reprovação. Você acha, então, que em alguns momentos a reprovação pode ser injusta.

Entrevistado: Pode ser injusta. Tipo a da minha colega que foi só por décimos.

Entrevistadora: Que se esforçou...

Entrevistado: Sim, tem nota boa em todas as matérias. Acho muito justo não.

Entrevistadora: Certo.

Entrevistado: Só em relação a isso por exemplo, esses casos.

Entrevistadora: Entendi. Por exemplo, esse caso da sua colega? Que consequências você acha que essa reprovação pode ter?

Entrevistado: O atraso no caso dela, porque ela sabia tudo aquilo, ela conseguiu desenvolver nas outras matérias, foi só em uma. Eu acho que vai ter só o atraso mesmo, para se formar, terminar logo, essas coisas. Questão de tempo, é um atraso, eu vejo como um atraso.

Entrevistadora: Entendi. Pois muito bem. Podemos encerrar ou você quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não, acho que era só isso mesmo.

Entrevistadora: Está ótimo. Muito obrigada.

Entrevistado: De nada.

ENTREVISTA 07

Entrevistadora: Você já deve pelo menos ter me visto por aqui, eu sou a Idalina, psicóloga aqui do *campus* Floriano e estou fazendo Mestrado em Educação. Esse mestrado é uma parceria entre o Instituto e a Universidade Nove de Julho, em São Paulo. Como falei, é na área da Educação. Essa pesquisa que te convidei para participar faz parte do meu trabalho para concluir o mestrado e eu tenho como tema central de estudo nesse momento, a reprovação e, mais especificamente, como objetivo saber o que vocês que vivenciaram a reprovação pensam sobre ela, ou seja, o que você pensa sobre reprovação e que implicações, que consequências essa reprovação possa ter trazido para tua vida escolar e tua vida em geral. A sua participação é muito importante para mim, pois com a experiência que você está vivendo você deve ter aprendido ou percebido alguma coisa que quero que compartilhe comigo, até mesmo para que no meu trabalho e dos meus colegas, saibamos conduzir melhor os alunos que passam pela experiência da reprovação. Eu tenho autorização da diretoria da escola para estarmos aqui conversando, mas eles não vão ter acesso nenhum a qualquer tipo de material relacionado às entrevistas. Só ao resultado final do trabalho. Certo? Como tudo que você disser é de extrema importância para a construção do trabalho, eu te pedi autorização para gravar essa conversa para que eu possa depois transcrever e depois eu possa fazer uma análise do que estamos conversando, comparando com as outras entrevistas. Você vai ser a primeira pessoa a ler a transcrição. Para isso vamos marcar um segundo encontro quando você vai ler a transcrição e dizer: “Idalina, tira isso, acrescenta isso, está de acordo com o que falei, ou não está”. Certo? Ninguém vai ter acesso às gravações, só eu e o meu orientador, que é o professor Marcos Lorieri; tem o nome e e-mail dele no Termo de Consentimento Esclarecido (TCLE) que você está levando. Eu gostaria só de garantir que sua participação fosse voluntária. Você pode sair da pesquisa a qualquer momento, a qualquer momento pode dizer: “Idalina, não quero mais participar” e não tem problema nenhum. Você é livre quanto a isso. Você vai levar TCE que é em duas vias, uma fica comigo e outra com você. Ok? Alguma pergunta por enquanto?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Tudo tranquilo?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Podemos começar?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Então vamos às perguntas iniciais. Qual a sua idade?

Entrevistado: 17 anos

Entrevistadora: Que ano e em que curso você está?

Entrevistado: No primeiro ano do curso Técnico de Meio Ambiente.

Entrevistadora: Há quanto tempo você é aluna do IFPI?

Entrevistado: Agora vai fazer dois anos.

Entrevistadora: Você tem histórico de reprovações escolares anteriores ao IFPI?

Entrevistado: Eu perdi a 7^a série, tipo assim, por brincadeira. Eu conheci umas amigas novas que não queriam assistir aulas, só queriam sair e aí, eu estava entrando na adolescência, entrei na delas e perdi.

Entrevistadora: Você perdeu o 7º ano e agora está repetindo o 1º ano do Ensino Médio aqui no IFPI. O que você pensa sobre o fato de ter sido reprovada?

Entrevistado: Primeiramente penso que é ruim e assim, eu ainda não aceitei porque quando perdi a 7^a série eu fiquei muito triste mas aí eu fui buscar...depois nunca mais perdi, nunca mais fiquei de prova final nem fui reprovada. Sempre me dediquei e tal. Depois, quando fiz o teste para vir para cá, minha mãe me cobrava muito. Ela dizia: "Ah, estou pagando o preparatório e tu não vai conseguir entrar, tu vai perder!". Então coloquei na cabeça que eu ia entrar. Quando eu entrei eu não aproveitei nada do Instituto. Só estudava, simplesmente só estudava. Só que sou ruim em cálculo e em Química.. foi o que me pegou em química. Eu nunca tinha visto Química e tipo assim, eu não tinha a base da professora e eu não conseguia me encaixar no que ela explicava, entendeu? Aí quando eu comecei a tirar notas baixas, eu fui tentar a correr atrás do prejuízo, mas ao mesmo tempo eu tinha que me preocupar com as outras matérias, eu nunca tinha tido essa quantidade enorme de matérias. E eu sempre estudei em escola pública e nunca tinha visto Química, Física, as matérias do curso também. Foi tudo novo para mim, para mim me adaptar. Também uma coisa que eu não tinha, organização do tempo. Eu nunca precisei ter que sentar para estudar. Sempre pegava as coisas ali, na explicação. Então quando cheguei aqui tive que aprender a sentar para estudar. Era uma coisa que, meu Deus, foi muito difícil para mim. Eu tive que renunciar coisas e eu tinha também uma agenda muito cheia, participava de uns projetos e todo dia tinha que ensinar coreografias, tinha dia que tinha de abrir mão de estudar para ensinar coreografia para as meninas. Então o que me prejudicou foi mais a organização. Então o que eu penso é que não é bom, porque penso que é um ano da minha vida atrasado e também que a situação em casa não fica legal...tudo que gente faz a mãe cobra e tal...só veio melhorar a situação lá em casa depois da reunião que teve com os pais. Porque antes não estava fácil não, todo dia era reclamação.

Entrevistadora: Você disse em determinado momento de sua fala "eu ainda nem aceitei direito".

Entrevistado: Porque, tipo assim, eu pretendia passar, eu estava confiante, eu tirava notas boas na maioria das matérias. Eu fico vendo, meu Deus, em quase todas eu tirava notas boas! Os meus professores tomaram um susto quando me viram lá. Eles dizem: “Meu Deus, C., do jeito que tu era!”. E eu mesmo digo, nem eu mesmo acreditei. Quando eu comecei a tirar nota baixa eu fui tentando, mas toda vez que fazia a prova e vinha nota baixa. Aí eu ficava, “ai meu Deus, onde é que estou errando?”. Então eu entrei em desespero. Quando deu as férias eu saí daqui da escola e fui estudar em outra escola. Passei as férias estudando em outra escola, mas cheguei lá e lá era mais leve o ensino, estava fácil demais para mim. Então eu não consegui, eu disse assim: se ficar eu vou me acomodar e lá, não, eu gosto daquela cobrança, gosto daquele desespero de ter que estudar para três provas num dia só. Então eu voltei, eu lembro que disse para a “tia”, “me avisa quando eu tiver que renovar a matrícula porque eu quero! Eu gosto do Instituto”. Então eu decidi. E agora, que se antes eu tinha pouco de apoio e agora acho que não estou tendo quase nada de apoio, e é o que me motiva, mostrar que vou conseguir.

Entrevistadora: Como assim? Apoio de quem?

Entrevistado: Acho que mais da família. Tipo assim, eles acham que não vou conseguir não. Acham que é muito pesado. E que eu poderia estar estudando em outra, que seria mais fácil, mas não quero. Eu quero continuar aqui e é aqui que eu vou terminar, já coloquei na cabeça. Acho que, sei lá, pelo fato das pessoas não acreditarem é o que me motiva.

Entrevistadora: Se torna um desafio para você?

Entrevistado: Que nem das outras vezes. Toda vez que ninguém acreditava eu sempre me superava porque eu gosto de mostrar para a pessoa. Eu estudei numa escola que ninguém queria fazer o teste para o Instituto. Ninguém queria fazer, todo mundo dizia que é ruim, que é difícil, que eu ia me arrepender. E eu estou aqui até hoje.

Entrevistadora: Nem após ter passado pela reprovação?

Entrevistado: Nem após. Não me arrependo de ter entrado no Instituto. Eu gosto demais daqui do Instituto. Das pessoas, do ensino e de tudo. Até fizemos um questionário que diz assim “o que mais você gosta no Instituto?” e eu perguntei: “Tia, posso marcar tudo?” Porque não tem como selecionar só uma. Eu gosto do Instituto.

Entrevistadora: Que bom, C.! Que bom. Isso é importante até para o seu processo de aprendizagem, não é? Para você se sentir motivada a continuar, a se empenhar mesmo. Que bom. O que você considera que a reprovação trouxe de consequência para ti? O que impactou na tua vida escolar, primeiramente?

Entrevistado: Bom, eu acho que na minha vida escolar atrasou mais 01 ano, não é? Tipo assim, eu tinha planos. A gente tem aquela listinha..”Ah. Eu vou terminar com tal idade..”. Com

tal idade faço a prova do ENEM, entro para a faculdade, então eu fiquei triste porque eu queria mesmo já tá terminando, entendeu? Eu queria já ter quitado aquela agonia para fazer a prova do ENEM. Então o que me impactou foi isso, foi eu não poder estar um passo à frente nos meus sonhos e isso tudo mexeu comigo. Porque o que quero fazer tem bastante tempo, porque é Direito. Tipo assim, eu fico vendo..está um pouquinho mais longe...e tenho que passar de novo pelo 1º para chegar até lá.. Então acho que o que impacta mais é isso, é você sentir que você não deu um passo a frente; fica ali parado e o tempo está passando e se você não correr, pode ficar para trás. Acho que foi isso.

Entrevistadora: E em relação a seus colegas?

Entrevistado: Como assim?

Entrevistadora: Os seus colegas, da tua turma, alguns passaram, foram para o 2º, outros ficaram também. Você acha que o fato de ter ficado impactou, de alguma maneira, em relação aos seus colegas?

Entrevistado: Sim. Porque, tipo assim, a gente era bem próximo. Eu sou daquele tipo de pessoa que não tenho um grupinho, sou amiga de todo mundo, então na medida que dividiu a sala, os que ficaram e os que passaram, a gente se separou. Mas aconteceu uma coisa boa no meio disso tudo. Tinha duas meninas na minha sala que eu não tinha falado com elas antes, só “oi? Tudo bem?”. E elas não gostavam de mim e a gente perdeu juntas e quando a gente perdeu a gente se encontrou ali no banheiro. A gente não estava acreditando que a gente perdeu e ali começou uma amizade, uma amizade motivada pela perseverança, porque a gente se juntou e a gente falou ali no espelho, para nós mesmas, que a gente ia usar esse ano, aproveitar tudo e estudar juntas. Todo dia a gente olha uma para a outra e diz: a gente vai conseguir. E quando uma está querendo desistir a gente fica motivando. Então eu ganhei as duas melhores amigas que eu nunca tinha tido, principalmente aqui no instituto. Que eu procurava uma pessoa ou alguém para que eu me identificasse e eu não achei...eu achei elas. Então as outras estão meio distantes, mas o que eu precisava eu achei nelas.

Entrevistadora: São colegas que também estão vivendo a mesma experiência que você.

Entrevistado: É, a mesma experiência.

Entrevistadora: Achei muito interessante o fato de você dizer isso, que vocês se uniram na perseverança em relação a reprovação. Vocês podiam unir forças...

Entrevistado: Para se ajudar nas dificuldades e no que for preciso. E o engraçado é que tem dia que a gente está cansada mas uma liga para a outra – “olha, dia tal tem prova, vamos estudar!”. “Se tu vai, então eu vou”, e aí a gente se junta para estudar. É lógico que a gente prefere estudar em casa, porque, tipo assim, não sei o que, mas a gente sente que é mais

confortável em casa, mas mesmo assim todo tempo que a gente tem vago a gente está aqui estudando porque a gente colocou na nossa cabeça que a gente quer passar e que a gente vai terminar...e juntas.

Entrevistadora: Você falou “quando uma quer desistir a outra vai lá e diz não. Vamos lá, vamos estudar”... esse sentimento de desistir ainda aparece?

Entrevistado: Ainda. Assim, Porque tipo assim, fico olhando pela dificuldade e a gente tem uma amiga que é a I.. A I. tem um pouco de dificuldade, entende, de pegar as coisas. Tem dia que ela fala, “C... tem dia que fico lá em casa, eu fico olhando pro livro, sei que tenho de estudar, mas não consigo ir lá pegar para estudar. Eu queria ter isso de vocês tem. Ter de querer estudar e pronto. Começa a estudar”. E aí ela dizia assim: “ô C.. quero sair”, mas aí a gente percebe que ela quer e ao mesmo tempo não. A única coisa que faz ela querer sair é o medo de perder o ano de novo. Por isso a gente se juntou, não vamos perder!

Entrevistadora: Você tem esse medo também?

Entrevistado: Eu tenho. Todo dia, todo dia quando eu levanto, que eu vejo a mãe falando que tem que estudar, toda vez que eu pego no livro pra estudar, que eu olho pro assunto, toda vez que eu tenho uma dificuldade, que eu lembro da prova, eu sinto um pouquinho de medo. Porque eu sei que é a última oportunidade que a gente vai ter. Então eu estou tentando controlar o medo. Mas medo eu tenho, de perder de novo. Não quero mais perder.

Entrevistadora: C, e na sua vida em geral ? Você acha que a reprovação teve algum impacto?

Entrevistado: Teve.

Entrevistadora: E qual impacto?

Entrevistado: Teve, porque, tipo assim, eu nunca quis reprovar. Eu sempre fui, da minha família toda, a pessoa que para para estudar, a pessoa que procura estudar sou eu. Os meus primos não dão muita importância para estudo não... Então quando eu perdi, uma das pessoas que eu tinha assim, como exemplo, é o meu tio, que terminou aqui. Ele dizia: “Nossa, lá é muito difícil. Ela está querendo entrar lá, mas lá é muito difícil”. Então eu queria mostrar para ele..quando reprovei, tipo assim, ele disse:”Eu avisei..eu acho bom ela sair!”, mas eu continuei. E a minha mãe também. A minha mãe, no começo, ela dizia para mim que o sonho dela era que um filho dela estudasse aqui. Então aí eu fiz o teste e passei...e eu me lembro que eu não aproveitei minha férias para estar estudando...e eu estudei em casa, em casa. Fechei tudo que tinha para fechar e estudei. E quando houve a reprovação, tipo assim, ela parou de acreditar que eu podia passar. Então ficou aquela cobrança constante e então foi abalando a nossa amizade. Quando ela começa a brigar eu não sinto nem vontade de ficar lá em casa, então, sei lá, não sei, acho que abalou a fé que as pessoas tinham em mim.

Entrevistadora: Fé em que? Na sua capacidade? Pelo fato de você não ter conseguido passar de ano....

Entrevistado: É. Acho que tem um pouquinho de dúvida. Tipo assim, para uns ela acha que é bom... “Ah, ela quer, então deixa!”. Mas para outros..”Ah, acho melhor que ela saia antes que perca mais um ano!”. Só que eu estou sentindo que eu vou passar esse ano. Eu estou me esforçando para isso, então é uma coisa que eu tenho dentro de mim... vou passar. Da última vez que aconteceu isso eu coloquei na minha cabeça que eu não ia mais querer isso, mas então eu comecei a estudar e quando eu passava assim, direto em tudo e quando eu estudava no outra escola, eu lembro, e queria passar no Instituto, eu estudava numa escola fraquíssima, muito fraca, muito fraca mesmo. Tinha dia que a gente nem tinha aula, que era lá no Tiberão, lá é muito fraco. Então eu disse assim para minha mãe, mãe eu não vou conseguir entrar no Instituto estudando aqui. Então minha mãe, com muita briga, eu disse “mãe, me tira daqui!” e ela pegou e me tirou e me botou numa escola mais pesada e eu consegui passar direto, me sair bem. E nas minhas férias eu não fui diretamente para casa, viajar não. Passei as férias dando aula para alunos que tinham ficado de recuperação. Enquanto todos que dei aula não passaram eu não consegui viajar. Engraçado é que a mamãe achava engraçado que era uma mesa com mais de dez meninas e meninos lá estudando e eu lá ensinando para eles, porque eu já havia terminado. Então, sempre a minha vida foi assim, por mais difícil que seja, eu sempre busquei. Aquilo que eu colocar na cabeça eu vou buscar.

Entrevistadora: E não foi diferente aqui....

Entrevistado: É. Aqui, só a única coisa é que antes eu tinha segurança, né, agora eu tenho um pouquinho de medo, porque eu realmente me assustei com o Instituto. Fiquei assim..., “meu Deus...é muito pesado”.

Entrevistadora: E essa insegurança a que você está se referindo, você já entrou com essa insegurança ou a reprovação te fez sentir assim?

Entrevistado: Acho que a reprovação me fez sentir assim. Eu não entrei com insegurança não. Eu estava tão confiante que eu queria aqui que eu nem fiz matrícula, sem nem saber o resultado do teste. Eu não fiz matrícula nenhuma, para escola nenhuma e nem fiz teste para outro estabelecimento. Eu só fiz esses dois testes e todo mundo dizia assim: “As aulas já começaram, não saiu ainda o resultado, tu não sabe ainda se tu passou. Mas eu dizia “eu quero é lá, então eu creio que vou passar”, então quando saiu o resultado, a primeira coisa que eu vim, foi fazer a matrícula. Então, com a reprovação ficou meio inseguro mas isso não fez com que eu desistisse. Eu tenho lutado todo dia pela minha segurança.

Entrevistadora: Você está falando em segurança..em determinado momento, você mencionou o fato de você acreditar que a reprovação fez com que a sua mãe, a sua família, algumas pessoas da sua família também duvidassem um pouco da sua possibilidade de continuar aqui, de conseguir, de concluir, e tal. A reprovação mexeu com sua própria imagem, com a imagem que você tem sobre você mesma, sobre sua capacidade de aprender?

Entrevistado: Eu acho que não porque eu penso que se tivesse me abalado mais eu não estaria aqui. Mas uma coisa que fiz quando reprovei, eu mesma olhei para mim e disse: nossa, com tanta gente que chega para mim.... Eu fui buscar essas pessoas que tinham passado, que tinham perdido primeiro e estavam no quarto ano e encontrei uma pessoa que disse; “olha, eu perdi no 1º ano e já estou no 4º ano, já estou saindo daqui”. Então aquilo me motivou e eu olhei para mim mesmo e disse assim: “bom, ela pode, você também pode”. Eu não sou diferente dela em nada. A única questão é só de busca. Se eu me esforcei ano passado então eu posso me esforçar mais ainda agora. Se eu não tinha tempo, eu posso abrir um tempo para mim, para eu estudar enquanto eu estiver aqui. Então se mudou a minha imagem foi para isso, para uma pessoa que luta independente de ter apoio ou não. Dependendo, se acreditarem ou não eu vou continuar lutando, dependendo se deixarem ou não, vou continuar lutando.

Entrevistadora: O que mais te doía?

Entrevistado: Era o que minha mãe dizia. “Eu não te apoio mais...”

Entrevistadora: Para ela é como já tivesse te apoiado muito até aquele momento e você reprovou e ela dizia, a partir de agora...

Entrevistado: “Não vou mais te apoiar. Agora é por conta sua”. E também pelo fato que vou ficar de maior e aí ela diz assim: “Nossa, você vai ficar de maior no 1º ano, não vou mais te apoiar. Você agora é responsável pela sua vida, suas responsabilidades”. Mas tudo que eu esperava era ouvir ela dizer: “vamos seguir em frente! Eu estou aqui.” Esperava que ela fosse me ajudar, entende? Que eu cheguei acabada em casa, não acreditava. Fiquei tanto tempo estudando, não aproveitei nada do Instituto. Nada eu podia porque estava estudando. Sou louca para treinar e eu não conseguia parar para treinar. Esse ano não, eu estou tão confiante que eu vou conseguir que eu até entrei no time. Então foi uma coisa que eu coloquei em mim e depois da reunião de pais..aí sim mudou. E agora minha mãe, ela briga, mas sempre no final da briga ela bota fé, “eu estou aqui, eu estou aqui” (risos). Isso pra mim já é como se tudo que ela falasse antes eu esquecesse e só lembrasse daquele “eu estou aqui, eu estou aqui”. Isso me motiva. “A minha mãe está aqui comigo...tenho que continuar”.

Entrevistadora: Muito bem. Quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Podemos encerrar?

Entrevistado: Podemos

Entrevistadora: Muito obrigada. Tá?

Entrevistado: Tá.

ENTREVISTA 08

Entrevistadora: Bem, você já deve me conhecer. Eu sou Idalina, sou psicóloga aqui do *campus* de Floriano e como já adiantei anteriormente, estou fazendo Mestrado em Educação. Esse mestrado é uma parceria do instituto com a Universidade Nove de Julho de São Paulo. Essa entrevista que nós estamos fazendo faz parte do meu trabalho para concluir o mestrado. Eu tenho como tema central de estudo a reprovação, mais especificamente eu desejo estudar o que vocês pensam sobre a reprovação e que implicações a reprovação trouxe para a vida de vocês. Certo? Alguma dúvida? A tua participação realmente é muito importante para mim porque, com a experiência que você está vivendo, você já deve ter pensado sobre ela e deve ter algo a acrescentar no meu trabalho. Então é muito valoroso para mim o fato de você estar participando. Eu tenho a autorização da diretoria da escola para estarmos aqui conversando, para fazer a pesquisa aqui no *campus*, mas eles não vão ter acesso nenhum à gravação da entrevista. Só quem tem acesso a essa gravação e à transcrição que vou fazer sou eu e o meu orientador, o professor Marcos Lorieri, que é de lá da Universidade de São Paulo e que tem o contato dele aqui, o e-mail no termo que você vai receber. Então qualquer dúvida, qualquer coisa que você achar que precisa entrar em contato com ele, tem o e-mail dele aqui. Certo? Eu vou transcrever a nossa conversa, aí eu quero que você leia essa conversa em um segundo momento, e é aí onde você vai me dizer se quer acrescentar alguma coisa, ou se tirar ou deixa como está. Para isso a gente vai marcar um segundo encontro, aí eu te chamo para fazer essa leitura da transcrição. Certo?

Entrevistado: Tá.

Entrevistadora: Podemos começar?

Entrevistado: Podemos.

Entrevistadora: Qual a sua idade?

Entrevistado: 16 anos.

Entrevistadora: 16. Em que ano você está e em qual curso?

Entrevistado: Segundo ano de Meio Ambiente.

Entrevistadora: Há quanto tempo você está aqui no IFPI?

Entrevistado: 3 anos, vou fazer.

Entrevistadora: Vai fazer 3 anos. Você já tem história de reprovação escolar anterior ao seu ingresso aqui no IFPI?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Não, né? É a primeira vez que você está reprovando, não é isso?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: E aqui no IFPI, já tem outra reprovação?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Não....Então você cursou o primeiro ano, passou para o segundo, aí reprovou, e agora tá repetindo. Por isso, com isso você vai fazer três anos...

Entrevistado: Certo.

Entrevistadora: Vou te fazer uma pergunta geral.. O que é que você pensa sobre o fato de ter sido reprovada?

Entrevistado: Que eu vacilei. Mas eu estudei, eu tentei mas não consegui.

Entrevistadora: Como assim, “eu vacilei”?

Entrevistado: Eu não sei. Porque nas matérias que eu tinha dificuldade eu devia ter focado mais, estudado mais. Acho que se eu tivesse feito eu teria passado. Eu me esforcei, mas não foi o suficiente.

Entrevistadora: Como foi para ti, ter sido reprovada?

Entrevistado: Foi muito ruim. Em questão de, na escola, na família e até para mim. Porque também tem a questão dos professores, que a gente chega lá na sala e a pessoa não pode, tipo participar da aula, porque não, “ah! Tu não, tú já viu. Vamos passar para outra, a pergunta para outra”. E também a questão da família, que se decepcionaram bastante, que esperava uma coisa de mim e eu dei outra. Então, é isso aí.

Entrevistadora: Posso tentar entender um pouquinho melhor? Você falou de três aspectos: em casa, a família e para você mesma. Em casa, você falou de decepção. Porque decepção? Você acha que sua família esperava outra coisa?

Entrevistado: Esperava, porque mãe diz que estou aqui só para estudar e ainda perder o ano?! Então isso é muito ruim. Porque ela está lá em outra cidade tentando me manter aqui pra eu estudar e eu chegar lá e falar que perdi um ano?

Entrevistadora: E como foi quando você chegou lá e falou isso?

Entrevistado: Eu tentei abraçar ela e falar que eu perdi o ano e ela não deixou. Porque ela ficou muito triste, ficou muito magoada comigo porque ela esperou outra coisa de mim. Ela sempre me acompanhava, “G., tu está estudando?”, aí no final do ano eu ter que repetir...

Entrevistadora: E em relação a você mesma?

Entrevistado: Em relação a mim mesma eu fiquei muito magoada porque é muito ruim ver meus amigos passando, se formando e eu ainda ter que ficar. E ainda ter decepcionado meus pais e a mim mesma...

Entrevistadora: E hoje? Nessa turma nova que você esta?

Entrevistado: É boa. Estou começando a fazer amigos agora. Tá, tá bom.

Entrevistadora: Está conseguindo começar a se integrar?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: O que você considera, que impacto essa reprovação trouxe para você, na sua vida escolar?

Entrevistado: Como assim?

Entrevistadora: Que consequência trouxe para sua vida escolar? O que você imagina que teve ou que vai ter na tua vida escolar?

Entrevistado: Porque se eu tivesse passado, já estaria no 3º ano, já podia ter feito o ENEM, ter entrado na Universidade. E agora não. Vou ter que repetir mais um ano para poder ir para o 3º.

Entrevistadora: É um atraso?

Entrevistado: É um atraso.

Entrevistadora: Um atraso em relação a teus colegas e em relação a que mais?

Entrevistado: Em relação a meus colegas e em relação até eu me formar também.

Entrevistadora: Aos planos que você tinha?

Entrevistado: É.

Entrevistadora: E na sua vida geral, você acha que teve alguma consequência ?

Entrevistado: Acho que sim.

Entrevistadora: Você pode me explicar melhor?

Entrevistado: Em questão de tudo. Em questão de ser vista de outro jeito. Em geral, igual os outros falam, “olha os repetentes e tal”. É muito ruim.

Entrevistadora: Ser vista de outro jeito. Quem costuma dizer assim: “olha os repetentes ali”, os próprios colegas?

Entrevistado: Os colegas.

Entrevistadora: E você acha que eles te veem diferente?

Entrevistado: Veem sim.

Entrevistadora: Por causa da reprovação? Diferente como?

Entrevistado: Uns veem por dificuldade mesmo. Falam, “não, ela não é inteligente e tal”.

Outros falam: “ela é desinteressada”, enfim...

Entrevistadora: E o que é que você pensa sobre quem reprova?

Entrevistado: Eu também penso dessa forma. Tem uns que são desinteressados e outros não conseguem mesmo por falta de conhecimento. É isso aí.

Entrevistadora: E o que você pensa sobre o fato deles pensarem isso sobre você?

Entrevistado: Como assim?

Entrevistadora: Como você se sente quando pensa que os colegas tão dizendo assim: “olha ela alí, a fulana que reprovou”?

Entrevistado: Eu me sinto muito triste porque não é bom. Ter um amigo e ficar tirando sarro da cara da gente, “não, ela é repetente”. Não posso falar nada, que “tu é repetente”. Isso é muito ruim.

Entrevistadora: Como se sua opinião não devesse ser considerada pelo fato de que você reprovou. A reprovação fez com que você repensasse, de alguma maneira, sobre a sua própria capacidade de aprender?

Entrevistado: Sim. Sim.

Entrevistadora: E a que conclusão você chegou?

Entrevistado: Que tenho alguma dificuldade, mas que, eu também não me apego a elas não. Sei que tenho dificuldades em algumas matérias, então devo me esforçar mais.

Entrevistadora: E falar sobre isso te emociona. O que que meche tanto contigo quando a gente conversa sobre reprovação?

Entrevistado: A questão dos amigos também, mas nem tanto. Mais é a questão dos meus pais, por ter decepcionado eles.

Entrevistadora: É o que ficou mais forte em ti em relação a experiência da reprovação. Foi a questão da decepção em casa. Pelo menos é o que você está chamando de decepção... é o que ficou mais forte?

Entrevistado: É o que ficou mais forte.

Entrevistadora: Pronto. Você voltou agora, começou o período letivo e está numa turma nova. Está recomeçando o 2º ano, e me chamou a atenção uma coisa que você disse dos professores sobre o fato de quando vai fazer uma pergunta ou alguma consideração e alguns professores disseram isso para você:” não, esse assunto você já viu. Vamos passar a pergunta ao colega”.

Entrevistado: Tipo responder . Eles fazem a pergunta e falam para mim: “você não responde, você já viu”. Deixa só os outros participarem da aula.

Entrevistadora: Ah! Entendi. Então os professores estão considerando que você já sabe aquilo.

Entrevistado: Não sei. Talvez sim ou talvez porque sou repetente, deixo os outros alunos participar porque já vi a matéria.

Entrevistadora: Dar oportunidade para outro colega. Entendi. Quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Está tranquila? A gente pode encerrar?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Pois muito obrigada pela sua participação. Nos encontraremos depois, então, para você ler a transcrição.

Entrevistado: Certo. Obrigada.

ENTREVISTA 09

Entrevistadora: Com certeza algumas coisas você já pegou daqui do termo, Mas você já deve me conhecer, não é? Eu sou Idalina, eu sou psicóloga aqui do *campus* Floriano e eu estou fazendo um Mestrado em Educação. Esse mestrado é uma parceria do instituto com a Universidade 9 de julho em São Paulo, a UNINOVE. Esse trabalho para o qual eu lhe convidei para participar, ele é o meu trabalho de conclusão do mestrado. É uma pesquisa que a gente realiza para concluir o mestrado. Eu tenho por interesse maior nesse trabalho estudar a reprovação, meu tema central é a reprovação, e meu foco de interesse nesse momento é compreender o que é que vocês, estudantes daqui, que já vivenciaram a reprovação, pensam sobre ela; pensam sobre o fato de terem sido reprovados. Isso pode nos trazer muitos benefícios no sentido do acompanhamento que fazemos com o aluno que passou pela reprovação, e para que repensem mesmo a maneira de conduzir, não é? Eu tenho autorização aqui da escola para nós estarmos aqui conversando, mas ninguém da escola tem acesso a essa gravação que você autorizou que eu fizesse, certo? Só quem tem acesso a essa gravação sou eu e meu professor-orientador, que é o professor Marcos Lorieri, que tem o contato dele no termo de consentimento livre e esclarecido. Eu vou fazer uma transcrição, ou seja, eu vou escutar o áudio, vou transcrever tudinho, e ai você vai ser a primeira pessoa a ler essa transcrição, certo?

Entrevistada: Certo

Entrevistadora: Você vai ler e vai dizer: “Idalina, está ok”, “está do jeito que eu disse”, ou ainda, “quero acrescentar isso”, “quero tirar isso”, certo? E aí você lê a transcrição, para isso vamos precisar de um segundo encontro. Você lê, diz se ta tudo ok, se quer acrescentar alguma coisa, se não quer e aí sim eu vou utilizar sua entrevista no meu trabalho, certo? A sua participação realmente é muito importante para mim porque eu acredito que com a experiência que você viveu, você devia ter algo para me contar.

Entrevistada: Tá certo (risos).

Entrevistadora: E, como você viu aqui no Termo de Consentimento, também é importante para mim que sua participação seja voluntária; eu te convidei, mas você pode, tem todo o direito de não querer participar. E a qualquer momento também você pode dizer que não quer mais. Fica à vontade quanto a isso, sua participação é realmente voluntaria. Ok? Podemos começar?

Entrevistada: Pode.

Entrevistadora: Pronto. Vou te fazer algumas perguntas iniciais? Qual que é sua idade?

Entrevistada: 19 .

Entrevistadora: 19 anos. Qual que é o ano e o curso que você está atualmente?

Entrevistada: Eu estou no quarto ano de Eletromecânica.

Entrevistadora: Quarto ano de eletromecânica. Há quanto tempo você é aluna do IFPI?

Entrevistada: Eu entrei aqui em 2013, 2012.

Entrevistadora: 2012?

Entrevistada: Foi.

Entrevistadora: Então vai fazer 5 anos que você está aqui?

Entrevistada: Isso.

Entrevistadora: Se está há 5 anos, você repetiu quando?

Entrevistada: Eu repeti no primeiro ano.

Entrevistadora: No primeiro ano que você entrou aqui?

Entrevistada: Isso.

Entrevistadora: Teve mais alguma outra reprovação?

Entrevistada: E no segundo ano.

Entrevistadora: Então você entrou no primeiro ano, aí repetiu o primeiro ano, foi para os segundo ano?

Entrevistada: Foi

Entrevistadora: Aí repetiu de novo; repetiu o segundo ano e depois foi pro terceiro, depois foi pro quarto, que é onde você está hoje. Então você tem duas reprovações aqui no instituto?

Entrevistada: É.

Entrevistadora: Antes dessas duas reprovações aqui no instituto você passou por alguma outra experiência de reprovação anterior?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Não. Certo. Diante desse quadro que você já me colocou dessas duas reprovações, aqui no ensino médio, o que você me diria sobre o que você pensa sobre o fato de ter sido reprovada?

Entrevistada: Assim, quando eu fui reprovada, eu acho que foi até por desinteresse mesmo, de... (entrevistada chorando).

Entrevistadora: Fica à vontade, S.!

Entrevistada: Eu não sei se eu vou conseguir (entrevistada continua chorando). Eu acho que foi por falta de interesse.

Entrevistadora: Você está se referindo à sua primeira reprovação, no primeiro ano, não é?

Entrevistada: Sim! Na segunda, não foi desinteresse, é porque eu fiquei em duas matérias e aí eu jurava que eu tinha passado em uma e tinha ficado só em uma, no caso, para ir pro conselho, mas ai não. Na hora o professor.. a gente tinha feito a prova ai ele não devolveu as provas, a

gente não viu a prova não viu nada, e ai tinha lá que eu tinha sido reprovada. Mas aí também não tinha como correr atrás porque eu não sabia nota, não sabia nada, na segunda vez. Na primeira vez não, foi mais foi desinteresse meu, da minha parte, de não ter estudado o suficiente.

Entrevistadora: Como foi ter sido reprovada?

Entrevistada: Foi horrível. Porque eu nunca tinha sido antes. Nunca, aí foi uma sensação horrível, horrível, horrível. Principalmente em casa.

Entrevistadora: Principalmente em casa? Como foi em casa?

Entrevistada: (Entrevistada continua chorando) Porque as vezes, por mais que os pais da gente não queiram, eles sempre falam alguma coisa que fere, machuca, eu não sei explicar direito.

Entrevistadora: Por mais que eles não queiram eles sempre falam alguma coisa. E as vezes isso fere, machuca.

Entrevistada: isso.

Entrevistadora: Então você acha que a reprovação, mexeu um pouco com essas questões na tua casa?

Entrevistada: Acho.

Entrevistadora: Que consequências você acha que a reprovação trouxe pra você, na sua vida escolar, primeiramente?

Entrevistada: Porque se eu não tivesse, eu já estaria na faculdade.

Entrevistadora: Se você não tivesse reprovado você já estaria na faculdade. Então você está querendo me dizer o que? Que a reprovação te atrasou?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Te atrasou? E em relação aos teus colegas?

Entrevistada: Só que, também, eu acredito que esses dois anos que eu perdi me fizeram crescer assim mentalmente; a forma de pensar. Porque quando eu era mais nova eu não tinha esse pensamento, que eu tinha hoje.

Entrevistadora: Qual pensamento?

Entrevistada: Que estudo era tão importante assim, talvez eu tivesse terminado dois anos atrás, mas poderia não estar fazendo nada, como tem muita gente que sai daqui, não entra numa faculdade, não tem um trabalho, talvez eu poderia estar assim também.

Entrevistadora: Então você considera que a reprovação teve um lado até positivo?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Que foi esse lado do amadurecimento, para você ter o pensamento que você tem hoje.

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: No sentido do estudo, do futuro que você quer ter.

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Em relação aos seus colegas, quando aconteceu essa reprovação, de você ter que entrar em uma turma nova, como foi? Você lembra?

Entrevistada: Lembro. Assim, porque a maioria, tinha muita gente que tinha perdido também nessa época, mas tinha muito aluno novo, eles nos receberam assim maravilhosamente bem. Até de certa forma a gente ajudava eles porque a gente já conhecia.

Entrevistadora: Entendo.

Entrevistada: E também eles ajudavam a gente. Que tinha perdido.

Entrevistadora: Você acha que teve algum impacto - você já até falou um pouco sobre isso - mas assim, você consegue descrever um pouco melhor pra mim, que impactos, que consequências, essa reprovação trouxe na tua vida no geral? Você falou na questão do atraso, não é? Você falou na questão da sua família, que os seus pais chegaram a falar algumas coisas que magoaram? Não é isso?

Entrevistada: Sim. É verdade.

Entrevistadora: Você consegue descrever um pouco melhor essas consequências no seu ambiente familiar?

Entrevistada: Não sei falar direito (entrevistada ainda muito emocionada).

Entrevistadora: E tu acha que a reprovação mexeu contigo mesmo, assim no sentido da sua própria visão, a sua visão sobre a sua própria capacidade de aprender?

Entrevistada: Eu acho.

Entrevistadora: Mas mexeu em que sentido?

Entrevistada: Tipo, para mim acordar, me alertar, para mim ter mais interesse. Porque nada para os meus pais, para os meus amigos, era para mim mesmo. E aí eu estava jogando tudo fora e não estava ligando.

Entrevistadora: Estava jogando tudo fora e não estava ligando?

Entrevistada: Era. De certa forma, eu acho.

Entrevistadora: Entendi. Quando eu perguntei “como foi ter sido reprovada” você resumiu com uma palavra que foi “horrível”.

Entrevistada: Foi.

Entrevistadora: Mas foi horrível porquê?

Entrevistada: Eu acho que pelo fato de eu nunca ter sido reprovada antes, eu não tinha a menor ideia, a menor sensação de como seria ser reprovada, de nada, nem de ficar de recuperação de meio de ano, nem de final de ano. Aí quando eu cheguei aqui foi um baque e tudo, porque eu

vinha de escola pública e aqui é mais puxado, mais avançado e tudo. E aí, quando eu perdi o ano foi desesperador porque é uma sensação muito ruim, muito ruim mesmo.

Entrevistadora: Ok. Você quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Podemos encerrar?

Entrevistada: Pode.

Entrevistadora: Muito obrigada, S.

ENTREVISTA 10

Entrevistadora: Bom, deixa eu te explicar um pouquinho melhor. Você já deve me conhecer um pouco, pelo menos dos corredores. Eu sou Idalina, sou psicóloga aqui do *campus* Floriano e estou fazendo um Mestrado em Educação. O meu mestrado é o que chamamos de MINTER, que é um mestrado Interinstitucional, ou seja, uma parceria entre duas instituições. No caso, o IFPI e a UNINOVE, que é a Universidade Nove de Julho de São Paulo. Essa pesquisa que eu te convidei para participar, ela faz parte do meu trabalho de conclusão do mestrado, faz parte da construção desse trabalho. Eu tenho como tema central de estudo a reprovação, mais especificamente o que os alunos que passaram pela experiência da reprovação pensam sobre ela e sobre o fato de terem sido reprovados. E também que implicações você acha que a reprovação trouxe para a sua vida. Certo?

Entrevistado: Certo.

Entrevistadora: Alguma dúvida até agora?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: A sua participação, realmente, é muito importante para mim até porque acredito que com a vivência que você teve você deve ter algo para me contar, para acrescentar no meu trabalho. Eu tenho autorização da direção da escola para estarmos aqui conversando mas eles não terão acesso à essa gravação. Só quem tem acesso sou eu e o meu professor orientador, que é o Prof. Marcos Lorieri, que é de lá da Uninove. No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que eu te apresentei anteriormente tem os meus contatos e os do meu professor orientador. Qualquer dúvida você pode, também, entrar em contato com ele pelo e-mail, certo? Que tem disponível nesse termo que você vai ficar com uma via e eu com outra. Como tudo que você me disser é de extrema importância para a construção do meu trabalho, eu te pedi autorização para gravar a nossa conversa. Como te falei anteriormente, eu vou transcrever e você vai ser a primeira pessoa a ler essa transcrição e para isso nós vamos precisar marcar um segundo encontro onde você vai ler tudo que eu digitei e vai poder dizer “Idalina, quero acrescentar isso”, ou ainda “quero tirar isso”. O intuito é garantir a fidedignidade, ou seja, garantir que eu coloquei ali o que você realmente disse.

Entrevistado: Certo.

Entrevistadora: Podemos começar? Quer fazer alguma pergunta?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Pois vamos lá. Fique à vontade para responder. Primeiramente, quantos anos você tem?

Entrevistado: 19.

Entrevistadora: Qual que é seu ano e seu curso?

Entrevistado: 4º Ano de Meio Ambiente.

Entrevistadora: Há quanto tempo você é aluna do IFPI?

Entrevistado: Há 5 anos, não é? Que foi o tempo que eu reprovei, contando os anos todos até agora, 5 anos.

Entrevistadora: Em qual ano daqui do IFPI você reprovou?

Entrevistado: Primeiro.

Entrevistadora: Então você reprovou logo no primeiro ano que entrou no IFPI?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Aí você reprovou, repetiu e não reprovou mais até o quarto?

Entrevistado: É

Entrevistadora: Pronto. Antes de vir para IFPI você já tinha histórico de reprovação anterior?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Você nunca tinha reprovado... primeira experiência de reprovação foi no primeiro ano de Instituto.

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Você me falou que viveu uma experiência de reprovação. Que foi no primeiro ano do Ensino Médio, justamente o ano em que você entrou aqui do Instituto. O que que você pensa sobre o fato de você ter sido reprovada?

Entrevistado: Foi uma experiência que não foi boa de jeito nenhum, mas é aquela história que o povo fala...quando a gente não tem uma base boa de Ensino Fundamental, que eu não tive muito.. aí quando você chega aqui e se depara com outra realidade que é totalmente diferente, aí foi aquele esforço, foi aquela coisa toda mas não consegui superar. Repeti de novo...e não me arrependo. Eu acho que foi até bom eu ter repetido de ano...porque ficou aquela força de vontade, não quis mais aquela coisa de repetir ano de novo. Não teve mais aquela coisa de “não, vamos relaxar porque já perdeu o ano”..Não, tem que se esforçar para passar.

Entrevistadora: Ou seja, na sua fala você colocou inicialmente assim: “foi ruim”. Depois você disse: “eu acho que foi até bom”. Então você está me dizendo que a reprovação tem um lado bom e um lado ruim?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: É isso? E você consegue descrever para mim qual que é o lado bom e o lado ruim?

Entrevistado: O ruim é porque você se atrasa, né? Assim, eu tinha muitos colegas, pessoas boas do meu lado...passaram mais na frente. Outras já foram embora e tudo. Mas fica aquela coisa ruim, vamos começar tudo do zero de novo. Vamos repetir toda aquela coisa...

Entrevistadora: Os assuntos?

Entrevistado: Isso..

Entrevistadora: E o que você considera que foi bom?

Entrevistado: O bom foi porque eu tive mais aprendizagem, aprendi mais coisas.. Pelo fato de eu ter repetido eu já tinha aquelas coisas, provas..como eu guardo tudo, peguei tudo e fui estudar tudo novamente... comecei de novo. Aí no primeiro bimestre foi tudo nota boa, segundo, terceiro...nem fui para a prova final e nem nada. Foi aquela experiência boa de ter reprovado e ter aquela experiência que não podia acontecer de novo, que eu devia seguir em frente.

Entrevistadora: Tudo que você está me dizendo, você está fazendo uma avaliação olhando para algo que aconteceu há algum tempo atrás. Certo?

Entrevistado: Certo.

Entrevistadora: Você lembra lá do momento em que você recebeu a notícia de que você tinha sido reprovada? Como que foi?

Entrevistado: Foi ruim...ave maria, eu quase não tive nem coragem de dizer para a mamãe que eu tinha sido reprovada. Aí ela ficou assim...aí disse: “Ow, J. Tu sabe o tanto que tua mãe sofre, trabalha para te dar as coisas. Mas é assim mesmo, vamos! No próximo ano vamos ver, vamos botar para estudar mesmo”. É o que ela cobra sempre lá em casa. Foi a parte que, assim, que me doeu mais. Foi pela minha parte de não ter cumprido com as coisas da escola, assim, não ter passado de ano. E da minha mãe falar para mim isso. Foi o que me tocou. Ai pronto, desde esse dia pronto, nunca mais nem penso em perder o ano aqui. E como já é meu último ano..e seguir em frente e conseguir chegar onde eu quero.

Entrevistadora: Na sua fala você colocou que você não cumpriu com as obrigações da escola. Você atribui a sua reprovação ao fato de você não ter cumprido com as suas obrigações da escola?

Entrevistado: Como assim?

Entrevistadora: Você disse que tinha reprovado e que você não tinha cumprido com as “coisas” da escola.

Entrevistado: Assim pelo fato..como é que eu posso dizer. Não por faltar na escola, nem por não fazer as atividades, mas por dificuldade minha mesmo. Eu não estava conseguindo mesmo. As vezes me faltava assim as coisas que eu não conseguia entender. Coisa minha mesmo. Meu cumprimento mesmo. Não pelo fato de alguma coisa da escola não..

Entrevistadora: Entendi. O que essa reprovação impactou, provocou na tua vida escolar? Teve consequências?

Entrevistado: Consequências como assim?

Entrevistadora: Além do atraso, que você citou o atraso, não é?

Entrevistado: Sim..

Entrevistadora: O atraso é uma consequência? Um impacto da reprovação?

Entrevistado: É, foi sim.

Entrevistadora: E você acha que teve algum outro impacto? Além do atraso? Alguma outra consequência na sua vida escolar?

Entrevistado: Não..a não ser essas assim que eu achei que foi ruim para mim e o atraso também.

Entrevistadora: E em relação à sua vida no geral? Você falou da questão familiar, não é? Como que foi em casa a questão da reprovação?

Entrevistado: Minha mãe não achou bom..minha irmã também ficou falando “Ah J...”, aí eu disse: “J (nome da irmã), da escola pública do município, do estado que a gente estuda é uma coisa, Instituto Federal é outra visão, não é aquela, igual o povo diz b-a-bá não, é outra visão. Só quem sabe é quem está lá dentro, não é quem está fora não”. Aí foi indo...foi indo. Ai eu fui falando a realidade como era, elas viam também como era meu jeito aqui na escola e tudo mais. Nunca tive reclamação de nada...

Entrevistadora: Ok. Então só para fecharmos. A reprovação foi uma experiência que você viveu no primeiro ano que teve um lado bom e um lado ruim.

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: O lado bom foi que fez você estudar mais, se organizar mais, aprendeu mais coisas. O lado ruim, o que você focou mais foi a questão do atraso. É isso mesmo?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Você falou também que algumas pessoas interessantes passaram pela sua vida quando você estava no primeiro ano. E essas pessoas seguiram e você ficou repetindo o primeiro ano. Como foi entrar na nova turma?

Entrevistado: Assim, foi bom porque tinha umas pessoas, a B., o D., o G., a M. e S., que repetiram também. Agora os outros não, eu achava meio estranho porque logo, eu vou dizer a verdade. Tinha gente que eu não gostava de jeito nenhum lá na sala. Não sei se é porque, aquela história, na hora que a gente vê a gente já quer julgar as pessoas. Aí, fora esse resto do pessoal assim..os que repetiram eu não tinha nada contra assim não. Só no começo assim para se acostumar com aquele povo todo de novo... foi bom não.

Entrevistadora: Mas e com o passar do tempo?

Entrevistado: Foi tudo melhorando. Todo mundo primeiro ano, aquela coisa de conhecimento. Aí segundo ano, uns já ficaram no primeiro. Aí o segundo ano já foi mais aquela coisa de união, o terceiro também e o quarto nós estamos todo mundo junto de novo.

Entrevistadora: Muito bem. Quer acrescentar alguma coisa sobre a reprovação?

Entrevistado: Não, não..

Entrevistadora: Pois muito bem. Muito obrigada.

Entrevistado: Nada!

ENTREVISTA 11

Entrevistadora: Bom, deixa eu te explicar um pouquinho melhor. Acho que você já deve me conhecer..

Entrevistado: Sim, eu já estive aqui uma vez, ou duas.

Entrevistadora: Eu lembro. Então, sou Idalina, sou psicóloga aqui do *campus* Floriano e estou fazendo um mestrado em Educação. Na verdade se chama MINTER. Porque é um mestrado interinstitucional, ou seja, uma parceria entre duas instituições. No caso o IFPI e a UNINOVE, que é a Universidade Nove de Julho de São Paulo. Essa pesquisa que você foi convidada para participar e veio voluntariamente participar faz parte da construção do meu trabalho final do mestrado. Eu tenho como tema central de estudo a reaprovação escolar. Me interessa saber um pouco mais sobre a reaprovação, saber o que que vocês, jovens do Ensino Médio que vivenciaram a reaprovação pensam sobre isso e sobre o fato de você ter sido reprovada. Eu acredito que sua participação é importante para mim, até porque com a sua vivência alguma coisa você deve ter aprendido, alguma coisa você tem para compartilhar comigo. E a nossa intenção, minha e do meu orientador, é que possamos construir um bom trabalho que ajude, inclusive na minha prática profissional, na prática dos meus colegas que também trabalham em escolas e que trabalham também com alunos que passam pela reaprovação. Eu tenho autorização da direção para nós estarmos conversando, mas eles não terão acesso ao nosso áudio. Assim como você também não vai ser identificada na pesquisa em momento algum. Só quem vai ter acesso ao áudio sou eu e meu professor orientador, que é o Prof. Marcos Lorieri. Que tem, inclusive, o e-mail dele no termo. Caso você precise entrar em contato com ele você pode ficar à vontade. Como tudo que você me disser é de extrema importância para a construção do meu trabalho eu te pedi autorização para gravar; dessa gravação eu vou fazer uma transcrição, ou seja, eu vou digitar, transcrever tudo o que estamos conversando aqui e você vai ser a primeira pessoa a ler essa transcrição. Para isso nós vamos marcar um segundo encontro para você ler essa transcrição, dizer se quer acrescentar alguma coisa ou retirar, se ali está retratando o que você realmente pensa. Certo? Por isso a gravação. Porque tudo que você vai me dizer é importante e eu não posso perder detalhes. Eu preciso de uma garantia de que você está participando de livre e espontânea vontade, então por isso temos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o termo que eu te apresentei. Ok? Nós podemos começar?

Entrevistado: Podemos sim.

Entrevistadora: Tem alguma dúvida?

Entrevistado: Não..

Entrevistadora: Pronto. Então vamos lá. Qual que é a sua idade?

Entrevistado: 18 anos.

Entrevistadora: Qual o ano e o curso que você está hoje?

Entrevistado: Faço o 4º Ano de Eletromecânica integrado ao Médio.

Entrevistadora: E há quanto tempo você é aluna do IFPI?

Entrevistado: Esse ano vai fazer 05, não é? Porque eu repeti e no caso são 4. Então vai fazer 5 anos.

Entrevistadora: Você tem histórico de reprovações escolares anteriores ao ingresso no IFPI?

Entrevistado: Não, eu sempre fui uma boa aluna e nunca reprovei.

Entrevistadora: Quando foi que você reprovou aqui no IFPI?

Entrevistado: Foi no segundo ano, em 2014.

Entrevistadora: Pronto, então você entrou no instituto, nunca tinha reprovado. Passou no primeiro ano tranquilamente, quando fez o segundo ano você reprovou, aí repetiu o segundo, depois foi para o terceiro e hoje está no quarto.

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistadora: Ok. Eu vou te fazer uma pergunta geral, certo? Você fica à vontade para responder, nós não temos tempo cronometrado. O que que você pensa sobre o fato de você ter sido reprovada?

Entrevistado: O que eu penso...de qualquer forma?

Entrevistadora: É..o que você pensa sobre ter sido reprovada.

Entrevistado: Ai..não sei. Acho que de certa forma foi algo bom porque fez com que eu tivesse uma visão em relação a me dedicar mais. Eu acho que foi falha minha, eu descansei justamente em Química, que eu tinha algumas notas não tão baixas, eu tinha 6, só questão de décimos mesmo. E eu acabei reprovando. Foi descanso. Então eu tirei um proveito disso me dedicando mais depois dessa minha reprovação. Aí no meu terceiro ano eu até passei mais tranquila, fiquei de recuperação só em uma matéria. Até porque é normal para a gente aqui recuperação todo bimestre, não é? E aí eu achei que eu melhorei um bocado em relação aos meus estudos, me dedicando. Reprovação para mim, sei lá, pode ser uma forma de aprendizado.

Entrevistadora: Reprovação para você pode ser uma forma de aprendizado. Como foi para você a experiência? Você lembra como foi quando soube que iria reprovar?

Entrevistado: Foi muito impactante. Eu nunca tinha perdido ano nenhum. Eu chorei muito. Eu de certa forma me arrependi depois porque eu poderia ter me dedicado mais. Não era tão difícil assim. Foi só falta de dedicação mesmo. Eu fiquei muito arrasada. Lá em casa o povo não ficou muito assim porque eu era nova, eu era adiantada. Eu tinha o que, quando entrei aqui...uns 13

anos, ia fazer 14. Ia sair daqui com 17 anos, e no outro ano completando 18. E aí acho que...não sei.

Entrevistadora: Você lembra...assim, alguma coisa te marcou no sentido de que consequências a reprovação trouxe para você? Na sua vida escolar...Que consequência, que impacto você acha que a reprovação teve na sua vida escolar?

Entrevistado: É um ano de atraso. Eu acho que eu poderia ter aproveitado assim, nem que, como atualmente não estão querendo que alunos de 17 anos ingressem na faculdade, não é? Está tendo todo esse problema..nem que eu ficasse um ano me dedicando, se por ventura eu não passasse no quarto ano, eu acho que um ano é muita coisa. Eu acho que é atraso.

Entrevistadora: Atraso...certo. Você lembra, por exemplo, como foi reiniciar em uma nova turma?

Entrevistado: É estranho.. Você não está acostumada. E aí você se separa de amigas que você já tinha há anos, e aí é complicado reiniciar tudo de novo. Eu acho que foi um pouco constrangedor porque eu estava me sentindo estranha no meio de um povo que já estava todo enturmado e tudo mais. Por mais que eu conhecesse algumas poucas pessoas.. E o olhar de muitas pessoas que era meio torto assim para mim. Muitas pessoas não gostavam de mim.

Entrevistadora: Mas você acha que isso tem algo a ver com fato de você ter reprovado?

Entrevistado: Não...eu acho que eles me interpretavam de uma forma diferente. Tipo, tinham uma ideia sobre mim errônea. Não me conheciam e tirava.. aquela coisa de pre.....

Entrevistadora: Prejulgamento? Preconceito?

Entrevistado: Exatamente. Antes de conhecer e tudo. Mas nada a ver com ter reprovado. Eu só me sentia mal, muitas vezes, porque as matérias que eu reprovei foi Circuito e Química e eu lembro que Química, no ano que eu me dediquei mesmo, que foi quando eu fiz de novo o segundo ano, eu tirei três 10,0 no primeiro bimestre. Então foi a matéria que eu me dediquei mesmo assim... para não ter aquele problema novamente. E Circuito eu passei a ver de uma outra forma. Eu achava muito difícil no meu segundo ano , que foi onde eu perdi. E aí eu passei a ver que era só questão de estudar mesmo. E muitas vezes eu tirava nota boa e o povo “Ah, é porque tu já reprovou!”. Isso era chato você escutar. Não tinha nada a ver porque no meu segundo ano eu não estudava então eu não estava nem aí para o assunto e quando eu peguei mesmo o assunto, estudei e tirei nota boa, por mérito meu, o povo ainda achava que era porque eu tinha reprovado.

Entrevistadora: Que era porque você estava, de certa maneira, a frente porque você já tinha visto aquele assunto.

Entrevistado: Exatamente. Então isso era um pouco chato de escutar. E nada a ver. Acho que o mérito é mérito.

Entrevistadora: Entendo. E que consequências você acha que a reprovação trouxe para a sua vida no geral?

Entrevistado: Eu acho que as consequências...é sempre uma ou outra pessoa tocar no assunto. Tipo a minha mãe mesmo. "Cuida, não vai reprovar de novo.". Sempre fica teclando nessa coisa e eu fico meio assim...e sempre bate um certo arrependimento. "Ah, eu poderia já estar na faculdade, eu poderia já estar mais à frente. Eu poderia me formar mais cedo". E eu acabei relaxando e eu acho que fica aquela coisa na cabeça de vez em quando vem um pensamento sim de arrependimento. Até hoje. Eu me cobro muito.

Entrevistadora: Entendi. Muito bem..quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não..

Entrevistadora: Vê se eu comprehendi bem. Você considera que a reprovação tem um lado positivo e um lado negativo?

Entrevistado: Isso..

Entrevistadora: O lado positivo, na sua vivência, foi que te fez estudar mais, te fez encarar as coisas de outra maneira.

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistadora: E o lado negativo foi o lado do atraso?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Mais algum aspecto negativo?

Entrevistado: É só essa coisa de ficar na cabeça mesmo da pessoa.

Entrevistadora: De você se cobrar?

Entrevistado: Exatamente. Por ter já passado por isso. Então eu fico me cobrando ali constantemente.

Entrevistadora: Entendi. Nada mais a acrescentar?

Entrevistado: Não..

Entrevistadora: Pois muito obrigada!

ENTREVISTA 12

Entrevistadora: Bom, você já me conhece. Eu sou Idalina, sou psicóloga aqui do *campus* Floriano e eu estou fazendo um curso de Mestrado em Educação. O meu mestrado se chama MINTER, Mestrado Interinstitucional, que é uma parceria entre duas instituições. Aí é uma parceria entre o IFPI e a Universidade Nove de Julho, em São Paulo, a UNINOVE. Essa pesquisa que você está participando faz parte da construção do meu trabalho de conclusão do mestrado e eu tenho por tema central de estudo a reprovação. Me interessa saber o que que vocês jovens do Ensino Médio, que passaram pela reprovação, pensam sobre o fato de terem sido reprovados, pensam sobre a reprovação e que consequências vocês acreditam que ela trouxe para vocês. Sua participação é muito importante para mim porque eu acredito que com a sua vivência você deve ter algo para compartilhar comigo. Eu tenho autorização da direção da escola para nós estarmos aqui conversando mas eles não terão acesso ao áudio, assim como você não vai ser identificado em momento algum do meu trabalho. Só quem tem acesso ao áudio sou eu e o meu professor orientador, Prof. Marcos Lorieri. Tem o contato dele naquele termo que eu te apresentei inicialmente. Certo? Qualquer dúvida você pode, também, entrar em contato com ele. Como tudo que você me disser é de extrema importância para a construção do meu trabalho eu te pedi autorização para gravar o áudio. Desse áudio vai surgir uma transcrição, ou seja, eu vou transcrever tudo que nós vamos conversar, para que eu não perca nenhum detalhe. Você vai ser a primeira pessoa a ler essa transcrição e para isso vamos precisar marcar um segundo encontro onde você vai ler a transcrição e vai dizer se está “ok”, se você quer acrescentar alguma coisa, retirar alguma coisa, ou se não está da maneira que você falou, enfim. Certo? É importante também que eu garanta que você está participando de maneira livre e espontânea, por isso o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que é esse documento que é assinado em duas vias, que fica uma comigo e uma com você. Ok? Alguma dúvida até agora?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Não? Podemos começar?

Entrevistado: Podemos.

Entrevistadora: Quantos anos você tem?

Entrevistado: 19 anos.

Entrevistadora: Qual que é seu ano e seu curso?

Entrevistado: Estou no quarto ano do curso de Eletromecânica.

Entrevistadora: Há quanto tempo você é aluna do IFPI?

Entrevistado: Eu entrei aqui em 2013.

Entrevistadora: Antes de entrar no IFPI você já tinha algum histórico de reprovação?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: E você reprovou em que ano aqui na escola?

Entrevistado: No primeiro.

Entrevistadora: Logo no primeiro ano em que você entrou. Foi sua única reprovação? Ou depois você reprovou alguma outra vez?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Pronto. Vou te fazer uma pergunta geral, não temos tempo estipulado e você pode responder à vontade. O que você pensa sobre o fato de ter sido reprovada?

Entrevistado: Eu acho que...o fato de te sido reprovada, tudo bem que, falta de interesse também, né..muitas vezes você deixa o tempo passar. Eu acho que é também o fato de você, por eu, particularmente, venho de escola pública e quando você entra aqui, né..você.. É outra realidade, totalmente diferente. Aí a carga horária, você acaba ficando perdido, você quer se organizar mas.. Aí acontece que você vai deixar as coisas acumularem, uma bola de neve, vamos dizer assim. O ruim disso é porque atrasa bastante não é? Estou com 19 anos e estou no quarto ano ainda...e eu quero terminar o curso, mesmo não querendo seguir na área. Mas já fiquei tanto tempo aqui...E também o fato de, um ponto negativo de perder o ano que eu acho que também, muitas vezes, é por conta de você não entender muito. No meu ponto de vista, eu acho que as escolas hoje estão mais voltadas para notas e tem muitos alunos que passam por questões “erradas”, vamos dizer assim. Muitas vezes eles não escutam os alunos. No meu caso mesmo, muitos alunos perdem injustamente. Tem alguns alunos que merecem passar. Pelo que eu vejo uns que passam...não merecem passar. Passam porque...

Entrevistadora: Porque?

Entrevistado: Por causa de coisas erradas, eu acho. Pescas..

Entrevistadora: Então você acha que alguns alunos são reprovados injustamente?

Entrevistado: Eu acho.

Entrevistadora: Você falou assim, “eu acho que deveria ter sido escutada”?

Entrevistado: Também.

Entrevistadora: Em que sentido?

Entrevistado: Eu acho que conversar, perguntar qual é o problema, porque você não tira nota boa, esse tipo...no que que eu posso te ajudar.

Entrevistadora: Entendi. Aí você acha que ações como essas por parte da escola, é isso?

Poderiam ter te ajudado?

Entrevistado: Sim..

Entrevistadora: E poderia, por exemplo, alguma intervenção ter sido feita para que você não chegasse a reprovar?

Entrevistado: Isso..

Entrevistadora: Você considera que foi reprovada injustamente?

Entrevistado: Não. Por mais que isso seja um ponto negativo que eu falei mas acho que não..

Entrevistadora: Mas você acha que outras pessoas podem ser reprovadas injustamente..ou são reprovadas injustamente.

Entrevistado: Eu acho. Tem quem tenha dificuldades nas matérias, vamos dizer assim.

Entrevistadora: Já pensou em alguma outra alternativa para a reprovação? Se não fosse a reprovação, seria o que?

Entrevistado: Não sei..sei lá, pagar a matéria.

Entrevistadora: Continuar..passar de ano; a pessoa iria para o outro ano e ficava pagando também; essa matéria que ela não conseguiu atingir? Tipo uma dependência?

Entrevistado: É. Porque eu acho que atrasa muito por causa de uma matéria. Muitas vezes por causa de um ponto. Eu acho muito injusto. Um ponto ou décimos. Tem professores que deixam o aluno perder por causa de décimos. Muito voltado para pontos, tem que fechar aquela nota.

Entrevistadora: Acho muito interessante isso que você está colocando de que a maioria das escolas atualmente focam muito em pontos, em notas não é? Em que que você acredita que elas deveriam focar?

Entrevistado: Aqui mesmo, eu acho que um ponto negativo daqui é que não tem muita prática. Já que tem os cursos, acho que precisa interagir bastante. Inclusive no quarto ano agora a gente está tendo aula com o Prof. de espanhol. Eu acho muito interessantes as aulas dele. É ótimo. Ele tem muita dinâmica, ele conversa com a gente, aquela coisa. Não só escrever no quadro, ir lá e jogar o assunto, explicar e ficar aquela coisa de sempre. Aquilo acaba, pois é. Acho que tem que ter mudança..uma coisa assim dinâmica, diferente; o aluno aprende, muito. Ontem mesmo foi uma aula super dinâmica, ele fez um joguinho com a gente e eu aprendi muito. Acho que de todas as aulas que ele fez foi a que mais aprendi. Tem dinâmica, a gente presta atenção, a aula passa assim...a gente não quer nem que acabe.

Entrevistadora: Nós estamos conversando sobre retenção e você fez uma avaliação aí. Porque assim, o que que você está me dizendo, vê se eu comprehendi bem. Algumas escolas, inclusive a nossa, você está considerando, não é isso? Ainda focam muito em questão de pontos, em questão de notas e terminam perdendo um pouco da preocupação que deveria existir com as questões qualitativas, é isso?

Entrevistado: É..

Entrevistadora: De ter aulas mais dinâmicas, enfim, de tentar proporcionar de outras maneiras o aprendizado do aluno sem estar tão preocupado com scores, com rankies, com notas. É isso?

Entrevistado: Eu acho que isso é bom tanto para o aluno como para o professor.

Entrevistadora: Esse fato é um dos fatos que você acredita que contribuem para algumas reprovações serem injustas? O fato de só ser avaliado quantitativamente.

Entrevistado: Eu acho, no meu ponto de vista.

Entrevistadora: O que você considera que a reprovação impactou na sua vida? Que consequência teve na sua vida? Primeiramente, escolar.

Entrevistado: Como assim?

Entrevistadora: Teve alguma consequência para você a reprovação?

Entrevistado: Não, acho que não. Na escola não.

Entrevistadora: Deixa eu te perguntar mais especificamente. Você citou a questão do atraso. É uma consequência?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: É a maior consequência?

Entrevistado: A maior consequência.

Entrevistadora: Certo. Tenta lembrar como foi para você quando você recebeu a notícia de que estava reprovada.

Entrevistado: Ai, foi horrível. É muito ruim dizer para a família, essa parte. Você pensar que você vai repetir de novo tudo aquilo...é chato. Depois você vai se acostumando. Eu não me arrependo tanto porque eu amo minha turma.

Entrevistadora: A turma que você entrou?

Entrevistado: Demais.

Entrevistadora: Que bom..

Entrevistado: Eu coloco na minha cabeça que foi bom.

Entrevistadora: Você coloca na cabeça que essa parte da reprovação foi uma experiência boa para você? Porque você entrou em uma nova turma em que você estabeleceu relações legais..

Entrevistado: Muito melhor que a que estava antes.

Entrevistadora: Você acha que isso contribuiu para que você encarasse melhor o fato de você ter sido reprovada?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Sim? Que consequências você acha que a reprovação trouxe para a sua vida no geral? Teve alguma consequência em relação à sua família, por exemplo?

Entrevistado: Não.. meus pais são bem tranquilos nessa parte. Eles pediram para eu sair da escola, mas eu disse que não ia sair.

Entrevistadora: No momento da sua reprovação seus pais pediram para você sair da escola?

Entrevistado: Pediram...

Entrevistadora: E aí você que não quis sair?

Entrevistado: Eu não quis sair. Pois é..acho que é só isso mesmo. A questão do atraso.

Entrevistadora: É o mais marcante para você? É o atraso?

Entrevistado: É.

Entrevistadora: Ok. Você quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Podemos encerrar?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Pois muito obrigada pela sua participação.

Entrevistado: Por nada..

ENTREVISTA 13

Entrevistadora: Eu sou Idalina, sou psicóloga aqui do *campus* e estou fazendo um Mestrado em Educação. Esse mestrado é uma parceria do Instituto com a Universidade Nove de Julho, de São Paulo. Eu tenho por tema central dessa pesquisa, que é a pesquisa para concluir o mestrado, a reprovação escolar. Na verdade, me interesso por saber o que vocês pensam sobre a reprovação, como foi para vocês a reprovação e que consequências você acredita que a reprovação teve na sua vida escolar e a vida no geral. Certo? Sua participação realmente é muito importante para mim porque acredito que com a experiência que você viveu você deve ter algum tipo de contribuição para nos dar. Eu tenho autorização da escola para nós estarmos aqui conversando, mas eles não vão ter acesso em momento algum à essa gravação. Só quem vai ter acesso à essa gravação sou eu e o meu professor orientador, o Prof. Marcos Lorieri, que tem o contato dele nesse termo que eu te apresentei. Certo? Qualquer coisa que você precisar, qualquer dúvida, contribuição, você pode também entrar em contato com ele por esse e-mail. Como tudo que você me disser é realmente importante para a construção do meu trabalho, eu te pedi autorização para gravar nossa conversa para que eu não perca nenhum detalhe. Eu vou fazer uma transcrição, ou seja, vou digitar tudo o que estamos conversando; eu vou te chamar novamente aqui e você vai ler essa transcrição e dizer se quer acrescentar, ou retirar algo, ou ainda, se está do jeito que você falou. Você vai ser a primeira pessoa a ler essa transcrição e só quem vai ter acesso a ela sou eu e meu orientador. Eu realmente gostaria que a sua participação fosse voluntária, eu lhe fiz um convite mas a qualquer momento você pode sair da pesquisa, não querer mais participar. E aí existe o termo que te apresentei, que é o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que é onde você declarou que participou de livre e espontânea vontade e de que você está ciente dos objetivos da pesquisa. Tudo bem?

Entrevistado: Tudo.

Entrevistadora: Podemos começar?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Pronto. Vou te fazer só algumas perguntas iniciais. Qual é a sua idade?

Entrevistado: 17 anos.

Entrevistadora: Qual que é o ano e o curso que você está?

Entrevistado: 2º Ano de Edificações.

Entrevistadora: 2º ano de Edificações...e há quanto tempo você é aluna do IFPI?

Entrevistado: 4 anos, quase 4.

Entrevistadora: Vai fazer 4 anos. Você tem histórico de reprovações escolares anteriores ao seu ingresso no IFPI?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Antes de entrar no instituto você não tinha passado ainda pela experiência da reprovação?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: E você me falou que está no segundo ano. E que está no instituto há 4 anos. Ou seja, é a sua segunda reprovação?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Conta para mim como foi...você entrou no primeiro ano..

Entrevistado: Sim, aí eu acho assim, quando eu reprovei no primeiro ano eu fiquei muito sobrecarregada porque antes eu não ficava o dia todo na escola, aí acho que foi meio isso também, mas eu também brinquei bastante no primeiro ano. Mas na minha reprovação do segundo meio que ficou impactante quando eu recebi que eu tinha perdido o ano e tal, não sei, uma experiência muito ruim porque eu pensava que ia passar. Realmente eu pensava, eu até..quando eu comecei agora esse ano, tinha o professor de Matemática, ele chegou para mim e conversou comigo perguntando o que tinha acontecido porque ele também não imaginava que eu ia perder o ano. Eu reprovei só em Química.

Entrevistadora: Acho que você até já me adiantou um pouco do que eu vou te perguntar, mas se você quiser acrescentar alguma coisa... o que que você pensa sobre o fato de ter sido reprovada?

Entrevistado: Esse ano aqui?

Entrevistadora: No primeiro ano...agora. Fique à vontade.

Entrevistado: No primeiro ano eu que, o que eu falei, sobre a carga horária que para mim ficou pesado e um pouquinho também que eu brinquei. Agora esse ano eu não sei muito o que foi. É assim, acho que no início do ano em Química, não, em outras matérias eu estava ruim no início do ano, aí eu consegui recuperar, mas em Química eu não consegui de jeito nenhum. Eu sempre tive dificuldade em Química; na minha antiga escola eu só tive Química na oitava série e eu tive dificuldade mas eu consegui recuperar. Agora aqui...

Entrevistadora: Você está me falando de duas experiências diferentes. De dois momentos em que você vivenciou a reprovação. O primeiro, logo no primeiro ano em que você entrou na escola, que, pelo que você falou? Foi uma dificuldade de adaptação?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Porque você me falou da questão da carga horária..não é? Que a carga horária era grande, tinha manhã e tarde, não é isso? E você não conseguiu organizar bem isso? O que que foi?

Entrevistado: Não..não consegui organizar. Eu até tentava quando eu chegava em casa, para estudar, entendeu? Mas aí eu ficava muito cansada e eu ficava para estudar aqui na escola mesmo quando eu ficava, nos contra turnos, aí eu estudava aqui mesmo. Lá em casa eu não conseguia de jeito nenhum.

Entrevistadora: Aí você repetiu o primeiro ano. Você lembra como foi a experiência de repetir o primeiro ano?

Entrevistado: Como assim? Se eu consegui passar de boa na outra vez?

Entrevistadora: Como foi repetir o ano..como foi estar como repetente na sala de aula...

Entrevistado: Não foi muito bom não, mas assim, como eu já tinha revisto e minha dificuldade foi apenas duas matérias em que eu reprovei, aí para mim não foi tão difícil assim porque eu consegui, eu sabia o assunto da matéria, eu só não conseguia na prova, aí quando eu estava repetindo eu já conseguia saber mais ou menos o que eu já estava vendo porque eu já tinha noção daquilo e eu já sabia mesmo, de verdade. Só que na prova eu não conseguia de jeito nenhum. Até hoje.

Entrevistadora: E nessa segunda reprovação, que você está vivendo hoje, como que está sendo?

Entrevistado: Agora, para mim, está sendo mais difícil do que no primeiro ano. Porque, tipo assim, lá em casa, papai, com certeza, não gostou. Na primeira vez ele até que ficou “ah, a primeira vez...”, que eu nunca tinha repetido, foi a primeira vez mesmo que eu nunca tive notas ruins na minha antiga escola. Aí quando eu repeti ele só brigou comigo e tal, disse que era para mim prestar mais atenção. Só que nesse ano, até hoje, ele está muito zangado, muito mesmo, acho que isso pesou mais para mim, muito mesmo.

Entrevistadora: Pesou mais, como?

Entrevistado: Porque assim, eu já me culpo bastante por ter perdido o ano, porque é a segunda vez. Aí todo dia ele chega para mim e fala que eu perdi ano, que eu fui “não sei o que”, que eu fui uma vergonha e tal, não tem? Aí eu também não aguento.

Entrevistadora: Esse é um dos aspectos difíceis de lidar com a reprovação?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Você considera que isso é uma das consequências?

Entrevistado: Como?

Entrevistadora: Minha próxima pergunta seria justamente essa, o que essa reprovação impactou na sua vida? Ou essas reprovações. Que impactos elas trouxeram para a sua vida? Que consequências elas trouxeram? Para a sua vida escolar, primeiramente.

Entrevistado: Escolar? Só porque eu fico meio triste porque eu vejo que muita gente que estudou comigo passou, teve uma pessoa que eu ajudei muito esse ano, que eu estava estudando, que eu reprovei. Eu estudava com ela e tudo. Ela conseguiu, mas eu não consegui, agora porque eu também não sei. Mas até hoje eu ainda fico triste por ter sido reprovada, mas eu tento superar porque eu não posso ficar remoendo por ter perdido o ano senão eu posso até perder de novo, caso eu fique assim.

Entrevistadora: Então você acha que uma das consequências é esse sentimento de tristeza?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: E em relação aos seus colegas?

Entrevistado: Os que perderam ou os que passaram?

Entrevistadora: Os que passaram.

Entrevistado: Assim, eu acho que alguns que passaram não deveriam ter sido aprovados, mas eu também não posso julgar ninguém. Só que, pelo menos assim, teve uma pessoa que ela foi para o conselho e ela foi aprovada na mesma matéria que eu fiquei, e eu não fui. Aí eu não entendi porque, eu fiquei assim..aí me disseram que as vezes eles julgam por cara as pessoas, porque essa que passou, as notas dela eram muito piores que as minhas e ela estudava junto comigo, fui eu que ajudei ela muito. Até teve uma matéria que ela ia ser reprovada direto, aí eu fui atrás do professor de Matemática aí ele disse que ia tentar ajudar ela. Aí consegui ajudar ela, só que, não sei. Teve gente que foi aprovado que eu acho que não mereceu muito.

Entrevistadora: O que você está querendo me dizer é que a reprovação, alguns momentos, é injusta?

Entrevistado: Sim. Não, depende. Porque nós que fomos pro conselho deveríamos ter nos esforçado, não deveríamos nem ter chegado no conselho.

Entrevistadora: Entendi. E que consequências você acha que a reprovação trouxe para a sua vida no geral?

Entrevistado: Só a pressão mesmo que eu recebo lá de casa.

Entrevistadora: Pressão?

Entrevistado: Mas assim, eu também não julgo eles porque eu tenho certeza que, pelo menos um dia, se eu for mãe, eu não vou gostar de jeito nenhum disso. Mas eu não julgo por eles fazerem isso, então.. Só mesmo eu que me julgo porque realmente para mim é um erro. Se papai até hoje é zangado comigo eu dou totalmente a razão dele, muita razão mesmo.

Entrevistadora: Em determinado momento você falou que se culpava por ter reprovado. Se você se culpa, você acha que a responsabilidade foi sua?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Unicamente sua?

Entrevistado: Sim, porque eu deveria ter me esforçado mais.

Entrevistadora: Então quando você olha para as reprovações que você viveu e está vivenciando, te vem essa sensação de que você deveria ter se esforçado mais?

Entrevistado: Com certeza.

Entrevistadora: Você consegue descrever um pouco mais ou desejaria acrescentar alguma coisa a respeito de que consequências você acha que a reprovação teve para você?

Entrevistado: Não, não muito. Só isso mesmo. Porque até hoje eu sou triste porque eu não queria, acho que ninguém quer ser reprovado. Sei lá, é um peso na consciência, realmente eu deveria ter feito muita coisa, mas muita coisa mesmo para ter sido aprovada.

Entrevistadora: Ok. Você quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Assim, quando eu perdi o ano, nesse agora, no meu primeiro ano não, porque eu perdi em duas matérias, só que nesse ano eles tinham, eu não sei, alguém me falou assim, que teria chance de eu passar porque eu tinha ido no conselho em apenas uma matéria. Eu acho um pouquinho injusto, eu reprovar apenas em uma matéria. Só que, também passar e não saber ela também para frente não vai ser muito bom.

Entrevistadora: Que sugestão você teria, então, para um caso como esse?

Entrevistado: Não sei...não sei.

Entrevistadora: Porque assim, você está considerando que é um pouco injusto o fato de você ter sido aprovada em todas as demais matérias e ter sido reprovada apenas em uma.

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Mas ao mesmo tempo você considera que você passar sem ter o conhecimento necessário para aquela matéria também não seria uma ideia legal, não seria satisfatório. Você já parou para pensar em alguma hipótese assim? Alguma solução para isso?

Entrevistado: Eu acho que assim, eu estar no terceiro ano mas só que continuando tendo aula dessa matéria.

Entrevistadora: Dessa matéria específica que você perdeu. Aí você está me falando de um caso específico de alguém que perdeu em uma matéria. E se, por exemplo, você tivesse reprovado em 06?

Entrevistado: Não, aí eu acho que eu realmente estaria no segundo ano realmente.

Entrevistadora: Você acha que nesses casos a pessoa realmente deveria repetir o ano?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Ok. Quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Pois muito obrigada pela sua participação.

ENTREVISTA 14

Entrevistadora: Bom, você já deve me conhecer, eu sou Idalina, sou psicóloga aqui do *campus* Floriano e estou cursando um Mestrado em Educação. Esse mestrado é uma parceria aqui do IFPI com a Universidade Nove de Julho, de São Paulo. Essa pesquisa que você foi convidado a participar faz parte da construção do meu trabalho para concluir o mestrado e eu tenho como tema central de estudo a reprovação escolar. Me interessa entender o que que vocês jovens do Ensino Médio que vivenciaram a experiência da reprovação pensam sobre ela. E que consequências vocês acreditam que ela tenha trazido à vida de vocês; na vida escolar e na vida no geral. Sua participação realmente é muito importante para mim porque eu acho que com a vivência que você teve, você deve ter algo para acrescentar no meu trabalho, algo para contribuir. Mas ao mesmo tempo eu quero assegurar que você só participa realmente se desejar, de livre e espontânea vontade, como tem no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que você assinou dizendo que autoriza o uso dessa entrevista e que participou de livre e espontânea vontade. Certo? Eu tenho autorização da direção da escola para nós estarmos aqui conversando, mas eles não vão ter acesso em momento algum à gravação da nossa entrevista. Só quem tem acesso sou eu e o meu professor orientador, que é o Prof. Marcos Lorieri; tem o e-mail dele aqui no termo de consentimento. Você fica com uma via e se você precisar de algum tipo de contato com ele você pode ficar à vontade; alguma sugestão, alguma crítica ou dúvida, você pode enviar para o e-mail dele. Como tudo que você me disser é de extrema importância para a construção do meu trabalho, eu te pedi autorização para gravar para que eu possa fazer a transcrição do que nós estamos conversando; você vai ser a primeira pessoa a ler essa transcrição, certo? Eu vou transcrever, vou te chamar novamente e aí você vai dizer se está do jeito que você falou ou não, se devemos vamos retirar isso, acrescentar aquilo, enfim. Para isso vamos precisar combinar um segundo encontro. Podemos começar?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Algumas perguntas iniciais. Qual que é a sua idade?

Entrevistado: 17 anos.

Entrevistadora: 17 anos. Qual o seu ano e seu curso?

Entrevistado: 2º ano, técnico de Edificações.

Entrevistadora: 2º Ano de Edificações. Você está aqui no instituto há quanto tempo?

Entrevistado: É..deixa eu ver. Eu perdi 2, e a gente está em 2017...

Entrevistadora: Vai fazer 4 anos, então?

Entrevistado: É, isso. Era para eu estar no quarto ano.

Entrevistadora: Antes de entrar no instituto, você tinha algum histórico de reprovação? Já tinha reprovado antes?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Você reprovou a primeira vez quando?

Entrevistado: No primeiro ano.

Entrevistadora: Logo no primeiro ano que entrou você repetiu. Ai fez o primeiro ano novamente. Foi para o segundo, aí reprovou o segundo. E hoje você está repetindo o segundo?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: O que que você pensa sobre o fato de ter sido reprovado?

Entrevistado: Na primeira reprovação aqui..no primeiro contato com a escola foi tudo diferente e teve notas baixas mesmo. Mas aí, também, o que me fez reprovar, que fechou mesmo a reprovação foi um problema de saúde, no primeiro ano. Aí eu desisti no quarto bimestre e reprovei. Aí fiz normal o primeiro ano.

Entrevistadora: Então a sua reprovação do primeiro ano teve esse caráter?

Entrevistado: Eu nem concluí. Não tive nem prova final e nem nada. Não passei por nenhuma experiência dessas. Fiquei doente e não vinha para a escola. Mas reprovei, aí fui para o segundo. No segundo teve notas baixas também e a questão do tempo e tal, não consigo muito. Ainda hoje tenho um pouco de dificuldade com o tempo.

Entrevistadora: De organização do tempo?

Entrevistado: Para estudar. De organizar as coisas da escola. Aí eu reprovei também no segundo. Fui para prova final e tal, essas coisas. Aí reprovei.

Entrevistadora: E aí hoje você está repetindo. Como está sendo a experiência de repetir?

Entrevistado: Esse ano não tem sido um ano interessante não..

Entrevistadora: Não tem sido interessante em que aspecto?

Entrevistado: Porque dá um desânimo de ter perdido dois anos. Está entendendo? Eu até pensei em sair daqui do IFPI mas eu disse “não, deixa para lá”. Mas eu pensei em sair porque já tinha sido dois anos e ainda tem dificuldade de organizar o tempo, de me disciplinar com isso aí. Eu ia procurar algo mais leve, pensar em ENEM, alguma coisa do tipo. Mas até o momento..estou aí. E não estou pensando mais em sair não, estava pensando um tempo desse aí, nesse ano ainda. Porque já fica chato ter perdido dois anos..nunca perdi mesmo lá fora e perdi aqui esses dois anos.

Entrevistadora: Como foi para você ter sido reprovado?

Entrevistado: É ruim, eu nunca encarei tanto como...também não tenho pressão dos pais em casa, apesar de outros alunos terem pressão, aquela coisa de “não pode perder!”, e aí eu não tenho essa pressão. Acho que por conta também dos meus pais não terem tido um estudo, não terem estudado tanto e tal; não terem tido pressão nenhuma quanto a estudo, aí eles também não me dão nenhuma pressão. Só me incentivam, mas não tem pressão. E aí não fica aquela coisa, aquele estudo: “tem que estudar!”. E aí eu fico um pouco independente nessa coisa de estudo. E aí eu dou uma desleixada.

Entrevistadora: Você acha que dá uma “desleixada” por não ter essa pressão?

Entrevistado: Por não ter essa pressão.. acho que sim. Aí eu acabo também ficando à vontade e aí eu digo “não, tudo bem. Perdeu, tudo bem.” Mas no fim a gente vai repetir e percebe que não é legal repetir. Inclusive, era o que eu estava falando com o pessoal, inclusive repetir as mesmas coisas que você foi aprovado. Ter que passar por tudo de novo, sendo que você foi aprovado naquelas matérias, aí não dá nem vontade de assistir aula e nem nada.

Entrevistadora: Isso te desmotiva? O fato de você assistir aulas de matérias que você foi aprovado no ano passado?

Entrevistado: Não é muito interessante não. Porque eu fui aprovado e tudo, já era para eu estar vendo outro conteúdo e tal. Você se esforçou que só no ano passado para passar naquelas matérias, teve dificuldade em algumas, por exemplo, perdi em 03. Aí nem fui para o conselho, porque perdi em 03. Perdi em química, que foi o ano todo tirando nota baixa; aí Geografia, umas notinhas também que não foram legais e chegou no final do ano também, não ajudou. E perdi em uma do técnico que também foi coisa de final de ano ali. Tirei uma nota baixa e pronto; aí não recuperei e acabou. Aí fiquei em 3 e não fui para conselho. Aí eu fico pensando que poderia repetir só essas três.

Entrevistadora: A sua sugestão seria essa? Como que você imagina que isso aconteceria?

Entrevistado: Não sei (risos).

Entrevistadora: Você iria para o terceiro ano... ?

Entrevistado: E pagava as matérias que eu reprovei. Entendeu?

Entrevistadora: E porque você considera isso? Pensando mais em que consequências você acha que a reprovação trouxe para você..

Entrevistado: Consequências? A questão do atrasar.

Entrevistadora: Você se sente atrasado por conta das reprovações?

Entrevistado: Um pouco. Eu, na verdade, nem tanto. Eu entendo que eu posso repetir e aprender, por exemplo, essas que eu estou repetindo, essas que eu aprovei e estou repetindo, eu posso ver algo novo nelas, mas nem sempre tenho esse pensamento. Aí eu penso que só

repetindo aquelas que eu reprovei seria mais interessante. Não é? Avançando, por exemplo, para o terceiro ano e repetindo, pagando essas que eu perdi. Acho que seria mais interessante e aí não atrasaria o ano, no caso. Estar no segundo ano...

Entrevistadora: Você se sente atrasado por estar no segundo ano?

Entrevistado: Não sei, porque eu tenho 17 anos...acho que não está atrasado. Mas assim, em relação a que era para eu estar no quarto ano, pensar que era para estar fazendo ENEM esse ano, estudando para o ENEM, para já ir para a universidade. É chato.

Entrevistadora: E quando você ver os seus colegas que entraram com você e que já estão no quarto ano? Quando você olha para o fato de eles já estarem no quarto ano..

Entrevistado: Algumas coisas assim eu não me sinto atrasado, quando eu vejo alguns no quarto ano mas que tem uns que não aprendem nada, muitos passam pescando, e aí eu digo, não, se for assim eu também não perdi nada. Estou ganhando, apesar de estar reprovando, eu ganhei. Ganhei muita coisa. Até pensei que se sair daqui, ganhei muita coisa. Eu passei já 4 anos aqui, então conheci já muita coisa, o Ifpi é muito bom. Mas aí dá uma ideia assim de que fiquei um pouco para trás as vezes. Mas são poucas vezes que eu penso nisso.

Entrevistadora: E você considera que a reprovação teve alguma consequência na sua vida no geral?

Entrevistado: No geral...

Entrevistadora: Fora o contexto escolar..

Entrevistado: No geral, não.

Entrevistadora: Não, não é? Nem em casa..

Entrevistado: Não. Na primeira reprovação eu até aprendi mais. Só que nessa segunda aqui eu já não, inclusive porque não era nem para eu ter reprovado. Eu fico assim “não, não era para eu ter reprovado”. Por exemplo porque eu não fui para conselho, aí eu fiquei pensando que se eu fosse para conselho poderia ter acontecido de eu ser aprovado e tal. Mas aí foi em algumas matérias e tudo. Teve química que eu não consegui estudar direito também, aí eu imaginei “vou ser reprovado em Química”. Já estava imaginando mesmo, mas aí juntou outras e eu querendo estudar só uma matéria para tentar..

Entrevistadora: Aí entra a questão da organização que você falou..

Entrevistado: É. Aí bagunça tudo mais ainda porque quer estudar uma coisa e tem um monte para estudar, mas você está precisando mais só em uma. Mas tem outra e tem outra e tem isso, tem aquilo. Tem matemática.. aí eu me desorganizei. Aí eu também fiquei “rapaz, não era para eu ter reprovado”. Fiquei meio sem querer me conformar. Na hora eu disse “não, tudo bem”. Mas depois assim..era para estar no terceiro, era para, no mínimo, estar no terceiro.

Entrevistadora: Considerando que o teu primeiro ano teve muitas adversidades, não é?

Entrevistado: Não é que a gente ache normal, mas muitos reprovam no primeiro ano. Aí também teve o problema de saúde e eu disse “não, tudo bem.”. Eu também não era muito enturmado, entrosado com a turma...aí tudo bem. Não senti falta não, achei interessante até. Aí vieram os outros..mas aí como eu já tinha me entrosado com os outros, aí para os outros passarem e você ficar.. é chato. Como eu fiquei, fui eu e acho que mais cinco comigo no segundo. Mas a gente não queria ter perdido. E não foi reprovação porque ..tanto é que os professores chegam assim, olham e dizem “não acredito que tu está aqui”; aí é chato. Só nessa parte.

Entrevistadora: Os próprios professores dizem quem não acreditam que você ficou no segundo, então eles também achavam que iria passar.

Entrevistado: Achavam que eu ia passar porque só foi ali em uma matéria, em Química...Tecnologia e Geografia.

Entrevistadora: Você falou em uma questão interessante no caso desses teus colegas do segundo ano que foram para o terceiro. Deles você sentiu falta porque já tinham uma interação legal.

Entrevistado: Era uma turma boa, eu dizia.

Entrevistadora: E para se enturmar novamente? Na turma que você está hoje..

Entrevistado: Está tudo bem, a gente está se enturmindo. Ainda está começando também um bocado de coisa...ainda tem seminário, tem grupo. A gente está construindo essas coisas de grupo, mas está tudo bem. Só que fica aquela coisa, “eu vou fazer isso de novo?”. Apresentar o mesmo seminário. Você lembra da mesma coisa que você falou o ano passado aí eu vou ter que falar isso de novo, a mesma coisa. A gente pensa desse jeito.

Entrevistadora: E isso é um pouco desmotivador?

Entrevistado: É. porque tem que repetir, entendeu? Fica uma coisa mesmo velha, e a gente não gosta disso. Eu mesmo gosto de algo novo, mas aí, repetir a mesma coisa é chato. A gente já pensa “no segundo bimestre vai ser isso”. Desse jeito, a prova vai ter isso. As questões, às vezes, é a mesma coisa, a mesma prova, é meio chato. Você também tem a ideia de que você não está aqui para aprender mais nada.

Entrevistadora: Como se não estivesse avançando?

Entrevistado: É, aí você só vem e faz porque tem que fazer, algo do tipo. Mas aí também se ficar nesse pensamento acaba as vezes reprovando na mesma coisa que você já acha que já sabe. Mas dá essa ideia, aí eu penso que se você fizesse só as que você reprovou, seria muito interessante.

Entrevistadora: Muito bem, quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Pois muito obrigada pela sua contribuição.

Entrevistado: Nada!

ENTREVISTA 15

Entrevistadora: Eu sou Idalina, sou psicóloga aqui do *campus* Floriano e eu estou fazendo um Mestrado em Educação. Esse Mestrado é uma parceria aqui do IFPI com a Universidade Nove de Julho, de São Paulo. Essa pesquisa que eu te convidei para participar é a pesquisa para a construção do meu trabalho de conclusão do mestrado. Eu tenho por tema central de estudo a reprovação e me interessa saber o que que vocês jovens do Ensino Médio, do IFPI *campus* Floriano pensam sobre a reprovação, pensam sobre o fato de vocês terem sido reprovados. Eu tenho autorização da direção para estarmos aqui conversando mas eles não vão ter acesso a essa gravação; só quem tem acesso sou eu e o meu professor orientador, o Prof. Marcos Lorieri, que tem o contato dele no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que você vai levar uma cópia. Qualquer necessidade de contato com ele você pode mandar um e-mail, ele é responsável, também, por essa pesquisa. Como tudo que você me disser é de extrema importância para a construção do meu trabalho, eu te pedi autorização para gravar para que eu não perca nenhum detalhe na construção dele. Você não vai ser identificado em momento algum do trabalho. Eu vou transcrever nossa conversa e aí nós vamos marcar um segundo encontro em que você vai ler a transcrição e me dar uma devolutiva; dizer se você quer tirar alguma coisa, se você quer acrescentar, se está do jeito que você colocou. E aí eu só preciso de uma confirmação de que você está participando de livre e espontânea vontade, por isso o TCLE. Certo?

Entrevistado: Certo.

Entrevistadora: Podemos começar?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Só algumas perguntas iniciais. Qual é a sua idade?

Entrevistado: Dezoito.

Entrevistadora: Qual o ano e curso que você está fazendo?

Entrevistado: 3º ano do integrado em Informática.

Entrevistadora: 3º Ano de Informática. Há quanto tempo você é aluno aqui do IFPI?

Entrevistado: Vai fazer 4 anos esse ano.

Entrevistadora: É a sua segunda reprovação?

Entrevistado: Não, porque eu estou no terceiro.

Entrevistadora: Ah, certo. Certo, ok.

Entrevistado: Era para eu estar no quarto.

Entrevistadora: E antes de entrar no Instituto você já tinha reprovado alguma vez?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Não? A primeira vez foi aqui no instituto...no caso, é a reprovação que você está vivendo hoje?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Você está repetindo o terceiro ano?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: E o que que você pensa sobre o fato de ter sido reprovado?

Entrevistado: De princípio foi ruim porque, como eu tinha passado três anos com as mesmas pessoas na sala, já tinha uma convivência melhor, era meio que estranho porque tipo, é um ano. Mas aí depois eu percebi que as vezes não foi uma coisa tão ruim porque dava de aproveitar o que eu não tinha aprendido, o que eu tinha deixado passar, de estudar, até nas outras matérias, não só nas que eu reprovei. Até porque eu reprovei só em uma e, por exemplo, eu não considerei uma derrota porque desde o meio do ano eu já estava meio “ah, vou desistir” aí tinha meus amigos e eles disseram “não, vamos dar um jeito”. Aí eu fiquei em 5 de prova final, aí eu e mais 4 amigos: um já estava passado, os outros 3 estavam na mesma situação que eu, aí nós “não, vamos estudar!”. Aí começamos a estudar e eu consegui passar em 4 e os outros 3 meninos passaram e todas. Aí eu fiquei em uma para o conselho e não consegui passar. Só que aí eu tive como uma vitória porque tipo, eu estava em 5 e consegui tirar 4, e a que eu não conseguir tirar era a que eu mais tinha dificuldade.

Entrevistadora: A que você teve dificuldade ao longo do ano..

Entrevistado: Foi. A que tive mais dificuldade. As outras eu tive dificuldade mas consegui aprender o que eu não tinha aprendido para fazer as provas. Então eu não considero uma derrota porque, tipo, foi uma superação apesar de eu não ter conseguido o objetivo, mas foi uma superação.

Entrevistadora: Foi uma superação. Mas de qualquer maneira, você foi reprovado. Você está tentando encarar a reprovação de uma maneira positiva? É isso?

Entrevistado: É.

Entrevistadora: Você mencionou a questão dos seus colegas. Os seus colegas estão hoje no quarto ano. E quando você olha, percebe que eles estão no quarto ano e você ficou no terceiro?

Entrevistado: (risos) Eu não fico triste, eu fico alegre. Eu fico triste por mim, mas por eles eu fico alegre. Acho que é isso. Acho que eles devem ter se esforçado mais e conseguiram o objetivo deles. Acho que é isso.

Entrevistadora: Como foi para você entrar em uma nova turma?

Entrevistado: Não foi tão ruim porque eu já conhecia muito o outro pessoal, mas, de qualquer forma, foi ruim porque eu já tinha uma convivência melhor com os outros, nos trabalhos em equipe já tinha com quem formar grupos, e agora não. Então foi meio difícil, mas, estou acostumando.

Entrevistadora: E assim, que consequências, que impactos você acha que a reprovação trouxe para a sua vida escolar?

Entrevistado: Positivas ou negativas?

Entrevistadora: As duas.

Entrevistado: Negativa porque eu acho que como eu ia para o quarto ano, era o ano ideal para ir para a faculdade, positivo, acho que a questão de não ter aprendido o assunto e não ser meio que empurrado sem saber o assunto. Eu acho isso.

Entrevistadora: Negativo, então, é como se você tivesse se atrasado?

Entrevistado: É.

Entrevistadora: É isso?

Entrevistado: É.

Entrevistadora: E positivo porque você acha que está tendo uma nova oportunidade de aprender o que você não tinha aprendido antes. E você não gostaria de ter sido (vou usar o termo que você usou) “empurrado” para o quarto ano sem ter aprendido o que você acha que deveria ter aprendido. É isso? Então você ver um lado positivo e um lado negativo?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: E que consequências, que impactos você acha que a reprovação traz para a sua vida no geral?

Entrevistado: Hum..acho que em casa, meio que teve um impacto de confiança dos meus pais porque as vezes ele perguntava “Ah, tu estudou?” e eu dizia “estudei” e “vai passar?”, “vou.”. E aí no final não deu certo. Aí eu acho que teve isso, de perder confiança. Acho que foi o maior impacto que teve.

Entrevistadora: O maior impacto que a reprovação trouxe para a sua vida no geral foi na sua relação com os seus pais?

Entrevistado: Isso.

Entrevistadora: Na confiança que eles tinham em relação a você. Vou repetir a primeira pergunta. O que que você pensa sobre o fato de ter sido reprovado?

Entrevistado: Foi uma coisa boa, mas não foi... Foi uma coisa ruim mas também não foi totalmente uma perda, como eu disse. Porque eu não consegui o objetivo mas consegui meio que uma vitória por ter passado em 4 e menos em 1, já que eu tinha ficado em 5.

Entrevistadora: Ok. Quer acrescentar alguma coisa?

Entrevistado: Não.

Entrevistadora: Podemos encerrar?

Entrevistado: Podemos.

Entrevistadora: Muito bem. Muito obrigada.